

XIII SEMINÁRIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS

“Literatura Comparada e Estudos Culturais: Intersecções”

UNESP – Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras de Assis

18 a 20 de outubro de 2016



**Caderno de Resumos e
Programação Geral**

XIII SEMINÁRIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS

"Literatura Comparada e Estudos Culturais:
Intersecções"

II Seminário Gêneros Híbridos da Modernidade

II Simpósio Memória e Representação Literária

18 – 20 de outubro de 2016

CADERNO DE RESUMOS
E
PROGRAMAÇÃO GERAL

UNESP
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Reitor: Prof. Dr. Júlio César Durigan
Vice-reitora: Prof^a Dr^a Marilza Vieira Cunha Rudge
Gestão 2013-2017

Faculdade de Ciência e Letras
Campus de Assis

Diretora: Dr^a. Andrea Lucia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi
Vice-diretora: Dr^a. Catia Inês Negrão Berliini de Andrade
Gestão 2015-2019

Departamento de Literatura

Chefe: Dr. Fabiano Rodrigo da Silva Santos
Vice-chefe: Dr^a. Sandra Aparecida Ferreira

Departamento de Letras Modernas

Chefe: Dr^a. Cleide Antonia Rapucci
Vice-chefe: Dr^a. Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenador: Dr. Alvaro Santos Simões Junior
Vice-coordenador: Dr. Benedito Antunes

Promoção

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP)
Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG)
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
Programa de Pós-Graduação em Letras
Departamento de Literatura
Departamento de Letras Modernas
Instituto de Estudos Vernáculos “Antonio Soares Amora” (IEVASA)

Comitê Científico

Adriana Silene Vieira
Alexandra Santos Pinheiro
Altamir Botoso
Antônio Roberto Esteves
Cátia Inês Negrão Berli de Andrade
César Palma dos Santos
Cláudia Maria Ceneviva Nigro
Cleide Antonia Rapucci
Divanize Carbonieri
Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira
Fernanda Aparecida Ribeiro
Francisco Cláudio Alves Marques
Gabriela Kvacek Betella
Gilmei Francisco Fleck
Guacira Marcondes Machado
Heloisa Helou Doca
Isis Milreu
Leonardo Tonus
Linda Catarina Gualda
Maira Angélica Pandolfi
Márcia Eliza Pires
Márcio Antonio de Souza Maciel
Márcio Matiassi Cantarin
Marcio Roberto Pereira
Maria Celeste Tommasello Ramos
Maria de Fátima A. O. Marcari
Marisa Martins Gama Khalil
Norma Domingos
Patrícia Aparecida Gonçalves de Faria
Sérgio Fabiano Annibal
Thiago Alves Valente
Valdemar Siqueira Filho

Wagner Santos Araújo
Weslei Roberto Cândido

Comissão Organizadora

Antônio Roberto Esteves
Brigitte Monique Hervot
Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade
César Palma dos Santos
Cleide Antônia Rapucci
Francisco Cláudio Alves Marques
Kátia Rodrigues Mello Miranda
Maira Angélica Pandolfi
Márcio Roberto Pereira
Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari
Norma Domingos
Rosane Gazolla Alves Feitosa

Secretárias

Juliana Porto
Monique Gabriela Botelho Ireno

Apoio

Seção Técnica de Apoio a Eventos, Pesquisa e Extensão (STAEPE)
Instituto de Estudos Vernáculos “Antonio Soares Amora” (IEVASA)

Patrocínio

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Pró-Reitoria de Pesquisa – UNESP
Pró-Reitoria de Pós-Graduação – UNESP

Revisão e Organização

Brigitte Monique Hervot
Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade
César Palma dos Santos
Henrique Sérgio Silva Corrêa
Kátia Isidoro de Oliveira
Luís Fernando Campos D’Arcadia

SUMÁRIO

SUMÁRIO DOS SIMPÓSIOS	8
APRESENTAÇÃO.....	9
PROGRAMAÇÃO GERAL.....	11
EMENTAS E PROGRAMAÇÃO DOS SIMPÓSIOS.....	17
RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES.....	63
ÍNDICE ALFABÉTICO DE NOMES DE AUTORES.....	211
ANOTAÇÕES	219

SUMÁRIO DOS SIMPÓSIOS

SIMPÓSIO 1 - ESCRITAS DE SI DE AUTORIA FEMININA: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL..	19
SIMPÓSIO 2 - FORMAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO: HISTÓRIAS DA LITERATURA, LITERATURA COMPARADA E CRÍTICA LITERÁRIA.....	21
SIMPÓSIO 3 - GÊNERO E RAÇA NA LITERATURA DAS AMÉRICAS	25
SIMPÓSIO 4 - LITERATURA E CINEMA: INTERSECÇÕES	27
SIMPÓSIO 5 - LITERATURA COMPARADA: O BELO E O SUBLIME NA EXALTAÇÃO DA GRANDIOSIDADE DE TODAS AS COISAS	31
SIMPÓSIO 6 - LITERATURA E ENSINO: DO CÂNONE AOS GAMES.....	33
SIMPÓSIO 7 - A VIAGEM NA LITERATURA E A LITERATURA DE VIAGEM	35
SIMPÓSIO 8 - MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO: HERÓIS E INAPTOS NA LITERATURA ITALIANA E EM OUTRAS LITERATURAS DOS SÉCULOS XX E XXI	37
SIMPÓSIO 9 - MODOS DE REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE NA NARRATIVA LATINO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA.....	41
SIMPÓSIO 10 - NARRADORES DA E NA CONTEMPORANEIDADE.....	43
SIMPÓSIO 11 - NARRATIVAS DE AUTORIA FEMININA: IDENTIDADES, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS.	47
SIMPÓSIO 12 - PÓS-COLONIALISMO, FEMINISMOS E TEORIAS AFINS: INTERSECÇÕES.....	49
SIMPÓSIO 13 - PROJEÇÕES DO INSÓLITO NOS MITOS LITERÁRIOS.....	51
SIMPÓSIO 14 - A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA E A MULTI E INTER LINGUAGENS: UMA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL.....	55
SIMPÓSIO 15 - RESSIGNIFICAÇÕES DO PASSADO PELA FICÇÃO: RELEITURAS DA HISTÓRIA PELA LITERATURA.....	57
SIMPÓSIO 16 - PRODUÇÃO LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA: INFÂNCIA, JUVENTUDE E LIVROS ...	61

APRESENTAÇÃO

Criado em 1991, o Seminário de Estudos Literários (SEL) é um evento bianual promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (Universidade Estadual Paulista) com o objetivo de propiciar aos pesquisadores e, principalmente, aos discentes do programa formação complementar e atualização bibliográfica e teórico-metodológica mediante o contato com renomados especialistas da área. Em suas edições anteriores, o SEL contou com a presença de pesquisadores importantes como, por exemplo, Heloísa Buarque de Holanda, Óscar Lopes, Antônio Soares Amora, Antonio Dimas, João Luís Lafetá, João Alexandre Barbosa, Tânia Franco Carvalho, Affonso Romano de Sant'Anna, Haroldo de Campos e Marlyse Meyer.

Em sua décima-terceira edição, o SEL discute diversas intersecções da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais, com a finalidade de proporcionar a todos os participantes, especialmente aos alunos dos cursos de Mestrado e Doutorado, reflexão teórica e metodológica sobre essas intersecções, cada vez mais comuns na sociedade contemporânea, através das diferentes manifestações artísticas e culturais. Outro objetivo importante do evento é fomentar a troca de experiências de docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Letras com pesquisadores de outras instituições de ensino superior e de centros de pesquisa nacionais e estrangeiros.

Cabe ressaltar que esta edição do evento contribui para o fortalecimento da linha de pesquisa Literatura Comparada e Estudos Culturais, em conjunto com os Grupos de Pesquisa “Narrativas Estrangeiras Modernas”, vinculado ao Departamento de Letras Modernas e “Memória e Representação Literária”, do Departamento de Literatura. Tal associação mais que uma otimização de esforços e recursos supõe também sinalizar em direção de algumas das facetas resultantes do processo de constante intersecção entre as diversas manifestações literárias, artísticas e culturais, especialmente aquelas de algum modo associadas às diferentes formas do discurso literário.

Como se pode constatar na programação geral, o XIII SEL contará com a presença de pesquisadores internacionais, vinculados a universidades estrangeiras (Universidade Nova de Lisboa, Università degli Studi di Salerno, Fisciano, Université Sorbonne – Paris IV, Università di Genova, Universidad del Salvador e CONICET argentino) e pesquisadores de várias regiões brasileiras, o que é motivo de muita satisfação para a Comissão Organizadora.

Pela variedade e qualidade das propostas de comunicação apresentadas (v. resumos), pode-se ter a convicção de que o XIII SEL será um evento de alto interesse científico e muito contribuirá para o avanço do conhecimento na área.

Assis, 18 de outubro de 2016

COMISSÃO ORGANIZADORA

PROGRAMAÇÃO GERAL

Terça-feira, 18 outubro de 2016

8h – Credenciamento dos participantes e entrega de material

8h30–Cerimônia de abertura

Dra. Andrea Lucia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi – Diretora da FCL/Assis - UNESP
Dr. Álvaro Santos Simões Jr. – Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras
Dr. Fabiano Rodrigo da Silva Santos– Chefe do Departamento de Literatura
Dra. Cleide Antonia Rapucci – Chefe do Departamento de Letras Modernas
Dra. Cátia Inês Negrão Berliini de Andrade – Líder do Grupo de Pesquisa “Narrativas Estrangeiras Modernas”
Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa – Líder do Grupo de Pesquisa “Memória e Representação Literária”

Local: Salão de Atos

9h – Conferência de abertura

“Pensando as Américas para além dos transnacionalismos: comunidades de memória e redes de compartilhamento”- Dra. Zilá Bernd (UFRGS/UNILASALLE/CNPq)

Coordenação: Dr. Antonio Roberto Esteves

Local: Salão de Atos

10h00 - 10h30 – Pausa café

14h – Simpósios e comunicações livres

Conferir local na Programação dos simpósios

15h30 – Pausa café

16h – Simpósios e comunicações livres

Conferir local na Programação dos simpósios

17h – 18h30 – Seminários de pesquisa

Local: Mini-Anfiteatro de História

19h30 – Mesa-redonda I: Literatura e gênero

- “Contaminados, torturados, abjetos: por uma poética dos corpos na América Latina”
Dr. Anselmo Peres Alós (UFSM/UFPE)
- “Elucidando gênero em narrativas”
Dra. Claudia M. Ceneviva Nigro (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)
- “Corpo do texto / texto do corpo: gênero e gêneros”
Dr. Emerson da Cruz Inácio (USP/CNPq)

Coordenação: Dra. Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcarí

Local: Salão de Atos

Quarta-feira, 19 de outubro de 2016

8h30 – Conferência

“Clarice, Drummond, os outros. Traduzir literatura brasileira na Itália”

Roberto Francavilla – Università di Genova

Coordenação: Dra. Cátia Inês Negrão Berli de Andrade

Local: Salão de Atos

10h – Mesa-redonda II: Memória e Representação Literária

- “O romance pós-moderno e a revisitação da história”
Dr. Álvaro Cardoso Gomes (USP/UNISA)
- “O romance histórico na América Latina – caminhos da descolonização: vias possíveis pela literatura comparada”
Dr. Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE)
- “Espacialidades e objetos insólitos dos mitos aquáticos”
Dra. Marisa Martins Gama-Kalil (UFU)

Coordenação: Dra. Maira Angélica Pandolfi

Local: Salão de Atos

14h – Simpósios e comunicações livres

Conferir local na Programação dos simpósios

15h30 – Pausa café

16h – Simpósios e comunicações livres

Conferir local na Programação dos simpósios

19h30 – Mesa-redonda III: Autoria feminina

- “Mujeres y memoria colectiva en las últimas dictaduras argentina y chilena: Marta Traba y Diamela Eltit”
Dra. Marcela Crespo Buiturón (Universidad del Salvador/CONICET)
- “Um Novo Retrato do Brasil no Romance Quarenta Dias, de Maria Valéria Rezende”
Dra. Vera Lúcia de Oliveira Maccherani (Università degli Studi di Perugia)
- “As ondas de Virginia Woolf: homenagem póstuma a José Francisco de Azevedo”
Dra. Cleide Antônia Rapucci (FCL/Assis-UNESP)

Coordenação: Dr. Antonio Roberto Esteves

Local: Salão de Atos

Quinta-feira, 20 de outubro de 2016

8h30–Mesa-redonda IV: Trânsitos

- “Ritmos da tradução”
Dra. Maria Adélia Menegazzo (UFMS)
- “O vazio e a beleza de Van Gogh a Rilke: como o Ocidente encontrou o Japão”
Dr. Giorgio Sica (Università degli Studi di Salerno, Fisciano)
- “Memórias fotográficas”
Dr. José Leonardo Tonus (Université Paris IV-Sorbonne)

Coordenação: Dra. Norma Domingos

Local: Salão de Atos

10h00 - 10h30 – Pausa café

14h – Simpósios e comunicações livres

Conferir local na Programação dos simpósios

15h30 – Pausa café

16h – Simpósios e comunicações livres

Conferir local na Programação dos simpósios

17h – 18h30 – Seminários de pesquisa

Local: Mini-Anfiteatro de História

20h – **Conferência de encerramento**

“Da(s) interseccionalidade(s). Literatura e Género(s)”
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Coordenação: Dra. Cleide Antonia Rapucci

Local: Salão de Atos

EMENTAS E PROGRAMAÇÃO DOS SIMPÓSIOS

SIMPÓSIO 1

ESCRITAS DE SI DE AUTORIA FEMININA: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Coordenadoras: Alexandra Santos Pinheiro (UFGD-MS)
alexandrasantospinheiro@yahoo.com.br
Cátia Ines Negrão Berliini de Andrade (FCL/Assis-UNESP)
ci.andrade@uol.com.br

A literatura de autoria feminina foi “discriminada”, “silenciada” e considerada como menor durante muito tempo em virtude do tipo de material produzido: diários, receitas, cadernos de anotações, cartas, cadernos de poesia, etc. Produção que foi descartada por ser considerada de pouco valor, por ser apenas “coisas de mulher”. Por serem “apenas mulheres”, segundo a reflexão de Perrot (2008), foram, por muito tempo, relegadas à sombra. Desse modo, como o que “não está escrito não existe” (NAVARRO, 1995, p. 13), o silenciamento imposto à mulher fez com que, por um longo período, ela se mantivesse à margem de importantes fatos históricos. Assim, fez-se necessário romper o silêncio, rememorar e representar a si mesma passou a significar a possibilidade de superar os obstáculos do passado para se ressignificar no mundo. Rememorar, portanto, é uma forma de se reconstituir. O sujeito que rememora tem a maturidade do tempo e do olhar daquele que já não é mais o sujeito do passado. Por essa razão, a proposta para o presente simpósio consiste em reunir trabalhos que analisem textos de autoria feminina que tenham como eixo as escritas de si, como: memórias, autobiografias, cartas, diários, etc.. Não delimitamos época nem nacionalidade, interessa-nos compreender como as vozes femininas se posicionam, a partir de seus textos, frente às questões existenciais, culturais, econômicas e históricas para se constituírem e se ressignificarem no mundo.

20 DE OUTUBRO

SESSÃO 1: 14h00 – 15h30

Sala: 09– Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenadoras: Alexandra Santos Pinheiro (UFGD-MS)
Cátia Ines Negrão Berliini de Andrade (FCL/Assis-UNESP)

“A relação de Clarice Lispector com o Recife a partir das memórias da infância”

Amanda Oliveira Pinheiro (FCL/Assis-UNESP)

“A representação das mulheres nas cartas de Plínio, o jovem: o discurso masculino e a imagem feminina no principado romano (I século d.C.)”

Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi (FCL/Assis-UNESP)

“Do particular ao universal: a escrita de si em *Le Piccole Virtù* de Natalia Ginzburg”

Cátia Inês Negrão Berliini de Andrade (FCL/Assis-UNESP)

“As diferentes formas de representação feminina na poesia de Florbela Espanca”

Rita de Cássia Lamino de Araújo Rodrigues (UENP)

“*Persépolis*: algumas relações entre a (re)construção das identidades e memórias na pós-modernidade”

Thais Fernanda Rodrigues da Luz Teixeira. (UEL)
“A desintegração do sujeito feminino em a redoma de vidro, de Sylvia Plath”
Vanessa Cezarim Bertacini (FCL/Araraquara-UNESP)

SESSÃO 2 : 16h00 – 17h30

Sala: 09 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenadoras: Alexandra Santos Pinheiro (UFGD-MS)
Cátia Ines Negrão Berlini de Andrade (FCL/Assis-UNESP)

“Personagens infantis na contística de Clarice Lispector: um convite à infância e ao imaginário”

Cíntia Roberto Marson. (UENP)

“Os cemitérios de Dalila: ditadura e memória em *La Querida*, de Renée Ferrer”

Alexandra Santos Pinheiro (UFGD-Três Lagoas)

“Claudia Roquette-Pinto: manifestações poéticas através de entrevistas”

Eloiza Fernanda Marani (UFMS)

“Memória e escrita de si: a narrativa das irmãs Queiroz”

Janieli Salgueiro da Silva (UFGD)

“O percurso religioso e a angústia em *A paixão segundo G.H.*”

Marco Antonio Hruschka Teles (FCL/Assis-UNESP)

“Conceição Evaristo: a escrita da representação do negro no Brasil”

Natália Pedroni Carminatti (FCL/Araraquara-UNESP)

SIMPÓSIO 2

FORMAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO: HISTÓRIAS DA LITERATURA, LITERATURA COMPARADA E CRÍTICA LITERÁRIA

Coordenadores: Márcio Roberto Pereira (FCL/Assis-UNESP)
marciorpereira@uol.com.br
Adriana Silene Vieira (Faculdade Sumaré/São Paulo)
asvieira69@hotmail.com

O objetivo desse simpósio é analisar a formação do cânone literário a partir das relações entre História da Literatura, Literatura Comparada e Crítica Literária. Centrado no processo de escolhas, exclusões, aproximações e distanciamentos entre escritores e obras, busca-se refletir sobre o posicionamento crítico/metodológico que compõe as diversas obras de historiadores e críticos literários. Assim sendo, os vários enfoques metodológicos que balizam a formação do cânone e suas relações com o passado, a memória, os contextos históricos, sociais e estéticos, demonstram a pluralidade de visões que complementam, ora distanciando, ora tangenciando, as perspectivas sobre a produção literária e seu contexto de recepção.

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1: 14h00 – 15h30

Sala: Minianfiteatro de História– **Prédio:** Central de Salas de Aula

Coordenação: Rosane Gazolla Alves Feitosa (FCL/Assis-UNESP)

“Machado e Dante: O poeta na crônica”

Ionara Satin (FCL/Assis-UNESP)

“Uma análise comparativa do duplo social em *E depois*, de Sôseki Natsume e *Esau e Jacó*, de Machado de Assis”

Isabella Garcia (FCL/Assis-UNESP)

“Reflexões acerca do fazer crítico e literário de Machado de Assis a partir da Literatura Comparada”

Dayane Mussulini (FCL/Assis-UNESP)

“Escrita de Si: Correspondências de Machado de Assis”

Fernanda Oliveira Cunha (FCL/Assis-UNESP)

“Machado de Assis e a reinvenção de si mesmo”

Jaison Luís Crestani (IFPR)

“O romance autorreflexivo de Machado de Assis: Uma leitura de *Ressurreição* (1872)”

Rogério Fernandes dos Santos (UFG)

“As farpas e a geração de 70 portuguesa”

Rosane Gazolla Alves Feitosa (FCL/Assis-UNESP)

SESSÃO 2: 16h -17h

Sala: Minianfiteatro de História– Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Bruna Carolina De Almeida Pinto (FCL/Assis-UNESP)

“Entre Paris e Lisboa: em torno das relações, recepção e circulação e modelos na construção canônica das Literaturas Brasileira e Africanas de Língua Portuguesa no século XX”

Bruna Carolina de Almeida Pinto (FCL/Assis-UNESP)

“Elementos fantásticos em *Incidente em Antares* e *O Vendedor de Passados*”

Daniela de Oliveira Lima (FCL/Assis-UNESP)

“A (re)leitura de Samuel Rawet e Elisa Lispector - uma abordagem anti-positivista da História da Literatura Brasileira?”

Débora Magalhães Cunha Rodrigues (UERJ)

“A tradição picaresca em *Jacques Le Fataliste et Son Maître*: características do anti-herói diderotiano”

Evaneide Araújo Da Silva (FCL/Araraquara-UNESP)

“Lygia Fagundes Telles e Amílcar Bettega Barbosa: A face de Edgar Allan Poe na contemporaneidade”

Ligia Carolina Franciscati Da Silva (FCL/Araraquara-UNESP)

“As belas-lettras em Portugal de Seiscentos: críticas e novas propostas de estudo”

Luciana Muniz De Freitas (FCL/Assis-UNESP)

“*O Coronel Sangrado* de Inglês De Sousa e sua inserção nas Histórias Literárias Brasileiras”

Marcela Ferreira Matos (IFG)

19 DE OUTUBRO

SESSÃO 3: 14h -17h

Sala: Minianfiteatro de História– Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Sandra A. Ferreira (FCL/Assis-UNESP)

“Crítica literária polifônica e grande tempo da cultura: discutir o cânone a partir da noção de inacabamento”

Ana Clara Magalhães de Medeiros (IFG)

“A recepção crítica da literatura paradidática nos jornais *O País*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* (1897 - 1908)”

Ariane de Sousa Costa (FCL/Assis-UNESP)

“Modos de representação de superioridade e alteridade: transferências culturais luso-brasileiras no periódico *O Futuro* (1862-1863)”

Aline C. de Oliveira (FCL/Assis-UNESP)

“Dual: o labirinto da construção lírica na modernidade em Sophia De Mello”

Ariane Cristina Andrade Silva (FCL/Assis-UNESP)

“José da Cunha Cardoso: o secretário - e censor - da Academia Brasileira dos Esquecidos”

Heloísa Viccari Jugeick Beline (FCL/Assis-UNESP)

“O cânone literário e a epistemologia da exclusão”

Luiz Fernando Martins de Lima (UNIESP)

“Fidelino de Figueiredo e o exercício da crítica literária”

Sandra Aparecida Ferreira (FCL/Assis-UNESP)

SESSÃO 4: 14h -17h

Sala: Minianfiteatro de História – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Mariana Mansano Casoni (FCL/Assis-UNESP)

“O Romantismo Espanhol na perspectiva de Felipe Alaiz nas páginas da Revista *Blanca*”

Henrique Sergio Silva Corrêa (FCL/Assis-UNESP)

“A renovação da voz narrativa na literatura japonesa - entre o Clássico e o Moderno”

Joao Marcelo Monzani (UFRJ)

“Partir ou ficar: um estudo do dilema cabo-verdiano em *Chuva Braba*, De Manuel Lopes”

Simone Donegá Marques (FCL/Assis-UNESP)

“Os cossacos de Bâbel, Gógol e Tolstói: um tema da literatura russa em perspectiva comparada”

Marcos Vinícius Ferrari (USP)

“A quem pertence Jane Austen? Um século de disputa entre o cânone e o popular”

Maria Clara Pivato Biajoli (UNICAMP)

“A relação estabelecida entre textos a partir da epígrafe de Georges Duhamel na obra *O Amanuense Belmiro*”

Mariana Mansano Casoni (FCL/Assis-UNESP)

“Afinal, um simples verso refaz o universo: a rede literária de Timor”

Suillan Miguez Gonzalez (USP)

“Literatura existencial: conduta interrogativa e negação sob o viés de Jean-Paul Sartre em *O Espelho* e *Campo Geral*, de Guimarães Rosa”

Victor De Barros Rodrigues (UFPR – Curitiba)

20 DE OUTUBRO

SESSÃO 5: 14h -17h

Sala: Minianfiteatro de História– Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Marcio Roberto Pereira (FCL/Assis-UNESP)

“A crítica literária no *Mercure de France*: O Simbolismo, as novas formas e as sociabilidades (1890-1898)”

Camila Soares López (FCL/Assis-UNESP)

“Histórias da Literatura: *Cartas D’África* e alguma poesia”

Clauber Ribeiro Cruz (FCL/Assis-UNESP)

“Entre Literatura e História: veredas narrativas”

Dagoberto Rosa de Jesus (IFMT)

“As antologias de poesia brasileira traduzidas na Itália nas décadas de 1950 E 1960: análise das seleções e das apresentações de autores e poemas”

Daniel Souza Silva (USP)

“O posicionamento de Veríssimo e de Romero sobre *Inocência*”

Elisa dos Santos Prado (FCL/Assis-UNESP)

“*Os Mortos de Sobrecasaca*: a formação do cânone modernista brasileiro”

Lais Iaci Mirallas de Carvalho (FCL/Assis-UNESP)

“José Veríssimo e a construção do cânone literário brasileiro”

Márcio Roberto Pereira (FCL/Assis-UNESP)

SESSÃO 6: 14h -17h

Sala: Minianfiteatro de História– Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: José Luís Félix (FCL/Assis-UNESP)

“A iniciação da vida sexual, representada em dois contos: *Clara Dos Anjos*, De Lima Barreto e *Preciosidade*, de Clarice Lispector”

Adriana Carrion de Oliveira (SEE – SP)

“A obra, o leitor e o Espírito do Militarismo: Kurt Tucholsky como crítico Literário no periódico *Die Weltbühne* (1919-1924)”

Anderson Augusto Roszik (USP)

“Grupo de Teatro Galpão: trajetória, estética e influências do Teatro Livre de Munique”

Aline Miriane Guerios (UEM)

“Cartas No Tempo: Um Percurso Pelos Romances *Os Sofrimentos Do Jovem Werther* E *Carta A D. História de um Amor*”

Angélica Catiane da Silva de Freitas (UFMS)

“Literatura: o ato de escrever conforme a perspectiva sartriana”

Ester da Silva Gomes (FCL/Assis-UNESP)

“Fausel e Aust: dois expoentes da literatura”

José Luís Félix (FCL/Assis-UNESP)

“A criatura em Conflito em Milton e Shelley”

Sérgio Henrique Rocha Batista (FCL/Assis-UNESP)

SIMPÓSIO 3

GÊNERO E RAÇA NA LITERATURA DAS AMÉRICAS

Coordenadoras: Cláudia Maria Ceneviva Nigro (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)
cmcignro@gmail.com
Divanize Carbonieri (UFMT)
divacarbo@hotmail.com

Em espaços de exclusão, grupos ignorados, fronteiriços, tornam-se questão. Nossa proposta é trilhar sobre os espaços na literatura, cujo argumento sustenta-se no gênero e/ou raça, das Américas. E essa visita não poderia acontecer sem considerarmos produções literárias pouco exibidas na mídia editorial. Na contemporaneidade, com a ajuda da internet e da academia, surgem no uso com que o outro faz de suas palavras, onde o reconhecimento então é tecido. Utilizando-se do discurso alheio como meio para apropriar o lugar, artistas das letras fazem esculpir no corpo das personagens, nas narrativas e poemas descritivos, a construção de uma identidade culturalmente modelada. Ao agregar valores a uma sociedade multifacetada de comunidades compostas, promovem uma igualdade de corpos sem características panfletárias. Nesse simpósio, sustentado em contos e poesias de produção americana, leremos o corpo como Arte, cuja diversidade identitária não é construída sobre o padrão de uniformidade, exigindo daqueles que se aventuram nesse percurso uma reorientação epistêmica e uma revisão das condições nas quais os debates sobre gênero e/ou raça vêm sendo produzidos.

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala: 01- Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Cláudia Maria Ceneviva Nigro (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)
Divanize Carbonieri (UFMT)

“A descoberta do frio’ de Oswaldo de Camargo: uma leitura de fruição”

Carolina dos Santos Rocha (PUC/SP)

“Realismo animista e representação da identidade negra em *Histórias de leves enganos e parecenças* de Conceição Evaristo”

Eduardo Souza Ponce (UEL)

“*The Twelve Tribes of Hattie*: a trajetória de uma mulher negra e seus descendentes na luta pela sobrevivência”

Flávia Andrea Rodrigues Benfatti (UFU)

“Reflexões acerca da violência simbólica em narrativas de Alice Munro”

Solange Da Luz Rodrigues (UEL)

SESSÃO 2 – 16h00 – 17h00

SALA: 01 - Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Cláudia Maria Ceneviva Nigro (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)
Divanize Carbonieri (UFMT)

“A literatura como forma de (des)legitimação do racismo: o negro sob representações distintas”

Juliane Camila Chatagnier (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“Literatura como representação social em *O rapaz do metrô: poemas para jovens divididos em oito chacinas ou capítulos*, de Sérgio Capparelli”

Caroline Ferreti (FCL/Assis-UNESP)

“O livro pelo qual todos os antissemitas estavam esperando”

Pedro Augusto de Oliveira Proença (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

19 DE OUTUBRO

SESSÃO 3– 14h00 – 15h30

Sala 01 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Cláudia Maria Ceneviva Nigro (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)
Divanize Carbonieri (UFMT)

“Corpo, desejo e revolução segundo Herbert Daniel”

Anselmo Peres Alós (UFMS)

“O cinema nacional como dichavador do gênero e da heteronormalização dos corpos”

Flávio Adriano Nantes (UFMS)

“Literatura transgênera: o jogo narrativo em *Adam* de Ariel Schrag”

Divanize Carbonieri (UFMT)

SIMPÓSIO 4

LITERATURA E CINEMA: INTERSECÇÕES

Coordenadores: Antônio Roberto Esteves (FCL/Assis-UNESP)
aesteves26@uol.com.br
Isis Milreu (UFCG)
imilreu@gmail.com

Desde o surgimento da chamada sétima arte, as relações entre a literatura e o cinema têm sido bastante produtivas. Brito (2006) afirma que a forma do romance do século XIX contribuiu para que o cinema, em geral, contasse histórias com começo, meio e fim, ignorando a crise de representação gerada pelos movimentos vanguardistas no início do século XX. Por sua vez, a linguagem cinematográfica influenciou grande parte da literatura do século passado, segundo o crítico. Nessa perspectiva, é inegável a existência de um constante diálogo entre ambas as artes, as quais podem ser vistas como construções ficcionais, narrativas e representacionais. A partir dessas considerações, o presente simpósio objetiva discutir os múltiplos aspectos das relações entre literatura e cinema. Desse modo, o presente Simpósio pretende reunir trabalhos que abordem as intersecções entre as duas artes.

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1: 14h00 – 15h30

Sala: 04 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Isis Milreu (UFCG)

“El Amor Y El Espanto: biografia e ficção.”

Isis Milreu (UFCG)

“O cinema no livro, o livro no cinema: uma análise crítica comparativa da obra literária A Invenção de Hugo Cabret e sua adaptação fílmica”

Alcioni Galdino Vieira (UTFPR)

“De Letras e telas: apontamentos sobre as traduções audiovisuais de O Tempo E O Vento”

Aline Cristina Maziero (FCL/Assis-UNESP)

“O real empírico e fílmico segundo Pasolini e Manoel De Oliveira”

Ana Carolina Negrão Berlini De Andrade (FCL/Araraquara-UNESP)

SESSÃO 2: 16h00 – 17h30

Sala: 04 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Isis Milreu (UFCG)

“Uma Mente Brilhante: A trajetória da Teoria dos Jogos exposta no cinema”

Ana Helena Dell Anhol Daniel (UENP)

“Cinema e o narrador não confiável: um estudo de Meia-Noite Em Paris, de Woody Allen”

André Ferreira Gomes De Carvalho (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“A captura da imagem como intervenção sobre a realidade: Uma leitura de *Las Babas Del Diablo*, de Cortázar e *Blow-Up*, de Antonioni”

Augusto Moretti De Barros (FCL/Assis-UNESP)

“O romance policial contemporâneo sob a ótica de um psicopata: uma análise intersemiótica de *Plenilunio*”

Carla Helena Lange (UTFPR)

19 DE OUTUBRO

SESSÃO 3 : 14h00 – 15h30

Sala 04 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Antonio Roberto Esteves (FCL/Assis-UNESP)

“O processo criativo de Cronenberg: uma leitura de *NakedLunch*, de William Burroughs”

Carolina Natale Toti (UEL)

“Cenas de cinema na Literatura Alemã Pré-Guerras”

Daniel Reizinger Bonomo (Unicamp)

“Aporias da fidelidade: a adaptação cinematográfica de *O Tambor* de Günter Grass”

Elisandra De Souza Pedro (USP)

“A mediação do cinema no letramento literário”

Gerson Luis Maciel (UNIOESTE - Cascavel)

SESSÃO 4: 16h00 – 17h30

Sala 04 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Antonio R. Esteves (FCL/Assis-UNESP)

“O hibridismo formal em *O Cheiro Do Ralo* (2002)”

Guilherme Mariano Martins Da Silva (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“De Fonseca a Salles: considerações sobre Mandrake em *A Grande Arte*”

Joana Bertani De Campos (UTFPR)

“Literatura e cinema em Montserrat Roig: discutindo *Ramona, Adéu*”

Katia Aparecida Da Silva Oliveira (UNIFAL)

“Reflexões sobre as relações entre a Literatura e o Cinema: diálogo entre *Os Lusíadas* (Camões) e *Non Ou A Vã Glória De Mandar* (Manoel De Oliveira)”

Luiz Eduardo Rodrigues Amaro (FCL/Assis-UNESP)

20 DE OUTUBRO

SESSÃO 5 : 14h00 – 15h30

Sala: 04 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Isis Milreu (UFMG)

“O cruzamento de fronteiras entre literatura, cinema e roteiro cinematográfico em *O Cheiro Do Ralo*, De Lourenço Mutarelli”

Marília Corrêa Parecis De Oliveira (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“*Jogos Vorazes* e *Divergente*: selfie de uma geração”

Mônica Lopes Névoa Guimarães (UFU)

“A poética da imagem de contos machadianos no cinema de Júlio Bressane”

Raquel Cristina Ribeiro Pedroso (FCL/Assis-UNESP)

“Justiça fora da lei em *Grande Sertão: Veredas* e *Tropa De Elite*: uma reflexão sobre a opinião pública a respeito dos direitos humanos”

Rogério Costa (UENP)

SESSÃO 6: 16h00 – 17h30

Sala: 04 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Isis Milreu (UFMG)

“*Janela Indiscreta* e *SESSÃO das Quatro*: a linguagem fílmica X a linguagem literária”

Suellen Arcanjo de Godoy (UENP)

“Adaptando o espaço pós-apocalíptico em *The Road*, de Cormac Mc carthy”

Thaís Person (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“*En Este Pueblo No Hay Ladrones*: conto e filme sob a égide da arte hispano-americana”

Wellington Ricardo Fioruci (UTFPR-Pato Branco)

SIMPÓSIO 5

LITERATURA COMPARADA: O BELO E O SUBLIME NA EXALTAÇÃO DA GRANDIOSIDADE DE TODAS AS COISAS

Coordenadores: Guacira Marcondes Machado (FCL/Araraquara-UNESP)
guacira@fclar.unesp.br
Márcia Eliza Pires (FCL/Assis-UNESP)
imaginauta2@hotmail.com

A partir do momento em que o eu assume sua condição de sujeito cindido – noção que emerge com o movimento romântico e, ainda com maior vigor, com a escola simbolista -, a busca por apreender o belo não mais se dá única e exclusivamente por meio da aspiração ao equilíbrio e à harmonia. A beleza passa também a ser apreendida na ausência da ordem e na elipse dos estados anímicos imprecisos e caóticos. As regras pertencentes ao domínio externo e coletivo, tais como a subordinação à linearidade temporal, a adequação às normas sociais são questionadas e transpostas. Ao invés da produtividade em prol do progresso, a instauração dos valores da esfera da interioridade. Assim, a procura por vislumbrar o cerne da existência, o contato com o misterioso, o inominável, o incognoscível. Distintamente da difundida valorização dos cenários excelsos, a beleza revelada pela literatura moderna está em toda parte – “não é alheia” e “está logo ali à espreita”, como menciona Jorge Luis Borges (2000). É o estado de exaltação que desencadeia o belo e também o conceito de sublime. Tais aspectos são evocados por imagens que, num primeiro momento, parecem triviais: os cabelos do ente amado, os olhos de um gato, um cálice de vinho, animais insignificantes, flores de aparência ordinária, o som das ruas, a efemeridade das nuvens, os registros desimportantes. Toda possibilidade de beleza e poeticidade pode ser realizada se estiver ao gosto da imaginação. Considerando-se a faculdade imaginativa como propulsora para a criação do belo sob os mais diversificados aspectos, este simpósio tem como objetivo refletir sobre o cotejo de produções literárias que contemplem a temática do belo e do sublime como fruto da exaltação de toda e qualquer existência, seja ela vultosa ou banal, mas capaz de inspirar a instauração da vertiginosa pluralidade do estado de poesia (PAZ, 1978).

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala: 06 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Guacira Marcondes Machado Leite (FCL/Araraquara-UNESP)

“Fluirlimpo sobre matéria torpe: a presença do sublime na poesia burlesca seiscentista”

André Da Costa Lopes (PUC/SP)

Luís Fernando Campos D’Arcadia (FCL/Assis – UNESP)

“A função do feio na representação do belo”

Gláucia Benedita Vieira (FCL/Assis-UNESP)

“A beleza controversa da balada gótica”

Grazielle Forcato Martins (FCL/Assis-UNESP)

“O belo e o burlesco de *Moralités Légendaires* de Jules Laforgue”

Guacira Marcondes Machado Leite (FCL/Araraquara-UNESP)

SESSÃO 2 – 16h00 – 17h30

Sala: 06 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Guacira Marcondes Machado Leite (FCL/Araraquara-UNESP)

“Leopardi, monstruoso e sublime”

Ana Carolina Menocci (FCL/Assis - UNESP)

“Propósito do artificialismo e da plenitude existencial na arte de *fin-de-siècle*”

Beatriz Moreira Anselmo (UEM)

“Bela ilusão: a máscara e o vazio do mundo em *L’Ève Future*”

Kedrini Domingos dos Santos (FCL/Araraquara-UNESP)

“As duas Vênus rimbaldianas – do belo ao grotesco”

Marcela de Oliveira Gabriel (FCL/Araraquara-UNESP)

19 DE OUTUBRO

SESSÃO 3– 14h00 – 15h30

Sala 06 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Márcia Eliza Pires (FCL/Assis-UNESP)

“Visibilidade e imagens mentais em *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino”

Felipe O. Rocha (FCL/Assis-UNESP); Gabriela K. Betella (FCL/Assis-UNESP)

“O silêncio e o sublime no romance”

Moisés Gonçalves dos Santos Júnior (FCL/Assis-UNESP)

“A modernização em *I Pensieri Di Bellavista* e *O Avesso Das Coisas*”

Cloaldo Vicente Silva (FCL/Assis-UNESP)

SIMPÓSIO 6

LITERATURA E ENSINO: DO CÂNONE AOS GAMES

Coordenador: Sérgio Fabiano Annibal (FCL/Assis-UNESP)
annibal@assis.unesp.br
Valdemar Siqueira Filho (UFERSA/Mossoró)
dhemah@uol.com.br

Atualmente, a discussão acerca do ensino de Literatura ganha fôlego, à medida que se coloca em destaque a multiplicação de novos suportes e com eles a valorização das estruturas internas do texto literário em relação às formas de se aproximar este texto do leitor, considerando suas relações e pertinências com a cultura e tecnologias em que a Literatura é produzida. Desse embate pergunta-se qual é lugar da Literatura, da leitura e do leitor em um espaço e tempo que projeta a linguagem literária em diversos suportes por meio de uma sintaxe cultural que todos integram. Diante disso, o Simpósio Literatura e Ensino: do cânone aos games objetiva discutir o ensino de Literatura, no sentido de compreender mais como a estética se apresenta na construção da leitura literária nos diferentes suportes, problematizando a herança do texto literário e da sua forma específica de organizar o pensamento em ambientes on-line e cinematográficos até atingir o universo dos games, por exemplo. Propõe-se refletir sobre a permanência da Literatura e, conseqüentemente, da sua linguagem própria nas diferentes possibilidades comunicacionais, como contar histórias em escolas, as continuidades ou rupturas das comunidades *fanfics*, as séries oriundas de romances e contos e a aula tradicional de literatura. Finalmente, busca-se refletir de que forma a Literatura chega ao seu leitor e qual a contribuição do ensino para fazer com que ela continue a chegar e a se plasmar com os olhos vigilantes e sempre arrojados da cultura em que habita.

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala: 07 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Sérgio Fabiano Annibal (FCL/Assis-UNESP)

“O lugar do ensino de literatura na formação de professores em Letras”

Sérgio Fabiano Annibal (FCL/Assis-UNESP), Valdemar Siqueira Filho (UFERSA)

“Livros selvagens, devoradores, desafiadores e a formação do leitor literário”

Amaya Obata Mourino de Almeida Prado (UFMS/CPTL)

“As apropriações das multiplataformas: Monteiro Lobato transmídia”

Michelle de Souza Prado (FCL/Assis-UNESP)

SESSÃO 2 – 16h00 – 17h30

Sala: 07 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Sérgio Fabiano Annibal (FCL/Assis-UNESP)

“Fanfiction: fomento à leitura literária e à produção textual”

Uilma Matos dos Santos Melo (USP)

“*Muramasa* e a permanência de elementos da cultura tradicional japonesa nos games e na cultura pop moderna”

Luiz Fernando Araujo Vitor (FCL/Assis-UNESP)

19 DE OUTUBRO

SESSÃO 3– 14h00 – 15h30

Sala 07 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Sérgio Fabiano Annibal (FCL/Assis-UNESP)

“Rumos da literatura infantil brasileira”

Adriana Silene Vieira (UNIESP)

“Literatura para crianças e jovens no Brasil: inquietações contemporâneas”

Aroldo Jose Abreu Pinto (UNEMAT)

Jovens leitores e suas percepções de leitura literária: a mediação pelo PIBID.

Vanderleia da Silva Oliveira(UENP)

SESSÃO 4 – 16h00 – 17h30

Sala 07 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Sérgio Fabiano Annibal (FCL/Assis-UNESP)

“IFMT vai à escola: contadores de história e cia”

Dagoberto Rosa de Jesus (IFMT)

“A escrita criativa como proposta metodológica para a criação de textos literários na sala de aula”

Fátima Aparecida Mantovani da Silva (UENP)

SIMPÓSIO 7

A VIAGEM NA LITERATURA E A LITERATURA DE VIAGEM

Coordenadores: César Palma dos Santos (FCL/Assis-UNESP)
cepasant@hotmail.com
Heloisa Helou Doca (UNIMAR)
heloisahelou@hotmail.com

Para GUAGNINI (2000) “a viagem – como tema de experiência direta ou como inspiração – é um fator essencial na produção de livros. Viajar é uma atividade habitual, nas várias civilizações, assim como escrever sobre viagens.”. Partindo desta premissa, esse simpósio pretende reunir trabalhos que abordem o tema da viagem presente em obras ficcionais como também aquelas que reportam a viagens reais. Elemento de construção narrativa a viagem pode ser encontrada nas diferentes literaturas desde os clássicos até produções contemporâneas. Nesse sentido serão aceitos trabalhos que discutem as relações com a paisagem, com o exótico e com o Outro. De forma mais ampla, propomos também uma discussão a respeito da literatura de viagem como gênero literário. Os estudos sobre a literatura de viagem desenvolveram-se a partir da década de 1980 paralelamente ao desenvolvimento dos estudos pós-coloniais. Antes desse período era vista como um subgênero ou um gênero menor relacionado com a autobiografia. Em parte, isso ocorreu pela dificuldade de se formular uma definição que auxiliasse em sua classificação dentro dos padrões tradicionais, mas também porque a literatura de viagem comporta textos de diversas formas (diários, relatórios, cartas, etc.) produzidos por viajantes de diferentes origens, entre os quais podemos encontrar escritores como Erico Verissimo, Antonio Tabucchi, Gustave Flaubert, Mark Twain, entre muitos outros.

SESSÃO 1: 14h00 – 15h30

Sala: 05 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: César Palma dos Santos (FCL/Assis-UNESP),

“Entre viagens: de Cervantes a Diegues, metáforas possíveis”

Angela Cristina Dias do Rego Catonio (UCDB)

“A mediação da biblioteca na Literatura de Viagem: O exemplo em *Nostra Signora Del Mar Dolce*, De Gemma Ferruggia”

César Palma dos Santos (FCL/Assis-UNESP)

“O Livro Negro de *Thomas Kyd*: aventuras em alto-mar”

Cleomar Pinheiro Sotta (FCL/Assis-UNESP)

“O Olho de *Herztog* e *O Outro Pé da Sereia*: a viagem e o viajante”

Daniela de Brito (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

SESSÃO 2: 16h00 – 17h30

Sala: 05 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: César Palma dos Santos (FCL/Assis-UNESP)

“Portugal nas memórias de Érico Veríssimo”

Davi Siqueira Santos (FHO – Uniararas)

“Viagem: um romancista brasileiro em países comunistas”

Elaine Aparecida Lima (UNILA)

“Guimarães Rosa e sua rápida viagem pelo pantanal mato-grossense”

Elizabeth da Silva Mendonça (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“A narrativa de viagem contemporânea e a tipologia do romance moderno: o hibridismo em *Mongólia*, de Bernardo Carvalho”

Karina de Fátima Gomes (UFMS - Três Lagoas)

20 DE OUTUBRO

SESSÃO 3: 14h00 – 15h30

Sala: 05 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Heloisa Helou Doca (UNIMAR)

“América versus Europa: o conflito de culturas nas relações de gênero em *Daisy Miller*”

Linda Catarina Gualda (FATEC)

“Os (des)caminhos da poesia: os sentidos da viagem em Carlos Drummond de Andrade”

Marcelo Franz (UTFPR)

“A Viagem de Mariano e a (re)construção da identidade cultural em *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra, De Mia Couto*”

Heloisa Helou Doca (UNIMAR)

“*Ana Em Veneza*: a busca de um país à deriva”

Rebeca Alves (FCL/Assis-UNESP)

SESSÃO 4: 16h00 – 17h30

Sala 05– Prédio: Central de Sala de Aulas

Coordenação: Heloisa Helou Doca(UNIMAR)

“Odisseias amazônicas: dois romances de viagens na Amazônia”

Roberto José Da Silva (UNICAMP)

“Do Século XIX ao XX: O Brasil dos argentinos”

Thaís Nascimento Do Vale (FCL/Assis-UNESP)

“Uma apreciação da versão em latim do relato de viagem de Ulrico Schmidl ao Rio Da Prata”

Thissiane Fioreto (UFGD)

SIMPÓSIO 8

MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO: HERÓIS E INAPTOS NA LITERATURA ITALIANA E EM OUTRAS LITERATURAS DOS SÉCULOS XX E XXI

Coordenadoras: Maria Celeste Tommasello Ramos (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)
celeste_ibilce@hotmail.com
Patrícia Aparecida Gonçalves de Faria (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)
patricia_faria09@yahoo.com.br

No presente simpósio reuniremos pesquisas que proponham discussões a respeito de questões ligadas à memória e à representação, no âmbito dos estudos de Literatura Comparada principalmente, e que enfoquem os heróis ou os inaptos. Intencionamos focalizar obras produzidas durante os séculos XX e XXI, que sejam particularmente da Literatura Italiana, com abertura para outras Literaturas, e escritas por autores como Italo Svevo (1861-1928), Elio Vittorini (1908-1966), Alberto Moravia (1907-1990), Natalia Ginzburg (1916-1991), Primo Levi (1919-1987), Italo Calvino (1923-1985, Luciano De Crescenzo (1928), Lalla Romano (1926-2001), Susanne Collins (1962) e Alessandro Baricco (1958), entre outros, além de considerar autores e textos atemporais, como Giovanni Boccaccio e sua obra *Decamerone* ou Giambattista Basile e sua obra *Pentamerone*, entre outros, e a relação intertextual que obras do século anterior ou deste possam traçar com textos-fonte mais antigos. O objetivo principal será discutirmos como acontecem as representações dos protagonistas, ou de seus coadjuvantes/auxiliares; como as questões do heroísmo ou da inaptidão são representadas e como a memória interfere ou não em tal representação. Procuraremos pensar, igualmente, nos significados possíveis que heroísmo, inaptidão, memória e representação (isolados, combinados ou reunidos) acrescentam às obras estudadas e ao contexto no qual elas estão inseridas.

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala: 08 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Maria Celeste Tommasello Ramos (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)
Patrícia Aparecida Gonçalves de Faria (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“Um olhar intertextual sobre a forma simples: convergências e divergências entre três versões do conto maravilhoso ‘A bela adormecida’”

Giseli de Oliveira Bosquesi (IBILCE/SJ Rio Preto - UNESP)

Adriana Aparecida de Jesus Reis (IBILCE/SJ Rio Preto - UNESP)

“A representação dos heróis nas obras *Elena, Elena, amore mio* e *Nessuno*, de Luciano De Crescenzo”

Maria Celeste Tommasello Ramos (IBILCE/SJ Rio Preto - UNESP), Giacomo Enzo Cinquarole Belissio (IBILCE/SJ Rio Preto - UNESP)

“A figura do herói problemático no romance de Alessandro Baricco”

Pedro Henrique Pereira Graziano (IBILCE/SJ Rio Preto - UNESP)

“O retorno do herói clássico na personagem Katniss Everdeen, de *Jogos Vorazes*”
Guilherme Augusto Louzada Ferreira de Moraes (IBILCE/SJ Rio Preto - UNESP)

SESSÃO 2 – 16h00 – 17h30

Sala: 08 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Maria Celeste Tommasello Ramos (IBILCE/SJ Rio Preto - UNESP)
Patricia Aparecida Gonçalves de Faria (IBILCE/SJ Rio Preto - UNESP)

“Um homem que conta sua história de amor: o Orlando de Italo Calvino”

Luana Rennó Martins Toledo (USP – Ribeirão Preto)

“Gli amori difficili, de Italo Calvino: o silêncio e a ironia”

Bárbara Coelho Ciciliato (FCL/Assis-UNESP)

“Il viscontedimezzato (1952); Il barone rampante (1957); Il cavaliereinesistente (1959): a representação dos heróis inaptos em obras italianas do século XX”

Juliane Luzia Camargo (FCL/Assis-UNESP)

19 DE OUTUBRO

SESSÃO 3– 14h00 – 15h30

Sala 08 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Maria Celeste Tommasello Ramos (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)
Patricia Aparecida Gonçalves de Faria (IBILCE/SJ do Rio Preto-UNESP)

“Representações da memória em *A máquina de fazer espanhóis* de Valter Hugo Mãe”

Beatriz Sodré Ribeiro (FCL/Assis-UNESP)

“*Conversazione in Sicilia*: revisitando um passado quase esquecido”

Patricia Aparecida Gonçalves de Faria (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“*Yambo*: entre a desmemória e a rememoração”

Paulo Fernando Zaganin Rosa (FCL/Assis-UNESP)

“O resgate da memória em *A misteriosa chama da rainha Loana*, de Umberto Eco”

Déborah Garson Cabral (FCL/Araraquara-UNESP)

20 DE OUTUBRO

SESSÃO 4– 14h00 – 15h30

Sala: 08 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Maria Celeste Tommasello Ramos (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)
Patricia Aparecida Gonçalves de Faria (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“O anti-herói brasileiro nas crônicas de Nelson Rodrigues”

André Vitor Brandão Kfuriborba (FCL/Assis-UNESP)

“O herói autocentrado dos contos de *Insônia*, de Graciliano Ramos”

Bruna Letícia Pinheiro Carmelin (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“O covarde Numa Pompilio: o moderno herói burguês lukacsiano de Lima Barreto”

Fabiano da Silva Costa (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“As aventuras de Dick Peter: o resgate do primeiro detetive brasileiro”

Marina João Bernardes de Oliveira (FCL/Assis-UNESP)

SIMPÓSIO 9

MODOS DE REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE NA NARRATIVA LATINO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA

Coordenadores: Altamir Botoso (UEMS)
abotoso@uol.com.br
Márcio Antonio de Souza Maciel (UEMS)
marciomaciel@hotmail.com

As discussões acerca da relação entre Literatura Comparada e Estudos Culturais têm se revelado um território bastante profícuo e fecundo para estudiosos e críticos. Face ao fato de a Literatura Comparada não apresentar demarcado, com exatidão e objetividade, o seu campo de atuação, conforme aponta Rosângela Fachel Medeiros (2004), cria-se a possibilidade de trânsito entre disciplinas, linguagens e áreas do saber, que favorecem ao ato comparatista a possibilidade de adentrar terrenos desconhecidos ou desconsiderados até então. Os próprios questionamentos contemporâneos sobre tempo, espaço, múltiplas identidades culturais, noções de cânone, contracânone, nações e elementos decorrentes de tais noções como identidade, fronteira, limite e trânsito atestam o caminho interdisciplinar que percorrem os pesquisadores da área dos estudos comparativos. Tais ponderações já se encontravam expostas no Relatório de Bernheimer (apud NITRINI, 2010), de 1993, quando seus autores afirmam que o espaço de comparações envolve o cotejamento entre produções artísticas estudadas por diferentes disciplinas, entre várias construções culturais daquelas disciplinas, entre tradições culturais ocidentais, tanto erudita quanto popular, e aquelas das culturas não ocidentais, entre produções pré e pós-contato cultural dos povos colonizados, entre construções de gênero definido como feminino e aqueles definidos como masculino, ou entre orientações sexuais definidas como heterossexuais e aquelas definidas como “gay”, entre modos de significação racial e étnico, entre articulações hermenêuticas de significação e análises materiais de seus modos de produção e de circulação, os quais se tornam modos de contextualizar a literatura em amplos campos do discurso, cultura, ideologia, raça e gênero. Levando-se em conta o que foi exposto, o presente simpósio tem a finalidade de reunir trabalhos que tratem da ficção latino-americana (contos, romances) e suas relações e interrelações com outras áreas do saber e da cultura. Assim, o simpósio proposto tenciona receber comunicações que discutam e problematizem a literatura produzida na América Latina enfocando conexões com a cultura, identidades, fronteiras, gêneros, grupos minoritários etc., possibilitando a compreensão de que se deve valorizar, cada vez mais, a interdisciplinaridade nos estudos realizados no campo da Literatura Comparada.

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala: 09 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Altamir Botoso (UEMS)

Márcio Antônio de Souza Maciel (UEMS)

“Malandras, pícaras ou Maternais: Representações da mulher na ficção”

Altamir Botoso (UEMS)

“Modos de representação de *Hijo de Hombre* de Roa Bastos: uma perspectiva interdisciplinar”

Damaris Pereira Santana Lima (Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campo Grande)

“Do ‘*Cisne Errante dos Sangrentos Rastros*’ ao desalojamento como identidade: uma leitura de *Testemunho Transiente* (2015), de Juliano Garcia Pessanha”

Débora Duarte dos Santos (Universidade de São Paulo)

“Contos de fracasso e fragmentação: O mal-estar de uma dominação masculina insidiosa e cativa em *Desgracida*”

Letícia Ueno Bonomo (UEL)

“Os silenciados em Galeano: as perspectivas comparativas entre *As Veias Abertas Da América Latina* e *Os Nascimento*”

Francielly Baliana Godoy (UNIFESP)

SESSÃO 2 – 16h00 – 17h30

Sala: 09 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Altamir Botoso (UEMS)

Márcio Antônio de Souza Maciel (UEMS)

“A configuração da personagem feminina em *Stand By Me*, de Mário Bortolotto”

Gracy Kely Nonato Ruiz (UFMS - Três Lagoas)

“Ficção, ditadura e reflexão no romance *Em Liberdade*, de Silviano Santiago”

Helder Santos Rocha (UFPR – Curitiba)

“*Pedra Bonita* e o diálogo com a Sociologia”

Edvânio Caetano da Silva (FCL/Assis-UNESP)

“El nombredelhombrey no se puededecirlo ou homoerotismo na América Latina, em *Interlúdio em San Vicente*, De João Silvério Trevisan”

Márcio Antonio de Souza Maciel (UEMS)

“Trânsitos literários: *Um Defeito de Cor* de Ana Maria Gonçalves e as representações identitárias”

Maria Carolina de Godoy (UEL)

SIMPÓSIO 10

NARRADORES DA E NA CONTEMPORANEIDADE

Coordenadores: José Leonardo Tonus (Université Paris IV-Sorbonne)
leotonusbr@hotmail.com
Norma Domingos (FCL/Assis-UNESP)
domingos.norma@uol.com.br

Os três volumes de Tempo e narrativa de Paul Ricœur apresentam uma teoria complexa acerca das possíveis relações entre narrativa e temporalidade. Segundo o filósofo francês entre a atividade de contar uma história e o caráter temporal da experiência humana existe uma correlação que não é puramente acidental. Pelo contrário, a narratividade assegura a superação das aporias relativas tanto à percepção quanto à compreensão do tempo. Se este postulado parece-nos promissor no que tange a uma leitura da literatura em geral, ele assume um papel fulcral no âmbito na modernidade, nomeadamente, ao eleger a temporalidade como parâmetro estético e crítico. As obras de Proust, Joyce, Virginia Wolf e Thomas Mann, bem como os trabalhos dos críticos Pouillon, Genette e Sternberg constituem uma prova emblemática da importância conferida às categorias temporais no universo das letras e da crítica literária dos últimos anos. É, por exemplo, a partir das categorias temporais que Genette repensa as configurações, os dispositivos narrativos e o estatuto do narrador: a sua inserção ou não na diegese em função do posicionamento narrador no eixo temporal (narração anterior, simultânea ou posterior), seu protagonismo ou não (homodiegese/heterodiegese) em função do regime temporal dos verbos. Ora, segundo o crítico francês Michel Collot a era das temporalidades e dos modelos linguísticos deixaram de existir. Ao longo dos anos 80 observa-se na literatura e na crítica uma verdadeira promoção do espaço, enquanto resposta ao declínio de um modelo ainda centrado numa visão linear e progressista da história. Esta nova orientação epistemológica afetou todos os campos das ciências humanas ao apontar, nomeadamente para uma inversão das hierarquias entre tempo e espaço. Curiosamente, a maior parte dos estudos de poética narrativa continua a ignorar a categoria espacial em suas análises limitando-se na maioria dos casos a estudá-la em função da lógica descritiva. O presente simpósio visa a indagar qual lugar ocupa hoje o espaço no conjunto da inteligência narrativa contemporânea, e em particular, na determinação do estatuto do narrador.

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala: 10 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Norma Domingos (FCL/Assis-UNESP)

“O espaço e a construção do ponto de vista em *Cartas de um sedutor*, de Hilda Hilst”

Carlos Eduardo dos Santos Zago (FCL/Assis-UNESP)

“O espaço ficcional da narrativa contemporânea: uma leitura do romance *Antonio* (2007), de Beatriz Bracher”

Mariana Matheus Pereira da Silva (FCL/Assis-UNESP)

“A narratividade em *A quinta história*, de Clarice Lispector”

Fernando da Silva Negreiros (UEL)

SESSÃO 2 – 16h00 – 17h30

Sala: 10 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: José Leonardo Tonus (Université Paris IV – Sorbonne)

“*Colombo, Pobreza, Problemas*, de Gato Preto, e as implicações estéticas da literatura marginal na escrita contemporânea”

Ana Paula Franco Nobile (UENP)

“As (in)variantes do discurso feminino em *Exortação dos crocodilos*, de António Lobo Antunes”

Grazielle Maria Valim (PUC – São Paulo)

“Narrador, personagem e autor: desdobramentos em *O que é isso, companheiro?*”

Flávia Cristina Capello Neves (UEL)

19 DE OUTUBRO

SESSÃO 3 – 14h00 – 15h30

Sala 10 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: José Leonardo Tonus (Université Paris IV – Sorbonne)

“Cartografia da cor: literatura, memória e tensão racial”

Cláudio do Carmo Gonçalves (UNEB)

“O narrador que pouco faz: uma análise de *Fazendo Ana Paz*, de Lygia Bojunga”

Edson Maria da Silva (UFU)

“Um olhar sobre a estrutura narrativa contemporânea em *Rakushishae Hanói*”

Mirian Cardoso da Silva (UEM)

“Reinscrições do espaço em narrativas contemporâneas: interlocuções entre Guimarães Rosa e Milton Hatoum”

Edinília Nascimento Cruz (UFMG)

SESSÃO 4 – 16h00 – 17h30

Sala 10 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Norma Domingos (FCL/Assis-UNESP)

“Nós que nos amávamos tanto... A geração de 1968, quatro décadas depois, em *Nada a dizer*, de Elvira Vigna”

Luís Roberto Amabile (PUCRGS)

“Percurso pós-modernistas: hibridismo e simulação na ficção de Luiz Ruffato”

Maurício Pedro da Silva (Centro Universitário Nove de Julho)

“Espacialidade dos narradores contemporâneos”

José Leonardo Tonus (Université Paris IV – Sorbonne)

20 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala: 10 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: José Leonardo Tonus (Université Paris IV – Sorbonne)

“Vozes em confronto em *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago”

Marilani Soares Vanalli (FCL/Assis-UNESP)

“Literatura de testemunho em quadrinhos: reflexões sobre a narrativa *Maus*, de Art Spiegelman”

Adriana Dusilek (FCL/Assis-UNESP)

“O narrador contemporâneo: autoficção e espetacularização”

Luís Cláudio Ferreira Silva (FCL/Araraquara-UNESP)

“Uma narrativa às avessas *Lignes de Faille*, de Nancy Huston”

Norma Domingos (FCL/Assis-UNESP)

SIMPÓSIO 11

NARRATIVAS DE AUTORIA FEMININA: IDENTIDADES, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Coordenadores: Maria de Fátima A. O. Marcari (FCL/Assis-UNESP)
fatimarcari@hotmail.com
Fernanda Aparecida Ribeiro (UNIFAL)
fer_congressos@hotmail.com

Os estudos da literatura de expressão feminina partem do pressuposto de que a sociedade sempre valorizou a visão masculina como a “universal” e “oficial”, e, com isso, a voz feminina foi silenciada e subordinada à voz masculina. Tais estudos assumem, dessa forma, o papel de desmascarar a repressão dos papéis femininos legitimados pela ideologia dominante na sociedade e pela literatura canônica. A ficção de autoria feminina resgatou experiências até então não cartografadas de personagens femininos que avançam a partir do espaço íntimo familiar até a esfera pública. O principal objetivo das escritoras é a recuperação, por meio de suas obras, de eventos silenciados por uma realidade social e política opressora, por meio de uma linguagem desestabilizadora do logos patriarcal, criando um discurso de resistência e posicionando-se por meio de sua linguagem. Desse modo o presente simpósio visa reunir trabalhos que analisem as relações entre história, identidade e memória na narrativa de autoria feminina, em especial da América Latina, observando como a escrita é utilizada como um meio para articular as vozes da periferia – dos excluídos por gênero, classe ou raça –, e, em particular, das mulheres como sujeitos próprios de seu discurso, tendo como base aquilo que Medeiros-Lichem (2006) disserta em seu livro: “a causa primordial da voz da mulher na literatura latino-americana tem sido ampliar e redefinir a compreensão do desenvolvimento social e do papel da mulher no acercamento cultural à alteridade. Ao incorporar as vozes múltiplas do outro, a narrativa feminina está entretecendo uma imagem pluri-identitária da mulher, da sociedade e da realidade latino-americana.”

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala: 11 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Fernanda Aparecida Ribeiro (UNIFAL-MG)

“Desvelando caminhos de escritoras latino-americanas: Victoria Ocampo em *Las libres del Sur*, de María Rosa Lojo”

Fernanda Aparecida Ribeiro (UNIFAL)

“Rosalind Kildare e Dona Ana de Cáceres em terra adentro. O tecido e a vestimenta como índices de sobrevivência na trama lojana de *Finisterre* (2005)”

Luciana Carneiro Hernandes (UTFPR)

“Tita e a cozinha: a construção da personagem feminina e sua relação com o espaço em *Como Agua para Chocolate* (1989), de Laura Esquivel”

Lourdes Micaelly Neris Ferreira (FCL/Assis-UNESP)

“Gênero, História e Memória Cultural em *Lasnoches de Carmen Miranda* de Lucía Guerra”

Nayara Cristina Barbosa Batista (FCL/Assis-UNESP)

SESSÃO 2 – 16h00 – 17h30

Sala: 11 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari (FCL/Assis-UNESP)

“Submissão e subversão femininas em minicontos de Marina Colassanti”

Angela Simone Ronqui Oliva (FATEC)

“Josefa de Santa Maria: a visão feminina das descobertas ultramarinas no conto de Orlanda Amarílis”

Fabiana Miraz de Freitas Grecco (FCL/Assis-UNESP)

“As narrativas publicadas por Jean Ingelow na Youth’s Magazine”

Guilherme Magri da Rocha (FCL/Assis-UNESP)

“O espaço doméstico como espaço de resistência em narrativas de Vera Moll, Lygia Fagundes Telles e Maria Amélia Mello”

Enedir da Silva dos Santos (UFMS)

19 DE OUTUBRO

SESSÃO 3 – 14h00 – 15h30

Sala: 11 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Fernanda Aparecida Ribeiro (UNIFAL-MG)

“Corpo, erotismo e subjetividade feminina na poesia de Cristina Peri Rossi”

Maria de Fátima Alves Oliveira Marcari (FCL/Assis-UNESP)

“Corpo, voz e resistência: a desconstrução da representação feminina na obra poética de Elizandra Souza”

Pilar Lago e Lousa (UFG)

“*Apariciones* (1996), de Margo Glantz: a escritura do gozo e o gozo da escritura”

Luan Cardoso Ramos (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“A (des)construção das identidades em *As pedras não morrem*”

Juliana Garcia de Mendonça Hanke (UEM)

SESSÃO 4 – 16h00 – 17h30

Sala 11 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Fernanda Aparecida Ribeiro (UNIFAL-MG)

“A trajetória de uma escritora do interior do Brasil: a obra de Dinorath do Valle”

Vera Lúcia Guimarães Rezende (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“O direito à narrativa: a memória das mulheres do ensino de jovens e adultos”

Iva Carla Aveline Teixeira dos Santos (UFGD)

“A reprodução da cosmovisão patriarcal nos cordéis de Maria das Neves Batista Pimentel”

Letícia Fernanda da Silva Oliveira (FCL/Assis-UNESP)

“O discurso de resistência na produção literária de autoria feminina: análise da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus”

Rafaela Machado Longo (FCL/Assis-UNESP)

SIMPÓSIO 12

PÓS-COLONIALISMO, FEMINISMOS E TEORIAS AFINS: INTERSECÇÕES

Coordenadores: Cleide Antonia Rapucci (FCL/Assis-UNESP)
rapucci@assis.unesp.br
Márcio Matiassi Cantarin (UTFPR/Curitiba)
cantarin@gmail.com

O Simpósio ora proposto parte da premissa de que os *processos de descolonização*, em sentido *lato*, não são “apenas a luta pela independência política [de uma nação] mas, de modo especial, o dismantelamento de todas as formas coloniais de poder e de controle” (BONNICI, 2005, p. 22), formas que seguramente se prolongam, mesmo num país independente, por meio do poder e controle sobre a mulher e sobre o meio natural. Para Spivak, a questão da mulher é a mais problemática no contexto dos subalternos: “se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (2010, p. 85). A partir dos anos 1980, de modo perspicaz, os movimentos feministas perceberam, ainda, “que as mulheres e a natureza podiam ser libertadas conjuntamente” (ALVES, 2000, p. 101). Sustenta-se, pois, a ideia que feminismo e pós-colonialismo devem se retroalimentar, cada qual explorando conceitos deixados nas sombras pelo outro, atentando, outrossim, aos pressupostos da ecosofia e da ecologia profunda. Deste modo, o simpósio aceitará trabalhos que enxerguem o objeto literário pela lente dos Estudos Culturais, nomeadamente os que privilegiarem reflexões que promovam a intersecção entre as vertentes citadas.

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala: 12 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Cleide Antonia Rapucci (FCL/Assis-UNESP)

“Mulheres brutais: Gillian Flynn entre manipuladoras e manipuladas”

Célia Cristina De Azevedo Ask (SEE - SP)

“Entre fronteiras: o Feminino em *Good Country People*, de Flannery O'connor”

Débora Balliello Barcala (FCL/Assis-UNESP)

“A estratégia da sobrevivência em *Alias Grace*, de Margaret Atwood: um estudo sobre a dissimulação”

Fabiane Rocha Rodrigues Ferreira (FCL/Assis-UNESP)

SESSÃO 2– 16h00 – 17h30

Sala: 12 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Cleide Antonia Rapucci (FCL/Assis-UNESP)

“Os espetáculos e os silêncios nas obras *Noites no Circo* (1984), de Angela Carter, e *A Cidade Sitiada*, De Clarice Lispector (1949)”

Kátia Isidoro De Oliveira (FCL/Assis-UNESP)

“O trabalho de uma mulher nunca termina’: intersecções do Velho e do Novo Mundo em *John Ford’s ‘Tis Pity She’s a Whore* de Angela Carter”

Cleide Antonia Rapucci(FCL/Assis-UNESP)

19 DE OUTUBRO

SESSÃO 3– 14h00 – 16h00

Sala 12 – Prédio: Nova Central de Salas de Aula

Coordenação: Márcio Matiassi Cantarin (UTFPR/Curitiba)

“(Auto)biografias como possibilidade descolonial: quadrinhos de mulheres e/ou sobre mulheres”

Isa Ferreira Lima (UESC – Ilhéus)

“*Le Mandat De Ousmane Sembène*: uma representação das ambiguidades do movimento da negritude dos anos pós-independência”

Providence Bampoky (IBILCE/SJ Rio Preto-UNESP)

“Pelo direito de chorar: os estereótipos e os contrapontos das masculinidades na obra do escritor João Antonio”

Mateus Fernando De Oliveira (UEL)

“Intuição ecosófica em Maria Archer: especulações sobre Brasil, fronteira da África”

Márcio Matiassi Cantarin - (UTFPR/Curitiba)

SIMPÓSIO 13

PROJEÇÕES DO INSÓLITO NOS MITOS LITERÁRIOS

Coordenadores: Maira Angélica Pandolfi (FCL/Assis-UNESP)
mairapan@gmail.com;
Marisa Martins Gama Khalil (UFU)
mmgama@gmail.com

Não raras vezes os eventos do passado são revelados de forma desfigurada pelo olhar do presente, ora poético ora jocoso, como um mosaico de verdadeiras e falsas maravilhas. Como considerar, por exemplo, que por trás do mito quixotesco e seu ideário em prol da defesa dos fracos e oprimidos, possa existir, em várias páginas da escritura cervantina, um Dom Quixote claramente alheio aos ideais de altruísmo e coragem exemplar que os leitores de hoje costumam lhe atribuir? Mais vezes do que se imagina Dom Quixote se afasta, na obra, dos ideais cavalheirescos altruístas e se mostra individualista e covarde diante do leitor. Também não são raras as versões do século XX e XXI que transformam o incorrigível e demoníaco sedutor Don Juan em uma figura piegas, vítima de sucessivos fracassos amorosos, seja porque está velho e cansado seja porque decide já não ser mais um “espírito de porco” que desarranja matrimônios, mas uma espécie de “santo Antônio casamenteiro”, como na versão do espanhol Miguel de Unamuno. O que dizer então dos contos de fadas às avessas que hoje dominam as prateleiras das livrarias com estampas da artista Frida Kahlo, seduzindo as jovens e emancipadas leitoras contemporâneas, mulheres que se identificam com a força transformadora e dominadora das donzelas guerreiras e não mais com a choradeira das mocinhas que antes estavam sempre à sombra de um personagem masculino qualquer? Há que se considerar, contudo, que a força feminina se agiganta em suas dimensões literárias pós-modernas, mas não é fruto exclusivo das releituras invertidas de nossa época. Mitos como o de “la serrana, a devoradora de homens” são tão ou mais antigos como o de Don Juan, pois desde o século XIV Arcipreste de Hita, em sua obra *Libro de buen amor*, já fazia referência a “las serranas”. Nesse simpósio, pretende-se recolher e dar luz a essas releituras às avessas, a essas projeções do insólito em histórias míticas cultuadas pela tradição. Desse modo, estamos abertos tanto à recepção das releituras de mitos literários, antigos ou modernos, como também das lendas urbanas.

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala: 01 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Maira Angélica Pandolfi (FCL/Assis-UNESP)
Marisa Gama Kalil (UFU)

“O mito da mulher fatal no romance criminal de Clara Asunción García”

Rosilene Aparecida Martins dos Santos (FCL/Assis-UNESP)

“As interfaces das burladoras femininas donjuanescas”

Ana Carolina Mendes Camilo (FCL/Assis-UNESP)

“O Don Juan do sertão: um estudo comparatista o personagem Dioclécio do romance *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego e Don Juan da peça *El Burlador de Sevilla y el convidado de piedra*, de Tirso de Molina.”

Edvânio Caetano da Silva (FCL/Assis-UNESP)

“Os Tenórios do século XX e XXI e suas insólitas relações de gênero”

Maira Angélica Pandolfi (FCL/Assis-UNESP)

SESSÃO 2– 16h00 – 17h30

Sala: 05 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Maira Angélica Pandolfi (FCL/Assis-UNESP)

Marisa Gama Kalil (UFU)

“Estátuas móveis: a irrupção do insólito no mito romântico de Don Juan, de José Zorrilla”

Tahisa Mara da Silva (FCL/Assis-UNESP)

“Relações simbólicas entre gastronomia e literatura em *Don Juan de los manjares*, de Rafael Ángel Herra”

Amanda Mendes Rotoli (FCL/Assis-UNESP)

“O insólito e o mítico em *A maldição do olhar*(2008), de Jorge Miguel Marinho”

Daniela Aparecida Francisco (FCL/Assis-UNESP)

“O duplo em José Saramago e Mário Sá Carneiro: uma leitura comparativa”

Mariane Ferreira da Silva (UFGD)

19 DE OUTUBRO

SESSÃO 3– 14h00 – 15h30

Sala 01 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Maira Angélica Pandolfi (FCL/Assis-UNESP)

Marisa Gama Kalil (UFU)

“Uma releitura do mito da cidade perfeita apocalíptico e a projeção de seu duplo em *Nossa Casa*”

Alceu João Gregory (FCL/Assis-UNESP)

“Mitos e prodígios na literatura japonesa budista antigo-medieval”

Teresa Augusta Marques Porto (FCL/Assis-UNESP)

“A reconfiguração dos mitos amazônicos na obra *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum”

Amanda Andozia Gonçalves (FCL/Assis-UNESP)

“*Os anéis da serpente*: o serpentear de Rubens Figueiredo pelo território do fantástico”

Ana Carolina Penha Prado (UEL)

SESSÃO 4 – 16h00 – 17h30

Sala 01 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Maira Angélica Pandolfi (FCL/Assis-UNESP)

Marisa Gama Kalil (UFU)

“O cavaleiro do sonho: uma releitura do mito quixotesco”

Alessandra Silva Ribeiro (FCL/Assis-UNESP)

“Entre o grotesco e o sublime: a inversão do mito cavalheiresco em Dom Quixote”

Maria Léa Fragate(UEL)

“O mito do cavaleiro andante: do guerreiro histórico ao paladino Orlando, de Ludovico Ariosto”

Sara Gabriela Simião(FCL/Assis-UNESP)

“Reminiscências quixotescas nas *Crônicas de Nárnia*”

AlianaGeorgia Carvalho Cerqueira (FCL/Assis-UNESP)

20 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala: 01 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Maira Angélica Pandolfi (FCL/Assis-UNESP)

Marisa Gama Kalil (UFU)

“Bucéfalo, cavalo de batalha de Alexandre da Macedônia, e sua metamorfose em *O novo advogado*, de Kafka”

Adelaide Caramuru Cezar (UEL) e Flávio Luis Freire Rodrigues (UEL)

“A figura do demônio em *The Screwtape Letters*, de C. S. Lewis.”

Pâmela Rodrigues Scutari(FCL/Assis-UNESP)

“Entre Christian Rex Van Minnen e Monteiro Lobato: considerações sobre a estética grotesca na pintura e na literatura”

Vanessa Zucchi(PUCRGS)

“O insólito na obra de Jorge Amado: um estudo da obra *Dona Flor e seus dois maridos*”

Jéfferson Luiz Balbino Lourenço da Silva (FCL/Assis-UNESP)

SESSÃO 2 – 16h00 – 17h30

Sala: 05 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Maira Angélica Pandolfi (FCL/Assis-UNESP)

Marisa Gama Kalil (UFU)

“O entrelugar do lobisomen em sangue de lobo”

Jamille da Silva Santos (UFU)

“Projeções insólitas do mito do Golem: uma ponte com os autômatos Hoffmannianos”

Lucas Henrique da Silva (UEL)

“Considerações sobre a construção mítico-vampírica da personagem Zé do Caixão”

Tiago de Souza Barros (FCL/Assis-UNESP)

“A dimensão do morcego em Batman: uma análise de sua representação em *Asilo Arkham*”

Valter do Carmo Moreira (UEL)

SIMPÓSIO 14

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA E A MULTI E INTER LINGUAGENS: UMA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL

Coordenadores: Wagner Santos Araújo (IFSP - Campus Matão/UNESP-Assis)
wagsants@yahoo.com.br
Linda Catarina Gualda (FATEC-Itapetininga)
lindacatarina@hotmail.com

A proposta desse Simpósio é tratar as representações do discurso feminino, tendo como tema: A representação da mulher na literatura comparada mediada pela cultura e suas multi e inter linguagens. Pretende-se, por meio do debate acerca das representações de personagens femininas, mediadas pelo processo de adaptação, releitura e diálogos acerca da composição das heroínas mulheres, compreender o status da feminilidade e do discurso de protesto instaurado contra as diferentes manifestações patriarcais no imaginário literário e nas produções, sejam elas cinematográficas, jogos digitais, quadrinhos, programas televisivos, etc. Pretende-se discutir o impacto literário da representação do “ser mulher”, na contemporaneidade, inserida nas variáveis linguagens a fim de promover a reflexão acerca do poder transformador da literatura, bem como as contribuições de seu legado que permitiram compreender os impactos culturais no comportamento, na luta pelos direitos e na participação da mulher na condição de autora e/ou leitora de obras que tratam o papel da mulher nas diferentes esferas sociais.

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala 03 – Prédio: Central de Sala de Aulas

Coordenação: Wagner Santos Araujo(IFSP - Campus Matão); Linda Catarina Gualda(FATEC)

“A transposição e ressignificações do discurso de protesto em Clarice Lispector para o discurso de ação: uma abordagem transmidiática”

Wagner Santos Araujo(IFSP - Campus Matão)

“Representações contemporâneas do feminino em *As Horas*, de Michael Cunningham”

Laís Rodrigues Alves Martins (FCL/Assis-UNESP)

“O teatro de um tempo mau: a configuração da subalternidade e do gênero feminino na cena contemporânea brasileira”

Wagner Corsino Enedino (UFMS)

SESSÃO 2 – 16h00 – 17h30

Sala 03 – Prédio: Central de Sala de Aulas

Coordenação: Wagner Santos Araujo (IFSP - Campus Matão); Linda Catarina Gualda (FATEC)

“Entre Medeia e Joana: a representação da figura feminina no texto dramático através dos séculos”

Cláudia de Godoy Braz (UEM)

“Pretensos discursos de liberdade: representações de mulheres ativistas no contexto da segunda guerra mundial”

Renan Reis Fonseca (USP)

“O arquétipo da rainha em Lady Macbeth: a sexualidade, a destrutividade, e a pulsão de morte”

Linda Catarina Gualda (FATEC)

SIMPÓSIO 15

RESSIGNIFICAÇÕES DO PASSADO PELA FICÇÃO: RELEITURAS DA HISTÓRIA PELA LITERATURA

Coordenadores: Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE-Cascavel)
chicofleck@yahoo.com.br
Weslei Roberto Cândido (UEM)
weslei79@gmail.com

As nações que foram colonizadas na América, seja por portugueses, ingleses, espanhóis ou franceses, tiveram seu passado registrado sob a ótica do poder, da dominação e da subjugação. Nessa versão oficial do passado imperam os ideais colonizadores e dominadores que excluem as perspectivas daqueles que ficaram à margem do exercício do poder. As muitas dificuldades nos processos de comunicação entre dominadores e dominados, resultantes dessas determinações, assim como os inumeráveis problemas que se deram entre tais contatos, resolveram-se, na maioria dos casos, pela tradução/interpretação: especialidades linguísticas que requerem grande conhecimento de línguas e que sempre foram usadas a favor do conquistador. Ao anular-se uma cultura existente – baseada na oralidade – e impor-se outra – que se valia da escrita para exercer o poder –, alheia ao universo existencial da população local –, a América perdeu grande parte de sua identidade. O sistema educacional instituído na maioria das novas nações, nunca conseguiu, de fato, escolarizar criticamente a grande massa da população. O domínio da leitura e a escrita sempre foram, dentro deste contexto, os grandes empecilhos à formação crítica dos latino-americanos. Rer ler esse passado na contemporaneidade, pelas múltiplas possibilidades da escrita ficcional, constitui-se, a nosso ver, em vias singulares para a ainda necessária descolonização intelectual dos povos latino-americanos. Objetivamos, pois, com as reflexões propostas nesse simpósio, passar pelas instâncias teóricas do processo de leitura, escrita e traduções, assim como pela recepção das escritas híbridas de história e ficção que buscam rer ler esse passado, revelando o caminho que vai da importância dessas escritas até as suas funções como vias de descolonização na atualidade. Entre as mais significativas expressões nesse âmbito temos as distintas modalidades de romance histórico: clássico scottiano (LUKÁCS, 1970), tradicional (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1995; FERNÁNDEZ PRIETO, 2003), novo romance histórico latino-americano (AÍNSA, 1988, 1991; MENTON, 1993), Metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991) e romance histórico contemporâneo de mediação (ALBUQUERQUE; FLECK, 2015), além de toda uma vasta gama de escritas memorialistas em distintos gêneros.

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1– 14h00 – 15h30

Sala: 04 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Gilmei Francisco Fleck(UNIOESTE - Cascavel)
Weslei Roberto Cândido (UEM)

“Cunhataí: romance, história e cultura mediados pela Guerra do Paraguai”

Adenilson de Barros de Albuquerque (IFPR)

“Don José, a desconstrução da Figura Histórica Do Libertador Argentino”

Weslei Roberto Cândido (UEM) -

“*Crônicas Trovadas*, de Cecília Meirelles: diálogos e confrontos com as narrativas coloniais”

Alina Tais Dário (UFU)

“A visão histórica cultural do índio: O indigenismo e o neo-indigenismo em uma perspectiva comparada”

Hugo Eliecer Dorado Mendez (UNIOESTE)

SESSÃO 2– 16h00 – 17h30

Sala: 04 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE- Cascavel)

Weslei Roberto Cândido (UEM)

“Leituras ficcionais do passado: entre a tradição e o desconstrutivismo – o romance histórico contemporâneo de mediação”

Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE- Cascavel)

“Representações do navio negreiro nas peças: *Arena Conta Zumbi e Ana, Zé E Os Escravos*”

Ana Maria Lange Gomes (FCL/Assis-UNESP)

“Da matriz grega clássica aos orixás: o romance histórico contemporâneo e a paródia das divindades em *Viva O Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro”

Arnaldo Nogari Júnior (UEL)

19 DE OUTUBRO

SESSÃO 3– 14h00 – 15h30-

Sala: 04 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Gilmei Francisco Fleck(UNIOESTE- Cascavel)

Weslei Roberto Cândido (UEM)

“Os seringais amazonenses sob a ótica do escritor luso-brasileiro Ferreira De Castro”

Josué Ferreira De Oliveira Júnior (UNIOESTE - Cascavel)

“Lope De Aguirre: um perfil demonizado construído a partir das crônicas de 1559-1561”

Alceni Elias Langner (UNIOESTE - Cascavel)

“Idea Vilarinho: cantos ao povo e à consciência latino-americana”

Cristian Javier Lopez (UNIOESTE - Cascavel)

“As imagens do “Eu” e do “Outro” em *O Papagaio E O Doutor*, De Betty Milan”

Adriana Marcon (FCL/Assis-UNESP)

SESSÃO 2– 16h00 – 17h30

Sala: 04 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE- Cascavel)

Weslei Roberto Cândido (UEM)

“Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro, de Márcio Souza: diálogos entre a Literatura e a História”

Maria Cláudia de Mesquita (FCL/Assis-UNESP)

“Memória coletiva e apagamentos da memória no documentário *Ninguém Sabe O Duro Que Dei*”

Ana Cláudia Paschoal (UEM)

“Do romance clássico scottiano ao germe do romance histórico latino-americano: *Xicoténcatl* (1826)”

Leila Shaí Del Pozo González (UNIOESTE - Cascavel)

20 DE OUTUBRO

SESSÃO 5 – 14h00 – 15h30

Sala: 04 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE- Cascavel)

Weslei Roberto Cândido (UEM)

“Memória e Literatura: A 1ª Guerra Mundial no romance *Passeio Ao Farol* , de Virginia Woolf”

Giancarlo Moreira Rodrigues (UENP)

“Anita Garibaldi sob as luzes da ficção: a redescoberta de uma imagem histórica feminina”

Marina Luísa Rohde (UNIOESTE)

“Entre heróis e bandidos: A Legião Negra”

Wagner De Souza (UNIOESTE)

“O olhar feminino na colonização da Nova França, por Jeanne Chatel em *The King's Daughter* (2011)”

Beatrice Uber (UNIOESTE)

“Aspectos da origem indiana em *A Viagem do Elefante*, de José Saramago”

Cíntia de Vito Zollner (FCL/Assis-UNESP)

SIMPÓSIO 16
PRODUÇÃO LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA: INFÂNCIA, JUVENTUDE E LIVROS

Coordenadores: Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (FCL/Assis-UNESP)
eliane@assis.unesp.br
Thiago Alves Valente (UENP – Cornélio Procopio)
kantav2005@gmail.com

A literatura infantil e juvenil conta com significativa presença no campo editorial, proveniente não só de suas expressivas cifras, mas também da qualidade de obras que, nos últimos anos, têm demonstrado a força dos mais diversos gêneros literários no contexto da recepção de crianças e jovens. Este simpósio tem por objetivo proporcionar aos seus participantes um espaço de reflexão crítica sobre a produção infantil e juvenil mais recente, seja por meio da análise de obras literárias, seja por meio de problematizações teóricas sobre a produção pós anos 2000. O recorte temporal justifica-se como aspecto metodológico, tendo em vista mobilizar os pesquisadores do campo dos Estudos Literários, bem como aqueles dedicados a outras áreas do saber – Sociologia, Psicologia, Educação, entre outros – a discutirem a contemporaneidade, trazendo à tona questionamentos sobre o texto literário (verbal e imagético) enquanto objeto cultural, estético, político, ideológico, em suma, como produto passível de focalizações convergentes e divergentes, as quais, no conjunto, propiciam melhor compreensão do *corpus* em análise, bem como de algum aspecto do sistema literário brasileiro. Também, tornam-se pertinentes estudos comparativos entre obras literárias infantis e juvenis temporalmente distintos; propostas de análise de obras literárias historicamente pouco divulgadas no campo literário; abordagens críticas com foco na materialidade, nas imagens e/ou nos paratextos de publicações; estudos panorâmicos ou monográficos da produção de autores brasileiros e estrangeiros para crianças e jovens; revisão bibliográfica ou busca do “estado da arte” dos estudos críticos mais recentes direcionados ao *corpus* em questão; discussões teóricas ou reflexões críticas articulando autores, obras e público no contexto brasileiro. Temas decorrentes deste foco são o mercado de bens simbólicos, o fazer da crítica literária contemporânea, os axiomas correntes, a própria metodologia como objeto de debate frente às novas demandas das obras mais recentes. Por fim, espera-se que as discussões deem fôlego a perspectivas de estudos pautados pela percepção do objeto literário como produto cultural que assim se constitui pelos diferentes aspectos sociais, educacionais, econômicos, históricos que compõem práticas de leitura não só dos leitores crianças e jovens, mas também da crítica literária que, a seu tempo, tem o desafio de tentar um distanciamento cauteloso para que possa tentar apreender da melhor forma possível a “literatura” de hoje.

18 DE OUTUBRO

SESSÃO 1 – 14h00 – 15h30

Sala: 05 – Prédio : Central de Salas de Aula

Coordenação: Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (FCL/Assis-UNESP)

Thiago Alves Valente (UENP – Cornélio Procópio)

“A Literatura Infantil e Juvenil de Moçambique: um olhar sobre a coletânea *Histórias do Rovuma ao Maputo*”

Pedro Manuel Napido (Universidade Pedagógica de Moçambique na Delegação de Quelimane – UEM)

“O lugar da Literatura Africana e Afro-Brasileira nos acervos do PNBE”

Carla Francine da Silva Reis (IFPR – Palmas)

“Literatura juvenil de temática africana no PNBE: análise da obra *A Tatuagem - Reconto do Povo Luo*, de Rogério Andrade Barbosa”

Uiara Cristina de Andrade Ruiz (FCL/Assis-UNESP)

“A Contação de Histórias Afro-Brasileiras e Africanas na Construção do Pequeno Leitor”

Tahisa Mara da Silva (FCL/Assis-UNESP)

SESSÃO 2 – 16h00 – 17h30

Sala: 05 – Prédio: Central de Salas de Aula

Coordenação: Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (FCL/Assis-UNESP)

Thiago Alves Valente (UENP – Cornélio Procópio)

“Literatura e formação do pequeno leitor: dialogia entre o mundo no *Black Power* de *Tayó*, de Kiusam de Oliveira, e *Rapunzel*, de Neil Philip”

Vitória Maria Manarin de Oliveira (FCL/Assis-UNESP)

“Literatura e Psicologia: *O Abraço*, de Lygia Bojunga, e *A Mulher que Matou os Peixes*, de Clarice Lispector”

Cíntia Roberto Marson (UENP – Cornélio Procópio)

“Contos de ontem ou de hoje: a trajetória dos irmãos Grimm no Brasil e suas múltiplas leituras”

Lucila Bassan Zorzato (UFGD)

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

BUCÉFALO, CAVALO DE BATALHA DE ALEXANDRE DA MACEDÔNIA, E SUA METAMORFOSE EM
“O NOVO ADVOGADO”, DE KAFKA

Adelaide Caramuru CEZAR
Universidade Estadual de Londrina

Flávio Luis Freire Rodrigues
Universidade Estadual de Londrina

Walter Benjamin (1892-1940) nos três últimos parágrafos de seu ensaio “Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte” (1937) coloca lado a lado Bucéfalo, cavalo de batalha de Alexandre da Macedônia, e Sancho Pança. A respeito do primeiro, apresenta leitura de Werner Kraft: “Nunca antes na literatura foi o mito em toda a sua extensão criticado de modo tão violento e devastador”. O referido conto é o primeiro dos catorze contos presentes em *Um médico rural*, coletânea organizada e publicada por Franz Kafka (1883-1924) em 1919. Objetiva-se, através de leitura minuciosa da referida narrativa, compreender a afirmação de Werner Kraft apontada por Benjamin. Sabe-se que, na História, registrada por Plutarco e por Virgílio, Bucéfalo morreu antes de Alexandre na batalha fatal ocorrida na Índia, citada no conto. Por que Kafka em sua releitura do mito fez com que ele sobrevivesse a seu amo? Por que a figura mítica é Bucéfalo e não Alexandre? Por que o subtraiu da ação épica ocorrida no século IV a.C. para situá-lo no século XX como mero estudioso dos códigos das leis, não se propondo a nenhuma ação efetiva? Para dar conta do objetivo proposto, nos ateremos ao enfoque exaustivo da estrutura textual, procurando, através dela, alcançar a ideologia que lhe é subjacente.

CUNHATAÍ: ROMANCE, HISTÓRIA E CULTURA MEDIADOS PELA GUERRA DO PARAGUAI

Adenilson de Barros de ALBUQUERQUE
Instituto Federal do Paraná
Orientador: Dr. Gilmei Francisco FLECK

Cunhataí (2003) é um romance histórico de Maria Filomena Bouissou Lepecki. Ele tem como base o evento da Guerra do Paraguai (1864-1870) conhecido como “A Retirada da Laguna”, descrita em livro homônimo, de maneira grandiloquente, pelo escritor Visconde de Taunay, um dos engenheiros que participaram dessa expedição militar. “A Retirada da Laguna” tornou-se um assunto recorrente em algumas narrativas ficcionais, devido, também, ao seu caráter desastrado e irônico. Verificamos em *Cunhataí* uma postura de diálogo entre o discurso histórico e o ficcional, sem a condescendência repetidora dos delineamentos oficiais. Isso se dá ao contrário das negações e críticas radicais em relação às diretrizes históricas, semelhante às empreendidas pelos novos romances históricos latino-americanos (AÍNSA, 1991). Assim,

levantamos e constatamos a hipótese de que Lepecki soube dosar em boa medida os elementos necessários para se compor um romance histórico contemporâneo de mediação (FELCK, 2011). É uma contribuição provocadora para o entendimento da história desse continente marcado por conflitos e diferenças que o tornam, por paradoxal que possa no parecer, coeso. Sua proposta narrativa, portanto, é um exemplo evidente de que eventos passados carecem de revisitação constante num movimento de combate às ignorâncias motivadoras de conflitos, muitas vezes sem as marcas da belicosidade. Uma das armas mais eficientes, para tanto, se materializa nas construções possíveis da palavra ficcional.

UM OLHAR INTERTEXTUAL SOBRE A FORMA SIMPLES: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE TRÊS VERSÕES DO CONTO MARAVILHOSO “A BELA ADORMECIDA”

Adriana Aparecida de Jesus REIS
Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP

Gisele de Oliveira BOSQUESI
Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP

O presente trabalho fará um passeio pelo universo do gênero Maravilhoso ao cotejar três versões da narrativa popularmente conhecida como “A Bela Adormecida”: do italiano Giambattista Basile, do francês Charles Perrault e dos alemães Jacob e Wilhelm Grimm. Em nosso estudo, observamos que, apesar de ocorrerem, entre estas três reescrituras da narrativa, variações nos detalhes, como modificações e acréscimos, o que nos mostra que o conto foi contado e recontado, sofrendo incorporações, no nível temático, de acordo com as especificidades do contexto de produção, pode-se dizer que os contos enquadram-se no que André Jolles (1976) denomina “formas simples”, isto é, mantêm o mesmo núcleo narrativo, facilmente reconhecível ao ser recontado inúmeras vezes. Fundamentando-nos em Samoyault (2008), também podemos dizer que as diferentes versões de “A Bela Adormecida” propõem meios para se pensar a intertextualidade como a memória que a Literatura tem de si mesma, constituindo assim uma biblioteca. Por meio deste olhar intertextual, objetivamos, então, elencar algumas convergências e divergências entre as três versões do conto maravilhoso, tecendo algumas reflexões críticas que surgem a partir da comparação.

A INICIAÇÃO DA VIDA SEXUAL, REPRESENTADA EM DOIS CONTOS: “CLARA DOS ANJOS”, DE LIMA BARRETO E “PRECIOSIDADE”, DE CLARICE LISPECTOR

Adriana Carrion de OLIVEIRA
Secretaria Estadual de Educação - SP

Este artigo insere-se na área de Literatura Comparada e tem por objetivo fazer um estudo comparativo dos contos “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto e “Preciosidade”, Clarice Lispector.

Ambos tematizam a iniciação da vida sexual em contextos diversos. Dessa forma, foi realizada uma análise comparativa entre eles, analisando os elementos da narração. Para realizar este estudo, pautamo-nos nos autores Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin, Virginia Woolf e Elaine Showalter.

LITERATURA DE TESTEMUNHO EM QUADRINHOS: REFLEXÕES SOBRE A NARRATIVA DEMAUS, DE ART SPIEGELMAN

Adriana DUSILEK
FCL/Assis- UNESP

O objetivo desta comunicação é refletir sobre a obra em quadrinhos, ou romance gráfico, do escritor sueco Art Spiegelman (1948-) intitulada *Maus: a história de um sobrevivente*. Os capítulos desse livro, que formam dois volumes, foram publicados na revista de comics *Raw*, entre 1980 e 1991. Agraciada, em 1992, com um “Prêmio Especial Pulitzer”, já que a banca de premiação estava indecisa quanto à categoria de *Maus* – se ficção ou biografia –, a obra trata da experiência do Holocausto vivenciada pelo pai do autor, Vladek. Muito mais do que uma simples autoficção em quadrinhos, ou uma *alterficção*, já que se trata essencialmente da experiência do pai do autor, *Maus* consegue ao mesmo tempo ser uma obra delicada e direta, séria e cômica em algumas partes – especificamente quando o filho retrata o pai como um judeu avarento –, sem contar a parte gráfica, com seus traços grossos em preto e branco, revelando o clima perturbador e brutal da experiência sofrida por Vladek e que ressoou no filho Art. “Maus” em alemão significa “rato”, e era assim que os nazistas chamavam os judeus. Por isso nos quadrinhos os personagens, ironicamente, são retratados como animais: os judeus são ratos; os alemães, gatos; os poloneses, porcos; os franceses, sapos; os americanos são cachorros; os ingleses, peixes; os suecos são renas e os ciganos, traças. Na reflexão aqui proposta não ficarão de lado as observações de Adorno e de Walter Benjamin sobre o lugar da cultura após Auschwitz, e a eterna questão do ser-estar no mundo e de sua representação narrativa.

AS IMAGENS DO “EU” E DO “OUTRO” EM O PAPAGAIO E O DOUTOR, DE BETTY MILAN

Adriana MARCON
FCL/Assis- UNESP
Orientadora: Dra. Sandra A. FERREIRA
FCL/Assis- UNESP

Este trabalho apresenta uma análise do romance *O papagaio e o doutor* (1991), de Betty Milan, escritora e psicanalista brasileira, pela perspectiva da imagologia literária. O objeto deste estudo são as imagens de países criadas e veiculadas pela literatura. Antes de tornar-se escritora, Milan se especializou em psicanálise na França com o renomado psicanalista Jacques

Lacan. Tal vivência inspirou a escrita da obra mencionada, que narra a saga da imigração libanesa no Brasil e o encontro da protagonista com um doutor, provavelmente, inspirado em Lacan. A obra mencionada possui aspectos que dão suporte à análise imagológica, uma vez que a matéria narrada propaga representações de culturas distintas: francesa, açuana e muçulmana. Apesar da variedade temática e da sua complexidade, o foco narrativo está na busca da identidade de Seriema, personagem principal. Ela começa a sua busca pelo outro lado do mundo (França), pelo mundo do outro que, para uma originária de Açú (país imaginário da América), significa a Paris intelectual e dominadora. Em meio a uma França mítica e majestosa, aos doutores da Sorbonne, ao ilustre analista e ao reencontro com seus antepassados, Seriema irá se perder para encontrar a si e aos seus. A partir deste contexto constroem-se os inúmeros imagotipos observados, os quais têm por objetivo levar o leitor a refletir sobre o drama da imigração, aculturação, perda de identidade implicada em cada partida, bem como sobre a riqueza da nova mestiçagem.

RUMOS DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Adriana Silene VIEIRA
UNIESP

Diante das pesquisas iniciadas por Marisa Lajolo e Regina Zilberman, historiando um século da Literatura Infantil brasileira (1880-1980), o professor e pesquisador de hoje se vê diante de mais 40 anos por investigar a respeito dessa literatura, e nosso trabalho questiona sobre essa nova literatura, tendo por base os novos títulos nacionais distribuídos pelo PNBE e os critérios de seleção desses títulos. Além disso, queremos discutir sobre o letramento literário da criança de hoje, diante dos multiletramentos, surgidos com a era digital.

O OLHAR DA FICÇÃO SOBRE A HISTÓRIA EM A VIAGEM DO ELEFANTE

Adrieli Aparecida Svinar OLIVEIRA
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD
Orientador: Dr. Gregório Foganholi DANTAS
CAPES UFGD

A ficção de José Saramago é composta, grosso modo, por três fases distintas mas interligadas: o período formativo, a fase dos romances históricos e a fase das narrativas alegóricas. *A viagem do elefante* (2008), penúltimo romance publicado em vida pelo autor, ainda que se enquadre na fase dita alegórica, dialoga ostensivamente com o período de formação do escritor, no qual se definiu uma orientação ideológica representada, sobretudo, na jornada do herói em processo de tomada de consciência social, e com o período dos romances históricos, em que a prática do discurso metaficcional se consolidou. Neste sentido, o presente trabalho pretende estabelecer uma relação entre a prática da metaficção e o caráter moralizante de suas narrativas. Além disso, a prática metaficcional, em *A viagem do elefante*, aproxima-se do

conceito de “metaficção historiográfica”, cunhado por Linda Hutcheon, ou de romance histórico pós-modernista, mais usual na crítica portuguesa. Grosso modo, trata-se de uma narrativa que consiste na subversão da narrativa histórica tradicional: se antes o romance histórico era relativamente respeitoso com a história dita oficial, privilegiava os fatos históricos vistos sob o viés de seus “grandes vultos” e criava um personagem tipo que caracterizasse o tempo histórico, agora, na pós-modernidade, o romance propõe a paródia da história oficial, de modo a promover um questionamento sobre a própria construção da história, da memória e da ficção. Para tanto, o marginal, ou “ex-cêntrico”, torna-se personagem privilegiado, e a metaficção prática recorrente no questionamento e na exposição dos mecanismos que constroem a ficção e a história.

LOPE DE AGUIRRE: UM PERFIL DEMONIZADO CONSTRUÍDO A PARTIR DAS CRÔNICAS DE 1559-1561

Alceni Elias LANGNER

UNIOESTE - Cascavel

Orientador: Dr. Gilmei Francisco FLECK

CAPES

Ao trazermos para análise a obra *Lope de Aguirre: Crônicas*, de Elena Mampel Gonzáles e Neus Escandell Tur (1981), propomos uma verificação angular do perfil da desconcertante figura deste conquistador europeu que dá nome à obra. Com enfoque principal em Aguirre, as seis crônicas coletadas traduzem um pouco do que a Coroa espanhola, na ocasião representada por Felipe II, permitiu que se escrevesse sobre os episódios ocorridos ao longo da expedição de Pedro de Ursúa, em 1560, a qual tinha como missão encontrar em incerta região as riquezas imortalizadas no mítico *El Dorado*. Ao estabelecer um elo vital com a região do Peru, Aguirre, em uma carta à Coroa, desnaturaliza-se de seus domínios, fato que incide numa pré-declaração de independência do território americano e, conseqüentemente, na revolta de *El Rei*. Com base nisso, essa investigação bibliográfica busca as referências em torno de Aguirre nas crônicas escritas por Gonzalo de Zúñiga, Toribio de Ortiguera, Pedro de Monguia, Custodio Hernández, Francisco Vázquez/Pedrarias de Alместo e uma última de autoria anônima. Comparativamente com os dados destas crônicas, serão feitas inferências/remissões a romances históricos como *Daimón*, de Abel Posse (1978) e *Lope de Aguirre, Príncipe de la Libertad*, de Miguel Otero Silva (1979) nas quais esses escritos são substrato.

UMA RELEITURA DO MITO DA CIDADE PERFEITA APOCALÍPTICO E A PROJEÇÃO DO SEU DUPLO EM NOSSA CASA

Alceu João GREGORY

FCL/Assis- UNESP

Segundo Selma Calasans Rodrigues (1988), em *O Fantástico*, o termo “fantástico” tem sua origem do Latim phantasticu que por sua vez tem origem do Grego phantastikós, aquilo que é

criado pela imaginação; o que não existe na realidade; o imaginário; o fabuloso. Trata-se de um fenômeno de caráter artístico cujo universo é sempre ficcional por excelência, por mais que se queira aproximá-lo do real. Para Todorov (2010), o fantástico é um texto narrativo em que acontecimentos estranhos acontecem integrados à nossa realidade, sendo que estes acontecimentos não podem ser explicados. A fantasia de alguns autores em torno do mito da cidade perfeita é tema recorrente em obras filosóficas, literárias, religiosas desde os primórdios até nossos dias. Dentre estas obras, destacam-se a *República* de Platão, *A Cidade do Sol* de Tommaso Campanella, *Utopia* de Thomas Morus, *Nova Atlântida* de Francis Bacon, o *Apocalipse* narrado por João, sem falar de autores contemporâneos que projetam em seus textos e poemas espaços idealizados, como por exemplo *O direito de sonhar* de Eduardo Galeano. Em minha pesquisa, tomo a teoria do fantástico, do insólito, do duplo para fazer uma releitura das duas últimas páginas do Apocalipse, que contempla a cidade perfeita, a Nova Jerusalém descida do céu. *Nossa Casa* é uma obra, um fato, que se espelha no mito da cidade perfeita e toma como base textos de poetas e profetas que projetam uma realidade maravilhosa, uma cidade sem violência, sem ladrões, sem corrupção, sem desemprego, sem muros, sem exclusões, habitada por seres humanos justos, aproximando-se ao máximo do real. *Nossa Casa* está posta como a primeira célula e sua sobrevivência depende de sua duplicação. A teoria do duplo revela-se aqui fundamental para superar a ideia de morte.

O CINEMA NO LIVRO, O LIVRO NO CINEMA: UMA ANÁLISE CRÍTICA COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA A INVENÇÃO DE HUGO CABRET E SUA ADAPTAÇÃO FÍLMICA

Alcioni Galdino VIEIRA
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

Wellington Teixeira LISBOA
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

A adaptação literária para o cinema é aqui abordada a partir do conceito de intertextualidade. Nessa perspectiva, a adaptação apresenta-se como uma ampla rede de discursos entrelaçados, fenômeno que o presente artigo objetiva demonstrar. Inicialmente serão discutidas questões teóricas que irão embasar este estudo e, em seguida, será apresentada uma análise crítica comparativa da obra literária *A invenção de Hugo Cabret* (2007), do escritor e ilustrador Brian Selznick e do filme *Hugo* (2011), dirigido por Martin Scorsese. Trata-se de um livro de difícil classificação em termos de gênero: mesclam-se elementos de *graphic novel*, romance ilustrado, livro-álbum, história-ficção, cinema, entre outros, seguindo uma tendência contemporânea de hibridização das linguagens. A alternância entre imagem e texto verbal produz uma espécie de filme mudo no qual as imagens são intercaladas por cartões de título. Dispositivo particularmente adequado, pois a narrativa é inspirada na história do cineasta pioneiro e pai dos efeitos especiais, Georges Méliès, e no início da indústria do cinema mudo. O impacto global do texto cria para o leitor a sensação de fazer parte da era do cinema mudo, o leitor torna-se dinâmico, é convidado a participar do movimento das imagens, reelaborá-las a partir

de suas próprias emoções. Verifica-se que o filme *Hugo* funciona como um hipertexto, com links que impulsionam o leitor-espectador a atribuir sentido ao texto, de acordo com seu universo perceptivo.

O CAVALheiro DO SONHO: UMA RELEITURA DO MITO QUIXOTESCO

Alessandra Silva RIBEIRO

FCL/Assis- UNESP

Orientadora: Dra. Maira Angélica PANDOLFI

Os recontos brasileiros de D. Quixote de Cervantes apresentam quase sempre o mito do cavaleiro utópico. Nesse ano em que se completam quatrocentos anos da morte de Cervantes, é oportuna uma reflexão sobre sua obra mestra e que atinge um grande público, nem sempre através da versão espanhola e suas traduções, mas do imaginário romântico sobre o cavaleiro de La Mancha e seus recontos. Estamos falando das adaptações infantojuvenis, responsáveis por alcançar uma ampla gama de leitores. Na atualidade, a crítica literária olha mais atentamente para este público do que antes. Enfatizamos, por isso, a importância dos recontos quixotescos dando destaque a dois deles: “Dom Quixote das crianças” de Monteiro Lobato, com primeira edição em 1936 e “O cavaleiro do sonho: as aventuras e desventuras de Dom Quixote de la Mancha, publicado em 2005. Contudo, para essa comunicação, vamos enfocar apenas a obra de Ana Maria Machado *O cavaleiro do sonho*. Nessa obra, Ana Maria Machado apresenta traços de sua literatura ideológica, fruto de sua experiência pessoal com a repressão militar. Ela também destaca a importância da leitura e dos livros, pois importa-se com a promoção da leitura. O relato da escritora brasileira conta com catorze ilustrações de Candido Portinari, que agregam maior valor ao livro. Como suporte teórico contamos com estudos sobre o mito quixotesco, de pesquisadores como Maria Augusta da Costa Vieira, José Manuel Lucía Megías e Ricardo Navas Ruiz. Sobre a obra de Ana Maria Machado destacam-se os estudos de Marisa Lajolo; Regina Zilberman; Maria Tietzmann Silva, Benedito Antunes, dentre outros. Cabe destacar, ainda, o valioso trabalho de catalogação dos recontos brasileiros infantojuvenis realizado por Sílvia Cobelo, que serviu de inspiração e suporte para nossa pesquisa. Como resultados parciais, podemos observar muitos aspectos insólitos do cavaleiro romântico de Ana Maria Machado quando contrastado com a versão de Cervantes, de cunho mais burlesco.

REMINISCÊNCIAS QUIXOTESCAS N’AS CRÔNICAS DE NÁRNIA

Aliana Georgía Carvalho CERQUEIRA

FCL/Assis- UNESP

Orientadora: Dra. Ester Myriam Rojas OSORIO

Capes

O mito espanhol do cavaleiro andante, revigorado pela fantasia (criada por Cervantes), marca sua permanência em diferentes países. Na Inglaterra, berço do ciclo arturiano, é possível encontrar reminiscências desse mito em diversas obras literárias, dentre elas, as obras

ficcionais de C. S. Lewis. Assim, o presente trabalho investiga o romance infantojuvenil de Lewis *O cavalo e seu menino*, da série “As crônicas de Nárnia”, objetivando analisar como se configuram as ressonâncias do mito do Dom Quixote, em especial, a zoomorfização e o mito do duplo no romance de Lewis. A pesquisa, de caráter eminentemente bibliográfico, fundamenta-se nos estudos de Álvares Arocha (2009), Brunel (2005), Eliade (1972), MacGrath (2013), Maetzu (1939), Meleńinski (2002), Sousa (2002), Trouche e Reis, (2005) e Watt (1997). Presente na literatura de ontem e de hoje, o mito do cavaleiro andante continua vivo, evidenciando as contradições do ser humano, quando estas são vividas pelas personagens da ficção. Ao seguir um ideal e lutar pelo que acredita, o ser mostra a sua individualidade. Desse modo, compreende-se que a contemporaneidade não apagou o mito que havia sido construído desde a Idade Média nas novelas de cavalaria. Cervantes revigorou o gênero, culminando em um mito que segue aludido em diversas obras.

MODOS DE REPRESENTAÇÃO DE SUPERIORIDADE E ALTERIDADE: TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS
LUSO-BRASILEIRAS
NO PERIÓDICO O FUTURO (1862-1863)

Aline Cristina de OLIVEIRA
FCL/Assis- UNESP
Daniela Mantarro CALLIPO
FCL/Assis- UNESP

CAPES

Em meados do século XIX, quando o Brasil ainda escrevia as primeiras páginas de sua história literária, a relação autor-obra-leitor começava a ganhar, timidamente, os primeiros contornos. Apesar disso, os números dessa tríade eram insipientes num país cuja independência política não refletia, culturalmente, uma ruptura com os modos de vida colonial. Assim, a diminuta parcela de letrados, dentre os quais os intelectuais eram, a um só tempo, criadores e consumidores de uma arte que procurava se estabelecer como profissão, procurava instituir uma cultura de valorização das coisas pátrias e a dissolução do sentimento de inferioridade perpetuado ao longo dos séculos. Para tanto, a imprensa se colocou como uma promissora forma de inserção do escritor oitocentista, unindo o entretenimento das classes burguesas e a ascensão de uma literatura autóctone – haja vista o sentimento nacionalista que ganhava espaço depois de desfeitas as amarras coloniais – mas que se via, muitas vezes, subjugada pelo prestígio dos nomes e das estéticas do Velho Mundo. Na esteira das problemáticas envolvendo a incompreensão dos movimentos de transferência cultural, o periódico *O Futuro* (1862-1863), do português emigrado Faustino Xavier de Novais, propôs, em sua carta-programa, prestar-se como elo entre as literaturas de além e aquém mar. Ainda que a proposta de aproximação luso-brasileira fosse o cerne do texto programático d’ *O Futuro*, o que se observa é uma nítida tentativa de conservar ao menos o poderio cultural português em terras brasileiras. O cotejo dos colaboradores que escreveram nos vinte números do jornal fluminense, bem como a assiduidade das publicações mostra a disparidade do espaço concedido pelo periódico que, claramente, demonstra preferência pelos textos de autores portugueses. Essa comunicação pretende analisar, a partir dessa discrepância, bem como do discurso da carta-programa, o posicionamento d’*O Futuro* sobre os princípios superioridade e alteridade.

DE LETRAS E TELAS: APONTAMENTOS SOBRE AS TRADUÇÕES AUDIOVISUAIS DE “O TEMPO E O VENTO”

Aline Cristina MAZIERO
FCL/Assis- UNESP

Orientadora: Dra. Gabriela Kvacek BETELLA

O presente trabalho visa discutir, por meio de uma breve análise fílmica, as transposições audiovisuais do texto literário "O tempo e o vento", de Erico Verissimo (minisséries de 1985 e 2014) considerando-as como traduções. Essa perspectiva leva em consideração que um novo texto se constitui a partir de outro, preexistente, porém com contextos de produção e recepção diversos, para diferentes gênero, suporte, linguagem e formato. Para proceder à breve análise, partiremos da conceituação dos termos "adaptação" (HUTCHEON, 2011, STAM, 2008, XAVIER, 2003 e 2005) e "tradução" (BENJAMIN, 1984) até chegar ao conceito de tradução como transcrição (CAMPOS, 2015). A proposta de análise considera elementos da linguagem cinematográfica (MARTIN, 2005), como movimentos de câmera, enquadramentos e montagem, e da linguagem literária – foco narrativo e personagens - a fim de estabelecer consonâncias e diferenças nas narrativas das três produções aqui estudadas – o texto literário e os dois audiovisuais. As produções são vistas como textos que se relacionam, mas são diferentes entre si, sem qualquer vínculo hierárquico. Ao contrário, nossa proposição é de que, como realização de duas facetas diversas da cultura – a literatura e a televisão – os textos estudados se direcionam a diferentes públicos, com linguagens diferentes e por isso, a pretensão a uma suposta "fidelidade" dos textos televisivos ao texto literário não é considerada válida.

GRUPO DE TEATRO GALPÃO: TRAJETÓRIA, ESTÉTICA E INFLUÊNCIAS DO TEATRO LIVRE DE MUNIQUE

Aline Miriane GUERIOS
Universidade Estadual de Maringá

Na década de 1980, a Alemanha, mais especificamente o Instituto Goethe, possuía diversos projetos relacionados à arte, em parceria com diversos países. Para um destes workshops de Teatro, o Brasil, nos seus últimos anos do Regime Militar, foi contemplado a recepcionar. Sendo assim, este artigo tem como objetivo analisar a formação do Grupo de Teatro Galpão de Belo Horizonte - MG, em 1982, após oficina com os diretores George Froscher e Kurt Bildstein do Frei München Theatre - Teatro Livre de Munique, e investigar como é que este contato dos jovens atores (Eduardo Moreira, Wanda Fernandes, Teuda Bara e Antonio Edson) com os alemães teve influência na formação estética do Grupo mineiro.

MALANDRAS, PÍCARAS OU MATERNAIS: REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA FICÇÃO

Altamir BOTOSO
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

Nesta comunicação, propomo-nos a estudar, comparativamente, as mulheres do romance *Lazarillo de Tormese* e as do conto “Mon Gigolô”, de Marcos Rey. Observa-se, nessas duas narrativas, que as representações femininas apresentam um comportamento regido pela deusa grega Deméter, que se caracteriza pelo fato de defender, alimentar e proteger os homens. Como suporte teórico, utilizaremos as obras e os textos de Jean S. Bolen (1990), Daniel A. Estill (1996), José C. M. do Carmo (2003), Cleide A. Rapucci (2011), Maria Josele B. Coelho (2006), Mario Miguel Gozález (1994), dentre outros. Portanto, buscaremos enfatizar que as personagens femininas dos textos ficcionais mencionados assumem um comportamento maternal em relação aos homens com os quais entram em contato em seus respectivos contextos ficcionais, garantindo a sua subsistência e o seu bem estar.

A RECONFIGURAÇÃO DOS MITOS AMAZÔNICOS NA OBRA ÓRFÃOS DO EL DorADO, DE MILTON HATOUM

Amanda Andozia GONÇALVES
FCL/Assis- UNESP
Orientador: Dr. Márcio Roberto PEREIRA
CAPES

Na novela *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, as imagens dos mitos amazônicos surgem em meio a uma estruturação narrativa que remete ao relato oral e, dessa forma, configura uma obra ficcional em que a forma e o conteúdo tornam-se um binômio indissociável e harmônico. A intertextualidade também se expressa no nível formal quando os sentidos implícitos às narrativas míticas são referendados no relato confessional da infância do protagonista Arminto Cordovil, que conta sua história, reconstrói sua memória e, logo, elabora uma face de sua identidade. O diálogo entre os mitos e o cotidiano e entre a oralidade e a escritura revela que a busca pelo Eldorado – referido no título da obra – se reconfigura na busca humana pela legitimação de seus desejos e sonhos, que estão voltados à transcendência da realidade comum para alcançar o paraíso perdido. Em meio à multiplicidade étnica de Manaus, o tempo dos mitos e o tempo histórico se conjugam em sua essência formal e temática e, dessa forma, observamos o surgimento dessa Cidade Encantada de Milton Hatoum. Assim, o objetivo desse trabalho é analisar como o mito particularizado é ao mesmo tempo universal e, uma vez rearticulado no texto contemporâneo, torna-se tradutor de conflitos humanos modernos e atemporais.

RELAÇÕES SIMBÓLICAS ENTRE GASTRONOMIA E LITERATURA EM D. JUAN DE LOS MANJARES, DE RAFAEL ÁNGEL HERRA

Amanda Mendes ROTOLI

FCL/Assis- UNESP

Orientadora: Dra. Maira Angélica PANDOLFI

Pretende-se, neste trabalho, abordar as relações entre a literatura e a gastronomia como estratégias de sedução presentes no romance policial *D. Juan de los manjares* (2012), de Rafael Ángel Herra. Essa obra contemporânea apresenta diversos pratos da culinária hispânica e internacional com o intuito de compor um discurso erótico no qual podemos identificar a problemática da alteridade configurada por via da antropofagia erótica: paralelismo existente entre a comida e o sexo. A dimensão sedutora do protagonista é abordada com base em teóricos como Georges Bataille, Jean Baudrillard, Severo Sarduy e Octavio Paz. No que se refere à problemática da alteridade e as relações de gênero tomam-se como norteadores as reflexões propostas por Todorov, Simone de Beauvoir, Carmen V. Vidaurre Arenas, Pierre Bourdieu, dentre outros. A obra enfocada permite estabelecer uma série de vínculos entre a comida, sua simbologia e os elementos que estruturam o mito de Don Juan. Além disso, toda a trama encaixa-se na moldura clássica do gênero policial. Ressalta-se o fato de que a releitura costarriquenha que Ángel Herra realiza da tradição mítica donjuanesca mantém um estreito vínculo com a tradição medieval do banquete fúnebre que formou a matriz espanhola do mito literário de Don Juan escrita por Tirso de Molina. Desse modo, recuperam-se os elementos do roteiro mítico inicial: sedutor, grupo de mulheres, convite para jantar e a morte.

A RELAÇÃO DE CLARICE LISPECTOR COM O RECIFE A PARTIR DAS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

Amanda Oliveira PINHEIRO

FCL/Assis- UNESP

Orientador: Dr. Álvaro Santos SIMÕES Jr.

Clarice Lispector chegou ao Brasil com apenas dois meses de idade. Afirmava que começou a escrever contos assim que se alfabetizou (em português); que se criou no Recife e, na adolescência, se mudou para o Rio de Janeiro. As constantes mudanças acabaram marcando seus textos tanto no tema, quanto na composição. Enquanto sujeito que se constitui pela língua, a autora expressa alguns traços encontrados nos seus textos que podem ser compreendidos como reflexos da sua migração e seu exílio. Recife tem um papel importante na vida e escrita da autora. Como cenário da infância, aparece com certa frequência nos seus contos e em suas crônicas; a partir de suas lembranças da cidade a autora consegue construir uma identidade da forma mais real possível, sem interferências estrangeiras. A época em que viveu no Recife é marcada pela observação da “tragédia social brasileira”. A autora busca entender as mudanças sociais sofridas pelas grandes cidades e como isso aumentava a desigualdade social e o atraso. Essa tragédia social volta a ser explorada no seu trabalho como jornalista. Ao escrever suas crônicas, Clarice denuncia a repressão exercida por agentes de segurança e contrapõe-se ao poder imposto e monopolizado exercido pelo Estado Moderno.

Assim, uma ocorrência publicada na página policial ganha um novo foco, e passa de matéria jornalística para matéria literária.

LIVROS SELVAGENS, DEVORADORES, DESAFIADORES E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Amaya Obata Mourino de Almeida PRADO

CPTL/Três Lagoas - UFMS

O trabalho pretende refletir sobre o processo de ficcionalização da leitura literária observado em *Os livros que devoraram meu pai* (2009), de Afonso Cruz (Portugal), *O Livro Selvagem* (2009), de Juan Villoro (México) e *O Fazedor de Velhos* (2010) de Rodrigo Lacerda (Brasil). Tais obras se aproximam quando se constituem como romances de formação, nos quais os meninos protagonistas narram as agruras de sua passagem da adolescência para a fase adulta, abordando temas como amizade, primeiro amor, relações familiares e o processo de autoconhecimento. Paralelamente, as narrativas tematizam também a descoberta da literatura por parte desses jovens. Entretanto, cada um deles mobiliza diferentes estratégias de exploração das estruturas internas do texto literário, revelando distintas possibilidades de aproximação entre texto e leitor, ou seja, diferentes experiências e possibilidades de formação de leitores literários. As análises partem da observação de elementos estruturais como narrador, ponto de vista e espaço, apoiando-se também nas reflexões acerca do romance de formação (Maas, 2000) e do letramento literário Cosson (2006). A hipótese levantada é a de que estas obras podem sugerir a existência de uma tendência subjacente ao romance de formação, já que tematizam e ficcionalizam experiências de formação de leitores literários, deste e do outro lado do Atlântico.

AS INTERFACES DAS BURLADORAS FEMININAS DONJUANESCAS

Ana Carolina Mendes CAMILO

FCL/Assis- UNESP

Essa pesquisa visa mostrar uma correlação entre a deusa Isis do livro *Asno de Ouro*, de Apuleio, e a personagem que atua como uma espécie de “Donjuana” no livro *A mulher que venceu o Don Juan*, de Teresa Martins Marques. O enredo de Apuleio está estruturado numa fábula principal auxiliada por várias outras narrativas menores que servem de parábolas para entender a história máxima. Sua estrutura se assemelha à da Bíblia. Já *A mulher que venceu o Don Juan* teve sua origem no folhetim eletrônico (Facebook), com base em personagens históricas e fatos reais. A metodologia utilizada é a da pesquisa bibliográfica, com o auxílio de obras que versam sobre o donjuanismo (como a de Mercedes Saez-Alonso) e também sobre o donjuanismo feminino (como a de Elena Soriano). De acordo com o especialista hispânico sobre o mito de Don Juan, José Lasaga Medina, a sorte do herói ficou demasiadamente dependente da mulher a partir das versões românticas. Em seu nascimento no século XVII Don Juan girava em torno da

honra para, posteriormente, em sua segunda travessia, perseguir o gozo ilimitado e do diálogo amoroso, em uma terceira aparição. Contudo, não estaria na hora de o mito renovar-se em sua versão feminina para continuar sobrevivendo? Em nossa sociedade ocidental é impossível pensar hoje na mulher como simplesmente vítima da sedução.

O REAL EMPÍRICO E FÍLMICO SEGUNDO PASOLINI E MANOEL DE OLIVEIRA

Ana Carolina Negrão Berli de ANDRADE
FCL/Araraquara - UNESP

Neste trabalho, pretendemos realizar uma sucinta comparação entre os pressupostos estéticos dos cineastas Pier Paolo Pasolini e Manoel de Oliveira tendo como principal foco analisar as relações que ambos mantêm com o real empírico, sua representação fílmica e sua importância para a mimesis cinematográfica. Esses pressupostos estéticos foram retirados de textos escritos pelos próprios artistas e de entrevistas concedidas em uma etapa de suas vidas na qual a maturação artística atingiu o seu ápice e já se permite uma espécie de balanço. No caso de Manoel de Oliveira, selecionamos algumas entrevistas concedidas nos últimos dez anos, destacando entre essas a entrevista dada ao idealizador da Mostra Internacional de Cinema, Leon Cakoff, publicada em livro (MACHADO, 2005). Já no caso de Pasolini, escolhemos o livro *Empirismo eretico* (2000), um livro póstumo no qual foram reunidos artigos de teor cultural publicados na imprensa italiana entre os anos sessenta e setenta. Além disso, utilizamos a última entrevista de Pasolini, concedida a Jean Dufлот pouco tempo antes de sua morte e também publicada postumamente em livro (DUFLOT, PASOLINI, 1983). Assim, nos focaremos na concepção de real para os cineastas, ou seja, na leitura que eles fazem da realidade e como essa leitura influencia as estéticas, e simulacros, de suas obras.

“OS ANÉIS DA SERPENTE”: O SERPENTEAR DE RUBENS FIGUEIREDO PELO TERRITÓRIO DO FANTÁSTICO

Ana Carolina Penha PRADO
Universidade Estadual de Londrina
Orientador Dr. Adilson dos SANTOS

O presente trabalho tem por objetivo analisar o fantástico que se efetiva por meio de um espaço onírico e da figura do duplo no conto “Os anéis da serpente”, do escritor contemporâneo Rubens Figueiredo. Considerando-se que o sonho é uma transfiguração da realidade do homem, o conto revela um enredo no qual dois sujeitos se cruzam noite após noite em um plano sobrenatural, levando o leitor a hesitar diante da possibilidade de o sonho não ser um simulacro da realidade, mas sim a própria realidade. Logo, de um lado, vislumbra-se a dualidade que se manifestará no terreno onírico, já evocado pelo teórico Tzvetan Todorov (2010) como elemento que contribui para a constituição do gênero fantástico ao provocar uma

percepção ambígua dos acontecimentos narrados. Do outro lado, permeando a narrativa de Rubens Figueiredo, encontra-se o mito do duplo, ou a questão da dualidade do ser, já refletido por Otto Rank (2013) e Clément Rosset (2008) e que poderia ser sintetizado como uma ilusão psicológica criada por conta do medo da morte do sujeito. Partindo dessas considerações e com base nos estudos dos autores mencionados, buscar-se-á desvendar como é manifestado o desdobramento do personagem-narrador e compreender de que maneira o espaço onírico opera para que se desperte no leitor a incerteza diante do acontecimento sobrenatural da narrativa.

CRÍTICA LITERÁRIA POLIFÔNICA E GRANDE TEMPO DA CULTURA:
DISCUTIR O CÂNONE A PARTIR DA NOÇÃO DE INACABAMENTO

Ana Clara Magalhães de MEDEIROS
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG
Orientador: Dr. Augusto Rodrigues da SILVA Junior

A instituição do cânone literário de uma cultura dá-se a partir de fenômenos históricos, sociais e políticos que orientam escolhas estéticas. A noção de cânone, porém, comporta necessariamente a sobreposição de obras em relação a outras, o que denuncia uma mirada excludente e seletiva, com critérios pouco precisos. Nesta conjuntura, propomos pensamento com o filósofo Mikhail Bakhtin, ideólogo de uma ruptura com a própria essência do cânone – que, para o russo, seria um contrassenso na história da cultura, pelo caráter monológico, autoritário e acabado da valoração canônica. Não se propõe (como tampouco o fez Bakhtin) a desqualificação de autores simbólicos de toda a cultura ocidental, como o é Luís de Camões para o mundo lusófono, Miguel de Cervantes para a história do romance ou William Shakespeare para a ascensão da prosa moderna. No entanto, considera-se importante reavaliar a noção histórica de *cânone* e propor a análise estrutural do *grande tempo* (termo bakhtiniano), em que literatura, arte e expressão de tempos e espaços diversos se tocam na *superfície do diálogo*. Para tanto, aciona-se, ainda, o conceito de crítica literária polifônica (conforme Silva Junior e Medeiros, 2014), enquanto opção dialógica ao pensamento crítico, responsável não por indicar ou validar a literatura canônica e mesmo a crítica estética hegemônica, mas ampliar a percepção do literário, suas interpretações e recepções em um mundo onde a última palavra ainda não foi dita.

MEMÓRIA COLETIVA E APAGAMENTOS DA MEMÓRIA
NO DOCUMENTÁRIO NINGUÉM SABE O DURO QUE DEI

Ana Cláudia PASCHOAL
Universidade Estadual de Maringá
Orientador: Dr. Wesley Roberto CÂNDIDO

Este trabalho visa a apresentar uma reflexão sobre a memória coletiva dentro do documentário *Ninguém sabe o duro que dei*, que aborda a trajetória do cantor Wilson Simonal de Castro

(1938-2000), o qual fez enorme sucesso como cantor popular na segunda metade da década de 1960 e foi então considerado o maior showman do Brasil. No início dos anos 1970, foi apontado como alcaguete das forças de repressão durante o governo militar brasileiro – especialmente o governo Médici (1970-74) e, a partir daí, foi alijado dos programas de rádio e de TV, banido do mercado fonográfico, esquecido pela mídia e pelas gerações mais novas. Passou os últimos anos de sua vida peregrinando por órgãos de imprensa e pelas emissoras de TV, com uma pasta recheada de declarações e certidões, tentando provar que nunca havia sido prestador de serviços ou colaborador dos órgãos de repressão do governo militar. Simonal faleceu no maior esquecimento e foi velado e enterrado por cerca de sessenta pessoas – quase ninguém do meio artístico. O presente estudo baseou-se em teorias de Maurice Halbwaches, Paul Ricoeur e Paolo Rossi, entre outros, sobre os fenômenos da memória coletiva e do esquecimento. Demonstra-se que, no documentário examinado, os processos relativos à memória e ao esquecimento passam pelas mesmas estratégias, de acordo com os interesses que conduzem a construção, a desconstrução e a reconstrução da memória coletiva.

UMA MENTE BRILHANTE: A TRAJETÓRIA DA TEORIA DOS JOGOS EXPOSTA NO CINEMA

Ana Helena Dell'Anhól DANIEL
UENP/CCP

Orientadora: Dra. Diná Tereza de BRITO
CLCA- UENP/CCP
Fundo Paraná - SETI

Este trabalho faz parte dos estudos do projeto de extensão: “Cinema e Comunidade: implementação de um espaço de cultura”, do centro de Letras, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Norte do Paraná, campus de Cornélio Procópio (UENP-CCP), financiado pelos recursos do Fundo Paraná da Secretaria de Ciência Tecnologia e Ensino Superior (SETI). O projeto tem como foco levar o cinema à comunidade, socializando o conhecimento de obras filmicas, ao mesmo tempo em que se discutem as ideias, desenvolvendo o olhar crítico da platéia. Escolheu-se para isso o espaço de uma ONG na cidade de Cornélio Procópio- PR. Para que isso fosse possível, estudamos as diversas formas de representação fílmica, nacionais e internacionais, em sua composição espacial, musical, de roteiro e direção, luminosidade, etc., além de estudos de como apresentar a sétima arte para a comunidade, de acordo com o perfil de cada público. Neste trabalho, analiso o filme Uma Mente Brilhante (2001), dirigido por Ron Howard, filme que retrata a vida de John Forbes Nash, autor de uma ferramenta complementar no estudo da Teoria dos Jogos, importante instrumento da teoria estratégica, nos mercados oligopolistas. O filme retrata ainda, de forma sutil, a luta contra a doença de Nash: a esquizofrenia, fazendo do filme uma demonstração de luta e superação, cabendo muito bem no contexto de trabalho com a comunidade.

LEITURAS TRANSTEXTUAIS EM FIGURA NA SOMBRA: O EFEITO DO PARATEXTO

Ana Maria KLOCK
UNIOESTE/Cascavel

Orientador: Dr. Gilmei Francisco FLECK

Gérard Genette (1982) ao desenvolver a noção de relações transtextuais, menciona as categorias de intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e arquitekstualidade como possibilidades de relações de um texto com outros antecedentes. Em nossa proposta, utilizamo-nos do conceito de paratextualidade para compreender determinados aspectos presentes no universo diegético do romance *Figura na sombra* (2012), de Luiz Antonio de Assis Brasil. A narrativa retoma a história e a biografia do médico e botânico francês, Aimé Bonpland, que se radicou na América no século XIX, e que caiu no anonimato ao viver nas regiões recônditas do continente onde se integrou à cultura e à realidade local. Pelas malhas da ficção, a obra realiza o resgate deste personagem esquecido pela historiografia, introduzindo-o ao leitor contemporâneo por meio de um olhar renovado e ressignificado sobre a sua trajetória. Na interpretação desta produção, a aplicação do conceito de paratextualidade assenta-se no intuito de identificar como se constrói, pela retomada e alusão de símbolos, imagens e escritos anteriores, a coerência discursiva do texto e o efeito das estruturas extraliterárias. O paratexto, portanto, atua na tessitura da trama, unindo as diferentes partes do texto e do livro como um todo, e opera na construção das formas dialógicas e intertextuais, relação que se sustenta, na análise em questão, pela interação com outras produções e discursos que se relacionam à trama da obra.

REPRESENTAÇÕES DO NAVIO NEGREIRO NAS PEÇAS: ARENA CONTA ZUMBI E ANA, ZÉ E OS ESCRAVOS

Ana Maria Lange GOMES
FCL/Assis- UNESP

Orientador: Dr. Rubens Pereira dos SANTOS

A imagem do navio negreiro está intimamente relacionada à imagem do tráfico. Porém, da mesma forma que este navio simboliza a diáspora dos negros africanos, também representa a chegada em novas terras, é metáfora da fronteira entre a vida e a morte, o trânsito. Por esta perspectiva, o navio negreiro enquanto ilustração de travessia é ainda representação do “entre-lugar” (aqui como referente ao *In-Between* de HomiBhabha), do espaço simbólico de negociações e mudanças e de fragmentação da identidade. Por estar também associado diretamente ao mar, a simbologia do navio carrega elementos representativos do transitório, do processo, da transformação. Tendo em vista o exposto acima, e que tanto a peça brasileira *Arena conta Zumbi* (1964) de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, quanto a angolana *Ana, Zé e os escravos* (1980) de José Mena Abrantes trazem a imagem do navio negreiro e com ela

discutem a transitoriedade das coisas, bem como revisam postulados históricos, têm-se os elementos que principiam a discussão proposta. Assim, esta comunicação pretende comentar a representatividade do navio negreiro nas peças mencionadas partindo do conceito de metaficção historiográfica de Linda Hutcheon (1990), considerando ainda que a figura do navio marca a chegada das personagens Zumbi e Zé do Telhado nas obras, corroborando para relacionar a sua significação ao processo de transformação, ao anúncio da reavaliação dos fatos.

PELA CONSTRUÇÃO DE UM NOVO SENTIDO: INTERSECÇÕES ENTRE PASSADO E PRESENTE EM
ARENA CONTA ZUMBI E ANA, ZÉ E OS ESCRAVOS

Ana Maria Lange GOMES
FCL/Assis- UNESP

Orientador: Dr. Rubens Pereira dos SANTOS

As peças *Arena conta Zumbi* (1965) de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, e *Ana, Zé e os escravos* (1980) de José Mena Abrantes, angolano, por meio da abordagem da escravidão como tema e do aproveitamento de personagens históricas, discutem a relatividade da historiografia oficial. Inseridas em momentos relevantes da história do país, *Zumbiem* 1965 em plena ditadura militar do Brasil, e *Ana, Zé e os escravos* em 1988, período de guerra civil em Angola, as obras dramáticas relacionam o passado histórico com o presente, promovendo discussão das questões políticas vigentes e propiciando ressignificações motivadas pelo clima de revisão histórica do país. Desta forma, considerando que tanto a peça angolana quanto a peça brasileira revisam postulados históricos, têm-se os elementos que principiam a discussão proposta. Assim, esta comunicação pretende comentar as intersecções entre o passado e o presente nas peças mencionadas, partindo do conceito de metaficção historiográfica de Linda Hutcheon (1990), considerando a presença das personagens históricas Zumbi, Ana Joaquina e Zé do Telhado como representações de uma reavaliação dos fatos.

“COLOMBO, POBREMA, PROBLEMAS”, DE GATO PRETO, E AS IMPLICAÇÕES ESTÉTICAS DA
LITERATURA MARGINAL NA ESCRITA CONTEMPORÂNEA

Ana Paula Franco Nobile BRANDILEONE
UENP/CCP

Esta comunicação faz parte de um projeto maior de pesquisa, cujo interesse se centra na investigação de um dos temas que mais se tem destacado na narrativa brasileira contemporânea, o da representação da realidade marginal e periférica. Trazendo para o centro da discussão os excluídos sociais, a literatura marginal encerra, no ponto de vista interno e na própria origem social dos autores, o seu fator de reconhecimento, criando, deste modo, uma escritura entre a ficção e o testemunho. Dessa forma, ao se deslocarem do papel de vítimas e

da condição de subalternidade, para ocuparem um lugar de destaque na cena literária, os escritores marginais não apenas fundam um diferente local de fala, mas alicerçam seu discurso nas cores da experiência vivida. Assim, em vez de vozes que buscam falar em “nome deles”, é do próprio excluído que emerge a denúncia, o que o torna agente da sua própria história. Considerando, ainda, que o *locus* de onde fala o autor/narrador (lugar de enunciação) é, além de geográfico, também espaço social e afetivo, esta comunicação tem por objetivo discutir algumas implicações estéticas desse projeto literário. Para tanto, tomar-se-á como objeto de análise o conto “Colombo, pobrema, problemas”, de Gato Preto, publicado na antologia *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, organizada por Ferréz, em 2005.

JOVENS LEITORES E SUAS PERCEPÇÕES DE LEITURA LITERÁRIA: A MEDIAÇÃO PELO PIBID

Ana Paula Franco Nóbile BRANDILEONE
UENP-CCP
PIBID/CAPES
Vanderléia da Silva OLIVEIRA
UENP-CCP
PIBID/CAPES

O PIBID/CAPES-LETRAS, desenvolvido na UENP, procura contribuir para o processo de letramento literário, buscando amparo teórico e metodológico em Cosson (2009), dentre outros estudiosos da educação literária. São realizados encontros semanais, envolvendo professores e graduandos de Letras e professores da Educação Básica, com estudos voltados à formação para a prática docente. A partir desses encontros, os licenciandos, sob a supervisão do professor da Educação Básica e coordenação dos professores da Universidade, experimentam a prática em sala de aula como ambiente para sua formação inicial. O Programa, além de oportunizar aos graduandos um efetivo contato com o mundo escolar, preparando-os para a profissão, contribui com a formação do professor da rede estadual que, quanto mais capacitado, mais bem desenvolverá o seu trabalho, colaborando para a formação de leitores críticos e, assim, propiciando resultados mais satisfatórios no ensino de literatura. Aqui, apresentam-se as percepções dos alunos da rede básica de duas escolas públicas do município de Cornélio Procopio, a fim de evidenciar não apenas a relevância do programa na formação inicial e continuada, mas também seu impacto sobre os jovens no processo de formação de leitores. Tal impacto é medido a partir da recepção de duas obras contemporâneas, Dois irmãos, de Milton Hatoum, e A filha do escritor, de Gustavo Bernardo, a partir de sequências expandidas de leitura, bem como da recepção ao próprio Programa.

A OBRA, O LEITOR E O ESPÍRITO DO MILITARISMO: KURT TUCHOLSKY COMO CRÍTICO LITERÁRIO
NO PERIÓDICO DIE WELTBÜHNE(1919-1924)

Anderson ROSZIK
Universidade de São Paulo
Orientador: Dr. Helmut GALLE
CAPES

O presente trabalho objetiva discutir a dupla configuração da crítica literária do alemão Kurt Tucholsky (1890-1935) no periódico *die Weltbühne* nos anos iniciais da República de Weimar (1919 a 1924). Sob o pseudônimo de Peter Panter, Tucholsky analisa obras que posteriormente passam a integrar o cânone da literatura alemã – como *Na colônia penal*, de Franz Kafka –, em um discurso no qual a convergência da crítica literária e de reflexões metalinguísticas imprimem elaboração estética à própria linguagem de suas críticas. O outro percurso crítico é elaborado por Tucholsky sob o pseudônimo Ignaz Wrobel e aborda obras que, embora não pertençam às páginas das histórias da literatura alemã, enquadram-se em um dos principais ramos de escrita do momento: a literatura de guerra, fração do campo literário importante para a compreensão do momento histórico que sucede à Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Tais obras, escritas por oficiais na forma de memórias, abordam desde a constituição das estruturas militares e suas correspondentes hierarquias até o desenvolvimento do aparelho oficial e seu controle na veiculação de notícias na imprensa, possibilitando entrever as imbricações políticas, sociais e, em âmbito menor, culturais, da queda do sistema imperial e de seus estratos constitutivos com a crise estrutural nos primeiros anos de vida do sistema democrático.

FLUIR LIMPO SOBRE MATÉRIA TORPE: A PRESENÇA DO SUBLIME NA POESIA BURLESCA
SEISCENTISTA

André da Costa LOPES
PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Orientador: Dr. Jarbas Vargas NASCIMENTO
CAPES

Luís Fernando Campos D'ARCADIA
FCL/Assis- UNESP
Orientador: Dr. Carlos Eduardo Mendes de MORAES
CAPES

O preceptista seiscentista Emanuele Tesauro (1592–1675) afirma que ao poeta seiscentista é permitido filosofar sobre matéria torpe desde que seja capaz de fluir limpo sobre a imundície. Baltasar Gracian (1601 – 1658), outro autor notório nesse período, ao discorrer sobre os gêneros baixos, afirma que grandes poetas dão sempre viveza e conceito aos assuntos menores. Acrescenta-se a esse fator uma herança dos estudos das obras do poeta romano Virgílio, desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e Renascimento, nos quais se

estabelecia uma hierarquia das formas poéticas em baixo, mediano e alto. Já no século XVII, objeto de nossa investigação, a divisão retórico-poética entre gêneros graves e baixos permitia que se utilizasse como matéria poética discursos marginais reprimidos pela severa doutrinação da Igreja. Contudo, temas jocosos ou eróticos só eram permitidos desde que revestidos pelas agudezas e ornatos prescritos e ensinados nos manuais retóricos e poéticos. Além disso, a estreita relação entre diversão e controle político, principalmente em épocas festivas, também legitimava a infração e a inversão de normas sociais, permitindo, assim, o riso mais sarcástico e os assuntos mais eróticos. Portanto, o objetivo deste trabalho é traçar algumas considerações sobre a presença do belo e do sublime na poesia burlesca seiscentista como prescrição estética e ao mesmo tempo como fator de legitimação de discursos atópicos na sociedade deste período.

CINEMA E O NARRADOR NÃO CONFIÁVEL: UM ESTUDO DE *MEIA-NOITE EM PARIS*, DE WOODY ALLEN

André Ferreira Gomes de CARVALHO
UNESP-Ibilce

Orientadora: Dra. Giséle Manganelli FERNANDES

A categoria de narrador não confiável, embora muito utilizada no exame de obras literárias, especialmente em contos e romances, costuma aparecer com menos frequência na análise de filmes. De acordo com diversos críticos, filmes são vulgarmente recebidos como obras “transparentes”, levando o espectador a acreditar nas imagens que vê, sem questionar-se a respeito do foco narrativo. Este trabalho vai demonstrar que abordar o conceito de narrador não confiável em uma análise do filme de Woody Allen, *Meia-noite em Paris* (2011), enriquecerá a leitura do filme, gerando um nível interpretativo que ainda não foi explorado na crítica da obra. Levando em consideração a popularidade do filme, esperamos ainda munir professores e críticos com um exemplo de fácil acesso, que os auxiliará na conceituação desse tipo de narrador, ressaltando a importância de identificá-lo corretamente para gerar análises completas e significativas da obra.

O ANTI-HERÓI BRASILEIRO NAS CRÔNICAS DE NELSON RODRIGUES

André Vitor Brandão Kfuri BORBA
FCL/Assis-UNESP

Orientador: Dr. Francisco Cláudio Alves MARQUES

O objetivo deste trabalho é estabelecer uma relação entre as crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues e a construção do mito no futebol brasileiro. O craque se apresenta como um herói cultural, um herói prometeico, aquele que busca o fogo para iluminar a humanidade, aquele que representa a coletividade. Assim, esse herói almeja a vitória como representante da

“autodefesa coletiva”, numa dialética permanente com relação ao estrangeiro. Desta forma, as crônicas de Nelson Rodrigues, mais uma vez, se apresentam como terreno fértil para cunhar e reafirmar, a cada novo texto, essa proposta de identidade brasileira. É importante ainda lembrar como se deu a presença do negro no futebol, com sua contribuição através do lúdico e de padrões estéticos os quais Pier Paolo Pasolini classificou como futebol de poesia; assim como a questão do pícaro se faz sempre presente em todo percurso narrativo.

A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NAS CARTAS DE PLÍNIO, O JOVEM: O DISCURSO MASCULINO E A IMAGEM FEMININA NO PRINCIPADO ROMANO (I SÉCULO E.C.)

Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho ROSSI
FCL/Assis- UNESP

A Correspondência Pliniana apresenta um total de 368 cartas, distribuídas em 10 Livros. Podemos distinguir algumas categorias ou grupos de Cartas, partindo-se do seu próprio conteúdo. Por vezes, é possível situar a mesma Carta em uma ou mais categorias, já que o seu conteúdo apresenta nítida característica de variedades. Há, todavia, grande possibilidade de categorização mais ou menos precisa, desde que sejam ampliados os espaços resultantes dos critérios de seleção e classificação adotados. Distribuídas em número desigual nos Livros, as *Cartas* confirmam a declaração do próprio Plínio, o Jovem, na Carta I.1.1.: "Coletei-as sem observar a ordem do tempo [das datas] (visto que eu não compus uma história)" ["Collegi non servatotemporisordine (nequeenim historiam componebam)"]. Esta observação, aparentemente desprezível, pode demonstrar a versatilidade dos eruditos, pois Plínio, o Jovem, representa um segmento intelectualizado e muito ligado aos governos de Nerva e de Trajano, nos quais ele ocupa postos importantes que lhe permitem tratar ideologicamente os tempos imperiais em que ele viveu. Essa comunicação pretende analisar as representações de algumas mulheres presentes nas cartas de Plínio, o Jovem. Essa análise deverá se pautar na perspectiva discursiva na medida em que a representação do feminino só é possível na documentação em questão a partir do discurso masculino patriarcal do Principado Romano.

ENTRE VIAGENS: DE CERVANTES A DIEGUES, METÁFORAS POSSÍVEIS

Angela Cristina Dias do Rego CATONIO
FCL/Assis- UNESP
Orientador: Dr. Antônio Roberto ESTEVES

A metáfora da viagem é recorrente na literatura de todos os tempos. Este artigo se debruçará sobre esse tema, traçando paralelos entre a obra imortal de Miguel de Cervantes, “Dom Quixote”, e o livro “El astronauta paraguay” de Douglas Diegues. Este último é um longo

poema aos moldes da poesia épica, produzido em ‘portunhol selvagem’ que é a mescla entre as línguas portuguesa, espanhola e guarani em uma linguagem híbrida, mestiça, irônica e engajada, que circula além das fronteiras entre Brasil e Paraguai. Uma e outra composição apresentam o herói aos moldes dos cavaleiros andantes das novelas de cavalaria da Idade Média, cujos representantes possuíam ideais nobres e eram portadores de rara coragem e valentia. Este estudo tem como apoio os textos de autores como Linda Hutcheon, Silviano Santiago, John Holm, Zilá Bernd, Boaventura Sousa Santos, Gustavo Krause, dentre outros. O trabalho se desenvolverá de acordo com o método indutivo, que tem o objetivo de ampliar os conhecimentos, a fim de, partindo das obras “Dom Quixote” e “El astronauta paraguayo”, tecer inferências sobre a figuração e representação simbólica do tema viagem em ambos os textos. O tema viagem, presente nessas duas obras, evoca aspectos diversos que vão além do simples deslocamento espacial. Do cânone literário “Dom Quixote” à obra marginal de Diegues, o trajeto dos protagonistas aponta para experiências múltiplas além das fronteiras tempo-espço. Ambos descrevem uma rota para dentro de si mesmo.

SUBMISSÃO E SUBVERSÃO FEMININAS EM MINICONTOS DE MARINA COLASANTI

Angela Simone Ronqui OLIVA
FATEC Ourinhos

Marina Colasanti, escritora contemporânea da literatura brasileira, tem evidenciado a figura da mulher em suas narrativas, ao longo de aproximadamente quarenta anos de sua produção contística, retratando diferentes papéis femininos, que ora são desempenhados pela mulher de forma passiva e submissa em relação ao homem, ora de modo subversivo, livre das amarras machistas do patriarcado. Nesse sentido, o intuito deste trabalho é analisar como esses papéis femininos são representados em dois minicontos da autora: "Porém igualmente" (1975) e "Questão de timing" (2013). No primeiro, há a representação de uma mulher sem atitude e sem voz, violentada e assassinada pelo esposo. Já no segundo, a protagonista é independente e dominadora, representando-nos uma mulher do pós-feminismo, ou seja, livre, sobretudo, dos tabus sexuais que, historicamente, cercavam a condição feminina. Por meio de seus contos tão concisos, Colasanti expressa, habilidosamente, as mudanças nas atitudes feministas e, conseqüentemente, as alterações que essas refletiram na relação entre homens e mulheres. Para embasar, teoricamente, as análises dos minicontos, há a utilização dos estudos, sobretudo, de Bourdieu, Del Priore, Freyre, Rocha-Coutinho, Touraine, entre outros estudiosos acerca dos papéis sociais femininos.

CARTAS NO TEMPO: UM PERCURSO PELOS ROMANCES OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER E CARTA A D. HISTÓRIA DE UM AMOR

Angélica Catiane da Silva de FREITAS
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Maria Adélia MENEGAZZO
CAPES

A proposta consiste num estudo comparativo entre dois romances epistolares escritos em diferentes contextos: *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Wolfgang Goethe, e *Carta a D. História de um amor* (2008), de André Gorz. O primeiro é uma obra ficcional, escrita no século XVIII, idade de ouro do Romance Epistolar, e o segundo, um romance contemporâneo autobiográfico, uma carta que um dos maiores intelectuais da atualidade destina à sua esposa, Dorine, pouco antes do suicídio de ambos em 2007, após anos de dedicação à esposa que adoece após a ingestão de um contraste para Raio X. O objetivo é verificar a utilização do modo epistolar como forma de expressão nesses dois romances, levando em conta seus respectivos contextos de produção. Ou seja, partindo das especificidades do modo epistolar, que obteve seu auge no século em que foi escrito o romance de Goethe, procuramos verificar o valor literário de *Carta a D*, de André Gorz, enquanto uma epístola publicada em livro em 2008. Para tanto, partiremos de algumas considerações sobre o Romance Epistolar, de Ian Watt (2010) e Daniel-Henry Pageaux (1995), além de considerações sobre o romance contemporâneo, de Karl Erik Shollhammer (2009), e aspectos do contemporâneo, segundo Giorgio Agamben (2009), dentre outros teóricos.

CORPO, DESEJO E REVOLUÇÃO SEGUNDO HERBERT DANIEL

Anselmo Peres ALÓS
Universidade Federal de Santa Maria
Universidade Federal de Pernambuco
PNPD/CAPES

Herbert Eustáquio de Carvalho era o nome de batismo, mas como incansável escritor e reescritor de si mesmo, ele encontrou outro nome para si, pelo qual ficou conhecido no ativismo político: Herbert Daniel. Cabe destacar, entre seus livros, os romances *Passagem para o próximo sonho* (1982), *A fêmea sintética* (1983), *Meu corpo daria um romance* (1984) e *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos* (1987). Seus romances são marcados por uma linguagem híbrida e experimental que questiona o próprio estatuto da ficção romanesca, privilegiando a narração de si mesmo, em um trabalho que *flerta* ao mesmo tempo em que *questiona* o registro autobiográfico e testemunhal tão ao gosto dos relatos da ditadura que proliferaram na década de 1980, dando conta não de um, mas de quatro exílios: *o exílio político* (viver na clandestinidade em seu próprio país); *o exílio pátrio* (o período em que viveu praticamente na ilegalidade, no exterior, na década de 1970); *o exílio da*

homossexualidade (que o fez ter de reprimir seus desejos sexuais para poder garantir seu lugar na resistência armada), e o *exílio da solidariedade* (como ele mesmo define o último exílio que experimentou já em tempos de um Brasil “redemocratizado”: o do abandono e do descaso em função de sua soropositividade, diagnosticada em 1989).

DUAL: O LABIRINTO DA CONSTRUÇÃO LÍRICA NA MODERNIDADE EM SOPHIA DE MELLO

Ariane Cristina Andrade SILVA

FCL/Assis- UNESP

Orientador: Dr. Márcio Roberto PEREIRA

Sophia de Mello Breyner Andresen é uma das mais importantes vozes da literatura portuguesa do século XX. Vencedora do Prêmio Camões em 1999, deixou vastíssima obra que inclui, além de poesia, trabalhos de ensaísta, ficcionista, tradutora, entre outros. Limitando-se no âmbito da criação poética, a presente comunicação propõe uma análise da obra *Dual*, a partir de duas perspectivas: uma voltada para o trabalho poético e outra pela utilização da memória (relação com outros poetas, uso da própria vida como matéria poética, etc.) para compreender como se dá o processo de construção lírica de Sophia de Mello. Com base nas relações entre literatura e memória, este trabalho busca analisar a produção da poeta a partir de seus escritos teóricos em contraponto à sua poética. Ademais este trabalho utilizará as teorias de T. S. Eliot, Ezra Pound, entre outros, para a compreensão da estética da poetisa portuguesa.

A RECEPÇÃO CRÍTICA DA LITERATURA PARADIDÁTICA NOS JORNAIS O PAÍS, CORREIO DA MANHÃ E JORNAL DO BRASIL (1897 – 1908)

Ariane de Sousa COSTA

FCL/Assis- UNESP

Orientador: Dr. Álvaro Santos Simões JUNIOR
CNPq

Baseado em uma Pesquisa de Iniciação Científica em desenvolvimento na Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), este trabalho tem o objetivo de apresentar e analisar a recepção crítica dos livros de leitura que contribuíram para a consolidação do regime republicano no Brasil. Tal crítica foi pesquisada nos jornais diários *Correio da Manhã*, *O País* e *Jornal do Brasil* no site da Hemeroteca Nacional Digital. Considerando o contexto histórico e evidenciando a importância da educação para propagar as ideologias políticas, realizou-se a leitura, resumo e breve análise das notícias, resenhas e artigos encontrados sobre as obras paradidáticas destinadas a escolas públicas e privadas, publicadas no período de 1897 a 1908, quando intelectuais brasileiros se empenharam em oferecer às instituições de ensino material didático destinado à formação cívica e moral da criança. O trabalho aponta que durante a Primeira República, empregou-se a literatura paradidática para a difusão de ideais patrióticos e as obras

dessa natureza acabaram por obter melhor recepção crítica, como observaremos. Por meio dos textos encontrados nos jornais, confirmamos a importância da imprensa e de sua opinião para o sucesso de um livro e reafirmamos que, nesse período proposto, almejava-se uma construção ideológica segundo os conceitos republicanos e, para isso, utilizava-se a literatura no ambiente escolar, visando produzir futuras gerações mais envolvidas com os assuntos da pátria.

DA MATRIZ GREGA CLÁSSICA AOS ORIXÁS: O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO E A PARÓDIA DAS DIVINDADES EM *VIVA O POVO BRASILEIRO*, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Arnaldo NOGARI JÚNIOR
Universidade Estadual de Londrina
CAPES

O romance histórico contemporâneo, dentre as suas diversas características, busca resgatar e valorizar a identidade de povos que foram silenciados e excluídos socialmente pela elite dominante e, tal resgate ocorre por meio da narração da história pelo ponto de vista do grupo oprimido. Para tanto, o romance histórico poderá se utilizar de diversos recursos da linguagem para cumprir sua proposta, que, certamente, serão capazes de levar o leitor a repensar a história oficial, a qual pode apresentar uma visão falha dos acontecimentos de dado período histórico. Desse modo, o presente artigo tem por objetivo realizar um estudo do romance *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, com o intuito de verificar como se configura a remissão da identidade do povo negro, vítima de preconceito e discriminação racial desde o período colonial. Para tanto, este trabalho analisará as construções paródicas da obra em questão, marcas da literatura contemporânea, referentes à representação das divindades de origem africana, os Orixás, que estão ligadas a dos deuses gregos olímpicos, expostos em *Iliada*, de Homero, uma vez que os deuses, de ambas as crenças, lutam ao lado de seus povos nas guerras descritas nas narrativas.

A CAPTURA DA IMAGEM COMO INTERVENÇÃO SOBRE A REALIDADE: UMA LEITURA DE LAS BABAS DEL DIABLO, DE CORTÁZAR E BLOW-UP, DE ANTONIONI

Augusto Moretti de BARROS
FCL/Assis- UNESP
Orientador: Dr. Antônio Roberto ESTEVES

A literatura e o cinema dialogam há muito tempo, pois possuem recursos diferentes e igualmente fecundos de narrar histórias, sendo muito comum que se façam adaptações de obras escritas para as telonas. O conto *Las babas del diablo* (1959), do escritor argentino Julio Cortázar, serviu de inspiração para que o cineasta italiano Michelangelo Antonioni filmasse, em 1966, *Blow-up*. O protagonista do conto de Cortázar é tradutor e fotógrafo, então lida, em ambas as profissões, com a representação da realidade, mediada pelo uso da máquina, seja a de escrever ou a fotográfica. No filme de Antonioni, o protagonista é um fotógrafo famoso, que

possui uma relação com o mundo através da lente de sua câmera. O maior ponto de encontro entre as duas obras é o modo como elas representam a possível intervenção sobre a realidade, por meio da captura da imagem. Os protagonistas do conto e do filme, ao exercerem o ofício de fotógrafos, acabam interagindo com o meio social que buscam capturar. Em *Las babas del diablo*, o personagem impede, quando captura uma imagem, que uma cena de sedução tenha o seu desenlace; enquanto em *Blow-up*, o fotógrafo acredita, a princípio, que a sua intervenção, ao tirar uma série de fotos, conseguiu impedir um assassinato. Dessa maneira, buscamos fazer uma leitura atenta das duas obras e perceber como cada uma delas retrata a relação entre realidade e a sua representação e, ainda, como uma pode intervir sobre a outra.

GLI AMORI DIFFICILI, DE ITALO CALVINO: O SILÊNCIO E A IRONIA

Bárbara Coelho CICILIATO

FCL/Assis- UNESP

Orientadora: Dra Cátia Inês Negrão Berlini de ANDRADE

Este trabalho visa, apresentar um panorama geral da obra *Gli amori difficili* (1958), de Italo Calvino, realizando uma breve análise partindo da concepção de silêncio, contrapondo-se com a ironia utilizada para denunciar a condição que a sociedade italiana vivenciava no Pós Guerra. O silêncio se interpõe nos contos de Calvino para narrar, na verdade, movimentos interiores e viagens para o silêncio, possivelmente causados pelo momento histórico, sendo este entendido como uma dificuldade de comunicação presente nas relações humanas. Apesar de histórias cotidianas, elas extrapolam o universo prosaico do dia a dia, abordando questões e temas que são universais, dizem respeito à existência humana, enfatizando uma época em que era difícil calar-se, explicitando que os acontecimentos históricos interferem na vida pessoal do homem. São narrativas que, apesar da forte presença da ironia, trazem traços de uma melancolia profunda que revela a complexidade e o silêncio presentes nos relacionamentos. Calvino faz a denúncia dessa época levando em conta também as características psicológicas das personagens, destacando a opressão, os sofrimentos, os esvaziamentos e silenciamentos que permeiam as relações humanas, amorosas ou outras experiências indizíveis.

O OLHAR FEMININO NA COLONIZAÇÃO DA NOVA FRANÇA, POR JEANNE CHATEL EM THE KING'S DAUGHTER (2011)

Beatrice UBER

UNIOESTE/Cascavel

Orientador: Dr. Gilmei Francisco FLECK

Com base na obra *The King's Daughter* (2011[1974]), da canadense Suzanne Martel, propomos uma análise do tema da colonização na Nova França, durante o século XVII, visto pela ótica literária. Nesse romance, relatamos que Jeanne Chatel é uma órfã criada pelo avô. Após sua morte, ela passa a viver num convento. Sem perspectiva de casamento e na ausência de um

dote, ela se torna uma “filha” do Rei. Seu destino era casar, gerar filhos e ajudar o marido a prosperar na terra a ser colonizada. Durante o processo de colonização na Nova França, o atual Canadá, a França enviou um grande número de mulheres com a obrigação de constituir família na colônia. No difícil contexto da colonização, muitos queriam regressar ao país de origem, mas com a presença de uma esposa, o governo acreditava que eles permaneceriam no território a ser conquistado. Desse modo, a presença de mulheres brancas europeias no processo de colonização do Novo Mundo fez-se necessária. A partir desse fato, objetivamos apresentar a visão ficcional e periférica da personagem protagonista Jeanne Chatel sobre os primeiros anos da colonização na Nova França. Além disso, buscamos apresentar essas “filhas” do Rei, que participaram desse processo imigratório e analisar se o discurso ficcional difere ou se aproxima do historiográfico sobre este passado americano. Teóricos como Albuquerque e Fleck (2015), Cunha (2004), Fleck (2007) e Zug (2016) serão alguns dos suportes teóricos da proposta de análise.

A PROPÓSITO DO ARTIFICIALISMO NA ARTE DO FIN-DE-SIÈCLE

Beatriz Moreira ANSELMO
Universidade Estadual de Maringá

A partir do final século XIX intensifica-se nos artistas modernista a sensação de efemeridade e fugacidade do tempo e das coisas, gerada pelo processo de modernização do mundo. Ávidos por fugir àquela realidade desenvolvimentista que tanto os enclausura, tais artistas sentem a necessidade de criar uma arte nova, libertária, capaz de transmitir suas sensações diante de um mundo que não lhes faz sentido do mundo. Dramaturgos, poetas, escritores e pintores criam obras cujos temas tendem a se distanciarem dos assuntos da vida ordinária e banal. Não lhes interessa representar a realidade de maneira próxima e verossímil, tal como fazem os artistas realistas e naturalistas. Interessa-lhes, sobretudo, compor uma arte capaz de mostrar o distanciamento e o despreendimento da realidade como forma de atingir, artificialmente, o Absoluto e a plenitude existencial. Nesse sentido, a literatura e a pintura simbolistas surgem como uma reação à abordagem realista que se identifica com os problemas contemporâneos. O presente trabalho tem o propósito de apresentar o tema do culto ao artificialismo e à vida fictícia, seja na literatura ou na pintura simbolista, como expressão do escapismo da realidade e da plenitude existencial.

REPRESENTAÇÕES DA MEMÓRIA EM A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS DE VALTER HUGO MÃE

Beatriz Sodré RIBEIRO
FCL/Assis- UNESP

A memória emerge como uma das principais inquietudes culturais da pós-modernidade. Destacam-se na literatura obras que representam em seu processo narrativo, além da sua

natureza fluida, também a preocupação humana em engendrar os conjuntos de lembranças, seja controlando o pensamento coletivo ou combatendo o esquecimento. Este trabalho tem como objetivo pensar a memória como um dos pilares do romance pós-moderno, refletindo e interpretando representações da memória na obra *a maquina de fazer espanhóis* de Valter Hugo Mãe. A discussão proposta pelo autor contribui de maneira vital para entender a relação entre memória e literatura na pós-modernidade, de maneira que a pesquisa se justifica na busca de elementos que confirmem a memória como valor fundamental da sociedade contemporânea e por requerer uma observação atenta do conceito, que encontra no romance a engrenagem ideal para representar diferentes passados no tempo presente. Entre os teóricos que nortearão tal reflexão, encontram-se autores como Benjamin, Santiago e Huyssen e suas reflexões acerca da relação entre romance e memória, bem como a perspectiva de Ana Paula Arnaut e Miguel Real sobre a literatura portuguesa contemporânea. A análise proposta combina a teoria com elementos da narrativa, para identificar o estilo pessoal adotado pelo autor, demonstrando que sua arte expõe uma preocupação em preservar o passado e pensar a memória tanto como uma ferramenta de crítica social, como num recurso poético.

ENTRE PARIS E LISBOA: EM TORNO DAS RELAÇÕES, RECEPÇÃO E CIRCULAÇÃO DE MODELOS NA CONSTRUÇÃO CANÔNICA DAS LITERATURAS BRASILEIRA E AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO SÉCULO XX

Bruna Carolina De Almeida PINTO
UNESP

Com a intenção de inserir a moderna literatura brasileira no âmbito canônico da produção literária ocidental, os intelectuais envolvidos no projeto modernista, iniciado com a Semana de Arte Moderna, se lançaram, uns mais que outros, na missão de divulgação internacional do que então se produzia no Brasil, gerando uma importante circulação de obras – facilitada pela crescente modernização dos meios de comunicação, cada vez mais interligados – que foram recepcionadas, sobretudo, na França, onde formara-se um corpo crítico de especialistas em literaturas nacionais. Da mesma forma, o fenômeno da globalização, gerador de um fluxo maior de pessoas e bens em trânsito intercontinental, exerceu papel central na formação da moderna literatura africana de língua portuguesa. Nessa nova dinâmica, e mediante o anseio de construção de novos modelos literários, verificável tanto entre os escritores brasileiros quanto entre os africanos de língua portuguesa, promoveu-se um encontro mais frontal, evidenciado pelas correspondências pessoais trocadas entre escritores, entre a literatura brasileira e a então chamada literatura portuguesa, denominação genérica calcada na relação colonial que ainda existia entre Portugal e suas colônias em África. Amparando-nos nas teorias das transferências culturais, trataremos de algumas das figuras que protagonizaram e sustentaram esse diálogo e trânsito, a partir, sobretudo, da correspondência trocada entre Rui Ribeiro Couto e outros escritores e intelectuais do Brasil, de Cabo Verde e de Portugal, buscando iluminar aspectos ainda pouco elucidados, em perspectiva comparativa, a respeito do contexto de renovação e divulgação dessas literaturas nacionais, procurando compor na perspectiva

adotada por Franco Moretti em *A literatura vista de longe* (2008), uma noção geográfica desse fenômeno.

O HERÓI AUTOCENTRADO DOS CONTOS DE INSÔNIA, DE GRACILIANO RAMOS

Bruna Letícia Pinheiro CARMELIN
Ibilde/São José do Rio Preto – UNESP
Orientador: Dr. Ulisses INFANTE
CNPQ

O presente trabalho propõe uma leitura dos contos “Insônia”, “O relógio do hospital” e “Paulo”, publicados na coletânea *Insônia* (1947), de Graciliano Ramos, considerando a questão da representação dos protagonistas dessas narrativas e da interferência da memória na construção dos personagens e no desenvolvimento da narrativa. Para esse fim, utilizaremos como fundamentação teórica os estudos de Bueno (2006) que tratam da representação do outro e do mesmo na obra de escritores brasileiros a partir de 1930 e trazem como exemplo o fato de que os heróis da obra de Graciliano são construídos a partir da tensa relação instaurada entre essas instâncias; os estudos de Benjamin (1986; 2006), acerca das mudanças temáticas e formais da narrativa moderna em consonância com as mudanças na experiência do homem moderno, denominada por ele como “vivência do choque”, que culminam em novos modos de representação da memória no texto literário; e nos estudos de Lejeune (2008) que trazem alguns aspectos da memória, enquanto gênero textual da literatura autobiográfica. Dessa forma, procuraremos evidenciar que a representação dos personagens protagonistas dos contos estudados resulta na imagem do herói autocentrado, figura central, observadora atenta, mas focada nos próprios pensamentos, construído a partir da tensa relação entre o outro e o mesmo, além de exemplificarem a interferência da memória na narrativa moderna do século XX.

A CRÍTICA LITERÁRIA NO MERCURE DE FRANCE: O SIMBOLISMO, AS NOVAS FORMAS E AS SOCIABILIDADES (1890-1898)

Camila Soares LÓPEZ
FCL/Assis – UNESP
Orientador: Dr. Álvaro Santos SIMÕES Junior
FAPESP

Ao final do século XIX francês, jovens entusiastas do *novo* reuniram-se em diversos agrupamentos e passaram a divulgar sua escrita, guiados pelo anseio de renovação literária e em contraposição aos ditames da grande imprensa e dos grandes editores. Assim, deu-se início à estética simbolista na França, que propôs a ruptura no campo literário e proclamou a

liberação do verso, entre outras aspirações. Nesse período, surgiram as *petites revues*, periódicos que serviam de ferramenta de difusão da produção e dos ideais do Simbolismo e, também, da crítica literária. A dita “crítica simbolista” possuía suas particularidades, assim como assumia formas diversificadas, a exemplo dos *portraits*, e mostrava-se combativa, dotada de um posicionamento determinado diante da literatura de sua época. Neste trabalho, propomos a análise dos textos de crítica publicados na *petite revue Mercure de France* entre os anos de 1890 e 1898. O *Mercure* atuou como veículo de sustentação daqueles que propunham diversas incursões literárias e artísticas. Portanto, a investigação desses textos nos leva a refletir sobre as perspectivas da literatura de seu tempo, sobre as sociabilidades que constituíram esse processo e sobre a oposição àquilo que se considerava “tradicional” ou que correspondia aos ditames do Naturalismo.

O LUGAR DA LITERATURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NOS ACERVOS DO PNBE

Carla Francine da Silva REIS

IFPR PALMAS

Orientador: Dr. João Luís Cardoso Tápias CECCANTINI

Esta comunicação tem por objetivo apresentar o projeto de pesquisa O LUGAR DA LITERATURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NOS ACERVOS DO PNBE (2003-2013), por meio da compreensão dos antecedentes da criação da lei 10.639/03, que resulta de um longo processo histórico de revisão do currículo escolar brasileiro, ao incluir a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras. Nessa perspectiva, propõe-se a análise e sistematização dos títulos de literatura infantojuvenil de autores africanos ou de temática africana, distribuídas, entre os anos de 2003 e 2014 pelo PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola). Serão discutidos nas obras sua materialidade; seu projeto gráfico-editorial – compreendidas as ilustrações; a representação que essas obras veiculam em relação à cultura africana; os aspectos estruturais e linguísticos das obras, avaliando-as do ponto de vista estético de um modo geral. Vale reiterarmos ainda, que apesar dos estudos na área de literatura infantil e juvenil brasileira terem avançado nos últimos anos, há muito material disponível para análise e muitas perspectivas a serem transpostas, principalmente no que diz respeito à grande carência de pesquisas no meio acadêmico voltadas ao estudo da literatura de temática africana e afro-brasileira, o que justifica e impulsiona a realização de nosso trabalho, por suas prováveis contribuições no que concerne ao alargamento de horizontes dos hipotéticos leitores que venham a dispor dessas fontes.

O ROMANCE POLICIAL CONTEMPORÂNEO SOB A ÓTICA DE UM PSICOPATA: UMA ANÁLISE INTERSEMIÓTICA DE PLENILUNIO

Carla Helena LANGE

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

Com base nos estudos das interartes, o presente trabalho se propõe a analisar a estética do gênero policial contemporâneo presente na obra *Plenilunio*, publicada em 1997 por Antonio Muñoz Molina, bem como em sua adaptação cinematográfica homônima, dirigida por Imanol Uribe e estreada no ano 2000. Consideradas obras pertencentes ao gênero policial contemporâneo, o livro de Antonio Muñoz Molina e o filme de Imanol Uribe se distanciam da tradição encontrada no gênero policial clássico de Edgar Allan Poe, haja vista que houve uma desconstrução da personagem detetive (que era a principal figura nas histórias do autor americano), pois esta saiu do centro para dar espaço à outras personagens, como o criminoso e a vítima. Em seus estudos acerca do gênero policial contemporâneo, Fernanda Massi (2011) aponta o conceito de duplo em relação ao criminoso e o detetive, tendo em conta que essas personagens competem sob as mesmas circunstâncias. À vista disso, o presente trabalho buscará traçar um estudo comparativo entre o romance *Plenilunio* e sua respectiva adaptação cinematográfica homônima, a fim de verificar as principais contribuições dessas duas obras para o gênero policial contemporâneo, dando um enfoque maior para a personagem do criminoso, neste caso um psicopata, que ganhou um espaço tão importante quanto o do detetive na obra.

O ESPAÇO E A CONSTRUÇÃO DO PONTO-DE-VISTA EM CARTAS DE UM SEDUTOR, DE HILDA
HILST

Carlos Eduardo dos Santos ZAGO
FCL/Assis – UNESP

Orientador: Dr. Gilberto Figueiredo MARTINS
CAPES

Em 1991, a escritora Hilda Hilst publica o romance intitulado *Cartas de um sedutor*, cuja enunciação é dada pelos registros de dois escritores: as cartas de Karl, um aristocrata que se rendeu as baixezas do mercado editorial, e os contos de Stamatius, autor que renunciou à sua posição burguesa para, das margens sociais, continuar a produzir alta literatura. Dito isso, a obra é uma verdadeira interrogação sobre a sobrevivência da arte e da literatura em tempos dominados pela indústria cultural. Nesse sentido, esta comunicação pretende analisar o espaço ocupado pelos dois narradores, já que influencia diretamente suas linguagens e, sobretudo, seus pontos-de-vista, pois se detecta volubilidade e capricho no discurso de Karl, seguindo uma linhagem de narradores elitistas da literatura brasileira, cujo mestre é Brás Cubas. Por outro lado, Stamatius olha a sociedade a partir das sarjetas, em uma busca incessante pela representação literária da matéria marginalizada, em que se misturam os menos favorecidos, os dejetos humanos e a alta produção cultural, que embasou a sociedade ocidental ao longo dos séculos.

"A DESCOBERTA DO FRIO" DE OSWALDO DE CAMARGO: UMA LEITURA DE FRUIÇÃO

Carolina dos Santos ROCHA

PUC- SP

Orientadora: Dra. Maria José Gordo PALO

CAPES

Trata-se de um estudo que investiga fragmentos do real na novela *A descoberta do frio* (2011) de Oswaldo de Camargo. Como aporte teórico, trazemos os conceitos de biografema e leitura de fruição definidos por Roland Barthes em *O prazer do texto* (1973), que entende que, ao ultrapassar elementos textuais ligados à ação do gênero novela, caso da leitura de *A descoberta do frio*, ocorre uma cisão no discurso, que aproxima o leitor do texto na construção valores de afirmação da identidade negra na literatura. Na área dos Estudos Culturais, sob o dominante conceito de estereótipo definido por Homi Bhabha, em *O local da cultura* (1998), é observado que, em alguns excertos da novela, segundo análise dos núcleos dramáticos, estes atuam como porta-vozes de pontos de vista antagônicos, constituindo um pluridiscursos peculiar à prosa: um núcleo representante da literatura negro-brasileira e, outro, representante da literatura canônica. A dialogia manifesta entre as personagens da novela, a respeito da literatura produzida por negros, é um dos subtemas em análise, que suscita as questões seguintes: Qual é o lugar que a novela *A descoberta do frio* reserva à polêmica da literatura afrodescendente no Brasil, a partir das relações dialógicas entre as personagens do passado e do presente atuantes no discurso? Em que densidade estética a metáfora do frio diverge das posições dos autores Maria Nazareth Soares Fonseca e Eduardo de Assis Duarte em sua antologia crítica (2011), à luz dos biografemas históricos em dispersão na novela?

O PROCESSO CRIATIVO DE CRONENBERG: UMA LEITURA DE NAKEDLUNCH, DE WILLIAM BURROUGHS

Carolina Natale TOTI

Universidade Estadual de Londrina

Baseado no livro *NakedLunch*, de William Burroughs, o filme homônimo de Cronenberg se apropria não só do texto literário, mas da vida e da obra de Burroughs. Além disto, o diretor explora elementos comuns ao próprio imaginário e ao do escritor. A partir daí, este trabalho procura analisar o processo de criação do filme *NakedLunch*, isto é, o modo como Cronenberg se vale da especificidade do cinema para construir uma leitura particular do texto, das metáforas literárias e do universo do Burroughs.

LITERATURA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM O RAPAZ DO METRÔ: POEMAS PARA JOVENS DIVIDIDOS EM OITO CHACINAS OU CAPÍTULOS, DE SÉRGIO CAPPARELLI

Caroline FERRETI

FCL/Assis- UNESP

A poesia é uma arte que proporciona por meio de sua linguagem conotativa, interpretações que dão origens a emoções e formam imagens, nas quais podem atuar como representação de uma sociedade que muitas vezes não tem a chance de impor a sua voz. O trabalho faz uma pequena retrospectiva da formação da literatura brasileira, suas dificuldades de afirmação e o poder que ela exerce, sendo como meio de satisfazer a necessidade de ficção e fantasia do ser humano, seja como denúncia e protesto. Sérgio Capparelli utiliza a poesia em seu livro *O rapaz do Metrô: Poemas para jovens divididos em oito chacinas ou capítulos* para retratar a vida de uma comunidade de São Paulo que sofre com preconceito e o descaso. Jovens que assistem diariamente a discriminação de raça e de classe social, de modo a permanecerem marginalizados, sem proteção, afeto; são adolescentes que desde muito cedo devem agir como adultos, trabalhar, lutar e acima de tudo sobreviver. O eu lírico se mostra por diversas vezes angustiado, envergonhado com a raça humana e ao mesmo tempo insurgente perante o conceito prévio de que bandidos em sua maioria são negros e pardos. Portanto, alguns dos poemas de Capparelli são demonstrados e analisados a fim de mostrar a abordagem da violência e do racismo através das linhas do metrô de São Paulo.

DO PARTICULAR AO UNIVERSAL: A ESCRITA DE SI EM *LE PICCOLE VIRTÙ*,
DE NATALIA GINZBURG

Cátia Inês Negrão Berlini de ANDRADE
FCL/Assis- UNESP

De acordo com Antonio Candido (1987) em “Poesia e ficção na autobiografia” (1987, p. 51-69), várias obras de caráter autobiográfico são capazes de inserir “o eu no mundo” e “mostrar os aspectos mais universais nas manifestações mais particulares”. Este trabalho propõe, tendo como ponto de partida essa definição de Candido, realizar uma leitura de *Le piccolevirtù* (1962), de Natalia Ginzburg (1916-1991), coletânea composta por textos publicados pela autora, de 1944 a 1960, em revistas e jornais italianos, com o intuito de verificar a universalidade da escrita ginzburguiana. A escritora, que trabalhou, logo após o final da Segunda Guerra, na Editora Einaudie conviveu com um grupo de escritores e intelectuais muito representativo desse período, destaca-se, ao lado de Elsa Morante, Anna Maria Ortese, e Lalla Romano, como uma das vozes femininas mais representativas da literatura italiana do imediato Pós-Guerra. Os ensaios de *Le piccolevirtù* (1962), híbridos por natureza, trazem, em sua maioria, a reflexão e a discussão sobre a sociedade italiana desse período além de servirem como espaço para Ginzburg expor seus questionamentos sobre os direitos humanos, a condição feminina e, principalmente, sobre a existência humana. A partir do cotidiano, das situações prosaicas e particulares a autora constrói um “jogo permanente que passa do menor ao maior, do restrito ao amplo, do singular ao plural” (Candido, 1987, p.59). Assim, pretendemos evidenciar que a escrita de Natalia Ginzburg, partindo do particular, atinge a universalidade.

O BULLYING ENTRE AS CRIANÇAS: ANÁLISE E RECEPÇÃO DA OBRA *ORELHAS DE MARIPOSA*, DE LUISA AGUILAR

Cecilia Barchi DOMINGUES

FCL/Assis- UNESP

Orientadora: Dra. Eliane Aparecida Galvão Ribeiro FERREIRA

FCL/Assis- UNESP

Luisa Aguilar (Astúrias, 1974), na obra *Orelhas de Mariposa*, desenvolve um belíssimo trabalho ficcional em conjunto com o ilustrador André Neves (Brasil, 1973). Sua história apresenta como personagem principal Mara, uma criança de características marcantes e personalidade forte, entretanto, seus colegas de escola insistem em depreciar seu jeito de se vestir, seu cabelo e suas orelhas. A personagem principal, de forma inusitada, encontra um jeito de superar esse infortúnio, impressionando o leitor e questionando o bullying nas escolas. Neste texto, objetivamos identificar, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção, se crianças de 7 a 8 anos, se veem representadas por Mara e seus colegas, e qual impacto é causado durante a leitura da obra, bem como o que pensamos sobre o tema bullying. Além disso, pretendemos refletir se a interação entre narrativa e ilustração é agradável às crianças, tendo potencialidades de cativá-las ao relato, bem como de ampliar seu imaginário. Neste texto, construímos a hipótese de que a leitura e mediação de obras estéticas podem emancipar o leitor e levá-lo à reflexão sobre as relações que se estabelecem em sociedade. Justifica-se, então, a eleição da obra de Aguilar, pois direciona-se ao público infantil e apresenta esteticidade em seu discurso verbal e imagético.

MULHERES BRUTAIS: GILLIAN FLYNN ENTRE MANIPULADORAS E MANIPULADAS

Célia Cristina de Azevedo ASK

Secretaria de Educação do Estado de SP

Atualmente, muito se tem falado sobre o empoderamento das mulheres, que tem se tornado uma realidade para este grupo e, ainda, configura tema de debates na sociedade. O presente trabalho pretende associar-se a este debate tomando por base a obra de uma autora contemporânea cujos romances exploram o universo feminino, gerando apreciações às vezes controversas. Conhecida mundialmente pelo romance *Garota Exemplar*, Gillian Flynn apresenta à comunidade leitora suas personagens desconcertantes, que ora fazem uso de mentiras e violência para conseguirem o que desejam ou que, ao contrário, são inseguras, indecisas e manipuláveis. Estes tipos também podem ser encontrados em seu romance de estreia, *Objetos Cortantes*, que narra a história de três gerações de mulheres marcadas pela violência e pelo abuso de poder. A leitura que se propõe realizar ampara-se na crítica feminista, em busca de uma perspectiva que realmente se interesse pela realidade das mulheres que o universo

ficcional torna visível. Observar os conflitos e a luta da mulher para obter sua liberdade e o controle sobre a própria vida permite-nos refletir sobre a atuação das mulheres em nossa sociedade e as ferramentas de que dispõem para alcançar seus objetivos.

A MEDIAÇÃO DA BIBLIOTECA NA LITERATURA DE VIAGEM: O EXEMPLO EM “*NOSTRA SIGNORA DEL MAR DOLCE*” DE GEMMA FERRUGGIA

César Palma dos SANTOS
FCL/Assis- UNESP

Supervisor: Dr. Antônio Roberto ESTEVES
PNPD – CAPES

Partindo da caracterização da literatura de viagem como uma literatura referencial, Montalbetti (1997) e Samoyault destacam a importância da biblioteca na construção de estratégias que resolvam as dificuldades de representar as sensações provadas durante a viagem através da escrita. Para Samoyault, a biblioteca contém a memória da literatura e de toda a produção cultural à qual todos têm acesso, no caso dos viajantes-escritores esse acesso pode possibilitar um elemento importante na elaboração de seu texto e na escolha de suas próprias estratégias. Esse processo é chamado por Montalbetti de mediação da biblioteca, ou seja, como os autores de narrativas de viagem podem se servir de um acervo de obras lidas antes, durante e depois da viagem para criar sua própria narrativa. Nosso trabalho pretende apresentar uma síntese de nossa pesquisa focada na análise do processo de mediação da biblioteca na narrativa de Gemma Ferruggia (1867-1930) ‘*Nostra Signora del Mar Dolce*’ publicada em 1902, identificando suas leituras sobre a Amazônia e sobre o Brasil que exercem uma função importante na arquitetura do texto. Essas leituras podem ser distintas em dois grupos: as narrativas de outros viajantes, como Ermanno Stradelli e Henri Coudreau, e obras de autores brasileiros, como Silvio Romero, Sant’Anna Nery, ligados às pesquisas sobre a cultura popular.

MEMÓRIA E ASPECTOS DA IDENTIDADE EM *A VIAGEM DO ELEFANTE*, DE JOSÉ SARAMAGO

Cíntia de Vito ZOLLNER
FCL/Assis- UNESP

Orientador: Dr. Márcio Roberto PEREIRA
CAPES

José Saramago, em *A Viagem do elefante*, a partir dos significados do presente do Rei de Portugal D. João III, para o Arquiduque Austríaco Maximiliano II, em uma viagem a Salzburg, na Áustria (Viena), decide escrever a obra *A viagem do elefante* quando, entrando em um restaurante chamado *O elefante* (Der elefant), na Áustria, observa representações e memórias do passado histórico, presente em imagens, vistas em pequenas esculturas de madeiras, que evidenciam o trajeto histórico do paquiderme a partir da Torre de Belém até Viena. Por ordem

do Rei de Portugal, Dom João III, e ideia de sua esposa, Catarina da Áustria, uma grande escolta para a viagem é organizada e segue o percurso de Lisboa, pela Espanha, desembarcando em Gênova, passando pelos Alpes do Tirol até a gloriosa entrada em Viena. Tal fato, de representatividade histórica da corte portuguesa, do século XVI (1469-1521), foi reconstituído em *A viagem do elefante*, bem como o resgate dos personagens anônimos, da presente ficção no discurso narrativo, por aspectos da memória, e através do estilo e da linguagem, utilizados no discurso, com o intuito de preencher os fragmentos, deixados pela historiografia. Na presente ficção, o tratador do elefante, o conarca indiano Subhro, à medida que se desloca juntamente com o paquiderme, de Lisboa para lugares cada vez mais distantes, busca também, pela memória, traços de sua identidade e origem indiana. Neste estudo, analisaremos tais aspectos.

PERSONAGENS INFANTIS NA CONTÍSTICA DE CLARICE LISPECTOR: UM CONVITE À INFÂNCIA E AO IMAGINÁRIO

Cíntia Roberto MARSON

UENP/CCP-IC/V

Orientadora: Dra. Mariângela ALONSO

USP/UENP

Este trabalho está inserido no projeto maior de pesquisa, coordenado pela Profa. Dra Mariângela Alonso, intitulado “A produção contística de Clarice Lispector”, que objetiva investigar os procedimentos narrativos e discursivos do conto clariciano, a partir do estudo sistemático dos principais teóricos do gênero, além do recorte de importantes ensaios críticos acerca da obra da escritora. Neste trabalho, em desenvolvimento, busca-se investigar a construção das personagens e as imagens da infância presentes nos contos “Felicidade Clandestina” e “Restos de carnaval”. Desse modo, busca-se apresentar como as narradoras-protagonistas, em ambos os contos, encaram os desafios que lhes são impostos: em “Felicidade Clandestina”, a protagonista sofre nas mãos de sua colega de turma, que nega lhe emprestar o livro *Asreinações de Narizinho*; em “Restos de Carnaval”, a protagonista vivencia a angústia de ainda ser uma menina e não uma mulher, além do estado grave de saúde da mãe, impossibilitando que a personagem aproveite o carnaval das ruas de Recife. Portanto, pretende-se expor a sutileza e a singularidade com que a escritora cria suas personagens infantis, não as infantilizando, mas considerando-as como seres que possuem desejos, medos, conflitos, traçando seus próprios caminhos ao expressar os sentimentos que habitam o mais profundo de seu ser. Para tanto, toma-se como aparato teórico os estudos de Walter Benjamin em *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2002), além de ensaios críticos que oportunizam olhares interpretativos acerca da temática infantil na obra de Clarice Lispector.

LITERATURA E PSICOLOGIA: O ABRAÇO, DE LYGIA BOJUNGA, E A MULHER QUE MATOU OS PEIXES, DE CLARICE LISPECTOR

Cíntia Roberto MARSON
UENP/CCP-IC/FA

Orientador: Dr. Thiago Alves VALENTE
UENP/CCP-GP: CRELIT

Este trabalho está inserido no projeto maior de pesquisa, intitulado “Crítica e recepção literária: acervos, escola e leitores”, financiado pela Fundação Araucária e coordenado pelo Prof. Dr. Thiago Alves Valente, cujo objetivo é estudar as obras vinculadas ao Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), bem como aquelas vinculadas a outros programas ou ações governamentais e não governamentais, em sua relação com o leitor da região do "Norte Pioneiro", avançando para uma relação mais detida entre aspectos estruturais e/ou literários das obras e o comportamento leitor dos jovens em idade escolar. Neste trabalho são analisadas as obras *O abraço* (2010), de Lygia Bojunga, e *A mulher que matou os peixes* (1999), de Clarice Lispector, a fim de destacar como elementos advindos do campo da Psicologia podem contribuir para elucidar os traços das personagens. Busca-se demonstrar a importância das vias simbólicas para a organização do mundo interior da criança e do jovem, a partir das considerações de Lisa França (2008). Além disso, pretende-se apontar a presença do sentimento de culpa, segundo Freud, presente na narradora-protagonista, Clarice Lispector, por meio do estudo de Hamud e Gellis (2009). Portanto, sendo a Psicologia essencial à constituição das obras literárias, especialmente, às infantis e juvenis, pretende-se apresentar como se dá a presença desse campo nas obras mencionadas.

HISTÓRIAS DA LITERATURA: CARTAS D'ÁFRICA E ALGUMA POESIA

Clauber Ribeiro CRUZ
FCL/Assis- UNESP

Orientador: Dr. Márcio Roberto PEREIRA
FCL/Assis- UNESP
FAPESP

Durante os anos de 1950 em Florianópolis, a história literária brasileira registrou a atuação do Grupo Sul como um polo de atividades culturais em várias áreas artísticas, tais como o teatro, o cinema e a literatura. O espaço era dirigido por jovens que publicavam seus materiais por meio da Revista *Sul*. Entre os membros-chave do Grupo encontravam-se Marques Rebelo e Salim Miguel que mantiveram uma extensa correspondência com escritores africanos das então colônias portuguesas em África, a exemplo de António Jacinto, Jorge Barbosa, Augusto dos Santos Abranches, Orlando Mendes, Viriato da Cruz, Francisco José Tenreiro, entre outros. No ano de 2005, Salim Miguel reuniu parte deste material e publicou-o no livro *Cartas D'África e Alguma Poesia*, tornando-se, por sua vez, um documento relevante para a história das relações

literárias entre Brasil e África travadas em meados do século XX. Para tanto, esta comunicação tem como objetivo apresentar parte das redes literárias tecidas entre estas duas margens do Atlântico, apresentando algumas das primeiras produções poéticas africanas no Brasil, tal como veremos no conto *O Homem e a Terra* (1957), do escritor angolano José Graça, que viria a ser conhecido internacionalmente como José Luandino Vieira.

CARTOGRAFIA DA COR: LITERATURA, MEMÓRIAE TENSÃO RACIAL.

Cláudio do CARMO
Universidade do Estado da Bahia / UNEB

A sociedade contemporânea vê recrudescer várias espécies de paixões que resultam em nacionalismo dos mais diversos, com episódios que radicalizam as formas de lidar com a personalidade, cujos desdobramentos encontram nas tensões raciais uma experiência ao mesmo tempo perversa e resistente de convívio em sociedade. Assim, as atualizações das memórias mascaram causas improváveis e de dimensão simbólica que transcendem a temporalidade e vão encontrar refúgio num espaço que muitas vezes se vê indissociável da memória, como em lugares-de-memória que sugerem esse movimento. A literatura, em suas várias instâncias de preocupação lê essas tensões, seja através de atualizações em relação à sociedade que apresenta, seja buscando na memória as causas, mas é mister perceber como o lugar ocupa uma centralização muitas vezes invisível, que faz com que seja determinante nas condições que perpetuam uma forma loquaz de intervenção na realidade. É o caso de romance “Rio negro 50” do escritor carioca Nei Lopes, cujo enredo dramatiza um esquecimento que muito nos explica sobre as tensões muitas vezes mascaradas e reveladoras do presente. A partir de noções como vistas em Candau, Agambem, Ricœur e Pollok e Nora; buscaremos elucidar essa questão, trazendo à tona direcionamentos que refletem a temporalidade e suas relações espaciais na representação literária.

“O TRABALHO DE UMA MULHER NUNCA TERMINA”: INTERSECÇÕES DO VELHO E DO NOVO MUNDO EM “JOHN FORD’S TISPITYSHE’S A WHORE” DE ANGELA CARTER

Cleide Antonia RAPUCCI
FCL/Assis- UNESP

O conto “John Ford’s Tis Pity She’s a Whore” de Angela Carter foi publicado na coletânea *American Ghosts&Old World Wonders* que, lançada postumamente em 1993, reúne contos que se dividem entre o Velho e o Novo Mundo. O conto remete à peça de mesmo título escrita pelo inglês John Ford no século XVII, justapondo-a a um roteiro de filme imaginário que poderia ter sido criado pelo cineasta norteamericano John Ford. Partindo da peça inglesa que trata do trágico amor entre os irmãos Giovanni e Annabella, Carter situa a nova história nas planícies norte-americanas e os protagonistas são Johnny e Annie-Belle, num roteiro à moda dos filmes western do diretor norteamericano John Ford. Trata-se de um texto híbrido que mistura

narrativa e modo dramático, no qual vários eixos temáticos podem ser analisados. Com base na crítica feminista, abordaremos nesta apresentação aspectos temáticos que incluem o mito do andrógino, o duplo, a moralidade puritana, o machismo arraigado no conceito da fronteira norte-americana e o questionamento da América como um espaço edênico. O Novo Mundo repete as mesmas formas de poder e de controle sobre a mulher que existiam no Velho Mundo.

O LIVRO NEGRO DE THOMAS KYD: AVENTURAS EM ALTO-MAR

Cleomar Pinheiro SOTTA

FCL/Assis- UNESP

Orientadora: Dra. Sandra A. FERREIRA

FCL/Assis- UNESP

Primeiro trabalho ficcional da professora e escritora Sheila Hue, *O livro negro de Thomas Kyd* (2011) consiste em uma narrativa de viagem de um garoto que deixa a cidade portuária de Plymouth, na Inglaterra, para partir com a frota de navios do comandante Thomas Cavendish, com o objetivo de dar a volta ao mundo. Levando em consideração informações obtidas a partir de suas pesquisas sobre os relatos ingleses de viagem ao Brasil no século XVI, a autora constrói um romance de aventuras juvenil, misturando dados históricos com fantasia. Tomando-se como referencial os elementos que José Paulo Paes aponta como recorrentes no que tange à composição dos romances de aventuras, esta comunicação pretende explicitar a presença de tais aspectos na obra em questão, bem como destacar o importante papel que a viagem marítima exerce no amadurecimento de Thomas Kyd, pelo fato de proporcionar ao jovem o conhecimento de novas terras, novas culturas, novas amizades e a vivência de sentimentos ainda não experimentados, fatores que, além disso, provocam ainda a associação da narrativa ao chamado romance de formação (*Bildungsroman*), devido à transformação sofrida pelo protagonista ao longo de toda a jornada.

A MODERNIZAÇÃO EM "I PENSIERI DI BELLAVISTA" E "O AVESSO DAS COISAS"

Clodoaldo Vicente da SILVA

FCL/Assis- UNESP

Orientadora: Dra Cátia Inês Negrão Berli de Andrade

CAPES

Este ensaio pretende evidenciar elementos relacionados à modernização em *I pensieri di Bellavista*, de Luciano De Crescenzo, que será, nesta ocasião, comparado a *O avesso das coisas*, de Carlos Drummond de Andrade. A primeira obra citada, objeto da minha pesquisa, data de 2005 e, no entanto, é fruto de uma obra escrita em 1977 (*Così parlò Bellavista*), do próprio De

Crescenzo e a segunda publicada no ano da morte de Drummond, 1987. Ambas as obras são compostas por um gênero literário que caminha de mãos dadas com a prosa enquanto flerta com a poesia: o aforismo. E as duas obras têm em comum o fato de propiciarem uma reflexão sobre os valores que temos estabelecidos com os elementos que nos constituem, assim como, proporcionar uma nova possibilidade de lidar com esses elementos. Dentro das várias arestas possíveis relacionadas à modernização, aqui, daremos ênfase à relação do homem com o capital, a relação com o trabalho e as relações sociais em ambiente de modernização.

IDEA VILARIÑO: CANTOS AO POVO E À CONSCIÊNCIA LATINO-AMERICANA

Cristian Javier LOPEZ
UNIOESTE - Campus Cascavel - Universidade de Vigo/Espanha
Orientadora: Dra. Carmen Luna SELLÉS
Co-orientador: Dr. Antonio Donizeti da CRUZ

Este trabalho tem como objetivo analisar, desde uma perspectiva comparatista, a relação história, literatura e sociedade presente na obra da poetisa uruguaia Idea Vilariño. Escolhemos trabalhar com os poemas “A uma Paloma” e “Ya me voy pa’la guerrilla” e suas versões musicalizadas pela própria autora. Partimos da antiga relação entre a literatura e a música para revelar que essa confluência entre as distintas formas artísticas encontra também em produções contemporâneas um espaço representativo no qual, por meio dessa conjunção consegue potencializar as expressões artísticas que as compõem. Desse modo, com esse objeto de estudo específico, tentamos verificar como as produções líricas interatuam com suas versões musicais e levam as mensagens sociais a um grande público. Buscamos, pois, revelar como a confluência das artes e o pensamento social se encontram presentes na criação de obras de caráter híbrido, como no caso da musicalização contemporânea da produção poética de Vilariño. A poetisa explora em sua obra a figura do povo, as causas sociais, a ditadura, a busca pela justiça social marcada pela resistência ao poder. Para a elaboração deste trabalho tomaremos como base o aporte teórico de estudiosos como o espanhol Claudio Guillén (2005), a brasileira Zilá Bernd (1998), o uruguaio Fernando Aínsa (1991), entre outros teóricos que se dedicam ao estudo da Literatura Comparada e das relações entre história, literatura e sociedade.

IFMT VAI A ESCOLA: CONTADORES DE HISTÓRIA E CIA

Jesus Dagoberto ROSA
IFMT Primavera do Leste

O projeto IFMT VAI A ESCOLA: CONTADORES DE HISTÓRIA E CIA tem como princípio levar às escolas de Confresa e região um grupo de docentes e alunos do Instituto Federal de Mato Grosso Campus de Confresa para desenvolver uma série de oficinas de leitura, rodas de

conversas, contação de histórias, dramatização de pequenos textos tudo com o objetivo de estimular a leitura de literatura nas escolas. Este trabalho nasceu a partir de uma pesquisa realizada no município sobre a presença pouco expressiva da literatura na escola, com base nos dados desta pesquisa se pensou esta serie de ações. O trabalho que ora apresentamos é uma reflexão sobre todo este processo; do desenvolvimento da pesquisa, da observação que o município carecia de ações que estimulassem a leitura, da proposta de uma ação, da aplicação dessa proposta e das reflexões ao cabo de todo esse processo.

ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: VEREDAS NARRATIVAS

Jesus Dagoberto ROSA
IFMT Primavera do Leste

Este trabalho aborda algumas relações entre Literatura e História apontando a influência das leituras literárias para a construção da historiografia, sem perder de vista as especificidades de cada uma dessas disciplinas. Em estudo reflete sobre tais relações a partir de um massacre ocorrido no ano de 1892 na Vila Nossa Senhora do Rosário do Rio Acima, atual cidade de Rosário Oeste, interior de Mato Grosso, que vitimou cerca de cinquenta homens. Buscou-se entender esse evento sangrento ocorrido no período de transição política do Império para a República, mapeando seu desencadeamento histórico. Na tessitura desta narrativa estão presentes documentos históricos e um grupo significativos de textos literários que auxiliaram na compreensão do processo de construção historiográfica.

MODOS DE REPRESENTAÇÃO DE HIJO DE HOMBRE DE ROA BASTOS: UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Damaris Pereira Santana LIMA
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

A proposta desta comunicação neste simpósio é apresentar uma das produções de Augusto Roa Bastos (1917-2005), escritor paraguaio, obra que apresenta suas variações através da literatura e do cinema, a saber: o romance *Hijo de hombre* e o filme *La sed*, escrito e roteirizado por Roa. Serão analisados sob a perspectiva interdisciplinar da contemporaneidade, analisando o diálogo entre o texto literário e o cinema. Vale ressaltar que o referido autor foi um *expert* no quesito interdisciplinaridade, pois o demonstra em sua produção artístico-literária, uma vez que transita pela literatura, teatro, música, cinema, etc., tendo como elemento preponderante a história do seu país. *Hijo de hombre* articula-se a partir de relatos da historiografia paraguaia do início do século XX. Ao transitar por diversos campos artísticos, Roa Bastos constrói um discurso igualmente interartístico. Foi compositor, roteirista de cinema, escritor de peças teatrais, poeta e, sobretudo contista e romancista. Além de pensar sobre o diálogo entre as artes, vale pensar esse diálogo na perspectiva da poética das variações, termo cunhado pelo

próprio Roa quando diz que muitas vezes se encontrava retocando e corrigindo sua narrativa uma vez que corrigir e variar um texto pareceu-lhe uma aventura estimulante. Podemos pensar essa variação do romance *Hijo de hombre* em forma de roteiro de filme.

CENAS DE CINEMA NA LITERATURA ALEMÃ PRÉ-GUERRAS

Daniel BONOMO
UNICAMP
FAPESP

Discuto representações literárias do cinema como entretenimento de novo gênero num poema de Jakob van Hoddis (“Cinematógrafo”) e em romances de Alfred Döblin (*Berlin Alexanderplatz*) e Hermann Broch (*Os sonâmbulos*), o primeiro em 1910 e os dois seguintes no fim da década de 1920. Abordo questões textuais e contextuais com a ajuda do estudo *De Caligari a Hitler*, de Siegfried Kracauer, e percebo, concluindo, o movimento duplo, crítico e produtivo, na literatura alemã do período, de desconfiança contra os efeitos da nova mídia narrativa e aproximação a seus ganhos formais e temáticos.

AS ANTOLOGIAS DE POESIA BRASILEIRA TRADUZIDA NA ITÁLIA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960: ANÁLISE DAS SELEÇÕES E DAS APRESENTAÇÕES DE AUTORES E POEMAS

Daniel Souza SILVA
FFLCH – USP
Orientador: Dr. Maurício Santana DIAS

Antologias de literatura traduzida constroem, reforçam ou alteram cânones de literaturas nacionais, tanto no que diz respeito aos seus autores quanto com relação às respectivas obras, já que selecionam aquilo que será difundido em outros sistemas literários. Compreendido como um subsistema atrelado à cultura de chegada, de acordo com os Estudos Descritivos de Tradução, o sistema de literatura brasileira traduzida na Itália teve, ao longo do século XX, mais expressividade no âmbito da prosa, notadamente com o romance regionalista nordestino. A partir do levantamento das seleções e apresentações de poetas brasileiros feitas em antologias italianas no arco temporal de duas décadas, o intento deste estudo é analisar as chaves de leitura aplicadas aos textos que circularam por estes meios. Oscilam os poemas que figuram nas antologias a depender dos critérios editoriais, do histórico das traduções e de poéticas que se interpõem ao trabalho do tradutor. O retrato dos artistas nas apresentações também pode tomar feições diversas a patronagem atrelada a estas obras é decisiva para o seu delineamento. Todo um programa de reescrita com normas específicas pode resultar de um mecenato mais ou menos diferenciado, nas categorias desenvolvidas por Lefevere para investigar a manipulação da fama literária. A contribuição tenta enfrentar uma lacuna na historiografia da tradução na Itália referente a um período onde a reescrita poética tem um status consideravelmente elevado no campo literário.

Daniela Aparecida FRANCISCO
FCL/Assis- UNESP

Os mitos literários estão presentes em todas as áreas da produção literária, inclusive na literatura juvenil. Jorge Miguel Marinho (1947), premiado escritor da literatura infantojuvenil contemporânea, tem publicado narrativas em que pratica sugestivas ousadias literárias, na contramão de muitos clichês moralistas, pedagogizantes e veristas que muitas vezes contaminam a produção do gênero. Em diversas obras observam-se tanto características do insólito como aspectos associados ao mito na construção do enredo de suas narrativas. A presente comunicação objetiva analisar precisamente a presença das manifestações do insólito e dos mitos literários em *A maldição do olhar* (2008), obra direcionada ao público jovem. Utilizando-se da presença do mito do vampiro e do mito de Don Juan, dois mitos distintos, mas que se relacionam no interior da obra, Marinho funde um único personagem. O fantástico e o real misturam-se para a criação de obra ficcional emblemática e intrigante. Jorge Miguel Marinho também dialoga com outra obra conhecida do público leitor: *Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá*, livro escrito por Lewis Carroll no ano de 1871. Alice continua presa no espelho e este espelho está dentro do quarto de um personagem diferente, estranho e que ela não consegue decifrar. A realidade vista por Alice será realmente a realidade? O desafio do leitor é compreender esse mundo ficcional e real ao mesmo tempo constituído por homens e vampiros que convivem de maneira desarmônica. Por meio do jogo simbólico, o insólito aparece no misterioso, nos elementos que causam estranheza, naquilo que não podemos conhecer completamente, sendo enigmático. E são justamente esses elementos que nos propomos analisar.

ELEMENTOS FANTÁSTICOS EM INCIDENTE EM ANTARES E O VENDEDOR DE PASSADOS

Daniela de Oliveira LIMA
FCL/Assis- UNESP
Orientador: Dr. Rubens Pereira dos SANTOS

O romance *Incidente em Antares* (1971), de Erico Verissimo, apresenta-nos a história de uma cidade interiorana do Rio Grande do Sul, conhecida por Antares. Esta é propícia para apresentar o jogo narrativo com o intuito de mostrar, através da aparição de elementos fantásticos, no caso, mortos que voltam à vida, as aparências dos moradores dessa cidade e como são as suas relações sociais, principalmente diante dos sete mortos que passam a ter o papel de denunciar os atos ocultos desta sociedade, uma vez que lutam apenas pelo direito de serem sepultados. Por outro lado, na literatura angolana proposta por José Eduardo Agualusa, no romance *O Vendedor de passados* (2004), encontramos também o recurso do fantástico, porém com

elementos utilizados de maneira diferente do livro de Erico Veríssimo, mas mostrando e focalizando também as relações das pessoas com seus espaços sociais. O ponto fantástico aqui é que a voz que narra os fatos vem de uma osga, um tipo de lagartixa, que habita a casa do protagonista Félix Ventura, e observa todos os acontecimentos com uma visão privilegiada. Nesse sentido, propomos nesta breve comunicação, comparar e levantar aspectos que aproximem esses dois romances, levando em consideração os elementos que cada autor optou para inserir o insólito de maneira a adaptar-se ao momento de cada sociedade.

PORTUGAL NAS MEMÓRIAS DE ÉRICO VERÍSSIMO

Davi Siqueira SANTOS
UNIARARAS

O romancista gaúcho, Érico Veríssimo, após percorrer um considerável percurso no campo da ficção, passa a investir suas energias na produção de narrativas memorialísticas. Nelas, procura retratar seu tempo, sua história pessoal e suas experiências mais significativas e ressonantes para a construção do personagem-escritor que se popularizou no cenário da literatura brasileira do século XX. Um elemento importante para a elaboração criativa e intelectual desse personagem-escritor de sucesso é o acréscimo de informações relativas às suas viagens internacionais. Sendo assim, em *Solo de clarineta*, viagens aos Estados Unidos, Portugal, Espanha, Grécia e Holanda, são contempladas. O foco de nossa atenção na presente comunicação será em torno da viagem ao país que mais extensa e detalhadamente é retratado: Portugal. Para isso, destacaremos o roteiro desenvolvido, as cidades portuguesas melhores avaliadas e os momentos mais destacados na escrita do texto. Ao final, pretendemos concluir demonstrando o quanto o escritor se projetou em suas viagens e o quanto elas temperaram e perfumaram a história pessoal desse personagem-escritor em *Solo de clarineta*.

REFLEXÕES ACERCA DO FAZER CRÍTICO E LITERÁRIO DE MACHADO DE ASSIS A PARTIR DA LITERATURA COMPARADA

Dayane MUSSULINI
FCL/Assis – UNESP
Orientadora: Dra. Daniela Mantarro CALLIPO

Uma perspectiva possível para a compreensão das obras literárias machadianas acontece por meio da literatura comparada, ao confrontá-las com outras, pertencentes tanto a escritores brasileiros quanto a estrangeiros. Da mesma forma, observamos que, ao fazer crítica literária, Machado de Assis buscava nos demais autores modelos que lhe permitissem a elaboração de um ideal próprio de escritura crítica. Como, naquela época, o território brasileiro não contava com uma crítica literária consolidada, embora fosse bastante praticada nos periódicos locais, o autor fluminense consultava produções de críticos, sobretudo franceses e ingleses, para pensar

na sua própria escrita, bem como na literatura brasileira de maneira ampla. É importante relembrar que esses textos são resultados de suas colaborações na imprensa periódica, sendo que só foram publicados em livros postumamente. Esse indício nos fornece, portanto, matéria para discutir qual o seu posicionamento frente ao amadurecimento da literatura nacional, cuja ausência de uma crítica engajada, segundo ele próprio, era um de seus principais desafios. Pretendemos com este trabalho a análise desses textos críticos que mostram a constante reflexão de Machado de Assis acerca do fazer crítico e literário no Brasil, na medida em que é possível reconhecer a importância de autores como Madame de Staël, Eugène Pelletan, Sainte-Beuve e Louis Etienne, na construção de sua escritura crítica.

ENTRE FRONTEIRAS: O FEMININO EM “GOOD COUNTRY PEOPLE”, DE FLANNERY O’CONNOR

Débora Balliello BARCALA
FCL/Assis- UNESP
FAPESP

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado em andamento denominada “O grotesco e a personagem feminina em Flannery O’Connor pretende apresentar uma análise do conto “Good Country People”, de Flannery O’Connor. Neste conto, narra-se a história de Hulga/Joy, uma mulher na casa dos trinta anos que volta a morar com a mãe, Mrs. Hopewell, após conseguir o doutorado em filosofia, pois tem uma doença cardíaca grave e uma perna próstética, já que a sua fora amputada num acidente. Em certa altura da narrativa, Hulga se envolve com Manley Pointer, um trapaceiro que representa a cultura patriarcal e o mito do “pioneiro na fronteira”, que tenta seduzir e dominar Hulga, à maneira de um colonizador que subjuga a natureza. O conflito entre os dois é representativo do poder do patriarcado até mesmo sobre as mulheres que se julgam livres dos padrões tradicionais de gênero. Baseada nos trabalhos de Harvid (1993), Russo (2000) e Yaeger (2000), essa comunicação propõe, portanto, uma leitura do conto como uma crítica minuciosamente construída, por meio das imagens e personagens grotescas e da ironia do narrador, aos papéis de gênero e à sociedade patriarcal, bem como uma discussão sobre as possibilidades feministas na obra de O’Connor, muitas vezes desconsideradas pela crítica.

DO ‘CISNE ERRANTE DOS SANGRENTOS RASTROS’ AO DESALOJAMENTO COMO IDENTIDADE: UMA LEITURA DE TESTEMUNHO TRANSIENTE (2015), DE JULIANO GARCIA PESSANHA

Debora Duarte dos SANTOS
Universidade de São Paulo (USP)
Orientador: Professor Dr. Pablo Fernando GASPARINI
CAPES

Considerado pela crítica como o artífice de uma escrita cuja dimensão trágica solicita, de seu leitor, o abandono do eu e da racionalidade, Juliano Garcia Pessanha ultrapassa os usos e

limites do verbo. Em seus textos nos deparamos, por um lado, com Nietzsche, Heidegger, Artaud e, por outro, com nomes como os de Kafka, Fernando Pessoa e, até mesmo, de Clarice Lispector – são os diálogos, seus contrabandos e apropriações. É neste embaralhamento do dizer e, inclusive dos gêneros, que localizamos os objetivos deste trabalho. Gostaríamos de evidenciar como em alguns textos da tetralogia Testemunho transiente (2015), o escritor coloca em articulação literatura e filosofia, fazendo de seu sufocamento biográfico o vetor de uma dicção que busca digerir intranquilidades e, principalmente, contrapor-se à máquina de sentido moral.

A (RE)LEITURA DE SAMUEL RAWET E ELISA LISPECTOR – UMA ABORDAGEM ANTI-POSITIVISTA DA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA?

Débora Magalhães Cunha RODRIGUES
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Orientadora: Dra. Ana Cristina dos SANTOS

A história da literatura brasileira nasce ao mesmo tempo que as correntes ideológicas e literárias como opositivismo e o naturalismo. Fortemente influenciada por elas, surge um método de análise baseado na classificação estratificada e hierarquizada. Assim, alguns escritores não conseguiram entrar em nenhuma das classificações propostas pelos críticos, devido quer pela inovação da forma, quer do conteúdo. Valendo-se desta perspectiva, a proposta deste artigo é lançar algumas questões para compreender por que alguns autores permaneceram fora desta classificação, mais especificamente dois autores: Samuel Rawet e Elisa Lispector. A análise tomará como referência os conceitos: transgressão ruidosa, transgressão silenciosa e pós-utópico, propostos por Flávio Carneiro. Apesar da transgressão ruidosa inicial, estes escritores, hoje começam a ser (re)lidos porque a temática e a forma propostas por eles tornaram-se mais populares. Sendo assim, Samuel e Elisa, opondo-se ao patrulhamento ideológico da época, apresentaram um tipo de literatura que se consolidaria somente em fins do século XX e início do XXI.

O RESGATE DA MEMÓRIA EM A MISTERIOSA CHAMA DA RAINHA LOANA, DE UMBERTO ECO

Déborah Garson CABRAL
FCL/Araraquara - UNESP
Orientadora: Dra. Claudia Fernanda de Campos MAURO

O narrador de *A misteriosa chama da rainha Loana*, romance de Umberto Eco datado de 2004, é, certamente, digno de um estudo aprofundado. Herói desmemoriado, esse personagem intriga o leitor e o incita a acompanhá-lo em sua busca pela identidade perdida. Giambattista Bodoni, o Yambo, é o protagonista dessa narrativa, que fará uma viagem no tempo em busca de um passado perdido entre folhas da biblioteca de toda sua vida. Para tentar se encontrar, Yambo volta ao arquivo de seu passado com o intuito de investigar sua origem e suas

memórias. Esta busca pela reconstrução da identidade baseia-se no resgate dos arquivos físicos de sua infância, suas leituras e as músicas que ouvia e que remontavam à época em que viveu em sua antiga casa e às histórias que vivenciou; através desta caçada ao tesouro da memória, aos poucos vai reedificando suas lembranças, construindo uma pseudo-recordação de suas vivências e provocando a sensação de simulacro de si mesmo. A perda da memória, para Yambo, trouxe o desconhecimento de si e de seu mundo pessoal, ou seja, ele se reconhecia como parte de um tempo, mas não como agente de seu tempo. Yambo passa a ser um indivíduo fragmentado, sem raízes, deixando de ter lembranças das vivências que compunham sua individualidade. A partir dos estudos da memória coletiva de Halbwachs e dos escritos Freudianos, esse trabalho visa verificar a reconstrução da identidade dentro da obra citada.

LITERATURA TRANSGÊNERA: O JOGO NARRATIVO EM ADAM DE ARIEL SCHRAG

Divanize CARBONIERI
UFMT

O romance *Adam* (2014) da americana Ariel Schrag é possivelmente um exemplo significativo de literatura transgênera, mas já em busca de um questionamento de quaisquer circunscrições fáceis ou óbvias do gênero. Schrag se identifica como uma mulher cisgênera homossexual, manifestando, portanto, uma identidade de gênero não heteronormativa. Porém, o protagonista Adam não é transgênero nem homossexual, mas um rapaz cisgênero heterossexual que, por determinadas razões, assume temporariamente a identidade de homem trans. A narrativa é construída na terceira pessoa, juntamente com um largo uso do discurso indireto livre e do fluxo de consciência. Dessa forma, cria-se um efeito simultâneo de aproximação e distanciamento dos pensamentos e posicionamentos de Adam. Além disso, o narrador de terceira pessoa oferece uma contraposição às reflexões e declarações do protagonista, muitas vezes revelando suas hipocrisias e mentiras. Se Adam é um novato no universo transgênero e *queer*, o mesmo não se pode dizer do narrador, que parece ser alguém bastante familiarizado com esse contexto. O objetivo deste trabalho é demonstrar que tal jogo narrativo permite uma visão crítica do próprio ambiente em que vivem os sujeitos transgêneros e *queer* brancos em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Assim, os preconceitos de Adam são usados para pôr a descoberto, por exemplo, o elitismo e o racismo existentes em meio a esse grupo.

REINSCRIÇÕES DO ESPAÇO NA CONTEMPORANEIDADE: INTERLOCUÇÕES ENTRE GUIMARÃES ROSA E MILTON HATOUM

Edinília Nascimento CRUZ
UFMG

Pretendemos, neste trabalho, propor um diálogo entre Guimarães Rosa e Milton Hatoum, tendo como parâmetro a construção do espaço ficcional em suas obras. O objetivo é analisar o

modo como essa categoria analítica se configura, destacando as estratégias e articulações utilizadas pelo narrador, tanto na obra do escritor mineiro, quanto na do amazonense. A discussão terá como foco o modo como a fragmentação do ambiente narrativo se torna emblemática diante dos constantes embaralhamentos de planos narrativos, mobilidade e deslocamento das personagens. Analisaremos em *Corpo de baile* (1956), de Guimarães Rosa, e no romance *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum, as manifestações espaciais na perspectiva de seus narradores, bem como, a forma recursiva de ordenação que perturba os modos como tradicionalmente esses referenciais são percebidos, elevando essa abordagem a um alto patamar de complexidade. Por meio da leitura instrumental da topoanálise, buscamos problematizar as representações geográficas, sociais, culturais e simbólicas, tanto na tradição rosiana quanto na cartografia ficcional contemporânea. A proposta é discutir a região amazônica como extensão do sertão, na geografia política brasileira, bem como as territorialidades à margem, buscando uma interlocução entre os processos de constituição da topografia e do imaginário literários do sertão rosiano e da ambientação amazonense hatoumiano. Em ambos os autores, há uma força perturbadora constitutiva, que suscita uma relação tensa entre a diversidade da paisagem geográfica, a social e a afetiva. Os dramas humanos relacionam-se ao ambiente em que as personagens vivem, evidenciando o espaço como elemento central e eixo condutor das narrativas. Essas referências se emaranham a outros elementos narrativos, constituindo uma rede textual complexa. A proposta tem como base teórica autores como Michel Collot, Luis Brandão e Jean Pouillon.

O NARRADOR QUE POUCO FAZ: UMA ANÁLISE DE FAZENDO ANA PAZ, DE LYGIA BOJUNGA

Edson Maria da SILVA

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

Capes

Este trabalho, que faz parte de uma dissertação de mestrado em andamento, analisa a questão do espaço e do narrador no livro *Fazendo Ana Paz* (2007), de Lygia Bojunga. Neste, deparamos com um narrador que problematiza sua própria escrita, tratando-se de um narrador-autor que conta o processo de feitura de suas personagens. Notamos, no livro, que a questão do narrar, se apresenta como ponto delicado, de difícil resolução, pois a personagem Ana Paz e seu pai se apresentam de forma hesitante e intermitente, de difícil apreensão pela escrita. Acostumada com o surgimento “sutil” de suas outras personagens, Ana Paz e seu pai apresentaram-se diferentemente, pois eles apareciam de repente e sumiam do mesmo modo, fazendo-a debater-se consigo mesma (por meio da escrita) na tentativa de encontrar uma razão para a insistente fuga das personagens. Com isso, nosso trabalho procura enxergar a relação da voz narrativa com o espaço de criação literário, haja vista que o espaço do texto é um lugar em que narradora e personagens parecem estar ambas em processo de feitura, uma vez que nele vigora a fragmentação, a incerteza e uma busca infundável de sentido, que ora se concretiza, dando algum contorno às personagens e à narração, ora foge completamente. Para esta

análise, recorreremos principalmente a Maurice Blanchot, em seu livro *O espaço literário* (2011), além de Jeanne Marie Gagnebin (2014), Walter Benjamin (1994), entre outros teóricos que serão mencionados na apresentação do trabalho.

REALISMO ANIMISTA E REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA EM *HISTÓRIAS DE LEVES*
ENGANOS E PARECENÇAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Eduardo Souza PONCE
Universidade Estadual de Londrina
Capes

Um dos nomes mais representativos da literatura afro-brasileira contemporânea, a autora mineira Conceição Evaristo marca sua produção literária pela *escrevivência*, encontro das vivências com a escrita, incorporando, dessa forma, uma voz que retoma a ancestralidade negra na medida em que trata de temáticas ligadas ao individual e ao coletivo dessa parcela da população. No presente trabalho objetivou-se compreender de que maneira a escritora agrega a esse traço específico de sua produção literária alguns aspectos do realismo animista nas narrativas de *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016). Considerando as proposições de Sueli Saraiva (2007), para quem o realismo animista abarca aquilo que é tido como sobrenatural não pela racionalidade ocidental, conforme fazem as teorias do fantástico, mas enquanto aspecto cultural e identitário de uma realidade sociocultural animista, buscou-se observar de que forma a construção das personagens apontam para uma ressignificação do corpo negro, cujo enfoque é dado à beleza e à força. Ao verificar a maneira pela qual as personagens são apresentadas, foram destacadas as descrições permeadas pelo sopro poético característico da autora. No que diz respeito à presença do realismo animista, os acontecimentos tidos como sobrenaturais presentes nas narrativas foram observados enquanto estratégia de representação de uma identidade negra que se contrapõe aos estereótipos difundidos pelos discursos hegemônicos.

O DON JUAN DO SERTÃO: UM ESTUDO COMPARATISTA ENTRE O PERSONAGEM DIOCLÉCIO DO
ROMANCE *PEDRA BONITA* DE JOSÉ LINS DO REGO E DON JUAN DA PEÇA *EL BURLADOR DE*
SEVILLA Y EL CONVIDADO DE PIEDRA, DE TIRSO DE MOLINA

Edvânio Caetano da SILVA
FCL/Assis – UNESP
CNPQ

O presente trabalho tem por objetivo verificar a presença do mito literário Don Juan, da obra *El Burlador de Sevilla y el convidado de piedra*, de Tirso de Mollina, no personagem Dioclecio da obra *Pedra Bonita*, (1938), de José Lins do Rego. Desse modo, apoiando-se na teoria literária, analisar a importância e perpetuação do mito, criado pelo autor espanhol, e como ele ressurge

remodelado e moldado às características do meio e do novo espaço em que se insere, na criação do autor brasileiro, sem perder sua essência fundamental. O ponto de partida será a atmosfera mística que paira sobre os personagens das respectivas obras, tanto do brasileiro José Lins quanto do espanhol Tirso de Mollina, a partir disso verificar a relação entre Don Juan e Dioclécio e em que medida ambos representam o desejo de um povo, cada um à sua época, anseios que na maioria iam contra aos costumes e moral cultuados naquelas sociedades, mas que são universais e atemporais, fator fundamental para transformação do mito literário, do primeiro dos personagens aqui citados. Por fim, em que medida os atos de transgressões de Don Juan se apresentam em Dioclécio, com isso contribuindo para a propagação do mito em outras literaturas.

PEDRA BONITA E O DIÁLOGO COM A SOCIOLOGIA

Edvânio Caetano da SILVA
FCL/Assis – UNESP
CNPQ

O presente trabalho tem por objetivo verificar como o autor José Lins do Rego se beneficia do meio social para a composição da sua obra *Pedra Bonita*, (1938), enfocando a cultura de uma determinada região do país, o sertão nordestino, na qual aborda o misticismo religioso e o cangaço. De que modo o elemento externo, ou seja, o social, desempenha um papel de grande valia na obra para caracterizar os personagens, localizando-os histórica e geograficamente. Contudo, o elemento social, assim como o psicológico, religioso, linguístico e outros, será analisado como parte integrante da obra que interfere na estética, funcionando como um “fermento” para a qualidade final. Para isso, a sociologia será tratada como disciplina auxiliar, com sua devida importância, da qual o autor lança mão para trazer ao campo literário personagens historicamente deixados de lado na literatura. O que se busca é levar à luz os aspectos sociais da obra, e como eles interferem para na sua economia, de modo que transita pela matéria dos estudos sociológicos, históricos e acima de tudo aquele que é seu resultado final, o campo literário. Enfim, para norteador o trabalho, o texto e o contexto serão fundidos, para que a obra seja interpretada tanto pelo ponto de vista no qual os fatores externos e internos se combinam para o resultado final.

VIAGEM: UM ROMANCISTA BRASILEIRO EM PAÍSES COMUNISTAS

Elaine Aparecida LIMA
Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Escrita a partir das estadias de Graciliano Ramos, durante o ano de 1952 por financiamento do Partido Comunista, na Tchecoslováquia e na União Soviética, Viagem foi publicada

postumamente em 1954. Desde sua publicação, tem sido alvo de raras menções críticas, as quais, quando ocorrem, limitam-se a entendê-la como objeto inacabado e destoante de toda a produção literária do escritor. Remando contra a maré, o trabalho proposto compreenderá que, conforme sugestão de Antonio Candido para as demais produções do autor, Viagem compõe uma trajetória autoral entre a ficcionalização e o registro de fatos vividos, entre a literatura e a confissão autobiográfica. Ler-se-á o relato comparativamente às demais obras do alagoano e às descrições de viagens a países comunistas realizadas por intelectuais contemporâneos a ele, destacando o quanto as posições políticas e sociais que emanam da narrativa refletem a ideologia de seu tempo e influenciam sua literatura, bem como verificando a forma pela qual as características literárias de outros escritos de Ramos, sobretudo os tons memorialístico e social, o intento de compreender a realidade e a descrição literária da paisagem, permanecem em seu relato de viagem, colaborando, concomitantemente, para a figuração do outro e para que, diferentemente de seus contemporâneos, tenha-se um resultado não doutrinário.

A PROSA POÉTICA NA ESCRITA DE SI DE AUTORIA FEMININA: MEMÓRIAS DE GUERRA NO SUBSISTEMA JUVENIL BRASILEIRO

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro FERREIRA
FCL/Assis – UNESP

As duas grandes Guerras mundiais, embora sejam objetos de estudos acadêmicos diversos, não são eleitas, preferencialmente, como temática na produção literária juvenil. Nesse âmbito, nota-se a escassez desse tema aliado à memória, sobretudo, em obra de autoria feminina. Justifica-se, então, que se objetive analisar o romance "Minha guerra alheia", de Marina Colasanti (1937-), escrito na linha do realismo e de inspiração autobiográfica sobre suas memórias da guerra. Acredita-se, neste texto, que essa obra, por se situar entre prosa e poesia, dirigir-se a públicos de diferentes idades e abordar questões filosóficas e culturais, possui potencialidades que cativam o público jovem. Sua autora, de forma sensível e poética, configura seu enredo e suas personagens, por meio do resgate de suas memórias de infância inspiradas no convívio com sua família, bem como nas próprias experiências, em meio a uma Itália destrocada pela Segunda Guerra. Dotada de prosa poética e de dialogia, a obra revela duplo olhar de perspectiva polifônica sobre as reminiscências de Colasanti, pois em seu relato autobiográfico intercalam-se diferentes vozes: o da narradora adulta, que situada em espaço brasileiro relativiza seu lugar, para que avulte a voz da menina que vivencia as agruras da guerra, e o da autora. Justamente por isto, busca-se, na análise da obra, detectar se ela possui potencialidades para também ampliar os horizontes de expectativa do jovem leitor.

O POSICIONAMENTO DE VERÍSSIMO E DE ROMERO SOBRE *INOCÊNCIA*

Elisa dos Santos PRADO

De lavra de Alfredo d’Escragnole Taunay, *Inocência* teve sua primeira edição publicada em 1872. É um romance categorizado como campestre, regionalista e situado no limiar romântico-realista. A obra é responsável pelo reconhecimento do Visconde de Taunay entre os grandes nomes da literatura brasileira e sua entrada para o cânone, portanto, comentada por diversos estudiosos. Neste trabalho, de acordo com o eixo temático ao qual se filia, objetiva-se resgatar e discutir o posicionamento crítico/metodológico presente em algumas observações constantemente repetidas por estudiosos, oriundas de *recensio* de fontes indiretas do processo de análise do romance realizados como etapas do trabalho com a crítica textual, limitando-se, nesta ocasião, a apenas dois testemunhos. Além de apontar o quanto o discurso se repete, quando se questiona o caráter literário do texto e se afirma categoricamente o êxito alcançado desde a publicação de sua *editioprinceps*, por exemplo, pretende-se explicar sobre a necessidade de um estudo da obra a partir do cotejo de suas edições a fim de se constituir um texto mais confiável do ponto de vista científico; justificar a opção pelo método de análise do romance, que se restringe às edições não póstumas, em virtude do grande número de edições publicadas (atualmente mais de trinta, em diversas editoras), e o quanto a postura e o (não) pronunciamento da crítica especializada podem ter influenciado Taunay no processo de reelaboração da obra.

APORIAS DA FIDELIDADE: A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DE *O TAMBOR* DE GÜNTER GRASS

Elisandra de Souza PEDRO
USP

A discussão sobre adaptações de obras literárias em realizações cinematográficas já passou do campo moralista da fidelidade ou traição à obra literária para uma discussão menos valorativa. Isso significou uma focalização no estudo da intertextualidade entre a adaptação cinematográfica e a obra literária, tendo como pontos de observação o tipo de seleção feita no processo da realização fílmica, a concretização visual do texto literário, a atualização de determinados temas abordados na obra e o foco narrativo, por exemplo. Com base na obra de Robert Stam *A literatura através do cinema* (2008), na qual o autor procura mostrar que “da mesma forma que qualquer texto literário pode gerar uma infinidade de leituras, assim também qualquer romance pode gerar uma série de adaptações” (p. 21), seguindo a vertente de que o “dialogismo intertextual” auxiliaria a transcender as “aporias da fidelidade”, nesta comunicação apresentaremos pequena análise a respeito da adaptação cinematográfica do romance *O tambor* (*Die Blechtrommel*), 1959, de Günter Grass por Volker Schlöndorff, 1979, observando a forma como o romancista articula a construção complexa de seu foco narrativo e como o cineasta trabalha essa estrutura em seu filme, o que resulta em diferentes formas de perceber e interpretar tanto o narrador-personagem quanto o universo no qual está inserido.

GUIMARÃES ROSA E A SUA RÁPIDA VIAGEM PELO PANTANAL MATO-GROSSENSE

Elizabeth da Silva MENDONÇA
Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP
CAPES

Em carta ao seu amigo diplomata Antonio Azeredo da Silveira, em 1946, o diplomata e escritor João Guimarães Rosa alude a uma viagem rápida que faz à Alemanha, à Bélgica e à Holanda. Rosa denomina a excursão como “turismo blitz”. O autor diz que deseja escrever um ensaio sobre as várias vantagens desse tipo de viagem. Onze anos depois de manifestar o desejo de ter escrito sobre o assunto, o tema volta a ser abordado no prefácio a um livro de viagens de seu amigo diplomata Vasconcelos Costa, em 1957. O escritor assinala que um estudo ético-psicológico sobre o “blitz-turismo” ainda estaria aguardando uma escrita. Guimarães Rosa, tanto na carta quanto no prefácio, deixa pelo menos dois tópicos importantes que comporiam o ensaio que, infelizmente, ficou devendo ao leitor. O primeiro chama a atenção sobre não adentrar totalmente nos espaços visitados, pois se fica por um curto período de tempo e assim conserva-se o elemento misterioso do lugar. Já o segundo tópico, assinala o olhar intuitivo apurado pelo sensorialismo intenso capaz de penetrar nos espaços e deles captar algo que lhes seja essencial. Tendo como aportes os tópicos assinalados por Rosa, o objetivo da comunicação é realizar uma leitura de dois textos provenientes da viagem do escritor pela geografia do Pantanal mato-grossense, em julho de 1947, a saber: “Sanga Puytã” e “Ao Pantanal”.

CLAUDIA ROQUETTE-PINTO: MANIFESTAÇÕES POÉTICAS ATRAVÉS DE ENTREVISTAS

Eloiza Fernanda MARANI
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS
CAPES

Uma das fortes vozes da poesia brasileira contemporânea, Claudia Roquette-Pinto, autora de sete livros – *Os dias gagos* (1991), *Saxifraga* (1993), *Zona de sombra* (1997), *Corola* (2000), *Margem de manobra* (2005), *Botoque e Jaguar: a origem do fogo* (2009) e *Entre lobo e cão* (2014) – revela em sua escrita a voz feminina que evidencia, através de recursos da Botânica, o processo criativo e, imbricado nesta metalinguagem, toda consciência de seu tempo, no intuito de ressignificar o mundo que a cerca. Dessa forma, vislumbramos a correlação entre poema, poeta, leitor, em um movimento de intensa reflexão sobre a linguagem, o ser e o tempo na poesia. O presente trabalho tem como propósito apresentar a construção poética da poeta Claudia Roquette-Pinto, através das entrevistas que compõem sua fortuna crítica, as quais resultam panoramicamente o processo criativo da autora. No intuito de ilustrar a metapoética analisamos o poema “minimamoralia”, pertencente à obra *Saxifraga*, ressaltando a utilização de elementos da natureza na composição e revelação do traço criativo da escritora,

primordialmente ao que se designa à individualidade na carpintaria poética. Para fomentar nossas discussões e análise, nos baseamos em Eliot (1991), Haroldo de Campos (1992), Ivetty Walty (1999), Blanchot (2011), entre outros, no que concerne a Metalinguagem.

O ESPAÇO DOMÉSTICO COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA EM NARRATIVAS DE VERA MOLL, LYGIA FAGUNDES TELLES E MARIA AMÉLIA MELLO

Eneidir Silva SANTOS
UFMS/CPTL

Dentre os elementos que compõem as narrativas, o espaço costuma ser menos estudado e, algumas vezes, tem sua importância suprimida na construção da representação social alcançada pela literatura. Entretanto, o espaço tem uma função essencial para o enredo narrativo, visto que além de situar as personagens, imprime sentidos diversos ao contexto textual, pois situa o ser num estar. Nas narrativas de autoria masculina, o espaço doméstico é representado pelo poderio da voz masculina, haja vista, a dominação patriarcal que rege as relações domésticas e matrimoniais. Todavia, as narrativas de autoria feminina fazem uma leitura diversa desse espaço doméstico – casa e cômodos – procurando imprimir um novo olhar para a posição e a ocupação da mulher nesse espaço. Para Vera Moll (1981), a casa é personificada para evidenciar a ruptura com o destino feminino pré-estabelecido. Em Lygia Fagundes Telles (2009), a casa rememorada denuncia a marginalização da mulher. Maria Amélia Mello (1984), trata a casa como um ambiente de refúgio, evidenciando a violência de que o fora pode ser portador. À luz dos estudos de Michel Foucault e Gaston Bachelard, entre outros, pretendemos analisar como o espaço doméstico pode se configurar como um espaço de resistência feminina na literatura produzida pelas autoras evidenciadas.

LITERATURA: O ATO DE ESCREVER CONFORME A PERSPECTIVA SARTRIANA

Ester da Silva GOMES
FCL/Assis – UNESP
FAPESP

O escritor-filósofo J.P-Sartre é conhecido por seu pensamento filosófico existencialista e de acordo com sua filosofia, o homem é lançado nesse mundo, sendo ele o único responsável por sua existência. Desse modo, suas escolhas são fundamentais para a construção do seu sujeito, assim como ajudam para uma mudança constante do seu ser. Sartre possui uma vasta produção, desde romances, peças teatrais, textos filosóficos, assim como textos que abordam o conceito de literatura. Sartre é conhecido pelo entrelaçamento de sua filosofia com a literatura, com isso, ele consegue difundir seu pensamento filosófico por meio de outra área, isto é, a literatura. Verificamos isso em suas peças teatrais, já que elas foram feitas para revelar algo, e desse modo, o ato de escrever seria um meio de se engajar e de refletir sobre a realidade

humana, assim como sobre a sociedade. Diante do exposto, percebemos um direcionamento da literatura sartriana que está ligada diretamente com o contexto histórico, logo, o objetivo desta comunicação será examinar o que seria a arte de escrever para Sartre que considera a literatura como um ato de engajamento, pois, segundo ele, a palavra é ação. Para isso, destacamos o livro do autor *Qu'est-ce que la littérature? (O que é a literatura?)* de 1947, almejando compreender a visão sartriana sobre a literatura e para tanto, elencamos os capítulos O que é escrever? E por que escrever?, que servirão de guia para compreender uma visão de literatura de acordo com o pensamento sartriano.

A TRADIÇÃO PICAESCA EM JACQUES LE FATALISTE ET SON MAÎTRE: CARACTERÍSTICAS DO ANTI-HERÓI DIDEROTIANO

Evaneide Araújo da SILVA
FCL/Araraquara - UNESP

O objetivo deste trabalho é elencar as características do romance Jacques le fataliste et son maître (1796) que ligam a obra a uma tradição romanesca ligado à linha picaresca, ligação esta que converge para o ponto de vista defendido pelo autor Denis Diderot (1713-1784), segundo o qual um verdadeiro romance deve ter como pano de fundo a vida comum e os fatos cotidianos. Nesse sentido, Diderot constrói um herói com traços picarescos, tirado, como ele mesmo recomendava, do povo, das praças públicas, dos mercados, dos bares, das pousadas de beira de estrada. Jacques não é um herói cavaleiro, corajoso, coerente; não se envolve em batalhas grandiosas para defender a honra, a pátria ou a religião. Ao contrário, é um herói construído a partir da observação da natureza humana, com o que nela há de verdadeiro e de essencial. É da Natureza que Jacques é tirado, pois, como nos lembra Diderot no Ensaio sobre a pintura, ela não faz nada de falso ou de imperfeito, e o imperfeito aqui seria o que não é verdadeiro. O herói diderotiano é verdadeiro na medida em que é um homem comum, produto de seu tempo e vivendo em seu espaço. Assim, interessa-nos perceber de que maneira o caráter de Jacques é construído e contribui, no século XVIII, para a renovação da forma romanesca através de artifícios literários que mais tarde constituiriam o cerne da modernidade literária.

JOSEFA DE SANTA MARIA: A VISÃO FEMININA DAS DESCOBERTAS ULTRAMARINAS NO CONTO DE ORLANDA AMARÍLIS

Fabiana Miraz de Freitas GRECCO
FCL/Assis – UNESP
FAPESP

Esta comunicação visa analisar o conto “Josefa de Santa Maria”, da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis publicado por razão das comemorações das navegações portuguesas na *Revista Oceanos* e na antologia *Antes que o Mar Acabe*, 1991. Para tanto, apoiar-nos-emos numa perspectiva que se importa com a história e a cultura a fim de comparar e contemplar a

aproximação da narrativa de Amarilis com a literatura informativa do período colonial, destacando a sua expressividade quanto à realidade social, política e cultural de seu país. A análise baseada nas abordagens dos Estudos Culturais visa explorar a única narrativa da escritora que não incorpora elementos africanos referentes ao realismo animista ou mesmo ao realismo fantástico. Com isso pretendemos sublinhar a mudança da estrutura interna do conto amariliano e a sua focalização. Apesar de sua obra ser lida sob a ótica do realismo animista africano, nota-se que sua capacidade transgressora não está somente em traduzir a realidade específica de seu continente, mas mostrar também que, por meio da mimese de uma narrativa epistolográfica dos escritos quinhentistas portugueses é possível desestabilizar toda uma comemoração, refletindo sobre questões intocáveis como o papel da mulher durante a colonização, o analfabetismo feminino e o assassinio indiscriminado de mulheres.

A ESTRATÉGIA DA SOBREVIVÊNCIA EM *ALIAS GRACE*: UM ESTUDO SOBRE A DISSIMULAÇÃO

Fabiane Rocha Rodrigues FERREIRA
FCL/Assis – UNESP

O romance *Alias Grace* (1996), da escritora canadense Margaret Atwood, vem sendo um constante objeto de estudo desde sua publicação, em 1996. Atwood nos traz sua versão sobre um duplo assassinato ocorrido no Canadá em 1843. A protagonista deste romance, a criada Grace Marks, é uma mulher enigmática que vai se (re)velando ao longo da narrativa sem permitir ao leitor e, até mesmo, a juízes, advogados e médicos, decifrá-la verdadeiramente. Utilizando-se de um discurso dissimulado e dúbio, Grace narra sua história, suas versões para os assassinatos pelos quais foi acusada e condenada à prisão perpétua. Com embasamento teórico de estudos do pós-colonialismo e gênero, o presente artigo procura analisar a estratégia da dissimulação como sobrevivência de uma mulher em uma condição subalterna, delimitada teoricamente por Accetto e Bonnici.

O COVARDE NUMA POMPILIO: O MODERNO HERÓI BURGUES LUKACSIANO DE LIMA BARRETO

Fabiano da Silva COSTA
Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP

O objetivo deste texto é analisar o personagem principal do romance *Numa e a Ninfa* (1915), *Numa Pompilio de Castro*, do escritor carioca Lima Barreto, e demonstrar como ele representa o herói problemático e em desacordo com o mundo. Como base, utilizarei da Teoria do Romance e *O Romance como Epopéia Burguesa*, de Georg Lukács, sobretudo ao utilizar o conceito de herói moderno ou lukacsiano. Em seu livro *Teoria do Romance*, Lukács estabelece a relação problemática entre o herói romanesco e o mundo, fazendo uma comparação entre a estrutura narrativa do épico e do romance moderno para, entre outras análises, contrastar o

herói épico e o herói romanesco. Uma vez que as "formas artísticas estão estritamente vinculadas a sociedade que as gerou", a epopeia representaria coerentemente a sociedade fechada de onde foi criada. Nela o herói não está em desarranjo com o mundo, não há questionamentos, nem culpa, nem a racionalização típica dos tempos modernos, há apenas o dever do herói épico em realizar suas obrigações. O que faz dele um personagem problemático é a impossibilidade de agradar a seus pares sem que isso cause uma desagradar e um mal estar em si mesmo, casando-se com uma mulher que não ama, fazendo uma faculdade que não quer, entrando para o mundo da política na qual não tem nenhuma aptidão. Tudo é contingência em Numa, sua vida é dedicada para a busca da aceitação do outro, mas esta aceitação não vem, porque é incapaz de se integrar a estas demandas.

SUBLIME ELÍPTICO E PANTEÍSMO EM GILKA MACHADO E PEDRO KILKERRY

Fabiano Rodrigo da Silva SANTOS
FCL/Assis – UNESP

À época em que Gilka Machado e Pedro Kilkerry publicam seus primeiros poemas (década de 1910), os círculos letrados brasileiros mostram-se sensíveis ao pensamento vitalista de Friedrich Nietzsche e a um espírito de neofilia, diante dos quais já se mostra obsoleto o complexo que envolve as convenções morais e poéticas que enfeixaram a poesia de fins do século XIX. A esse fenômeno, associa-se a doutrina monística, herdeira do pensamento de Haeckel (difundido entre nós desde a Escola de Recife), gerando um novo repertório ético, estético e metafísico, que repercute em uma poesia panteísta, de forte apelo sensorial. Tal poesia se desdobra tanto no exercício de sondagem do inconsciente, como numa espécie de investigação das correspondências entre o indivíduo e as forças cósmicas. Em Gilka Machado e Pedro Kilkerry o motivo do panteísmo se manifesta em uma linguagem sublime elíptica e misteriosa, que caminha à abstração e encanta a experiência cotidiana. A presente comunicação visa, pois, por meio da comparação entre Pedro Kilkerry e Gilka Machado, refletir sobre os dispositivos de construção dessa poesia que busca o arrebatamento sublime nos fenômenos e sensações ínfimas, como forma de expressar uma cosmovisão em que a subjetividade surge em sintonia com um universo animado, oferecendo-se como tentativa de reencantamento do mundo, sensível aos imperativos do século XX que, então, se anuncia.

SUBLIME ELÍPTICO E PANTEÍSMO EM GILKA MACHADO E PEDRO KILKERRY

Fabiano Rodrigo da Silva SANTOS
FCL/Assis – UNESP

À época em que Gilka Machado e Pedro Kilkerry publicam seus primeiros poemas (década de 1910), os círculos letrados brasileiros mostram-se sensíveis ao pensamento vitalista de Friedrich Nietzsche e a um espírito de neofilia, diante dos quais já se mostra obsoleto o complexo que envolve as convenções morais e poéticas que enfeixaram a poesia de fins do século XIX. A esse

fenômeno, associa-se a doutrina monística, herdeira do pensamento de Haeckel (difundido entre nós desde a Escola de Recife), gerando um novo repertório ético, estético e metafísico, que repercute em uma poesia panteísta, de forte apelo sensorial. Tal poesia se desdobra tanto no exercício de sondagem do inconsciente, como numa espécie de investigação das correspondências entre o indivíduo e as forças cósmicas. Em Gilka Machado e Pedro Kilkerry o motivo do panteísmo se manifesta em uma linguagem sublime elíptica e misteriosa, que caminha à abstração e encanta a experiência cotidiana. A presente comunicação visa, pois, por meio da comparação entre Pedro Kilkerry e Gilka Machado, refletir sobre os dispositivos de construção dessa poesia que busca o arrebatamento sublime nos fenômenos e sensações ínfimas, como forma de expressar uma cosmovisão em que a subjetividade surge em sintonia com um universo animado, oferecendo-se como tentativa de reencantamento do mundo, sensível aos imperativos do século XX que, então, se anuncia.

A ESCRITA CRIATIVA COMO PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A CRIAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS NA SALA DE AULA

Fátima Aparecida Mantovani da SILVA
UENP-PROFLETRAS/PG
CAPES

A partir da constatação de que, no Brasil, há vasta publicação sobre leitura literária no espaço escolar e uma produção incipiente sobre escrita literária no processo de ensino/aprendizagem, este estudo, em nível de mestrado, investiga o tema buscando uma metodologia que incentive a escrita criativa, especificamente do gênero conto, nas aulas de língua portuguesa, nos anos finais do ensino fundamental. A proposição de uma metodologia voltada para estratégias de estímulo à escrita literária busca amparo nos estudos da Escrita Criativa – EC (MANCELOS, 2007, 2010; SENA-LINO, 2013), que tem em sua primeira acepção o ensino de técnicas para a escrita literária. Tal proposição objetiva formar autores, considerado que, deste ponto de vista, autor não é, simplesmente, o produtor de texto como também não é, evidentemente, o escritor profissional, normalmente, vinculado a uma editora. Considera-se aqui, autor, o aluno que, a partir da leitura de obras de diferentes épocas, culturas e estilo, e com o estudo de técnicas e percepção estética dessas obras, desperte a sua criatividade e, assim, escreva seus próprios textos literários, encontrando-se com a sua voz - de intérprete, de crítico, de autor - reconhecendo-se na subjetividade de sua escrita, como um sujeito histórico e social. Aqui, portanto, como parte de um projeto de pesquisa maior, são apresentados alguns conceitos sobre escrita criativa e os modos possíveis de concepção e uso no espaço escolar.

VISIBILIDADE E IMAGENS MENTAIS EM *SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO*, DE ITALO CALVINO

Felipe de Oliveira ROCHA
FCL/Assis – UNESP

Mais que metáfora de situações e imagens que envolvem a produção de sentido, ou operação que transita pela produção de saberes, o texto de Italo Calvino pode dialogar com as reflexões sobre as motivações artísticas, a saber, as qualidades da escritura, em seu meio específico, e a necessidade de estranhamento e reconhecimento do espectador. Para tanto, a narrativa também recorre às imagens visuais, conforme consideramos em nossa análise da obra *Se um viajante numa noite de inverno* (1979), em que tomamos o próprio leitor como peça chave na organização do aparentemente caótico processo criativo e, por isso, reforçamos os comportamentos de leitura e a sua relação com a forma e o contexto da obra literária, incluindo o contínuo “cinema mental” proposto pelo autor. Levamos em conta uma tradição filosófica do imaginário assimilada por Calvino, e pretendemos realizar uma investigação das imagens manipuladas pela narrativa travestida de policialesca, contudo baseada no universo comum de saberes cotidianos. Exploramos os recursos de tradução das imagens visuais pela linguagem, bem como a composição da narrativa nas possibilidades do universo literário, capazes de proporcionar uma recepção que ultrapassa os efeitos normais no espectador encantado e instiga sua própria investigação e desmistificação da obra literária, como se esta pudesse assumir o papel de instrumento compartilhado de experiência dos limites da criação e, sobretudo, dos processos imaginários.

DESVELANDO CAMINHOS DE ESCRITORAS LATINO-AMERICANAS: VICTORIA OCAMPO EM “LAS LIBRES DEL SUR”, DE MARÍA ROSA LOJO

Fernanda Aparecida RIBEIRO
UNIFAL - MG

A literatura de expressão feminina na América Latina começou a ser formulada aos poucos, com escritoras como Sor Juana Inés de la Cruz, Eduarda Mansilla, Victoria Ocampo, entre outras, que esforçaram-se para lograr um espaço para a escrita feminina. Na literatura contemporânea encontramos autoras que resgatam as experiências dessas escritoras pioneiras, desvelando os caminhos que foram traçados a partir do espaço privado até a esfera pública, e que se empenham na representação do imaginário feminino. Dentro desse panorama, o romance histórico se sobressai por ser um gênero literário que permite realizar uma releitura crítica do passado, dando voz, segundo Aínsa (1991), àqueles que a história refutou ou emudeceu e também, conforme Perkowska (2008), configurando as “histórias híbridas” por revisitar o passado e descobrir espaços desconhecidos ou não explorados. Nesse contexto, destacamos *Las libres del Sur* (2004), da argentina María Rosa Lojo, como uma obra ficcional

que retoma a figura histórica de Victoria Ocampo (1890-1979), destacando sua participação na luta pela liberdade feminina frente aos padrões do patriarcalismo e suas propostas feministas em estabelecer uma interlocução com o ponto de vista masculino, sublinhando papel na construção da identidade cultural de seu país. Para tanto, Lojo incorpora múltiplas vozes em sua narrativa para compor uma “imagem pluri-identitária da mulher, da sociedade e da realidade latino-americana” (MEDEIROS-LICHEM, 2006).

ESCRITAS DE SI: CORRESPONDÊNCIAS DE MACHADO DE ASSIS

Fernanda Oliveira CUNHA
FCL/Assis – UNESP

Este trabalho tem como objetivo abordar as “escritas de si” machadianas e, para tanto, analisaremos um pouco desse gênero de fronteira que encerra em si muitas vias: autobiografias, memórias, diários, epistolografia, entre outros. Baseamo-nos no teórico Philippe Lejeune (2008) contribui muito para o estudo das modalidades desse gênero híbrido. Nosso estudo recai sobre o gênero epistolar, em específico as correspondências de Machado de Assis que são de grande valia para os pesquisadores e estudiosos. Analisaremos as missivas do ponto de vista literário, com a finalidade de compreender seus processos de criação e ideal estético: a escrita “testemunhal”, os “bastidores” literários e o processo de criação. Machado de Assis mantém uma vasta correspondência e por ocasião do centenário de sua morte a Academia Brasileira de Letras resolve editar e publicar essas correspondências na coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet, reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério (2008). Esses documentos são fontes de pesquisa reveladoras que além de reportar a vida particular de Machado de Assis e de seus interlocutores, também pormenoriza fatos históricos, sociais, culturais de grande relevância, dos quais podemos compreender melhor a época e seus costumes. Vamos ressaltar correspondências que abordem os traços demarcados por Moraes (2012) sobre o processo de criação, como a carta datada do dia 14 de abril de 1883 e remetida a Nabuco juntamente com o livro Papéis Avulsos, em que Machado explicita o processo de escrita e destaca questões relevantes ao sistema literário da época e a recepção crítica na imprensa.

A NARRATIVIDADE EM “A QUINTA HISTÓRIA” DE CLARICE LISPECTOR

Fernando da Silva NEGREIROS
Universidade Estadual de Londrina

De acordo com Benjamin (1985), com o declínio da narração da experiência no século XX, tendo em vista que o homem volta mudo das guerras, os escritores partem para a experimentação

nas, até então, sólidas categorias de tempo, espaço, enredo e personagem, que sofrem drásticas transformações em sua criação e concepção literárias. No conto “A quinta história”, de Clarice Lispector, a proposta metaficcional apresentada inicialmente sinaliza para um texto que jogará com os elementos narrativos na tentativa de retratar o mundo fragmentado e caótico da modernidade. Serão utilizadas nesse trabalho as concepções tradicionais de teoria da narrativa, fazendo contraponto com diferentes autores como Walter Benjamin (1985), Michel Foucault (1984) e Gerard Genette (1972), para pensar a maneira como esse jogo narrativo acontece, de forma a ser contado o mesmo enredo várias vezes, mas sem se repetir. Também é importante pensar a maneira como essas narrativas se unem para formar a homogeneidade de um único conto, por meio do qual uma narrativa retoma a outra num movimento em espiral, retomando a narrativa anterior para depois avançar, sem quebrar o movimento narrativo ascendente da espiral.

THE TWELVE TRIBES OF HATTIE: A TRAGETÓRIA DE UMA MULHER NEGRA E SEUS DESCENDENTES NA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

Flávia Andrea Rodrigues BENFATTI
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

The Twelve Tribes of Hattie (2013), de Ayana Mathis, narra a história de uma mulher negra, Hattie, que se muda da Geórgia (sul dos EUA) para a Filadélfia (norte) em busca de melhores condições de vida e dignidade, após fugir com sua mãe e irmãs, de uma violenta política racial que assassinou seu pai. Na Filadélfia, Hattie tem os seus dois primeiros filhos, gêmeos, aos dezesseis anos. Nesse momento sente-se feliz e otimista; no entanto, os gêmeos morrem de pneumonia e todos os seus sonhos se desfazem. Levando uma vida de miséria e privações com um marido que mente, trapaceia e a trai, perambulando de bar em bar todas as noites, Hattie cria nove filhos e uma neta (os dois primeiros, gêmeos, morrem ainda bebês) e sua vida se resume em dar de comer e vestir aos filhos, não sobrando mais espaço para sentimentos de amor e afeto. Em função disso, torna-se uma mulher rude, mas de forte personalidade que não se deixa abater pelas vicissitudes, mantendo-se firme no propósito de alimentar e vestir sua prole. O romance refere-se aos seus doze descendentes e suas vidas privadas que tomam rumos diferentes, cada qual lutando pela sobrevivência. A autora, ao nos apresentar cada descendente em uma série de narrativas interligadas, discute gênero, sexo, religião, poder, discriminação, traição e culpa, temas que serão abordados, de forma sucinta, nesta apresentação, que se baseará nas teorias de B. Hooks (1996), Foucault (1999) e Spivak (2014), dentre outros.

Lançado em 1979, após anistia política decretada no Brasil, *O que é isso, companheiro?* narra o sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick por um grupo de guerrilheiros que lutava contra o governo da época. Esta autobiografia escrita pelo jornalista, político, ex-guerrilheiro e escritor Fernando Gabeira permite a sua análise como personagem, narrador e autor. Neste trabalho, visa-se contrastar as três instâncias de Gabeira no romance. As ações de um guerrilheiro, narradas e descritas em primeira pessoa, são avaliadas por um narrador de forma reflexiva e autocrítica após a volta de seu exílio na Europa, quando a anistia havia sido concedida a exilados da ditadura militar brasileira. A pesquisa, de natureza bibliográfica, busca, dessa maneira, analisar como um mesmo Fernando Gabeira se desdobra, em *O que é isso, companheiro?*, em narrador, personagem e autor, bem como os efeitos de sentido que essa tripartição provoca na leitura da obra. Dessa perspectiva, é possível perceber que o distanciamento tempo-espaço são determinantes para a tessitura do romance. O narrador, o qual mantém uma postura de “espectador” que assiste e conta os acontecimentos, é capaz de demonstrar discernimento acerca da gravidade dos fatos e ainda suaviza, em diversos momentos, com ironias e o uso constante do passado do subjuntivo (ele imagina como seria sua situação se não tivesse sido baleado), os fatos que marcaram esse período da vida do personagem Gabeira.

O CINEMA NACIONAL COMO DICHAVADOR DO GÊNERO E DA HETERONORMALIZAÇÃO DOS CORPOS

Flávio Adriano NANTES
UFMS

O presente trabalho tratará de discutir como a produção cinematográfica nacional contemporânea tem fomentado discussões que tratem acerca dos Estudos de Gênero (Gender Studies), desfazendo estereótipos cultural histórica e socialmente perpetuadas por séculos. Para tal, lançaremos mão das produções fílmicas *Flores raras*, de Bruno Barreto, 2012; *Praia do futuro*, de Karim Ainouz, 2014; *Hoje eu quero voltar sozinho*, de Daniel Ribeiro, 2014. As três produções apareceram no mercado cultural entre 2012/2014, e a aproximação das datas faz-nos pensar sobre os constantes ataques aos homossexuais e a outros sujeitos que possuem um corpo dissidente. Talvez esses filmes tenham surgido como uma forma de “alfabetização”, entre outros, sobre corpos, violência de gênero, direitos humanos. Para entender essas narrativas a partir dos Estudos de Gênero, utilizaremos, principalmente, as proposições de Judith Butler. Demonstraremos, ademais, como os engendramentos ou a prática homossexual figuram no interior da sociedade e, por conseguinte, da cultura, em diferentes perspectivas, pois tratam de relações homoafetivas entre duas mulheres, dois homens e dois adolescentes.

OS SILENCIADOS EM GALEANO: AS PERSPECTIVAS COMPARATIVAS ENTRE AS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA E OS NASCIMENTOS

Francielly Baliana GODOY
UNIFESP

A partir da década de 1970, as concepções metodológicas, principalmente com as abordagens da Nova História Cultural, geraram uma aproximação com outras disciplinas, especialmente a partir da diversificação de fontes, assim como as possibilidades dos usos da(s) memória(s) como fonte de pesquisa. Ao se utilizar desses recursos, o escritor uruguaio Eduardo Galeano se aproximou dessa vertente historiográfica, explorando novos limites dentro da Literatura. Nesse sentido, a presente proposta de trabalho tem como objetivo fazer uma análise comparativa entre duas obras de Galeano: “As veias abertas da América Latina” e “Os nascimentos”, a fim de compreender em que medida essas produções literárias se diferenciam e se aproximam em termos de gênero literário e de representação de minorias. Mesmo que por meio de gêneros distintos, ambas as obras parecem contribuir para a construção de identidades latino-americanas a partir de uma nova possibilidade de historiografia sobre o continente, baseada, principalmente, nos artifícios de uma memória coletiva e na voz dos silenciados. Nossa intenção é entender como se dá o olhar do autor para essas minorias, e entender como suas vozes ganham espaço nessa proposta de reconstrução historiográfica. Para tanto, serão utilizadas proposições acerca literatura comparada, dos estudos culturais, da recente produção historiográfica latino-americana, de análises voltadas para as perspectivas de subalteridade e de hegemonia, e de colocações sobre memória.

A MEDIAÇÃO DO CINEMA NO LETRAMENTO LITERÁRIO

Gerson Luis MACIEL
PROFLETRAS/Cascavel - UNIOESTE

O letramento literário só pode ser alcançado por meio da leitura de obras literárias. Cosson (2006, p. 120) menciona que ser um leitor letrado “é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária”. Formar alunos proficientes em leitura e explorar a riqueza do texto literário é um dos objetivos da escola e nós, professores da disciplina de Português, temos uma responsabilidade maior nesse empreendimento. De um século para cá o texto literário tem seu espaço disputado na agenda dos alunos, progressivamente, pelo cinema, a televisão, a internet e outros recursos de mídia atuais. Não é uma tarefa fácil para o texto literário sobreviver a essa competição, mas há alternativas. Como mediador do processo de letramento literário, ao professor cabe buscar alternativas para que seus alunos leiam. Associar o cinema à literatura é um ótimo expediente, haja vista que cinema e literatura andam juntos, mantendo uma relação bastante próxima. Muitos dos filmes confirmam que o cinema, para contar suas histórias, procura convocar os textos literários. Isso pode ser verificado pelo grande o número de filmes que usa o texto

literário como fonte. Nessa relação de mutualismo, a literatura também beneficia-se dos recursos e dos efeitos trazidos pelos filmes. Assim, considerando a proximidade entre literatura e cinema, o presente texto propõe uma reflexão sobre o trabalho de leitura de textos literários desenvolvido com uma turma do 9º ano de uma escola pública de Foz do Iguaçu. Esse trabalho foi desenvolvido em 2015 a partir da adaptação de livros para a produção de filmes. Os textos adaptados foram “Sonhos de Uma Noite de Verão” (William Shakespeare), “Incidente em Antares” (Érico Veríssimo) e o “Auto da Barca do Inferno” (Gil Vicente). Observando a relação das duas artes nesses três casos, foi possível considerar a mudança de estrutura de produção e leitura de uma para a outra arte, ressignificando o espaço, antes tão bem delimitado entre autor e leitores. Em função de haver essa interlocução entre duas artes, o leitor atual precisa de habilidades específicas, já que não percorre mais caminhos convencionais de leitura. Não se deve olhar o texto fílmico com o mesmo olhar que é dirigido ao que está no livro impresso.

MEMÓRIA E LITERATURA: A 1ª GUERRA MUNDIAL NO ROMANCE *PASSEIO AO FAROL* DE VIRGINIA WOOLF

Giancarlo Moreira RODRIGUES
UENP
CAPES

A presente comunicação tem por objetivo apresentar os efeitos da primeira guerra mundial no romance *Passeio ao farol*, de Virginia Woolf, por meio de teóricos que discutem a relação da memória, história e literatura, como é o caso de Kramer, Halbwachs, Ricceur, Heller, Bosi, Lima, Benjamin, dentre outros. Vale ressaltar que, em *Passeio ao farol*, a escritora inglesa expressa, por meio de monólogos interiores, as tensões e destruições provocadas pela guerra, além de realizar várias indagações a respeito da humanidade e seus valores. Por conseguinte, a primeira guerra mundial se tornaria fator de crise no contexto do homem do século XX, pois o mesmo que efetivou inovações nos saberes, foi o mesmo a destruir o seu semelhante por interesse e poder. Virginia Woolf, imbuída desta perspectiva crítica, desconstrói a figura do homem tradicional e apresenta um novo ser cuja representação é fragmentada e caótica; ao retratar os resquícios da primeira grande guerra, a escritora de *Passeio ao farol* deixa clara sua discordância com o agir humano.

LEITURAS FICCIONAIS DO PASSADO: ENTRE A TRADIÇÃO E O DESCONSTRUTIVISMO – O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MEDIAÇÃO

Gilmei Francisco FLECK
Unioeste - *Campus* Cascavel

As releituras da história pela ficção marcaram fortemente o período do boom da literatura latino-americana com produções desconstrucionistas voltadas à revisão do discurso

hegemônico que construiu herói entre os colonizadores e silenciou milhares de vozes de colonizados. Tais escritas foram ancoradas na paródia e na carnavalização, na polifonia e na dialogia, no multiperspectivismo e nas anacronias exacerbadas, entre outros recursos escriturais vinculados ao experimentalismo linguístico e formal. Essas produções podem ser amalgamadas em duas modalidades específicas de escritas híbridas: os novos romances históricos latino-americanos – cujas bases teóricas foram lançadas por Fernando Aínsa (1988-1991) e Seymour Menton (1993) – e as metaficções historiográficas, termo proposto por Hutcheon, em 1991. Altamente críticas, tais romances alcançaram também a fase do pós-boom e, em parte, ainda são produzidos na atualidade. Contudo, os estudos realizados tendo como corpus essas modalidades híbridas demonstram a complexidade de suas escritas que requerem um leitor altamente especializado para realizar o necessário processo de construção dos sentidos decorrentes da leitura. Contudo, já na década de 80 do século XX começa a surgir uma série de romances históricos críticos que apresentam dificuldades aos estudiosos que buscam classificá-los segundo as teorias que definem os paradigmas dos novos romances históricos ou as metaficções historiográficas. Essas obras abandonam as superestruturas multiperspectivistas, as sobreposições temporais anacrônicas, os desconstrucionismo altamente paródicos e carnavalizados das modalidades desconstrucionistas anteriores. Elas adotam uma linearidade narrativa singela, com algumas analepses ou prolepses e um discurso crítico sobre o passado que privilegia uma linguagem simples, próxima do cotidiano do leitor atual. Nelas a construção da verossimilhança, em boa parte abandonada pelas escritas precedentes que davam mais ênfase ao fato de revelar que tanto história como literatura são construções discursivas, volta a ser essencial. Ao contrário das escritas desconstrucionistas antecedentes, essas narrativas não se fixam em grandes heróis da história e suas ações.

A FUNÇÃO DO FEIO NA REPRESENTAÇÃO DO BELO

Glaucia Benedita VIEIRA
FCL/Assis – UNESP

Joris-Karl Huysmans iniciou sua carreira de romancista no ano de 1874, com o primeiro de quatro livros que viria a escrever de acordo com a escola naturalista. Em 1884 publicou *À rebours*, cuja estrutura rompia com a escola literária anterior, embora ainda conservasse o hábito de realizar descrições minuciosas. Diferentemente da proposta naturalista, as questões sociais e a reprodução da realidade perderam espaço para a observação do belo. Em 1891 publicou *Là-bas*, com uma temática ousada, o satanismo, mas conservando a característica descritiva própria do autor. Ainda que a descrição seja normalmente ligada ao belo, diversos autores conseguem trabalhar com o feio, o imoral, o grotesco, e o fazem de forma tão sutil ao ponto de torná-la agradável aos olhos do leitor. Conforme observado por Victor Hugo, em *Cromwell* (1827), a presença do grotesco saiu dos gêneros literários inferiores para tirar-nos da zona de conforto oferecida pela estabilidade do belo; e foi exatamente o que Huysmans realizou. Em *À rebours* o protagonista buscava o isolamento em um mundo feito sob medida

para agradar seus anseios exóticos; em *Là-bas*, o protagonista tinha um espaço mais simples, porém amplo e misterioso. É interessante observar que ambos romances trabalham com o contraste entre o belo e o grotesco, seja esse último representado pelas ações dos protagonistas, pelas histórias de outras personagens ou pelos objetos descritos, em especial as obras de arte.

A CONFIGURAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA EM *STAND BY ME*, DE MÁRIO BORTOLOTTI

Gracy Kely Nonato RUIZ
UFM/ Três Lagoas
Wagner Corsino ENEDINO
UMS/ Três Lagoas

Rompendo com valores tradicionais e abrindo espaço para novos estilos e estética, a contemporaneidade possibilitou novas formas de representação da realidade. Diante disso, esta pesquisa tem como propósito a análise de *Stand by me*, de autoria de Mário Bortolotto. O conto escolhido, inspirado na música homônima, narra uma situação cotidiana de personagens que se encontram em condição de marginalidade, suscitando a reflexão acerca da relação entre os gêneros feminino e masculino, conforme estabelece os estudos de Gonçalves (2006) e Brandão (2004), ancorando-se, contudo, nas considerações de Schollhammer (2011) no que se refere à literatura marginal. Para tanto, observadas as especificidades do conto como construto narrativo, à luz dos conceitos de Bosi (2015) e Piglia (2004), a análise dar-se-á com base na segunda história, oculta, que emerge do texto, ou seja, a partir da interpretação que o conto permite sobre aquilo que não está exposto aos olhos do leitor. Nesse segmento, o trabalho está pautado nas contribuições de Enedino (2009) sobre o conceito de marginalidade e nos pressupostos teóricos de Lins (1990) no que se refere ao conceito de violência. Com efeito, a representação da personagem feminina, na busca de compreender a configuração do papel da mulher na sociedade, ganha destaque na diegese de Bortolotto, uma vez que, no centro de seus textos, estão acometidos indivíduos que se relativizam e se homologam entre si, gerando instabilidade e guerrilha ideológica.

AS (IN)VARIANTES DO DISCURSO FEMININO EM *EXORTAÇÃO AOS CROCODILOS*, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Grazielle Maria VALIM
PUC/SP
CAPES

Este estudo, que assume como corpus o romance *Exortação aos Crocodilos* (1999), de António Lobo Antunes, investiga as quatro vozes narrativas femininas que compõem a obra. A fundamentação teórica está apoiada nos estudos de Maria Alzira Seixo (2002), Ana Paula

Arnaut (2008), Álvaro Cardoso Gomes (1993), Mikhail Bakhtin (2011). Almeja-se demonstrar que, ainda que embora assumam o papel de protagonistas e tenham voz, em uma narrativa de nítidos contornos polifônicos, as narradoras-personagens assumem uma “voz única”, submissa ao discurso do dominador, refletidas nas “ações” e falas dessas mulheres. A história, que é construída sobre um patamar aparentemente regular, possuindo linearidade quanto à apresentação das quatro personagens que sempre segue a mesma ordem narrativa, acaba por se tornar nada mais do que um dos meios de prender a atenção do leitor, que, ao iniciar sua leitura, depara-se com um universo atemporal, caótico, estilizado e recheado de monólogos interiores das personagens. Destarte, intenciona-se demonstrar como no primeiro romance que Lobo Antunes confere voz às personagens-narradoras, o que se configura não são diferentes perspectivas do feminino, mas uma voz uníssona, uma (in)variante do discurso feminino. As narradoras criam uma teia composta de narrações internas e externas, lembranças implícitas e divagações que não remetem a nenhuma ou a uma escassa ação. A história, sua representação e narradores são cada vez menos importantes, sobressaindo o alcance da essência da emoção, a captação de sensações e sonhos e, principalmente, do silêncio que envolve as mulheres.

A BELEZA CONTROVERSA DA BALADA GÓTICA

Grazielle Forcato MARTINS
FCL/Assis – UNESP
FAPESP

Os conceitos iluministas vigentes até as décadas finais do século XVIII desencadearam profunda reação, que se manifestará na literatura a partir de uma estética voltada, sobretudo, a excesso, violência e transgressão moral. A essa estética de berço inglês, denominada gótica, vincula-se a eclosão do movimento romântico europeu. A literatura gótica volta-se para o onírico e o sobrenatural, e as baladas populares que inspiraram a ficção gótica são protagonizadas por criaturas transcendentais e notadamente sublimes, que em sua maioria habitam a zona limítrofe entre a vida e a morte, conforme teorizado por Botting (1997). Em nossa pesquisa analisamos a influência desta poesia de origem inglesa e alemã no romantismo português, em especial o gótico plasmado na figura de espíritos que violam o túmulo para consumação dos desejos negados em vida. A figura da mulher fatal, essencial ao corpus, carrega consigo uma beleza cunhada no movimento romântico e associada profundamente ao sublime, fundindo em si o horror e a melancolia e possibilitando a exaltação do sobrenatural no que tange a estas esferas e sua proximidade com a volúpia e a crueldade, conforme ilustraremos por meio de análise comparativa entre os poemas selecionados, em especial “La Belle Dame Sans Merci”, de John Keats (1795 – 1821) e “O Noivado do Sepulcro”, de Soares de Passos (1826 – 1860).

O BELO NO BURLESCO DE MORALITÉS LÉGENDAIRES DE JULES LAFORGUE

Guacira Marcondes Machado LEITE
FCL/Araraquara - UNESP

Em *Moralités Légendaires* (1887), o jovem poeta francês Jules Laforgue (1860-1887) busca praticar um novo gênero para ele, em prosa, utilizando lendas e mitos conhecidos de maneira original e em uma linguagem que já havia desenvolvido em seus livros de poesia, *Les Complaintes* e *Notre-Dame la lune*. Nos anos que se seguiram à publicação, foi ficando claro a seus leitores, sobretudo poetas, que a obra pedia estudo crítico aprofundado. A maior partedaas novelas das *Moralités* - o título remete a um gênero de teatro medieval que representa pecados e virtudes personificados com finalidade edificante -remetem à tradição, redigidas a partir da retomada de textos conhecidos em tom paródico, jogando com a imitação e a ironia, por meio de uma linguagem artística, próxima da poesia, e que resulta na versão burlesca dos assuntos nobres que as constituem. Nossa leitura procurará fazer a análise dos vários procedimentos que utilizou para criar uma obra que se classifica entre aquelas produções simbolistas que encontram o belo na deformação, no estranhamento,na subversão das regras que criam o satírico.

O RETORNO DO HERÓI CLÁSSICO NA PERSONAGEM KATNISS EVERDEEN, DE *JOGOS VORAZES*

Guilherme Augusto Louzada Ferreira de MORAIS
Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP
FAPESP

O romance *Jogos Vorazes* (2010), de Suzanne Collins, conjuga a história da heroína Katniss Everdeen, que vive em um país antiutópico chamado Panem. A Capital do país realiza anualmente jogos em arenas, cujos tributos são selecionados por meio da Colheita, para que participem de uma batalha em uma arena, televisionada para toda a Panem, na qual devem lutar até a morte, sendo o campeão o último sobrevivente. Baseando-nos em Campbell (1997), elaboramos o modelo de herói Clássico a fim de que fosse possível observar como Collins construiu a heroína na série *Jogos Vorazes*, visto que se percebe claramente, no romance, que há, na figura de Katniss Everdeen, o retorno do herói mitológico. Compreendendo, então, que o modelo heroico é relativamente fixo, embora modificações possam ser implicadas por uma determinada cultura, demonstraremos como os elementos descritos por Campbell que constituem a saga do herói, como O chamado da aventura, O auxílio sobrenatural, O retorno, etc., ocorrem no percurso de Katniss Everdeen, em comparação a heróis dos textos clássicos como Perseu, Odisseu, Hércules etc., descritos por Homero, Hesíodo, Eurípedes, Sófocles, Virgílio ou Ovídio, por exemplo. Dessa forma, utilizaremos o primeiro romance da série a fim de explorar a heroína em relação ao herói Clássico pelo viés intertextual e evidenciar a releitura do

modelo de herói, uma vez que, por meio do romance somos levados às origens desses homens corajosos, contemplando seus feitos e suas vitórias.

AS NARRATIVAS PUBLICADAS POR JEAN INGELOW NA *YOUTH'S MAGAZINE*

Guilherme Magri da ROCHA
FCL/Assis – UNESP
FAPESP

Nascida em Boston, Lincolnshire, em 1820, Jean Ingelow publicou oito romances, cinco coletâneas de poemas, volumes de histórias para crianças, e um drama em verso. A escritora inglesa foi, de 1851 a 1857, uma importante contribuinte da *Youth's Magazine*, revista que marca o começo de um novo gênero de periódico britânico, dedicado aos jovens leitores. A proposta da revista era de fornecer a um público sobretudo de crença evangélico-cristã informações biográficas, históricas, além de ficção, e poesia. Nela, Ingelow publicou principalmente contos. Em consonância com Ives (2008) e Snider (2014), acreditamos que a obra de tal escritora, que não só na Inglaterra vitoriana, como também nos Estados Unidos, tinha *status* de celebridade, tendo entre seus amigos John Ruskin e Christina Rossetti, deve ser revista. Nesta contribuição, buscaremos observar, a partir do estudo de Ives (2008) se, em algumas das narrativas publicadas, Ingelow utiliza a escrita como um meio para articular vozes, emancipando, de alguma forma, seu leitor.

O HIBRIDISMO FORMAL EM *O CHEIRO DO RALO* (2002)

Guilherme Mariano Martins da SILVA
Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP

Este trabalho pretende expor parte do resultado de uma tese de doutorado intitulada “Os diálogos interestruturais na obra de Lourenço Mutarelli: hibridismos e experimentações nas fronteiras entre o romance e o romance gráfico”. Neste, averiguou-se de que modo os procedimentos formais de diferentes artes se relacionam, tendo como foco a incorporação de técnicas prototípicas de diferentes esferas do campo artístico dentro da estrutura narrativa do romance. Nesta comunicação, especificamente, focaremos na análise do romance *O cheiro do ralo* (2010), pois este é o primeiro romance publicado por Lourenço Mutarelli, inaugurando sua carreira como romancista em 2002, como também foi a primeira obra de Lourenço a ser adaptada para o cinema, adaptação esta realizada por Heitor Dhalia, na produção de um filme homônimo, lançado em 2006. Assim, interessa demonstrar como nesta obra se interligam as formas do romance gráfico, do poema-processo e do cinema em uma situação de hibridismo estrutural. Para tal análise são utilizadas as teorias de Eisentein (2014), de modo a estabelecer o conceito de montagem, o qual é apresentado em paralelo à diagramação quadrinística de

McCloud (2005). Do mesmo modo, o conceito de estrutura, o qual perpassa todo o trabalho, é elaborado por meio de uma discussão sobre os trabalhos de Goldmann (1967), Gonçalves (1994) e Jameson (1991).

FICÇÃO, DITADURA E REFLEXÃO NO ROMANCE *EM LIBERDADE*, DE SILVIANO SANTIAGO

Helder Santos ROCHA
Universidade Federla do Paraná
Capes DS

Apresenta-se uma breve análise mais detida de alguns pressupostos estéticos da construção ficcional do romance *Em Liberdade*, de Silviano Santiago, por considerar esta obra paradigmática no tocante à forma como trata o tema da ditadura pós-64. Apresentando-se turvo, por desviar a atenção do enredo central para uma temporalidade anterior (a saída de Graciliano Ramos da Colônia Penal da Ilha Grande na ditadura varguista) e não para a sua atualidade, o romance traz à tona o tema da repressão e seus assuntos correlatos de modo a não os enfrentar tomando uma opção aguerrida de um dos lados da força, mas propõe uma reflexão mais profunda sobre os vieses envolvidos no evento histórico, inclusive, ao se desvelar no ato de leitura como mais um produto discursivo e, por conseguinte, problemático. Sua resistência, nesse sentido, não está no encerramento da questão, mas no escancaramento dela mesma, sugerindo um mergulho ainda mais profundo e crítico em busca da raiz do problema. Levando em consideração que se trata de uma obra bastante discutida, inclusive sob vieses e sobre pontos bem distintos, o recorte desta leitura concentra-se nos processos de uso da metaficção e nos modos específicos como surgem no texto, alicerçado nos postulados de Hutcheon (1984, 1991) e Bernardo (2010), além de ressaltar o hibridismo deste romance que congrega, junto com a elaboração ficcional, também o veio ensaístico do autor Silviano Santiago.

A VIAGEM DE MARIANO E A (RE) CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL EM *UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA*, DE MIA COUTO

Heloisa Helou DOCA
UNIMAR

As viagens na literatura foram sempre testemunhas de grandes descobertas tanto interiores quanto exteriores. Estudos nos conduzem à reflexão de que as viagens e seus relatos são marcados por uma experiência de alteridade, pelo encontro com o “outro”, pela construção de um olhar sobre o “outro”. Além disso, os conceitos de identidade são úteis para pensarmos em como no contato com o “outro” e no julgamento da cultura alheia o viajante constrói a “si mesmo”, pois a identidade é uma categoria relacional. Neste viés, o eixo temático do romance

de Mia Couto “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra” gira em torno de uma viagem empreendida pelo protagonista Mariano que volta a sua terra natal para o funeral do avô e enquanto aguarda pela cerimônia é testemunha de estranhas visitas. À medida que se apercebe desse universo frágil e ameaçado, ele redescobre uma outra história para a sua própria vida e para a da sua terra. Assim, Mariano parte em busca das suas origens e do seu passado, empreendendo, para tanto, um denso mergulho em suas memórias de menino. A chegada a Luar do Chão, sua terra-natal, se dá em sincronia com a partida do avô, que o conduzirá pelas “águas do tempo” à “outra margem”, onde ele se juntará aos seus antepassados. O objetivo de nosso estudo, portanto, é demonstrar, por meio desta obra de Mia Couto, que, de fato, as viagens e seus relatos são marcados pelo contato com o “outro” e que o viajante se (re) constrói nestas experiências.

JOSÉ DA CUNHA CARDOSO: O SECRETÁRIO – E CENSOR – DA ACADEMIA BRASÍLICA DOS
ESQUECIDOS

Heloísa Viccari Jugeick BELINE
FCL/Assis – UNESP
CAPES

O trabalho tem como objetivo apresentar as atividades realizadas por José da Cunha Cardoso na Academia Brasílica dos Esquecidos, primeira academia histórico-literária brasileira, fundada em 1724 na Bahia, cuja finalidade foi elaborar a História Natural, Militar, Eclesiástica e Política do Brasil. Coube a José da Cunha Cardoso desempenhar a função de Secretário da ABE, sendo responsável pela organização e pela condução das Conferências – 18 no total. Além de ser acadêmico e de ter uma quantidade significativa de poemas produzidos, Cunha Cardoso foi o presidente da Conferência de abertura da ABE e, naturalmente, o responsável por proferir o primeiro discurso, no qual, em linhas gerais, apontou algumas normas vinculadas à organização e ao funcionamento da agremiação. Nesta primeira sessão, pelo fato de ter exercido a presidência, recebeu poemas em seu louvor, cujos temas remontam à sua atividade como presidente, secretário e censor da academia. Segundo levantamento da produção letrada da ABE, arquivada no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, os critérios utilizados pelo Secretário para a atividade censória estão ligados à aplicação das regras ligadas à Retórica Aristotélica, como prudência, adequação, decoro, erudição, emulação e engenho. Caso os textos não estivessem pautados em tais moldes, José da Cunha Cardoso fazia alterações nos textos, dentre as quais exclusão de palavra, verso ou estrofe, acréscimo ou substituição de palavras, de forma que o texto atendessem às exigências para a sua publicação, que conforme Marcello Moreira, era, no século XVIII, tornar público, no âmbito da ABE, aquilo que era particular.

A PERSPECTIVA DE FELIPE ALAIZ DO ROMANTISMO ESPANHOL NAS PÁGINAS DA *REVISTA BLANCA*

Henrique Sergio Silva CORRÊA
FCL/Assis – UNESP
CAPES

De 1933 a 1936, Felipe Alaiz (1887-1959) publicou uma série de textos sob a rubrica “Tipos Españoles” no periódico anarquista *La Revista Blanca*, de Barcelona. Essa série era composta por impressões a respeito de personalidades espanholas, em geral literatos e políticos, e uma parte dela foi dedicada a escritores canônicos. Neste trabalho, pretendo analisar como Alaiz observa os escritores românticos da Espanha. O Romantismo é pouco estudado em comparação a outros momentos da Literatura hispânica e quando saíram os textos de Alaiz não havia ainda um estudo sistemático do período, apenas alguns escritores da época eram alvo de interesse dos pesquisadores. Espronceda, Bécquer, Campoamor, Duque de Rivas, Echegaray, Carolina Coronado e Bretón de los Herreros foram os escritores avaliados pelo jornalista nas páginas da revista. Interessa saber quais aspectos do Romantismo e da obra, e da vida, desses escritores são evidenciados e o que é censurado. Também será considerado aqui o posicionamento ideológico tanto do periódico quanto do autor e como isso se reflete no enfoque adotado. Felipe Alaiz, nascido em Belver de Cinca, cidade da província de Huesca, atuou, sobretudo, na imprensa libertária como redator, colaborador e diretor de jornais e revistas anarquistas, como *La Revista Blanca*, *Solidaridad Obrera*, *Crisol* e *CNT*.

A VISÃO HISTÓRICA CULTURAL DO ÍNDIO: O INDIGENISMO E O NEO-INDIGENISMO EM UMA PERSPECTIVA COMPARADA

Hugo Eliecer DORADO
UNIOESTE/Cascavel

Publicado em 1948, *Los Rios Profundos* é o terceiro romance do escritor peruano José Maria Arguedas. A obra inaugura, segundo a crítica literária, a corrente neo-indigenista latino-americana, a qual visa superar a visão externa do índio na literatura, adentrando-se na sua concepção de mundo e realidade social e desconstruir a utopia da reivindicação social e econômica purista das tribos indígenas mediante a reestruturação do sistema cultural e social pré-colonial. Em outras palavras, no neo-indigenismo pretende-se reconsiderar as formas narrativas e ideológicas do “indigenismo”, as quais discursam sobre o índio como figura representativa latino-americana, mas desde uma perspectiva distante da realidade social e cultural indígena. Assim sendo, o presente trabalho tem como objetivo sublinhar o contraste entre as visões históricas e culturais da tradição indígena evidenciadas nos dois movimentos literários mencionados e salientar a importância da figura do índio contemporâneo e do mestiço na estrutura narrativa neo-indigenista, em detrimento da imagem purista do índio

ancestral. Para tal fim, realizamos uma leitura comparativa entre duas obras fundamentais dentro de cada movimento: *Huasipungo* (1934), escrita pelo equatoriano Jorge Icaza; e *Los rios Profundos* (1948), de José Maria Arguedas. Nessa proposta comparativa, entre outros aspectos, daremos ênfase à configuração dos personagens que evidenciam as características da representação dos nativos americanos.

MACHADO E DANTE: O POETA NA CRÔNICA

Ionara SATIN
FCL/Assis – UNESP
FAPESP

Essa comunicação busca seguir os caminhos já percorridos por Mário de Andrade, Edoardo Bizzarri, Jean-Michel Massa e Eugênio Vinci de Moraes, fazendo um levantamento da presença do poeta italiano Dante Alighieri em todas as crônicas de Machado de Assis, começando no ano de 1859 com a Revista *O Espelho* até o ano de 1897 para a coluna “A Semana” do jornal *Gazeta de Notícias*. Além disso, a partir dos conceitos de intertextualidade, pretende-se analisar o diálogo intertextual entre o cronista e o poeta. Para isso, será necessário compreender os rearranjos feitos por Machado de Assis nas suas citações ou alusões ao poeta italiano e não apenas elencar semelhanças e diferenças. Isto porque esse cruzamento com outras superfícies textuais não é uma absorção passiva daquilo que lhe é alheio, mas uma transformação em outro texto. Serão analisados exclusivamente os intertextos explícitos feitos por Machado de Assis em seus textos escritos para o jornal, a fim de se verificar quais as relações estabelecidas entre o escritor fluminense e o poeta italiano, levando em consideração o contexto da época e seus leitores. Todos esses dados serão somados à compreensão do diálogo cultural entre Machado de Assis e a Itália, contemplando a inserção de um gênero ainda não explorado.

(AUTO)BIOGRAFIAS COMO POSSIBILIDADE DESCOLONIAL: QUADRINHOS DE MULHERES E/OU SOBRE MULHERES

Isa Ferreira LIMA
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

A autonarração é uma das grandes ferramentas contemporâneas de expressão do pensamento pós-colonial. O presente trabalho pensa a ausência da mulher enquanto sujeito ator e autor, e traz duas narrativas gráficas que, conciliando linguagem verbal e visual, abrem caminhos para desconstruir imposições de uma história eurocêntrica. Ania Loomba e Anne McClintock amparam teoricamente a pesquisa ao tratar da desidentificação do ser mulher no percurso das histórias. A primeira HQ é “Olympe de Gouges” – de autoria de José-Louis Bocquet e Catel Muller, uma biografia da heroína-título; Olympe de Gouges foi uma mulher que, na França do

século XVIII, passa a expressar seus ideais libertários na sua relação com a literatura: lê e escreve, se envolve com o teatro e utiliza destas linguagens para defender seus ideais abolicionistas bem como a maior igualdade entre os gêneros. A segunda HQ, "Persépolis", se passa já no século XX; no formato de autobiografia, conta a vida da autora Marjane Satrapi, iraniana que desde a infância, em meio a um regime político opressor, passa a refletir sobre a identidade feminina, com influências intelectuais da família e da cultura ocidental. Deste modo, traçando uma linha cronológica da primeira à terceira onda, este trabalho visa perceber as possibilidades que despontam da (auto)narração e que colaboram com o movimento feminista enquanto uma forma de luta pela descolonização dos imaginários de e sobre mulheres.

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO DUPLO SOCIAL EM “E DEPOIS”, DE SÔSEKI NATSUME E “ESAÚ E JACÓ”, DE MACHADO DE ASSIS

Isabella GARCIA
FCL/Assis – UNESP

Pretendemos apresentar nesse trabalho nossa pesquisa, ainda em fase inicial, que consiste na análise comparativa de dois romances, um japonês e brasileiro, respectivamente, obras ícones de seu tempo e sociedade. O romance “E depois” (Sorekara, 2011), de Natsume Sôseki, narra a vida de Daisuke Nagai, um jovem de 30 anos, solteiro e sustentado pelo pai, que rejeita qualquer possibilidade de integrar-se à sociedade por meio de uma carreira ou através do casamento. Em contraposição tomamos o romance brasileiro “Esaú e Jacó” (1904), de Machado de Assis, que toma como foco a família Natividade e Santos, como símbolo da sociedade daquele período, que preocupados com a aparência social buscam de várias formas a ascensão social por meio de seus filhos, os gêmeos Pedro e Paulo, que apesar de idênticos fisicamente, são opostos em personalidade e ideais; um é monarquista e o outro claramente republicano; no romance a personagem Flora, assumirá o símbolo de semelhança entre os irmãos, visto que se apaixonam pela moça. Embora com enredos diferentes, nosso objetivo é analisar a visão perspicaz de cada autor sobre a sociedade ambígua que se estabelecia em seus respectivos países. No Japão, a modernidade oposta à tradição imperial e, no Brasil, a oposição das visões políticas de monarquia e república, representadas por meio de suas personagens e descrições sociais, em que as obras revelam a duplicidade do ser humano sobre si mesmo em meio às mudanças político-sociais.

EL AMOR Y EL ESPANTO: BIOGRAFIA E FICÇÃO

Isis MILREU
UFCG

O filme *El amor y el espanto* (2001) foi dirigido por Juan Carlos Desanzo e o roteiro foi escrito por José Pablo Feinmann. A obra cinematográfica tem como protagonista o escritor Jorge Luis Borges e sua trama está situada no ano de 1946, período em que Juan Domingo Perón assume

o poder na Argentina. Também foi nesse ano que Borges perdeu o seu posto na biblioteca Miguel Cané, sendo “promovido” para o cargo de inspetor de aves e coelhos no mercado. Assim, o filme explora esse acontecimento da vida do escritor e problematiza sua relação com o peronismo. Contudo, o diretor mescla a biografia de Borges com a sua produção literária, apagando os limites entre a realidade e a ficção. Desse modo, na narrativa fílmica aparecem vários elementos de contos e poemas borgeanos. Além disso, alguns personagens criados pelo autor argentino estão presentes na trama. Tendo em vista essas considerações, o objetivo desse trabalho é analisar como ocorrem as relações entre a biografia de Borges e a sua literatura no filme de Desanzo, pois essa dupla vertente é uma das principais características da poética borgeana. Entre os nossos aportes teóricos destacamos Josef (2000) e Cozarinsky (2000).

O DIREITO À NARRATIVA: A MEMÓRIA DAS MULHERES DO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

Iva Carla Aveline Teixeira dos SANTOS
Universidade Federal da Grande Dourados
CAPES

Esta comunicação tem como propósito analisar as relações entre identidade e memória nas narrativas das mulheres do Ensino de Jovens e Adultos. Ressaltamos que este é um recorte da dissertação de mestrado em andamento, intitulada “Literatura e Memória: a formação de leitoras no Ensino de Jovens e Adultos”. A definição deste objeto de pesquisa parte de uma experiência com esta modalidade de ensino no ano de 2014, quando percebemos que o público se constitui, predominantemente, por mulheres adultas e com filhos. O texto é fruto de reflexões que se deram a partir da narrativa oral da história de vida e de leitura destas mulheres. Partimos do pressuposto de que a narrativa destas mulheres oferece testemunhos de uma cultura patriarcalista de silenciamento e relações de poder e de violência física e simbólica, o que permite buscarmos um entendimento sobre a forma como estes discursos são por elas reconstruídos, e de que forma as memórias permitem construir as suas próprias identidades. As narrativas memorialísticas serão problematizadas a partir das teorias de memória de Paul Ricœur (2007), que a considera não apenas como significado de imaginação, mas também pela sua capacidade de se fazer remeter ao passado, além do viés da memória coletiva apontada por Halbwachs (1990).

MACHADO DE ASSIS E A REINVENÇÃO DE SI MESMO

Jaison Luís CRESTANI
FCL/Assis – UNESP - ECA/USP – IFPR/Palmas

Em 1878, o meio literário brasileiro era dominado pelo efeito ruidoso das cenas adulterinas do romance *O primo Basílio*, de Eça de Queirós. Avesso às soluções da estética “realista”, Machado de Assis combateu ostensivamente a influência dessas inovações no desenvolvimento da

literatura brasileira. Em contrapartida, a repercussão dessas novas tendências forçaria o escritor a reconhecer o *ocaso* do romantismo e a repensar os caminhos da sua própria ficção. As consequências desse impasse criativo adquiririam visibilidade no decurso da sua interação dinâmica com a conjuntura editorial do periódico *O Cruzeiro*, resultando em experimentações e transformações decisivas para a sua escrita. Entre dois descaminhos – as retrógrads convenções do romantismo decadente e as indesejadas inovações do realismo-naturalismo, – impõe-se a Machado de Assis a incontornável exigência de forjar uma terceira alternativa, que consistiria na reinvenção criativa de formas consagradas da cultura por meio dos recursos da paródia e na opção deliberada por um estilo insólito e extravagante como forma de representar esteticamente os contrassensos da sociedade brasileira. Com base nesse contexto, este trabalho pretende demonstrar, por meio da análise das narrativas fantásticas publicados no “Folhetim do Cruzeiro”, como Machado de Assis obliterou a visão conformada de suas primeiras obras, para que emergisse uma nova elocução artística, pautada pela extravagância fantasiosa, a paródia e o humor irreverente.

O ENTRELUGAR DO LOBISOMEM EM *SANGUE DE LOBO*

Jamille da Silva SANTOS
PGLET - UFU/ GPEA/Labedisco

O presente trabalho pretende estudar a construção mítica do lobisOMEM na contemporaneidade, tomando como corpus o romance *Sangue de Lobo* de Rosana Rios e Helena Gomes. Analisaremos a obra por meio da noção de mito cunhada por André Jolles, a noção de monstro utilizada por Foucault e de *devenir* pensada por Deleuze. Temos como hipótese para este trabalho os postulados de Alejo Carpentier no que tocam a noção de real maravilhoso; em que o mesmo afirma que a condição de existência do sobrenatural está na crença, dessa forma pensamos a figura do LobisOMEM em um entrelugar, ou seja, em um *devenir* monstros que se instaura entre o real e o insólito. Nesse sentido, acreditamos que a obra selecionada se posiciona nesse entrelugar, e é desse lugar que pretendemos olhar as modificações que constituem a figura do lobisOMEM e sua transposição de monstro para herói, como também de insólito para o real.

MEMÓRIA E ESCRITA DE SI: A NARRATIVA DAS IRMÃS QUEIROZ

Janieli Salgueiro da SILVA
Universidade Federal da Grande Dourados
CAPES

Esta comunicação tem como objetivo a leitura e análise crítica do livro *Tantos anos* (1998) de Rachel de Queiroz e Maria Luíza de Queiroz, sob a perspectiva dos estudos de memória e de escrita feminina, bem como das reflexões em torno da escrita de si como parte constituinte do

gênero íntimo. Trata-se de uma narrativa autobiográfica, escrita a quatro mãos, que se constitui memorial da vida das autoras. Ao escrever de forma romancada sobre suas vidas, as escritoras, tecem importantes reflexões sobre os valores socioculturais que regiam a sociedade de seu tempo, permitindo-nos não apenas reconstruir os modos de vida da época, mas, também refletir, a partir de uma perspectiva memorialística, e dos estudos de gênero, sobre a importância de obras dessa natureza para a re-visão, a contrapelo da história, de valores historicamente constituídos, além de, re-pensar o lugar da mulher enquanto autora e sujeito de sua própria escrita. À vista disso, pode-se dizer que *Tantos anos* é uma obra que contribui para a construção da memória coletiva do país, e, sobretudo do nordeste brasileiro, à medida que se volta sobre a vida de um dos maiores nomes da Literatura brasileira, revelando uma face outra de sua identidade, a saber, a Rachel de Queiroz mulher, cronista engajada e expressão da escrita de autoria feminina no país. Interessa-nos, mostrar como as irmãs Queiroz se utilizam da memória como forma de dar voz ao passado, às representações sociais, e ao lugar da mulher.

O INSÓLITO NA OBRA DE JORGE AMADO: UM ESTUDO DA OBRA “DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS”

Jéfferson BALBINO
UENP/CJ – UNESP/ASSIS

Diante das teorias dos intelectuais: Todorov, Ceserani e Louix Vaz, acerca do Fantástico, é perceptível que no romance *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, escrito pelo baiano Jorge Amado, há uma personagem central que desafia a própria morte e transforma-se no elemento-chave durante toda a narrativa – no caso, o personagem Vadinho. Jorge Amado utiliza em seu romance a realidade humana atrelada ao sobrenatural para ser a espinha dorsal de sua narrativa e, obviamente, isso desencadeia o clima do insólito e, conseqüentemente, o discurso fantástico. A presente análise incide na mobilidade vida e morte (tanto morte física como metafísica); e, passado e presente do malandro Vadinho que morre em pleno carnaval de Salvador, mas que retorna – como espírito/fantasma – para satisfazer o desejo sexual de sua mulher, Dona Flor. Este estudo ainda objetiva discutir a erotização de Vadinho, visto que não é comum o escritor Jorge Amado atribuir com tamanha ênfase essa característica para seus personagens masculinos.

OS DISCURSOS DA DITADURA EM *CELDA 12*, DE MONCHO AZUAGA

Jéssica Baia Moretti da SILVA
Universidade Estadual de Maringá

O presente trabalho analisa os discursos da ditadura paraguaia e a memória paralela à oficial no romance paraguaio *Celda 12*, de Moncho Azuaga. No romance, são apresentados vários discursos acerca da ditadura de Alfredo Stroessner: discurso daqueles que foram

injustamente encarcerados, discurso do próprio ditador, discurso de pessoas que apoiavam o regime ditatorial, entre outros. Por meio do testemunho memorialístico, há a desconstrução da figura de Alfredo Stroessner. A perversidade, a imoralidade e as fraquezas do ditador são evidenciadas, de forma a contrariar o discurso oficial. Como principal embasamento teórico para os estudos da memória são utilizados os livros : *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs e *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*, de Márcio Seligmann-Silva. Para Halbwachs, a memória individual é construída sob o ponto de vista da memória coletiva, pois não é possível se desvincular das lembranças e das referências do grupo do qual se faz parte. Em *Celda 12*, os discursos paralelos de pessoas distintas remetem à memória coletiva de uma nação que vivenciou os horrores do regime militar de Stroessner durante 35 anos; vivenciou não apenas a tortura física, mas principalmente a psicológica. O principal embasamento teórico para a compreensão da história paraguaia é o livro *Paraguay: la carcel olvidada*, de Martin Almada.

OS DISCURSOS DA DITADURA PARAGUAIA EM *CELDA 12*, DE MONCHO AZUAGA

Jéssica Baia Moretti da SILVA
Universidade Estadual de Maringá

O presente trabalho analisa os discursos da ditadura paraguaia e de uma memória paralela à oficial no romance paraguaio *Celda 12*, de Moncho Azuaga. No romance são apresentados vários discursos que compõem a ditadura de Alfredo Stroessner: diversas vozes daqueles que foram injustamente encarcerados, a voz discurso do próprio ditador e as vozes de pessoas que apoiavam o regime ditatorial, entre outros. Por meio do testemunho memorialístico, há a desconstrução da figura de Alfredo Stroessner. A perversidade, a imoralidade e as fraquezas do ditador são evidenciadas, de forma a contrariar o discurso oficial. Como principal embasamento teórico para os estudos da memória são utilizados os livros: *A memória coletiva* (1990), de Maurice Halbwachs e *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes* (2013), de Márcio Seligmann-Silva. Para Halbwachs, a memória individual é construída sob o ponto de vista da memória coletiva, pois não é possível se desvincular das lembranças e das referências do grupo do qual se faz parte. Em *Celda 12*, os discursos paralelos de pessoas distintas remetem à memória coletiva de uma nação que vivenciou os horrores do regime militar de Stroessner durante 35 anos; vivenciou não apenas a tortura física, mas principalmente a psicológica. O principal embasamento teórico para a compreensão da história da ditadura paraguaia é o livro *Paraguay: la carcel olvidada* (2005), de Martin Almada.

DE FONSECA A SALLES: CONSIDERAÇÕES SOBRE MANDRAKE EM *A GRANDE ARTE*

Joana Bertani de CAMPOS
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

No que tange aos estudos interartes, mais especificamente na relação entre literatura e cinema, este trabalho pretende analisar as contribuições dos recursos cinematográficos na adaptação da obra homônima *A Grande Arte* (1990), escrita pelo brasileiro Rubem Fonseca. O gênero policial sofreu inúmeras alterações ao longo da história da literatura, desde Edgar Allan Poe e seu personagem, o detetive Dupin, até as narrativas policiais mais contemporâneas. Dessa forma, o detetive também sofreu e vem sofrendo alterações nas narrativas do gênero. O romance se distancia da tradição racional-analítica proposta pelo policial de Poe na medida em que, a partir de recursos estéticos, pensa o texto literário juntamente com o crime. A transposição cinematográfica da obra de Fonseca, dirigida pelo também consagrado diretor brasileiro Walter Salles, *A Grande Arte* (1991), acompanha a vertente lírica e existencial do texto literário, utilizando-se de diferentes recursos e adaptações para contribuir com a construção da contemporaneidade policial dentro das telas. A obra de Fonseca, bem como a transposição de Salles, serão objetos centrais de investigação para que se possa discutir a releitura da tradição policial no romance em questão com ênfase na figura do personagem Mandrake e de que maneira, na tradução semiótica para o cinema, dá-se a contribuição fílmica.

A RENOVACÃO DA VOZ NARRATIVA NA LITERATURA JAPONESA - ENTRE O CLÁSSICO E O MODERNO

Joao Marcelo MONZANI
UFRJ

Na história cultural japonesa, o período Meiji (1868-1912) é conhecido como aquele da transição entre a literatura clássica e a moderna. No que concerne a prosa de ficção, a tradição do romance europeu irrompeu com força na cena das letras japonesas e propiciou um rearranjo de gêneros, formas e temas. Pretendemos aqui analisar alguns desses deslocamentos e renovações do fazer literário. Para tanto, abordamos primeiramente a situação da entrada da literatura europeia no Japão através da tradução. Esse passo foi de fundamental importância para a formação da literatura moderna japonesa, pois neste momento foram estabelecidas direções quanto ao tom e à dicção da nova prosa de ficção, bem como sua relação para com a literatura autóctone japonesa (ou seja, a chamada literatura clássica). Em um segundo momento, procuramos demonstrar o surgimento do narrador enquanto função textual do texto, por oposição ao autor explícito da ficção pré-moderna japonesa.

ESPACIALIDADE DOS NARRADORES CONTEMPORÂNEOS

Leonardo TONUS
Université Paris-Sorbonne

Nos três volumes de Tempo e narrativa o filósofo francês Paul Ricoeur apresenta uma teoria complexa acerca das possíveis relações entre narrativa e temporalidade. Seus postulados assumem um papel fulcral no âmbito na modernidade ao eleger a temporalidade como principal parâmetro estético e crítico. Ora, desde os anos 80 observa-se na crítica a emergência de uma nova orientação epistemológica que tende a inverter as hierarquias existentes entre « tempo » e « espaço ». O presente trabalho busca indagar como a literatura brasileira contemporânea tem repensado o estatuto do narrador na sua espacialidade. A partir dos conceitos de « écart » (François Julien) e de « espaçamento » (Michel Collot) veremos de que maneira o distanciamento emocional e cognitivo imposto às vozes autorais nos últimos romances de Elvira Vigna (Por escrito, 2014 e Como se estivéssemos em palimpsesto de putas, 2016) e de Luiz Ruffato (Estive em Lisboa e Lembrei de você, 2009, e Flores artificiais, 2014) propõem uma nova situacionalidade do narrador colocam em xeque a artificialidade e as falácias do próprio discurso ficcional.

FAUSEL E AUST: DOIS EXPOENTES DA LITERATURA

José Luís FÉLIX
FCL/Assis – UNESP

No bojo da imigração alemã para o Brasil e de seus descendentes encontra-se uma diversidade de textos, dos quais os mais frequentes são os relatos, contos e poesias. O imigrante ou seu descendente vale-se deste recurso literário para reorganizar seu luto patriótico e reconstruir sua nova identidade em território estranho. O imigrante alemão Erich Fausel (1904-1963), radicado em São Leopoldo/RS, escreveu e adaptou muitas poesias. Seu principal objetivo era abastecer com livros e publicações de qualidade a Escola Alemã no Brasil. Ao dedicar-se à literatura, tanto em alemão quanto em português, viu nesta disciplina uma forma de fortalecer a língua e a cultura do alemão no Brasil e no mundo, especialmente os descendentes dos imigrantes alemães. Aust (1961), outro imigrante alemão, radicado em São Paulo/SP, inova com a balada a forma poética do imigrante, antes presa aos cânones da lírica tradicional. Ambos contribuem para a valorização da literatura brasileira escrita em língua alemã.

OS SERINGAIS AMAZONENSES SOB A ÓTICA DO ESCRITOR LUSO-BRASILEIRO FERREIRA DE CASTRO

Josué Ferreira de OLIVEIRA JÚNIOR
UNIOESTE
CAPES

Esta comunicação visa à leitura e análise de *A selva* (1930), de Ferreira de Castro, sob a perspectiva crítica dos estudos comparados e da crítica cultural latino-americana. Trata-se de um romance que se volta para os anos finais do conhecido ciclo da borracha, revelando um mundo em acelerado processo de inanição e falência, como resultado da perda de prestígio da

borracha brasileira no mercado europeu. Busca-se salientar, na análise desta obra, a intrínseca relação entre literatura e história como estratégia de um projeto literário cuja realização estética possibilita uma visão outra sobre o que representou o impacto do ciclo da borracha para a região amazônica e para o Brasil, sobretudo, ressaltando o drama vivido pelos seringueiros no interior da selva amazonense. Interessa-nos, também, lançar luz sobre a emergência de um espaço decadente e degradado, resultante da própria figurativização da selva como uma espécie de “inferno verde”, isto é, um lugar capaz de devorar e despersonalizar o humano pela sua própria grandeza, de um lado, e sobre os processos de exploração do homem e da natureza como continuidade do projeto de colonização do espaço e de sua gente, tocados por uma elite colonizada que se comportava como verdadeira herdeira dos valores ocidentais, bem como responsável por trazer o progresso à inhóspita região da selva amazônica, de outro. Por fim, ressalta-se, ainda, a relevância desta narrativa e de estudos desta natureza para se (re)pensar não só os processos da composição literária, mas, também, como esta pode contribuir para uma leitura da história a contrapelo.

A (DES)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES EM “AS PEDRAS NÃO MORREM”

Juliana Garcia de Mendonça HANKE
Universidade Estadual de Maringá

Silvana CAMILO
Universidade Estadual de Maringá

Vanessa dos SANTOS
Universidade Estadual de Maringá

Nos termos de Bauman (2004), nossa época líquido-moderna passa por um processo de fragmentação social e identitária. Quase todos nós, se não de fato todos, passamos por mais de uma “comunidade de ideias e princípios” e nos deparamos com sérios problemas de continuidade e fixação em uma delas. Bauman (2004) discorre sobre a “liquefação” das estruturas sociais, enquadrando-nos em uma fase “fluída” em que os sujeitos se amoldam e mudam muito rapidamente e sob a influência das menores forças. Stuart Hall (1996) já presenciara esse processo evidenciado quando afirma que os questionamentos dos indivíduos deixam de ser “quem sou eu?” e “de onde vim?” para a busca por respostas que mostrem quem um indivíduo pode vir a ser. Nota-se, assim, um deslocamento e uma cisão na forma como as identidades são construídas, representadas e vistas nessa sociedade contemporânea afetada diretamente pela globalização e pelos novos meios de produção e consumo. As discussões sobre essa temática são muito recorrentes e servem como pano de fundo e até como primeiro plano para muitas das obras das escritoras brasileiras contemporâneas. Em artigo, Dalcastagnè afirma que na narrativa contemporânea, as personagens mostram-se confusas, perdidas, cheias de dúvidas e incertezas. Esses são alguns dos autores que embasarão

as análises das identidades das protagonistas Irene e Gabriel de “As pedras não morrem” (2004), de Miriam Mambri.

AS DIFERENTES FACETAS DA MORTE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE “MEU AMIGO PINTOR” DE LYGIA BOJUNGA E “UM DENTE DE LEITE, UM SACO DE OSSINHOS” DE NILMA GONÇALVES LACERDA

Juliana Leopoldino de Souza CRUZ
FCL/Assis – UNESP

Juliana Alves Barbosa MENEZES
FCL/Assis – UNESP

Falar sobre morte em nossa sociedade é muitas vezes considerado um tabu. Assunto de adultos, demasiadamente mórbido e pesado para as crianças. Porém, alguns autores contemporâneos de literatura infanto-juvenil tratam deste tema com maestria. Dentre eles, podemos destacar Lygia Bojunga e Nilma Gonçalves Lacerda, com suas respectivas obras “Meu Amigo Pintor” e “Um dente de leite, um saco de ossinhos”. O objetivo do presente artigo é tecer uma análise comparativa de como a face da morte é apresentada por ambas as obras. Para embasar tal foco, traremos Elisabeth Kubler Ross com sua obra “Sobre a Morte e o Morrer”, tão como algumas considerações de Philippe Áries em “O homem diante da morte”. A primeira teórica enfatiza, entre outras coisas, a reação da sociedade diante do fenômeno morte e seu possível impacto para criança, já o segundo, evidencia a questão da consciência da morte e da recepção angustiante, dolorosa e repugnante da mesma, para sociedade ao longo da história. As obras literárias em questão, trazem consigo uma série de representações simbólicas, que serão lidas sob a ótica do imaginário e do simbólico tratados por Edgar Morin em “A integração cultural. Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo.” Sendo assim, alguns trabalhos já apresentados sobre ambas autoras, também serão considerados neste estudo, como “Álbum de todos os matizes” de João Luis Ceccantini e A Morte : seu sentido e sua expressão em narrativas Infanto-juvenis” de Lia Cupertino Duarte.

A LITERATURA COMO FORMA DE (DES)LEGITIMAÇÃO DO RACISMO: O NEGRO SOB REPRESENTAÇÕES DISTINTAS

Profª Ms Juliane CHATAGNIER
Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP
CAPES

Que a literatura é vista como forma de representação social é fato. Mas, em sua maioria, o que ou a quem representa? Quem é o protagonista recorrente nas inúmeras obras a que se dedica o cânone literário? Não é novidade que as figuras centrais (e até mesmos os escritore/as) são

sempre homens, brancos, heterossexuais, eurocêntricos e ricos. Apropriando-me das palavras de Regina Delcastagnè (2008), a literatura é, ainda, um lugar privilegiado, na qual grupos subalternos, como negros, mulheres, pobres, homossexuais, deficientes, entre outros, permanecem à margem, silenciados e sem direito a compartilhar suas experiências. Apesar de, na contemporaneidade, esses espaços estarem sendo reivindicados por tais grupos, o rótulo de má-literatura ainda faz-se presente. Dentro deste contexto de exclusão e reivindicação, encontram-se os romances *The Secret Life of Bees* (2001), de Sue Monk Kidd, e *To Kill a Mocking Bird*(1960), de Harper Lee, nos quais a temática da representação do negro na sociedade são bem marcantes. Em ambas as obras o negro não assume a posição principal, portanto não tem voz, sendo representado por meio do discurso do branco dominador. Porém, a perspectiva com que cada autora trata o "ser negro" se difere: enquanto uma deslegitima quaisquer formas de opressão, a outra perpetua, mesmo que fortuitamente, o discurso da tradição escravagista. O intuito dessa comunicação será desvelar tais pontos de vista e reiterar a importância dos estudos de raça para a literatura.

IL VISCONTE DIMEZZATO (1952); *IL BARONE RAMPANTE* (1957); *IL CAVALIERE INESISTENTE* (1959): A REPRESENTAÇÃO DOS HERÓIS INAPTOS EM OBRAS ITALIANAS DO SÉCULO XX

Juliane Luzia CAMARGO

FCL/Assis- UNESP

CAPES

Orientadora: Dra Cátia Inês Negrão Berliini de ANDRADE

Sofrendo progressiva desmitização ao longo dos séculos em consequência das mudanças sociais, o herói nascido na tradição grega – *herós* - padece frente às consequências de uma sociedade marcada por implicações morais e políticas, e desastres como as duas grandes guerras. Prisioneiro desta nova realidade, o herói moderno é subvertido e narrado pela perspectiva paródica em relação àquele clássico; os comportamentos e as experiências, antes caracterizados por uma grandeza superior, são agora descritos a partir de seu caráter individual, inconstante e limitado. Por isso a proposta de Italo Svevo (1861-1928) na construção de um herói nacional, que analisa mais criticamente a realidade na qual está inserido, e é capaz de refletir a verdadeira natureza humana, assim como o leitor que lhe é contemporâneo. E, para melhor exemplificar este novo modo de representação do herói moderno (*anti-herói*), pensaremos sobre a constituição dos personagens calvinianos a partir das obras: *Il visconte dimezzato* (1952); *Il barone rampante* (1957) e *Il cavaliere inesistente* (1959). Publicados em um único volume, *I nostri antenati* (1960), os livros escritos ao longo da década de 1950 trazem em suas páginas a capacidade de observação do escritor italiano por meio de elementos fantásticos sobre o homem contemporâneo em confronto com sua realidade. Assim, tentar-se-á, com base na trilogia e na leitura dos personagens inaptos *Medardo di Terralba*; *Cosimo Piovasco di Rondò* e *Agilulfo*, analisar o heroísmo do século XX, em especial, o da literatura italiana no período.

A NARRATIVA DE VIAGEM CONTEMPORÂNEA E A TIPOLOGIA DO ROMANCE MODERNO: O
HIBRIDISMO EM *MONGÓLIA*, DE BERNARDO CARVALHO

Karina de Fátima GOMES
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
Orientador: Dr. Rauer Ribeiro RODRIGUES

O romance *Mongólia* foi publicado em 2003, recebeu no mesmo ano o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e também o Prêmio Jabuti em 2004, é resultado de uma viagem que o autor Bernardo Carvalho realizou à Mongólia, com o intuito de escrever um livro encomendado pela Editora Cotovia, em parceria com a Fundação Oriente de Lisboa. De acordo com entrevista concedida pelo autor no lançamento do livro (11 de outubro de 2003) a Rogério Eduardo Alves, do jornal Folha de São Paulo, Bernardo Carvalho percorreu cerca de 5.000km pelo país, durante dois meses (chegou à Mongólia em junho de 2002). O autor foi vencedor de uma bolsa de criação literária pela Fundação Oriente de Lisboa, e desta forma Bernardo Carvalho escolhe visitar os Montes Altai, rodeados pelos territórios da China, Rússia e Mongólia. Assim a obra *Mongólia* resulta de uma viagem realizada factual, vista fisicamente pelo autor, que ficcionaliza os espaços e territórios, construindo uma narrativa que foge do relato de viagem, sendo complexa e surpreendente. Para elaboração desta comunicação analisou-se o romance, refletindo sobre a narrativa de viagem e sobre como este circular por espaços remotos, factuais ou fictícios, acrescenta ao universo literário contemporâneo, com a observação do múltiplo olhar do narrador, como também pelo olhar das personagens na obra, por meio do registro de diversas tipologias do romance, demonstrando hibridismo e versatilidade na narrativa contemporânea.

LITERATURA E CINEMA EM MONTSERRAT ROIG: DISCUTINDO *RAMONA, ADÉU*

Katia Aparecida da Silva OLIVEIRA
FCL/Assis – UNESP
/ UNIFAL-MG
Orientador: Antônio Roberto ESTEVES

As relações entre a literatura e outras artes permitem a construção de obras que se completam ao relacionar palavras, imagens ou sons, enriquecendo o texto literário e permitindo que assumam múltiplas possibilidades de interpretação. A obra da escritora catalã Montserrat Roig (1946-1991) reflete essas relações, em uma produção que dialoga com seu tempo e com as artes, arquitetando uma literatura que se forma e se completa a partir delas. Em seu segundo romance, *Ramona, adéu* (*Ramona, adeus*) (1977), nota-se que a escritora cria uma trama na qual, em alguns momentos, o cinema está profundamente entranhado, contribuindo para a caracterização dos personagens e do enredo em si, evocando não só a imagem cinematográfica, como também atores e valores que perpassam as obras. O diálogo criado

entre essas artes as integra no texto e faz com que o romance de Roig se estruture a partir de imagens e palavras conectadas em um jogo de sentidos que desafia o leitor que, recuperando Iser (2002), é convidado a participar da construção de seus sentidos e elaborar, a partir disso, uma interpretação própria. Este trabalho pretende, dessa forma, analisar como o cinema é utilizado por Roig em *Ramona, adéu*, verificando como é integrado à narrativa e como colabora para a elaboração da obra literária em si.

OS ESPETÁCULOS E OS SILÊNCIOS NAS OBRAS *NOITES NO CIRCO* (1984), DE ANGELA CARTER, E *A CIDADE SITIADA*, DE CLARICE LISPECTOR (1949)

Kátia Isidoro de OLIVEIRA

FCL/Assis- UNESP

Orientadora: Dr^a. Cleide Antonia RAPUCCI

CNPq

O objetivo desse trabalho é apresentar e analisar a representação do feminino com o enfoque da crítica literária feminista, apontando as diferenças e proximidades entre a autora inglesa Angela Carter e a brasileira Clarice Lispector em suas obras. *Noites no Circo* (1984) discute questões como o processo de modernização, o amor, a perspectiva dos marginalizados, as relações humanas e a liberdade feminina. Em *A Cidade Sitiada* (1949), a protagonista é uma mulher “sitiada”, uma estrangeira no mundo onde habita e com o qual não interage, cercada, exilada por muros da cidade. As descobertas das protagonistas estão ambientadas no final do século XIX e início do século XX, inseridas no conflito entre o público e o privado. Nesse momento, nos deparamos com duas personagens que não se enquadram nos grupos sociais em que foram inseridas. Fevvers por ter asas e Lucrecia por ser silenciosa como uma estátua estão à margem da sociedade. Enquanto Lucrecia parte da subjetividade para a ação, Fevvers tem sua vida partindo da ação para a subjetividade. Diante do exposto, pretende-se nesse trabalho comparar o modo como Angela Carter e Clarice Lispector discutem o feminismo através das protagonistas, das representações femininas e analisar o modo como conseguem transpor as linhas do patriarcado na sociedade.

BELA ILUSÃO: A MÁSCARA E O VAZIO DO MUNDO EM *L'ÈVE FUTURE*

Kedrini Domingos dos SANTOS

FCL/Araraquara - UNESP

CAPES

Profa. Dra. Guacira Marcondes Machado LEITE

O escritor francês Villiers de l'Isle-Adam (1838-1889), autor de *Axël*, *L'Ève future* e *Contes cruels*, valoriza o mistério e a imaginação e, ao rejeitar a imperfeição do mundo exterior, vai

transformá-lo, em sua obra, segundo a vontade do sujeito, a fim de melhorá-lo. No romance *L'Ève future*, a realidade, com seus enganos e mentiras, revela-se como uma sedutora ilusão e pode ser representada pela figura da atriz. Revestida de mistério, a atriz, ao ser desmascarada, expõe o vazio que se esconde por trás de sua máscara e a decepção diante deste vazio faz com que o escritor busque lhe dar novo significado, transformando-o em um meio para alcançar o ideal. Nessa perspectiva, a máscara – e a ilusão que ela representa - se torna, em Villiers de l'Isle-Adam, um modo de transfigurar a realidade decepcionante e atingir o infinito, e a mulher artificial será escolhida como a intermediária entre o mundo real e o *au-delà*, espaço onde reina o mistério por excelência. O escritor vai, portanto, criar um mundo de sonho, que, embora ilusório, pretende ser superior ao mundo real. Assim, considerando que, em Villiers de l'Isle-Adam, contra as aparências e as ilusões oferecidas pelo mundo, é preferível criar sua própria ilusão e sua própria verdade, nosso objetivo será, pois, verificar como a bela máscara é construída e como o vazio é ressignificado em *L'Ève future*.

ESTÁTUAS MÓVEIS: A IRRUPÇÃO DO INSÓLITO NO MITO ROMÂNTICO DE DON JUAN, DE JOSÉ ZORRILLA

Tahisa Mara da SILVA

FCL/Assis- UNESP

Orientadora: Maira Angélica PANDOLFI

O aspecto estrutural das estátuas se modifica a cada época percorrida, assim como a multiplicidade de simbologias, em que prevalece primordialmente a justiça. Essa pesquisa trata de estudar o mito do sedutor a partir da perspectiva literária, retomando o teatro do século de ouro espanhol, *El Burlador de Sevilla y el convidado de piedra*. O objetivo principal é, contudo, focar a figura do “Convidado de Piedra”, principal antagonista de Don Juan Tenório na peça de teatro de Tirso de Molina. Nas releituras atuais do mito do sedutor são evocados muitos elementos primitivos que remontam ao esquema mítico literário elaborado pela primeira vez pelo frei espanhol. Esse esquema abrange, de acordo com Rousset (1985), pelo menos três elementos fundamentais: o sedutor, o grupo de mulheres e o morto. A figura do morto corresponde à estátua de pedra, que constitui o cerne dessa pesquisa que consiste em descrever os múltiplos simbolismos da estátua na obra de Tirso e em mais duas releituras: a do romântico espanhol José Zorrilla (1844) e a adaptação da história de Don Juan explicada pelo italiano Alessandro Baricco (2010). O presente projeto encontra-se, contudo, em sua fase inicial e para essa comunicação pretende-se apresentar apenas o simbolismo da estátua e seus aspectos insólitos na obra de Zorrilla. A metodologia utilizada é a da pesquisa bibliográfica, com o auxílio de obras de referência como Dicionários de Símbolos e de Mitos Literários; fontes históricas sobre a origem folclórica do convidado de pedra; obras de cunho historiográfico, social e religioso sobre o contexto de produção da peça e fontes literárias. Como resultados parciais observa-se que além do símbolo da justiça, subsiste o da salvação, exercido por meio

da intervenção do amor empreendido pela virtude, e que está relacionado com a simbologia atribuída pelo catolicismo e pela mitologia grega.

OS MORTOS DE SOBRECASACA: A FORMAÇÃO DO CÂNONE MODERNISTA BRASILEIRO

Laís Iaci Mirallas de CARVALHO

FCL/Assis- UNESP

Orientador: Márcio Roberto PEREIRA

Álvaro Lins (1912-1970) foi um importante crítico literário do Movimento Modernista brasileiro que marcou o século XX pela grande influência de seus artigos e ensaios publicados nas páginas de diversos jornais, como o diário carioca *Correio da Manhã*. No ano de 1963, publicou a obra *Os Mortos de Sobrecasaca: obras, autores e problemas de literatura brasileira. Ensaios e estudos 1940-1960*, em que reuniu artigos oriundos dos seus *Jornais de Crítica* para realizar um exame da poesia, do romance, do teatro e da posição de intelectuais para o estabelecimento de um cânone que consolida vinte anos de produção literária modernista. Ao analisar um escritor Álvaro Lins era claro e preciso ao apontar deficiências, atribuir severas críticas no tocante ao uso da linguagem literária, sugerir rumo aos novos e explicitar equívocos na composição da obra literária, não medindo palavras quando um texto não lhe agradava. Logo, na obra em questão, o crítico não reúne apenas os escritores canônicos, faz também análises acerca de obras e autores que não atingiram o ideal valor estético, e os classifica como “problemas da literatura brasileira”. Desta forma, o estudo da obra de Álvaro Lins é imprescindível para a avaliação do cânone modernista da literatura nacional, pois os autores consagrados na obra *Os Mortos de Sobrecasaca* tornaram-se imortais na literatura brasileira e aqueles que tiveram potencial premeditado pelo crítico, ganharam seu espaço no cenário literário.

REPRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DO FEMININO EM AS HORAS, DE MICHAEL CUNNINGHAM.

Laís Rodrigues Alves MARTINS

FCL/Araraquara - UNESP

Dr. Aparecido Donizete ROSSI

CNPq

A pesquisa intitulada “Representações contemporâneas do feminino em *As horas*, de Michael Cunningham”, intenta investigar como se dá a representação das identidades femininas, particularmente a contemporânea, no referido romance. Para tanto, propomos uma análise de natureza comparativa entre as personagens-protagonistas de *As horas* (*The hours*, 1998), e a protagonista do romance *Mrs. Dalloway*(1925), de Virginia Woolf. Acreditamos que esse

procedimento nos propiciará uma visão panorâmica da identidade feminina na obra de Cunningham, posto que, ao elencarmos pontos consonantes e dissonantes entre as entidades fictícias, poderemos observar mudanças na condição da mulher. Levaremos em consideração, ainda, o fato dessa representação ter sido elaborada por um homem, bem como a relação de homens escritores com o feminismo. O aporte teórico da pesquisa compreende teorias da narrativa e teorias feministas, com destaque para as obras: *Uma teoria da paródia*(1985), o qual nos servirá como base para tratarmos da questão da referencialidade entre o romance de Cunningham e o de Woolf; e *A identidade cultural na pós-modernidade* (1992); *The Madwoman in the Attic*(1979); *Mística feminina* (1971), e *Feminisms* (1991). Faremos, ainda, um estudo sobre a fortuna crítica da escritora britânica Virginia Woolf, de modo a melhor compreender como Michael Cunningham compôs o romance paródico *As horase* suas personagens-protagonistas.

DO ROMANCE CLÁSSICO SCOTTIANO AO GERME DO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO: *XICOTÉNCATL* (1826)

Leila Shaí Del Pozo GONZÁLEZ

UNIOESTE/Cascavel

Orientador: Gilmei Francisco FLECK

Sir Walter Scott, em 1814, inaugura, com *Waverly*, um novo momento nas produções literárias. O uso da história na ficção já era longamente utilizado, pois o emprego das duas vertentes narrativas sempre esteve presente como parte do modo de registrar as experiências humanas (FLECK, 2014). Entretanto, o romance histórico, como tal, ganhou importância após as produções híbridas de Scott. A obra *Xicoténcatl*, de autor anônimo, publicada em 1826, em língua espanhola, na Filadélfia - Estados Unidos, é considerada o primeiro romance histórico Latino-americano (UREÑA, 1994; CASTRO LEAL, 1964). Ela apresenta, pela primeira vez no contexto das produções romanescas latino-americanas, a ficcionalização de personagens históricas. A configuração dessas personagens apresenta um modelo interessante que leva o leitor a refletir sobre a ideia de nação. Pretendemos mostrar as semelhanças e diferenças entre o modelo de Scott e *Xicoténcatl*, apontando às questões do projeto político inseridas nesse romance de 1826, como a ideia de nação, e de identidade nacional, levando em conta que esse romance foi produzido no contexto de lutas pela independência de territórios latino-americanos que ainda estavam sob o poder do Império Espanhol.

A REPRODUÇÃO DA COSMOVISÃO PATRIARCAL NOS CORDÉIS DE MARIA DAS NEVES BATISTA PIMENTEL

Letícia Fernanda da Silva OLIVEIRA

FCL/Assis- UNESP

Tendo publicado seu primeiro folheto de cordel em 1938, Maria das Neves Batista Pimentel adentrou no mundo da poesia popular sem grandes pretensões. Mesmo sendo descendente de uma família composta por homens que atuavam no âmbito da cultura popular, e filha de um dos mais importantes cordelistas pioneiros, o período em que vivia não deixava brechas para que mulheres como ela produzissem folhetos e frequentassem a praça pública, e, sendo assim, sua voz jamais seria ouvida pelo público que desejava atingir. Por este motivo, a poetisa faz uso do nome de seu marido, Altino Alagoano, como seu pseudônimo quando decide publicar seus folhetos. Escreveu apenas três cordéis, todos adaptados de romances eruditos. Neles, Maria das Neves reproduziu os valores patriarcais vigentes na sociedade nordestina em que vivia, buscando exaltar, principalmente, a honra e a virtude como as maiores características femininas. Em sua escrita não buscou se aproximar do universo feminino, muito menos advogar em favor de uma maior participação feminina na sociedade, pelo contrário, reafirmou as regras sociais a que esteve submetida durante toda a vida, incorporando a cosmovisão patriarcal às histórias que pretendia contar. Em um mundo dominado pelos “homens-machos”, era natural que as mulheres reiterassem os discursos masculinos.

CONTOS DE FRACASSO E FRAGMENTAÇÃO: O MAL-ESTAR DE UMA DOMINAÇÃO MASCULINA INSIDIOSA E CATIVA EM *DESGRACIDA*

Letícia Ueno BONOMO
Universidade Estadual de Londrina
Orientador: Dr. Luiz Carlos Santos SIMON

Autor bastante peculiar e conhecido pela repetição de temáticas, personagens e situações, as obras de Dalton Trevisan já ganharam olhares aguçados de pesquisadores interessados em analisar a sua escrita. “Minificcionista por excelência”, Trevisan é dono de uma escrita enxuta, de uma linguagem que mostra mais do que conta. O sexo e as relações de gênero, por exemplo, são temáticas recorrentes em seus contos. No entanto, além dessa constatação, pouco se tem aprofundado a respeito das representações de homens e/ou mulheres nos textos. Sabendo que as formas de enxergar o mundo, assim como as próprias relações sociais, estão em constante alteração, ainda que a sociedade seja repetitiva em muitos aspectos, não há como ignorar que a literatura daltoniana oferece terreno fértil para as análises dessas transformações, bem como da permanência de alguns paradigmas – alterados apenas na forma como são desenvolvidos socialmente. O intuito deste artigo é, portanto, mostrar de que forma os conflitos familiares, matrimoniais ou intersexuais narrados – muito presentes nas obras de Trevisan – contribuem para a representação de uma “virilidade inquieta”. A narrativa fragmentada e inter-relacionada expõe essa virilidade como “cerco autofágico” do homem e, conseqüentemente, de toda

sociedade. A obra em análise é *Desgracida* (2010). Dentre os contos, serão analisados 8 (oito). Como principais referenciais teóricos e críticos, estarão: Berta Waldman (1982), Julio Cortázar (2006), Ítalo Calvino (1990), Marcelo Spalding (2012), Jean-Jacques Courtine (2013), Hall (2006) e Connell (2013).

LYGIA FAGUNDES TELLES E AMILCAR BETTEGA BARBOSA: A FACE DE EDGAR ALLAN POE NA CONTEMPORANEIDADE.

Ligia Carolina Franciscati da SILVA
FCL/Araraquara - UNESP
Profª. Drª. Maria Célia de Moraes LEONEL
CAPES

Edgar Allan Poe é considerado, por parte da crítica literária, o mestre do conto moderno, tendo diversas narrativas curtas inseridas em antologias canônicas de literatura fantástica. Além disso, dedicou-se à minuciosa reflexão sobre o método de elaboração do conto, sugerindo que ele deve ser racional, analítico e preciso, sem espaço para detalhes insignificantes, ou seja, por meio de ações mínimas é necessário construir o máximo de efeito, mantendo a totalidade narrativa, isto é, a unidade de efeito. Na literatura brasileira, Lygia Fagundes Telles e Amílcar Bettega Barbosa escrevem suas composições de acordo com tais princípios como se verifica em “As formigas” e “O encontro”, respectivamente. Nos contos mencionados, o homem comum, que habita o mundo real, é colocado inesperadamente diante do inexplicável, em narrativas condensadas com componentes inquietantes, explorando temas assustadores e desesperadores. Tais elementos são potencializados pelo ambiente fechado e opressor; em “As formigas” pelo quarto da pensão e, em “O encontro”, pela cidade cercada por muralhas, essenciais para a construção do efeito de terror, como proposto por Poe. Dessa forma, assim como o criador do conto moderno, os contistas brasileiros utilizam a unidade de efeito nas obras em questão, combinando incidentes que dão à história a atmosfera fantástica e misteriosa, além de dialogar, implícita ou explicitamente, com alguns contos de Poe.

AMÉRICA VERSUS EUROPA:
O CONFLITO DE CULTURAS NAS RELAÇÕES DE GÊNERO EM DAISY MILLER

Drª Linda Catarina GUALDA
FATEC Itapetininga/SP

Daisy Miller (1879) é uma das primeiras obras que lida com um tema muito caro à ficção jamesiana: o contraste cultural entre a América e a Europa. Na novela, a relação entre esses dois mundos é retratada a partir do confronto de experiências de personagens que migram de sua terra natal para conhecerem outra realidade e aprenderem com ela. Para Freedman (1998),

apenas quando viajam para a Europa é que são capazes de definir sua própria identidade nacional. O conflito de culturas se estabelece entre Daisy que representa a América e Winterbourne representante da Europa. Em outras palavras, a jovem, viva, ingênua, bem intencionada, egocêntrica e desdenhosa das convenções sociais e, por outro lado, o conservador, polido, elegante, sensato e detentor das normas, a voz dominante do patriarcado. Isto posto, a comunicação objetiva discutir as relações de gênero na obra mostrando como a protagonista é transformada em objeto exótico na medida em que desperta desconforto por não seguir aquilo que foi estabelecido pela sociedade falocêntrica da época. O fato de ser encarada como um objeto turístico, que desperta a princípio curiosidade e depois repugnância, está intimamente relacionado ao *male gaze* que a enxerga sob parâmetros fixos de comportamento. Vista como uma mulher extravagante para os padrões europeus e transformada em centro de interesse, a personagem se torna alvo de comentários preconceituosos que a relegam primeiro ao ostracismo e, posteriormente, à morte.

O ARQUÉTIPO DA RAINHA EM LADY MACBETH: A SEXUALIDADE, A DESTRUTIVIDADE, E A PULSÃO DE MORTE

Drª Linda Catarina GUALDA
FATEC Itapetininga/SP

Ao longo da história, mitos vão sendo divulgados e conservados nas sociedades e, dessa forma, incide no imaginário coletivo a crença fiel em determinados padrões comportamentais. Para Carl Gustave Jung, inconsciente coletivo representa o acúmulo de experiências milenares da humanidade e se exprime através dos arquétipos que seriam as representações de traços comuns aos seres humanos: conflitos, atitudes e estados de espírito que permeiam a singularidade de cada indivíduo. Em outras palavras, arquétipo é a forma com que as pessoas reproduzem fixamente ideias míticas e passam a cultivar certos conceitos acreditando serem verdades absolutas e, assim, perpetuam-se as crenças de geração em geração. No âmbito psicanalítico, compreender os arquétipos é o reencontro com a psiquê humana. Na literatura, identificá-los permite a possibilidade de discutir a condição do homem, bem como as relações distintas que cada indivíduo estabelece socialmente. Isto posto, a comunicação objetiva investigar a personagem Lady Macbeth à luz da teoria de Jung, a partir do arquétipo Rainha, mais especificamente sua sombra que culmina em destrutividade, pulsão de morte e repressão sexual. Considerando que as dimensões arquetípicas trabalham com luz e sombra, o que se reprime ou não se conhece, o que veio à luz ou que se esconde, as projeções e as distorções, propomos discutir como o verdadeiro arquétipo Rainha é ofuscado pelo falso tornando a personagem sombria e culminando em seu destino trágico.

Luan Cardoso RAMOS

FCL/Assis- UNESP

Orientadora: Maria de Fátima Alves de Oliveira MARCARI

No contexto literário latino-americano, a obra da escritora Margo Glantz articula, de modo inovador, a história, a ficção e a crítica, propondo novos gestos e releituras subversivas das tradições culturais mexicanas. A partir de uma gama de figurações, tanto da letra como do corpo, a autora joga com o desejo e com a memória cultural, reunindo erotismo e literatura. Com tais características, Glantz concebe o romance *Apariciones* (1996), que apresenta três histórias, narradas através de brevíssimos relatos fragmentados. Por um lado, os capítulos descrevem os exercícios espirituais de duas monjas que se flagelam para alcançar uma ascese mística. Por outro lado, vemos a história de um casal de amantes. À estes dois fios narrativos - que se referem, respectivamente, à história do amor sagrado e à história do amor profano -, soma-se um terceiro: o relato da narradora que conta as duas histórias e escreve uma terceira, na qual se caracteriza sobretudo como uma *voyeur* dos ritos eróticos e sagrados de suas personagens. A narração acentua a sexualidade, revelando a intimidade dos corpos em estreita conexão com o texto. Desse modo, o romance apresenta uma escritura marcada, corpórea, e nossa análise sobre as diversas nuances assumidas pela escritura será fundamentada segundo as teorizações de Barthes (1973), assim como investigaremos aspectos do erotismo com o apoio teórico de Georges Bataille (1957).

UM HOMEM QUE CONTA SUA HISTÓRIA DE AMOR: O ORLANDO DE ITALO CALVINO

Luana Rennó Martins TOLEDO

USP

Orientadora: Dr^a. Adriana Iozzi KLEIN

USP

Esta comunicação visa abordar questões ligadas à representação do herói Orlando, oriundo das novelas de cavalaria do ciclo carolíngio e demonstrar algumas das transformações pela qual esse personagem passou desde a difusão na Itália da canção de gesta francesa *Chanson de Roland* até a reelaboração da figura do paladino Orlando no livro *O Castelo dos Destinos Cruzados* de Italo Calvino. A reelaboração literária desse herói das novelas de cavalaria dentro da tradição literária italiana pode ser observada por meio de relações intertextuais, através das quais a figura do personagem Orlando vai sendo transformada. Para tanto, destacam-se especialmente: o poema *Orlando Innamorato* de Mateo Maria Boiardo, que apresenta a figura de um Orlando que está apaixonado; o poema *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto, no qual veremos como pelas mãos do poeta a fúria alterou Orlando a ponto de torná-lo insano, e por

fim, a narrativa “História de Orlando louco de amor”, inserida dentro do livro *O Castelo dos Destinos Cruzados*, de Italo Calvino, na qual o herói calmamente reconta sua própria história fazendo um movimento de *flashback*, com a qual rememora a desventura amorosa e as suas batalhas, recuperando os dois poemas anteriores.

PROJEÇÕES INSÓLITAS DO MITO DO GOLEM: UMA PONTE COM OS AUTÔMATOS
HOFFMANNIANOS

Lucas Henrique da SILVA
Universidade Estadual de Londrina
CNPq

Adilson dos SANTOS
Universidade Estadual de Londrina

Oscar Cesarotto, no capítulo “O duplo mecânico”, presente em *No olho do outro* (1987), afirma que, na obra de E. T. A. Hoffmann (1776-1822), encontra-se um problema muito antigo: o da criação da vida por meios profanos. A origem deste problema possivelmente remonta à lenda judaica do Golem, um ser criado a partir do barro por rabinos cabalistas e que ganha vida por meio de um processo mágico. Para Cesarotto, Hoffmann efetiva uma releitura deste mito, apresentando-o em uma figura muito comum em sua contística fantástica: o autômato. Pensados como um mito, específico da Era Industrial, estes manequins animados aparecem em “O Homem da Areia” (1814) e “Os autômatos” (1819). No primeiro deles, Spallanzani e Copolla criam a boneca Olímpia por meio de experimentos científicos; em “Os autômatos”, por sua vez, um artista burlesco e um mestre em mecânica criam o boneco oráculo Turco, que apavora uma cidade. Como imaginar que estes seres, com suas características jocosamente mecânicas, são frutos de um problema muito antigo, enraizado no imaginário coletivo? Uma vez que Cesarotto não se debruça sobre o tema, este trabalho tem por objetivo ler o autômato hoffmanniano como uma projeção insólita do mito do Golem, buscando pensar sobre o problema da criação da vida por meios profanos como um tema presente na obra fantástica do escritor alemão oitocentista.

ROSALIND KILDARE NEIRA E DONA ANA DE CÁCERES EM TERRA ADENTRO. O TECIDO E A
VESTIMENTA COMO ÍNDICES DE SOBREVIVÊNCIA NA TRAMA LOJIANA DE *FINISTERRE* (2005)

Luciana Carneiro HERNANDES
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR/ FCL/Assis- UNESP
Orientador: Dr. Antônio Roberto ESTEVES

No romance epistolar de extração histórica *Finisterre* (2005), Rosalind Kildare Neira, galego-irlandesa, e a espanhola dona Ana de Cáceres são raptadas por índios ranquéis, em 1832,

quando cruzavam o “desierto” – pampa central argentino. Para apresentar a releitura do mito da cativa branca, dar voz aos ex-cêntricos (mulheres, indígenas) e discutir os conceitos de alteridade, entre-lugar e gênero, María Rosa Lojo literalmente tece o destino de suas personagens, muitas vezes associando-o às vestes a elas atribuídas em cada momento da narrativa. Senhora da escritura, deusa calderoniana no Grande Teatro do Mundo, Lojo distribui a cada uma “*apariencias/ que de dudas se pasen a evidencias.*” (Calderón de La Barca). Do nascimento à morte, na alegria dos primeiros anos ou na nostalgia dos últimos, como estratégia para sobreviver (ou fazer um bom casamento), na Terra Adentro, na Galícia, em Buenos Aires ou Londres, é a textura do tecido e a da pele (usada para encobrir ou revelar) o que explicita o paradoxo luz e sombra do texto lojiano. Como Sheherazade, pela Palavra, María Rosa recria parte significativa da História nacional argentina e, ao dessacralizar o herói, provoca a reflexão sobre a Humanidade – a expurgação que pode promover a cura. Este trabalho cogitará como as temáticas do tecido e da vestimenta estão associadas ao corpo feminino e como a autora, por meio dessas metáforas, apresenta as personagens apropriando-se ao mesmo tempo de seu corpo e de seu texto.

FORMAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO: HISTÓRIAS DA LITERATURA, LITERATURA COMPARADA E CRÍTICA LITERÁRIA

Luciana Muniz de FREITAS
FCL/Assis- UNESP

Na perspectiva dos estudos literários de séculos posteriores, a imortalização de padrões clássicos e a banalização da métrica e da retórica colaboraram em desfavor do academicismo literário seicentista e abonaram que fosse disseminado um denso manto sobre o que dele permanece ainda registrado. As produções literárias do academicismo de seicentos, em Portugal, foram continuamente avaliadas sem a devida deferência aos princípios que as determinaram. Faz-se, portanto, necessária, uma nova reflexão sobre questões de metodologia de estudo e apreciação da poesia produzida no século XVII. Propõe-se, neste trabalho, a verificação da existência de uma poética do período, a agudeza, conceito proposto por literatos como Baltasar Gracián (1648), vinculando-a a pressupostos de historização, preceptiva essa interpretada não como produto lírico uniforme, mas antes congregadora de códigos e princípios da literatura retórico-poética do Seicentos.

CONTOS DE ONTEM OU DE HOJE: A TRAJETÓRIA DOS IRMÃOS GRIMM NO BRASIL E SUAS MÚLTIPLAS LEITURAS

Lucila Bassan ZORZATO
FACALE- UFGD

O presente trabalho objetiva discutir a recepção dos Contos de Grimm no Brasil, assinalando algumas mudanças conferidas ao trabalho de tradução/adaptação ao longo dessa trajetória e,

sobretudo, a qualidade da produção contemporânea. Nesse contexto, é possível afirmar a recepção dos escritores vincula-se às mudanças no ensino, à familiaridade dos leitores com o conto popular (nacional ou importado) e aos avanços do mercado livreiro, barateando a produção e despertando o interesse pela publicação das obras. Com isso, além de escritores, a exemplo de Monteiro Lobato, que conferem aos contos identidade nacional através de uma linguagem acessível, abasileirada, e de um tratamento gráfico inovador, observa-se a intensa circulação de traduções cuja simplificação compromete o estilo original das narrativas. Com a expansão da indústria livreira (1950-1970) são poucas as editoras que não incluem em seu catálogo títulos dos Grimm, em versões bastante desiguais. A partir da década de 1980, contudo, cresce o número de obras fiéis ao texto de origem, traduzidos direto do alemão, em edições ilustradas, comentadas por especialistas e assinadas por nomes de referência no cenário literário. Na atualidade, submetidos à avaliação e/ou inseridos em programas de fomento à leitura, a circulação dos títulos retrata não apenas o valor histórico-cultural da obra dos Irmãos Grimm, como se detêm em critérios que justificam o trabalho estético: qualidade textual, das ilustrações e do projeto gráfico.

NARRADOR CONTEMPORÂNEO: AUTOFICÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO

Luís Cláudio Ferreira SILVA
Universidade Estadual de Londrina

Marco Antonio Hruschka TELES
Universidade Estadual de Maringá

Orientadora: Dra. Evely Vânia LIBANORI
CNPq

Um dos elementos essenciais da pluralidade da literatura brasileira contemporânea é o do “retorno do autor”, cuja figura parece estar em evidência na mídia, sobretudo nas redes sociais. Não obstante a apregoada “morte do autor” anunciada por Roland Barthes, o perfil do escritor na contemporaneidade ganha grandes proporções. Há um interesse comercial e midiático em sua figura. Ademais, a presença do autor não se limita a estar fora da obra, mas sim dentro dela, na chamada autoficção. Nas obras que se encaixam nas definições desse gênero, há um jogo entre o autor “real” e o personagem, e na fusão dessas duas instâncias se cria um novo ser, sem compromisso com a verdade biográfica ou histórica, em um campo que não é nem totalmente ficção, nem totalmente realidade. O presente trabalho então terá como foco o estudo de alguns romances autoficcionais publicados no século XXI por escritores brasileiros, a saber, Luiz Ruffato, Ricardo Lísias, Cristóvão Tezza, Jacques Fux e Bernardo Carvalho para mostrar o posicionamento desse modelo específico de narrador na contemporaneidade e a relação da obra e da figura do autor com uma imposição mercadológica. A hipótese é que esses

romances possam surgir como uma alternativa de reinvenção do próprio gênero e automaticamente um caminho para “driblar” o mercado.

NÓS QUE NOS AMÁVAMOS TANTO... A GERAÇÃO DE 1968, QUATRO DÉCADAS DEPOIS, EM
NADA A DIZER, DE ELVIRA VIGNA

Luís Roberto AMABILE
PUC-RS
Orientadora: Maria Eunice MOREIRA
CNPq

No clássico do jornalismo literário brasileiro *1968: o ano que não terminou*, Zuenir Ventura constrói um panorama daquele ano no qual se pode dizer que o Brasil e o mundo viveram um tempo apaixonado e apaixonante. Afirma que a juventude dos anos 1960 achava que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento. Para o escritor, nenhuma geração depois daquela lutou tão radicalmente por seu projeto. Os protagonistas do romance de Elvira Vigna *Nada a dizer* fizeram parte dessa luta. Viveram intensamente os anos 1960 e 70, experimentando as revoluções políticas e comportamentais. Quarenta anos depois, no entanto, numa escrita desencadeada pela descoberta de que o marido teve uma amante, a narradora do livro se questiona se valeu a pena ter apostado por uma vida alternativa em relação aos valores burgueses. Partindo dessas considerações, e ainda sob o viés de Zygmunt Bauman e Paul Ricoeur, o presente trabalho discute como a geração de 68 é retratada em *Nada a dizer*.

REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A LITERATURA E O CINEMA: DIÁLOGO ENTRE OS
LUSÍADAS (CAMÕES) E NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR (MANOEL DE OLIVEIRA).

Luiz Eduardo Rodrigues AMARO
FCL/Assis – UNESP
Rosane Gazolla Alves FEITOSA
CAPES

Poucos escritores conseguiram influenciar tanto o *ethos* de um povo como Luís Vaz de Camões com *Os Lusíadas*. Nela, o vate lusitano uniu a narrativa ficcional mitológica com a história de Portugal, exprimindo ideologias e reflexões sobre a realidade de Portugal daquela época, como são os casos da voz do Velho do Restelo e a do próprio narrador, quando faz inferências críticas. O próprio Camões vaticina a queda do império português. Historicamente falando, 1580, data de falecimento do autor, oito anos após a publicação da obra, é também a data do fim desse império, que ficou sob o domínio espanhol por 60 anos. Non é o monossílabo que dá um basta ao apogeu português, a realidade que faz a nação voltar o seu olhar a si mesma, a vã glória de mandar que se mostrou uma dura ilusão. Por meio do Alferes Cabrita, a narrativa de Non ou a

vã glória de mandar faz uma releitura do passado de Portugal, ligando a batalha de Alcácer-Quibir, em que desapareceu D. Sebastião, com a Revolução dos Cravos. É por meio dessa perspectiva realista (aos moldes de um Velho do Restelo) que o diretor faz a releitura crítica à apologia expansionista e bélica da História Portuguesa, contida em *Os Lusíadas*, por meio da encenação traumática de eventos desastrosos dessa utopia colonizadora, desconstruindo a roupagem da concepção camonianiana. Nesse trabalho, vamos mostrar essa desconstrução e discutir a filosofia por trás da obra cinematográfica e suas intersecções com o poema épico de Camões.

“MURAMASA” E A PERMANÊNCIA DE ELEMENTOS DA CULTURA TRADICIONAL JAPONESA NOS GAMES E NA CULTURA POP MODERNA

Luiz Fernando Araujo VITOR

FCL/Assis – UNESP

Orientadora: Profa. Ms. Teresa Augusta Marques PORTO

O Japão, se observado do ponto de vista ocidental, é portador de uma cultura tradicional bastante exótica nas mais diversas formas e manifestações, sendo que muitas delas permanecem até a atualidade. Para este trabalho, tomaremos como objeto o mundo de “*Muramasa: The Demon Blade*” (originalmente “*Oboro Muramasa*”), game de ação com elementos de RPG (*Role Playing Game*, ou “Jogo de Interpretação de Papéis”), lançado para a plataforma Wii, da Nintendo, em abril de 2009, que nos convida a conhecer (ou aprofundar o contato com) vários elementos da cultura tradicional japonesa, contando com a presença de versões adaptadas de figuras históricas do Japão feudal, de diversas criaturas conhecidas como *yōkai* (criaturas sobrenaturais do folclore japonês como *oni*, *kitsune*, *yuki onna*, *kappa*, *karakasa-obake*, etc.), de divindades e outras entidades, contendo ainda trechos escritos de narrativas inspiradas na literatura *kaidan*, *haiku* originais, pratos típicos e representações de locais do mundo real ou do imaginário japonês, sendo que todo esse universo se apresenta sob uma ótica budista e obedece a essa visão de mundo. O interesse com este trabalho é verificar de que maneira, com que intenção e até onde tais elementos tradicionais são apropriados pela cultura pop e, mais especificamente, na indústria da produção de jogos digitais no Japão, e também de que modo e com qual intensidade essa indústria afeta (ou buscaria afetar) seus jogadores e o desenvolvimento da cultura pop como um todo.

O CÂNONE LITERÁRIO E A EPISTEMOLOGIA DA EXCLUSÃO

Luiz Fernando Martins de LIMA

IEDA/FAPEPE

A discussão sobre o cânone pode ser rastreada desde o diálogo *Ion*, de Platão, em que Sócrates questiona um rapsodo sobre quem seria melhor personagem, Aquiles ou Ulisses – uma discussão que implica qual seria melhor característica atribuída a um personagem, coragem ou

intelecto. Do mesmo modo, Aristóteles, em sua *Poética*, discute qual gênero estaria acima do outro, tragédia ou epopeia. No princípio do século XX, com a institucionalização dos Estudos Literários e a predominância dos formalismos, novos juízos de valor são estabelecidos de modo a privilegiar a literatura contemporânea – especificamente a Literatura Moderna – e o cânone, razoavelmente estabilizado pelos estudos filológicos, é reformulado. Com a Teoria – fenômeno norte-americano que se inicia na década de 60 – não são apenas as obras do cânone que são questionadas, mas também a própria noção de *cânone* enquanto conjunto de critérios para a determinação dos textos que devem ser valorizados. Indo mais além, a própria ideia de *valor* é destituída, fazendo com que todo e qualquer texto seja considerado tão-somente um jogo de signos. Esta comunicação busca demonstrar como alguns célebres autores que influenciaram sobremaneira a Teoria Literária no século XX incorrem em deliberada exclusão de elementos sensíveis de uma obra literária, embora conceituais, como seu valor, em prol de alguma abstração cujo estatuto ontológico está sujeito a debate, como a *écriture*, de Jacques Derrida.

TITA E A COZINHA: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA E SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO EM *COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE* (1989), DE LAURA ESQUIVEL

Lurdes Micaelly Neris FERREIRA
FCL/Assis – UNESP
Kátia Rodrigues Mello MIRANDA
Pibic – ICSB

O objetivo do presente trabalho é apresentar algumas reflexões a respeito da construção de Tita, protagonista do romance *Como água para chocolate* (1989), escrito pela mexicana Laura Esquivel, e sua relação com a cozinha, espaço associado à personagem desde o seu nascimento é fundamental em sua trajetória. A narrativa é contextualizada no início do século XX, compreendendo o período da Revolução Mexicana (1910-1940). Caçula de três irmãs, Tita é filha de Elena, uma mulher rígida e autoritária que, no âmbito do romance, representa o domínio patriarcal. Na condição de filha mais nova, Tita é obrigada a cumprir uma tradição familiar castradora, de permanecer solteira para cuidar de sua mãe, que, dentre outras coisas, impõe à filha o posto de cozinheira do rancho, de forma que a protagonista passa a cozinhar diariamente para a família e também em festividades familiares. Entretanto, ao contrário de reproduzir na cozinha uma postura de submissão e confinamento, Tita promove a ressignificação desse espaço, a partir do qual cria uma nova forma de comunicação: através dos alimentos por ela ali preparados, a protagonista altera o comportamento dos comensais, criando assim um novo código de comunicação, que foge da esfera de dominação patriarcal. Portanto, a cozinha, espaço representativo da subjugação feminina, subverte-se em um local de emissão de voz da mulher, de maneira que a relação entre esse espaço e a construção e evolução da personagem seja bastante expressiva no romance.

OS TENÓRIOS DO SÉCULO XX E XXI E SUAS INSÓLITAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Maira Angélica PANDOLFI
FCL/Assis- UNESP

Com a finalidade de compreender a natureza do conflito de gênero na composição do mito donjuanesco, que passa a tomar conta de uma parte considerável das produções literárias e artísticas em um conjunto amplo de produções do século XX e XXI, foram selecionadas quatro obras, entre romance e drama, de autoria masculina, onde esse debate de gênero é retomado de forma diferenciada em cada uma delas: *Tigre Juan y el curandero de su honra*, de Ramón Perez de Ayala; *El hermano Juan o el mundo es teatro*, de Miguel de Unamuno; *Don Juan*, de Leopoldo Marechal; e *A redenção de Don Juan ou O Dissoluto Premiado*, de Gabriel Lacerda. Esta comunicação pretende expor algumas pautas gerais sobre a compreensão e a natureza do conflito de gênero na composição do mito a partir do levantamento da tipologia das personagens femininas nas obras e sua análise em quanto às estratégias usadas para relacionar-se com Don Juan. A Metodologia de trabalho vale-se da pesquisa bibliográfica a partir do conceito de BIBLIOTECA LITERÁRIA, difundido por Gérard Genette e Tiphaine Samoyault, onde o “sentido” é privilegiado na literatura do mito e no qual sua constante retomada pode ser um aspecto de sua definição. Também se utiliza da metodologia comparatista que tem caráter interdisciplinar, valendo-se dos pressupostos estéticos, sociais, psicológicos e filosóficos, difundidos pela própria literatura e também em textos ensaísticos de seus autores para a análise do sentido do donjuanismo nas obras e comportamento das personagens.

AS DUAS VÊNUS RIMBAUDIANAS – DO BELO AO GROTESCO

Marcela de Oliveira GABRIEL
PPGEL/UNESP/FCLAr
Orientadora: Dr.^a Andressa Cristina de OLIVEIRA
CNPq

Pretende-se, aqui, abordar a poesia do francês Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891), especificamente os poemas “*Soleil et Chair*” e “*Vénus Anadyomène*” que marcam duas fases distintas em sua obra. Se, em um primeiro momento, o jovem foi fortemente influenciado pela estética parnasiana de beleza, ordem e equilíbrio; a partir de 1870 uma mudança gradativa acontece em sua obra. Assim, no poema *Soleil et Chair*, fruto da primeira fase, o poeta traz ainda todos os lugares comuns próprios do parnasianismo: a exaltação da mitologia greco-romana, a idealização dos padrões de beleza e a sublimação da mulher deificada (representada pela deusa Vênus). No entanto, após 1870, com a deflagração da guerra franco-prussiana e, posteriormente, com a Comuna de Paris, eleva-se cada vez mais o tom crítico de sua poesia.

Inicia-se, pois, a fase da “revolta”, na qual o jovem se insurge contra tudo o que vá de encontro a seus anseios de liberdade: a guerra, a religião e as convenções sociais. Como parte dessa revolta, Rimbaud passa a atacar também os padrões estéticos impostos pela tradição, escrevendo poemas nos quais deforma grotescamente os seres apresentados. No soneto “*Vénus Anadyomène*”, por exemplo, a deusa da beleza, diferentemente do motivo original do mito grego, é apresentada com atributos pouco convencionais: estrutura óssea singular, gordura na região do colo, cabelos ensebados e uma úlcera no ânus. Sob esses preceitos, analisaremos os dois poemas citados contrapondo não apenas o belo e o grotesco, mas expondo também as características próprias de cada fase do poeta.

O CORONEL SANGRADO DE INGLÊS DE SOUSA E SUA INSERÇÃO NAS HISTÓRIAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS

Marcela Ferreira MATOS
Instituto Federal de Goiás

O nome de Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853–1918) aparece nas Histórias Literárias brasileiras ao lado de Aluísio Azevedo. Isso porque o romance *O coronel Sangrado* é conhecido por preceder em quatro anos a publicação do primeiro romance naturalista brasileiro, *O mulato*, de 1881. No entanto, no século XIX, o nome do romance não é citado pelos críticos. Em 1888, Silvio Romero reserva ao autor paraense uma posição secundária, reservando sempre o protagonismo a Aluísio, mas não cita as obras de Sousa, apenas seu nome como autor representativo da época. Outros críticos, como Araripe Júnior, também não menciona *O coronel Sangrado*. A obra só é lembrada pelos críticos na década de 1940, momento em que se intencionam os estudos da obra de Inglês de Sousa e se instaura a polêmica sobre a primazia de romance inaugurador do naturalismo brasileiro. A pesquisa em periódicos traz novos rumos para a polêmica, ao revelar o verdadeiro ano da publicação de *O coronel Sangrado* e os primeiros apontamentos críticos nos jornais contemporâneos ao romance. Pretende-se demonstrar o caminho percorrido pela crítica, nos séculos XIX e XX, ao tratar do romance *O coronel Sangrado*, apontando os caminhos percorridos em processos de inclusão e exclusão ao definir nosso cânone.

OS (DES)CAMINHOS DA POESIA: OS SENTIDOS DA VIAGEM EM CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Marcelo FRANZ
UTFPR

A obra poética de Carlos Drummond de Andrade retrata e reflete de modo complexo os valores de sua época. Porém, sua arte vai além de apenas um século, retratando a condição humana no

atemporal, sem se fixar em um contexto limitador, reportando-se à luta do ser humano para compreender a realidade (por vezes incongruente) à sua volta bem como as urgências de sua comunicação com o mundo. Nota-se em sua escrita, no uso de variados recursos linguísticos, a constante transformação do sujeito lírico em seu embate com a realidade externa (chamada genericamente de “mundo” em sua poesia). O presente estudo cogita sobre os significados da metáfora dos caminhos e do caminhar na poesia de Drummond, vista como um importante recurso para o retrato da instabilidade psicológica, social e cultural do homem do século XX. Igualmente, ela revela um modo de se entender a situação do artista nos embates com os valores de seu tempo. A reiteração desse motivo, abordado de forma polissêmica, reflete a procura do eu poético – em um deslocamento pelo grande mundo e pela História – por se situar diante dos enigmas da existência, da verdade, da memória, do outro. Isso nos leva a uma reflexão sobre os espaços culturais, históricos e vivenciais pelos quais o eu lírico transita, seja para deles fugir, seja para os confrontar, seja ainda para neles se encontrar.

CECÍLIA MEIRELES E CHARLES BAUDELAIRE: A TRANSFIGURAÇÃO DA PALAVRA RUMO AO INFINITO

Márcia Eliza PIRES
FCL/Assis- UNESP

A poesia de Cecília Meireles (1901 – 1964) e a poesia de Charles Baudelaire (1821 – 1867) têm muitos pontos de convergência. Dentre eles, o interesse pela observação dos seres e objetos desimportantes, na intenção de – por meio da apreensão de seu aspecto secreto – perscrutar a integração entre o homem e os elementos que o circundam; o sentimento de exílio, melancolia e tédio em relação ao dado imediato, bem como diante da preocupação com o progresso estritamente material em detrimento do desenvolvimento da esfera do espírito; a busca pela supremacia da capacidade imaginativa; a mistura e a reciprocidade entre sensações físicas e anímicas (as sinestésias), referendando a plenitude do universo da imaginação; o rompimento com o prosaico pela transfiguração promovida pela palavra. Este trabalho propõe cotejar os poemas “Canção do deserto” (Vaga música) e “L’*étranger*” (Spleen de Paris) no propósito de refletir sobre as semelhanças no que tange ao processo de criação poética concernente a esses escritores de inestimável importância para a cena da poesia brasileira e francesa modernas.

EL NOMBRE DEL HOMBRE YA NO SE PUEDE DECIRLO OU HOMOEROTISMO NA AMÉRICA LATINA, EM “INTERLÚDIO EM SAN VICENTE”, DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Márcio Antonio de Souza MACIEL
NEHMS/Campo Grande- UEMS

Depois de alguns anos, na década de 70, passados em uma espécie de exílio voluntário, em mais de 10 países da América Latina e nos EUA, o escritor brasileiro João Silvério Trevisan lança,

quando do seu retorno definitivo ao Brasil, o livro de contos, sua primeira publicação, *Testamento de Jônatas deixado a Davi* (1976). Constam desta seleta vários contos em que o tema do homoerotismo, posicionamento político e rebeldia mesclam-se, em um primeiro momento, como uma circunstância factual e política na América Latina. No entanto, mais tarde, hoje, em mais de 40 anos de literatura, vemos que muito do projeto inicial do escritor manteve-se na sua vasta obra literária, seja ficcional ou ensaística, uma vez que para o autor a “obra é um bom exemplo de como a atividade literária, realizada através de fenômenos mentais [...] é capaz de contribuir para a constituição do sujeito, criando-se uma via de mão-dupla em que a ficção alimenta a vida e vice-versa” (CRUZ, 2007). É nosso objetivo, neste texto, por fim, ler o conto “Interlúdio em San Vicente”, constante em tal livro inicial, como parte desse grande projeto pessoal do autor que pensa o homoerotismo, para além das questões políticas e históricas, mas como uma construção artística perene.

INTUIÇÃO ECOSÓFICA EM MARIA ARCHER:
ESPECULAÇÕES SOBRE BRASIL, FRONTEIRA DA ÁFRICA

Márcio Matiassi CANTARIN
UTFPR/Curitiba

No seu *Brasil, fronteira da África*, de 1963, a escritora polígrafa portuguesa Maria Archer colige textos escritos pelo menos desde 1936, nos quais tece considerações de viés sócio-anropológico acerca da organicidade da empresa colonial portuguesa no Brasil e nas colônias africanas. Algumas ponderações da autora se nos parecem inusitadas, como sobre a necessidade do ser humano buscar uma integração ecológica/simbiose com o meio ambiente e com os outros homens como forma de construir nações com “clima moral e cultural definido”, o que teria acontecido no Brasil, mas não em África (exceção feita a Cabo Verde). Mais que isso, para a autora, essa espécie de falha na colonização de Angola e Moçambique deve-se ao número restrito de mulheres presentes naquelas colônias, uma vez que seriam elas as responsáveis pelo “afeiçoamento ecológico (...) capaz de introduzir num País novo o equilíbrio entre o moral e o social”. O que este trabalho pretende é cotejar esse discurso de Archer com as ideias de Ecosofia de Felix Guattari, de modo a apontar como a autora intuía, muito antes da cunhagem do termo, a necessidade de um equilíbrio entre as “três ecologias”. Ademais, valer-nos-emos do aporte teórico do ecofeminismo de Maria Mies e Vandana Shiva e da ecologia profunda de um Michel Serres.

JOSÉ VERÍSSIMO E A CONSTRUÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO

Márcio Roberto PEREIRA
FCL/Assis- UNESP

José Veríssimo publica sua *História da literatura brasileira* (1916) estabelecendo uma ruptura com a crítica romântica ou com a interpretação cientificista de sua época, ao adotar um

eletismo teórico, que o faz desconfiar dos sistemas fechados e das classificações únicas, que conferiam à análise da literatura um caráter determinista. José Veríssimo inicia um processo de seleção em que a literatura nacional começa a ser compreendida em sua singularidade, num processo dialético, e não mais como um mero produto da sociedade. Assim sendo, o crítico propunha uma seleção daquelas obras que representassem o desenvolvimento brasileiro, através de problemáticas universais e, ao mesmo tempo, nacionais.

Este trabalho analisa a *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo, a partir de três diretrizes. Em primeiro lugar, a relação entre crítica e leitura, demonstrando a organicidade da obra de Veríssimo e suas constantes revisões, a partir da sincronia crítico-leitor. A segunda diretriz estabelece uma análise da construção do cânone literário nacional, proposto pelo crítico, para manter a tradição, e, por fim, há uma reflexão sobre a importância da educação nacional como meio de desenvolvimento do Brasil.

OS COSSACOS DE BÁBEL, GÓGOL E TOLSTÓI: UM TEMA DA LITERATURA RUSSA EM PERSPECTIVA COMPARADA

Marcos Vinícius FERRARI

USP

Orientadora: Profa. Dra. Betina BISCHOF

CNPq

Na Rússia, os cossacos, embora formassem um grupo relativamente independente, sempre deram apoio militar à autocracia czarista, defendendo o país de inimigos internos e externos. Tornaram-se também personagens de eleição da literatura: grandes escritores como Nikolai Gógol e Liev Tolstói fizeram de personagens cossacos o fulcro de seus romances *Taráz Bulba* e *Os cossacos*, respectivamente. Associando-os à tópica romântica do “bom selvagem”, os escritores exploravam o senso de liberdade, a força, a vitalidade e a desmesura do seu instinto natural, oposto à rigidez da civilização. Na década de 1920, já na URSS, o escritor Isaac Bábel publica *O exército de cavalaria*, conjunto de pequenos contos que visavam a reconstruir o período turbulento da guerra civil. Nessa obra, destaca-se mais uma vez a figura dos soldados cossacos, muitas vezes em contraposição ao narrador judeu, que reflete sobre o sentido da revolução em curso, a necessidade de violência e os impasses éticos que ela desencadeia. Uma vez estabelecida a importância da tópica literária do cossaco na Rússia, é nosso objetivo verificar, por meio da análise comparada de procedimentos adotados pelos escritores citados, a evolução do tema no seio de uma tradição e, no que toca a obra de Bábel, as tensões provenientes da retomada da figura do cossaco no século XX, a apontar para uma complexa rede de continuidades e rupturas entre o presente soviético e elementos sociais e culturais do século XIX.

TRÂNSITOS LITERÁRIOS: *UM DEFEITO DE COR* DE ANA MARIA GONÇALVES E AS
REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS

Maria Carolina de GODOY
Universidade Estadual de Londrina/ PACC-UFRJ
CNPq/Fundação Araucária

A proposta deste trabalho é refletir sobre o romance de Ana Maria Gonçalves (2009) *Um defeito de cor* e as representações identitárias inscritas na obra com destaque para a protagonista Kehinde. Publicada em 2006 pela editora Record, a obra nasceu na *blogosfera*, segundo as anotações da autora que reconhece a importância desse espaço para a divulgação inicial de seu trabalho. Bem recebido pela crítica, ganhador do prêmio *Casa de las Américas* em Cuba e eleito como “melhores da década”, segundo o jornal *O Globo*, esse romance marca a história da literatura afro-brasileira não apenas pelo registro da trajetória de Kehinde, protagonista que sintetiza tradições e contradições provenientes do encontro entre culturas e histórias individuais, mas também pelas imagens literárias presentes discursivamente nesse percurso. A trajetória dessa personagem é marcada pelo contato com diferentes perspectivas culturais, desde sua infância à maturidade, o que confere contornos multifacetados à sua construção identitária. Pretende-se, a partir dessa personagem, refletir de modo mais amplo a própria configuração da obra, que permite entradas variadas, seja pela narrativa e o percurso de Kehinde, seja pela cultura africana e suas marcas na formação cultural brasileira. Para as reflexões, são selecionadas obras de Stuart Hall (2013) e Homi K. Bhabha (2013), quanto aos conceitos de identidade e diáspora; Appadurai (1997) para discussão sobre territórios e Eduardo de Assis Duarte (2011) sobre literatura afro-brasileira.

A REPRESENTAÇÃO DOS HERÓIS NAS OBRAS *ELENA*, *ELENA*, *AMORE MIO* E *NESSUNO*, DE
LUCIANO DE CRESCENZO

Maria Celeste Tommasello RAMOS
CNPq
Giacomo Enzo Cinquarole BELLISSIMO
Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP
PIBIC - CNPq/UNESP-Reitoria/FAPESP

Na presente pesquisa verificou-se como se deu a representação dos heróis nas obras *Elena*, *Elena*, *amore mio*, publicada em 1991, e *Nessuno*, publicada em 1997. Ambas constituem-se como recriações intertextuais realizadas pelo escritor italiano Luciano De Crescenzo (nascido em Napoli, em 1928). O primeiro romance corpus tem como texto-fonte a *Iliada*, do grego Homero e sua trama se inicia no ano em que o litígio entre o guerreiro Aquiles e chefe dos

gregos, o rei Agamenon, começou. Já o segundo romance corpus retoma a *Odisséia* homérica, mas apresenta um Ulisses protagonista numa representação diversa da fonte. Na pesquisa, serviram como base os estudos realizados por Campbell em *O herói das mil faces* (1997), que tece diversas considerações a respeito do herói mitológico e literário dentre as quais a de que o herói tem também que cumprir a façanha de voltar ao nosso meio de maneira transfigurada, e executar o ensinamento de uma lição de vida renovada que aprendeu em sua aventura. É esse retorno transfigurado do herói mitológico que ocorre, a nosso ver, no *corpus* estudado, no entanto com uma perspectiva diferente, também no intuito de ensinar. Foram utilizados também os estudos de Graziani (1998), Eliade (2002), Hamilton (1992) e Brunel (1998). Como os heróis das epopeias de Homero são reconfigurados, representados nas obras de De Crescenzo estudadas? Existem novos heróis apresentados? Essas são algumas das perguntas que a pesquisa buscou responder.

A QUEM PERTENCE JANE AUSTEN? UM SÉCULO DE DISPUTA ENTRE O CÂNONE E O POPULAR¹

Maria Clara Pivato BIAJOLI
UNICAMP
Dr. Fábio Akcelrud DURÃO
CNPq

Este trabalho pretende analisar a atual popularidade da escritora inglesa Jane Austen e a “disputa” permanente entre duas imagens da autora: a Jane Austen dos fãs, os Janeites, e a Jane Austen canônica construída pela academia. Para isso, pretendo mostrar a forma pela qual, desde a década de 1920, a obra de Austen foi retomada por acadêmicos de universidades tradicionais da Inglaterra, em especial R. W. Chapman, como o perfeito exemplo do gênero do romance moderno e como, ao longo das décadas seguintes, grandes intelectuais como F. R. Leavis colocaram Austen como a fundadora de uma “grande tradição” inglesa, enxergando na escritora, como fez Ian Watt, a combinação perfeita dos estilos de autores consagrados do século XVIII como Samuel Richardson, Henry Fielding e Daniel Defoe. Dessa forma, Austen recebeu um lugar de destaque no nascente campo da Literatura Inglesa do qual nunca mais foi removida. Ao mesmo tempo, os Janeites, nascidos no fim do século XIX, continuavam idolatrando a figura da “Santa Jane”, disputando Austen com os acadêmicos e fazendo com que os romances da autora oscilassem constantemente entre os rótulos de “clássico” e “romântico”, “sério” e “bobo”, “alta cultura” e “popular”. O resultado dessa oscilação, que esse trabalho pretende abordar, é a construção da obra de Austen como um fenômeno híbrido de literatura clássica e literatura popular/comercial, um aparente paradoxo que permanece até hoje.

“CRÔNICAS DO GRÃO-PARÁ E RIO NEGRO”, DE MÁRCIO SOUZA: DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA

Maria Cláudia de MESQUITA

FCL/Assis- UNESP

Orientador: Dr. Benedito ANTUNES

CAPES

O romance histórico é um gênero híbrido que apresenta uma releitura ficcional do passado, sem ter, desta forma, um compromisso com a historiografia tradicional, ou seja, os fatos históricos são recriados na e para a literatura. “*Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*” é o título da tetralogia de Márcio Souza, cujo primeiro volume – *Lealdade* - foi publicado em 1997. Nesta obra o autor apresenta personagens que se referem a personalidades históricas envolvidas nas batalhas da Cabanagem (1835 - 1840) – ocorrida na região norte do Brasil - convivendo com o protagonista, representante do homem comum. Neste trabalho, destaca-se a ficcionalização de personagens históricas conhecidas como o cônego Batista Campos, o Eduardo Angelim, o Príncipe Regente e o Padre Zagalo. O objetivo dessa apresentação é apresentar como as diferentes personagens históricas contribuem para a trajetória de construção da identidade e a formação do protagonista, caracterizando este texto como um romance de formação do homem, de acordo com as considerações de Bakhtin. As personagens históricas são dessacralizadas, apresentando uma crítica aos poderes daquele período como a monarquia e a Igreja. A presença destas personagens históricas garante verossimilhança à narrativa que representa o século XIX na região norte brasileira durante a guerra separatista conhecida como Cabanagem ou Guerra dos Cabanos.

CORPO, EROTISMO E SUBJETIVIDADE FEMININA NA POESIA DE CRISTINA PERI ROSSI

Maria de Fátima Alves de Oliveira MARCARI

FCL/Assis- UNESP

Tanto a narrativa como a obra poética da uruguaia Cristina Peri Rossi caracterizam-se pela subversão das convenções patriarcais que definem os papéis sociais femininos, a livre expressão sexual das mulheres e a busca por uma linguagem simbólica feminina oposta à lógica falocêntrica. Cristina Peri Rossi poetiza o corpo e o sujeito erótico feminino para dar voz ao Eros feminino, ao mesmo tempo em que questiona as representações patriarcais da mulher como mero objeto sexual. O sujeito erótico feminino, tradicionalmente representado como passivo, surge na poesia de Rossi como participante ativo do prazer erótico. Por meio de um discurso que se opõe às distinções genéricas binárias e excludentes, o eu poético joga com a ambiguidade como forma de questionar os limites genéricos tradicionais. Nesta perspectiva, analisaremos alguns dos poemas mais representativos da autora, presentes nos livros *Babel Bárbara* (1991) e *Outra vez Eros* (2005). Examinaremos como a autora ressimboliza

o corpo como veículo da redefinição do sujeito feminino, por meio de uma linguagem ao mesmo tempo espontânea e simbólica, que busca desvendar o desejo feminino; antes habitualmente descrito dentro dos limites de uma sexualidade falocêntrica. Para tanto, contaremos com o apoio teórico dos estudos de gênero de Judith Butler (1990) e Luce Irigaray (1985).

ENTRE O GROTESCO E O SUBLIME: A INVERSÃO DO MITO CAVALHEIRESCO EM DOM QUIXOTE

Maria Léa FRAGATE

UENP

Luciana BRITO

UENP

O projeto em questão tem por objetivo apurar o intento cervantino de trazer a tona à desconstrução do mito cavaleiresco - utilizando-se da paródia – para produzir a releitura de um modelo tão apreciado nos séculos VI e VII, adulterando, assim, seu sentido genuíno. As novelas de cavalaria presentes em *Dom Quixote*, perdem o viés idealista, e adquirem um tom jocoso proporcionado pela subversão do Grotesco. Para tanto, serão utilizadas, em especial, as considerações teóricas sobre a temática do grotesco de Mikhail Bakhtin, presentes no texto *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* e da teórica Canadense Linda Hutcheon, autora do livro *Uma teoria da Paródia*. Ainda como suporte, serão discutidos conceitos de teóricos que analisam a polissemia do termo Grotesco e as manifestações do fenômeno na obra citada, tais como Vitor Hugo, Kayser, dentre outros. A obra de Cervantes, considerada uma das precursoras do romance moderno, faz pilhéria as novelas de cavalaria ao retratar um protagonista que não busca o bem coletivo, ao contrário, se mantém fiel a seus propósitos, chegando ao desprezo por emoções alheias. Uma subversão burlesca que compromete o ideal cavaleiresco, mas, que também respinga sobre o caráter quixotesco do mito.

A RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE TEXTOS A PARTIR DA EPÍGRAFE DE GEORGES DUHAMEL NA OBRA *O AMANUENSE BELMIRO*.

Mariana Mansano CASONI

FCL/Assis- UNESP

Orientadora: Daniela Mantarro CALLIPO

A literatura comparada permite estabelecer relações entre textos e com base nestas relações é possível perceber as conexões realizadas a partir da escolha do autor, por exemplo. É o que ocorre na escolha de uma epígrafe, esta escolha não está livre de significação, visto que ela desloca o sentido de um texto para um outro; o texto original no qual a epígrafe está inserida e

o novo texto no qual ela se insere. Desta maneira, a partir desta conexão de sentido entre uma epígrafe e um novo texto pretende-se analisar a relação estabelecida entre a obra *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos e a epígrafe do autor francês Georges Duhamel. Esta epígrafe retirada da obra *Remarques sur les mémoires imaginaires* aborda inúmeras questões a respeito da construção da narrativa, dentre elas a que mais se destaca é a presença da construção da memória, não a memória do autor, mas a memória de suas personagens. Ao tomar a memória como elemento chave para a conexão de ambas as obras é possível compreender a função da epígrafe na obra de Cyro dos Anjos, sobretudo em relação à própria construção da obra.

O ESPAÇO FICCIONAL DA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA: UMA LEITURA DO ROMANCE
ANTONIO (2007), DE BEATRIZ BRACHER

Mariana Matheus Pereira da SILVA
FCL/Assis- UNESP
Orientador: Dr. Benedito ANTUNES
CAPES

O intuito do presente trabalho é analisar o romance *Antonio* (2007), da escritora paulistana Beatriz Bracher, com enfoque no espaço ficcional demonstrando sua importância para a construção da narrativa contemporânea em questão. No centro da trama está o jovem Teodoro, que ao completar dezoito anos recusa as fórmulas pré-concebidas de sucesso e sobrevivência na cidade de São Paulo e decide traçar os caminhos de Guimarães Rosa. A história do protagonista é resgatada por Benjamim, seu filho, que recorre a três versões contadas por Isabel, mãe de Teodoro e sua avó, Raul, melhor amigo do protagonista, e Haroldo, amigo da família. A fragmentação dos relatos cria fluxos descontínuos de lembranças e a partir desses estilhaços de memória, Benjamim, que está na iminência de ser pai, busca concatenar o drama desencontrado de sua família para relegá-lo ao seu filho Antonio, nome que dá título à obra. Cada narrador conhece um trecho do trajeto percorrido pelo jovem e a sua travessia pelo sertão mineiro atua como a linha condutora do discurso dos narradores, que pautados na memória recriam e interpretam seus caminhos. O embate entre espaço urbano e espaço rural acaba por desvelar tensões familiares e individuais de um jovem inadaptado às convenções e estilo de vida imposto pela família. Desse modo, o intento deste artigo é lançar luz ao espaço ficcional e demonstrar a sua importância no desenvolvimento das ações.

O DUPLO EM JOSÉ SARAMAGO E MARIO SÁ- CARNEIRO: UMA LEITURA COMPARATIVA

Mariane Ferreira SILVA
Universidade Federal da Grande Dourados

O presente trabalho pretende refletir sobre o mito do Duplo através das teorias que permeiam a literatura fantástica tradicional e contemporânea, e tecer uma análise comparativa em duas narrativas da literatura portuguesa, *A confissão de Lúcio* (1914) de Mário Sá-Carneiro, e *O homem duplicado* (2002) de José Saramago a fim de investigá-las como obras pertencentes ao gênero fantástico. Inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica acerca da teoria da literatura fantástica, com particular análise das teorias do fantástico tradicional de Tzvetan Todorov e da teoria contemporânea do crítico espanhol David Roas. Ambos concordam que o fantástico na literatura nasce a partir da representação de eventos sobrenaturais justapostos, em conflito, com a representação de nosso mundo. Existe também a concepção mais recente sobre a literatura fantástica, o neofantástico ou o fantástico contemporâneo que é caracterizado pela irrupção do insólito em um mundo aparentemente normal, sem que haja, contudo, o choque ou o questionamento do fantástico mais tradicional. Deste modo, comprova-se que o mundo em que vivemos está descentrado, ou ao menos nossa percepção dele. Em um segundo momento do trabalho haverá uma breve análise das duas obras literárias a fim de determiná-las como fantásticas, a partir dessas diferentes perspectivas teóricas. Ambas as narrativas a serem analisadas resgatam um tema amplamente recorrente da literatura fantástica, o duplo. A novela *A confissão de Lúcio* (1914) foi publicada em um contexto de vanguardas artísticas, e do fortalecimento de questões filosóficas graves, como a psicanálise, além de servir como representação metonímica de questões identitárias conflituosas do autor. Já *O homem duplicado* (2002) desenvolve o mesmo tema já imerso nas questões artísticas pós-modernistas. Em comum, porém, ambas as narrativas retratam, através da ruptura com a causalidade realista, as questões de identidade do homem moderno e pós-moderno, como a crise de identidade e a relação entre o “eu” e o “outro”.

VOZES EM CONFRONTOEM “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA” DE JOSÉ SARAMAGO

Marilani Soares VANALLI
FCL/Assis- UNESP
Dr. Rubens Pereira dos SANTOS

Pretende-se com este estudo, apresentar uma análise teórico literária das vozes em confronto na instância textual “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago. É possível perceber que várias vozes compõem este terreno da narração, mas nem sempre o habitam com pacifismo. Vozes em conflito que ora se completam e logo em seguida, contrapõem-se num jogo contundente da ficção. Para comprovar esta afirmação anteriormente apresentada, far-se-á uma leitura verticalizada do elemento da narrativa “voz” entendendo-se que é nela, que se concentram as estratégias, pistas, marcas dêiticas utilizadas para maximizar a qualidade discursiva nesta narrativa. Para executar tal análise, apoiar-se-á a teoria do funcionamento do narrador, de

Gerárd Genette, Figuras III. Não se tem a pretensão de esgotar possibilidades de leituras, mas sim, apresentar algumas delas.

O CRUZAMENTO DE FRONTEIRAS ENTRE LITERATURA, CINEMA E ROTEIRO CINEMATOGRAFICO
EM O *CHEIRO DO RALO*, DE LOURENÇO MUTARELLI

Marília Corrêa Parecis de OLIVEIRA
Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP
Orientador: Dr. Arnaldo FRANCO JUNIOR
FAPESP

O presente trabalho tem por objetivo explorar as relações intermediáticas entre literatura, cinema e roteiro cinematográfico no romance *O cheiro do ralo* (2002), de Lourenço Mutarelli, investigando que efeitos estéticos e de sentido a utilização de elementos próprios de uma linguagem audiovisual cria na obra. A narrativa de Lourenço Mutarelli é extremamente fragmentada, seja em termos de diagramação ou por conta das frases curtas, o que estabelece uma relação analítica com as teorias da montagem de Eisenstein (2002). Isto é, tal como a justaposição de fotogramas, por meio da montagem cinematográfica, cria um sentido para o filme, em *O cheiro do ralo*, a justaposição de fragmentos, operando com o processo de *corte* e *elipse*, também é responsável pelo sentido da narrativa. Além disso, o romance é marcado pelo uso de verbos no presente, recurso que tende a *presentificar* a ação, tal como ocorre no cinema, de modo a situar o leitor em um contexto presente de apreciação da obra. Nesse sentido, ele constitui-se como um texto que nasce em uma sociedade saturada pelo audiovisual, de modo a ser consumido por leitores que, em escala ascendente, trocam os livros pelas narrativas visuais. Logo, o romance de Mutarelli faz-nos pensar que a literatura, no complexo horizonte contemporâneo da indústria cultural, não é, necessariamente, um produto final, mas sim pode herdar do roteiro cinematográfico, por exemplo, seu caráter de pré-texto, ou seja, um espaço de constante diálogo com outras mídias.

AS AVENTURAS DE DICK PETER: O RESGATE DO PRIMEIRO DETETIVE BRASILEIRO

Marina João Bernardes de OLIVEIRA
FCL/Assis- UNESP
Orientador: Dr. João Luís Cardoso Tápias CECCANTINI

Este trabalho consiste em revisitar e propor uma discussão acerca do heroísmo e da representação do primeiro detetive brasileiro, Dick Peter, personagem criado por Jeronymo Monteiro, em 1937, que se tornou um grande herói, primeiramente em uma série radiofônica pela Rádio Difusora e, depois, pela Rádio Tupi de São Paulo. Tamanho foi o sucesso das

aventuras de Dick Peter que estas tomaram forma nos quadrinhos e em 24 romances policiais, nos quais o autor usou o pseudônimo de Ronnie Wells. No entanto, apesar da grande repercussão da série criada por Jeronymo Monteiro na década de 30, hoje pouco são os leitores e/ou pesquisadores que têm acesso as suas obras, o qual só é possível por meio de sebos, sendo que alguns títulos, em especial os primeiros volumes, são raríssimos de se encontrar. Quanto ao que se tem de estudos publicados sobre as narrativas em pauta, estes trazem, em sua maioria, informações desencontradas sobre datas e até mesmo sobre os títulos das publicações. Diante disso, a presente pesquisa é pertinente por buscar não só o resgate da obra policial de Jeronymo Monteiro, que marcou o nascimento do primeiro detetive brasileiro protagonista numa série de aventuras, mas também verificar e reorganizar as informações acerca de tais obras tão significativas, em virtude de terem surgido num momento em que a Literatura Policial brasileira era ainda tão incipiente.

ANITA GARIBALDI SOB AS LUZES DA FICÇÃO: A REDESCOBERTA DE UMA IMAGEM HISTÓRICA FEMININA

Marina Luísa ROHDE

UNIOESTE

Orientador: Dr. Gilmei Francisco FLECK

Com o intento de revisitar o passado histórico por meio da ficção, principalmente a partir da segunda metade do século XX no contexto latino americano, a literatura promove releituras de fatos históricos a partir de outros prismas que não os oficiais. O presente artigo se propõe a analisar as obras *I am my beloved* (1969), de Lisa Sergio, e *Anita Cubierta de Arena* (2003), de Alicia Dujovne Ortiz. Ambos os romances apresentam a personagem histórica Anita Garibaldi e contribuem para que sua imagem possa ser revitalizada e, em alguma medida, reapresentada. Como referencial teórico utilizamos os estudos de Lukács (2015 [1936-7]), com a discussão acerca do Romance Histórico; Márquez Rodríguez (1996), que apresenta a primeira ruptura com o romance histórico clássico; Menton (1993), com a definição do novo romance histórico latino-americano; e Fleck (2011), com seus estudos sobre o romance histórico contemporâneo de mediação. Com o intento de propor um novo modo de escrita e acepção do passado, os novos romances históricos e os romances históricos contemporâneos de mediação oferecem maior versatilidade ao leitor para que esse compreenda outros pontos de vista sobre o mesmo fato. A partir da análise dos dois romances em questão, percebemos que no romance histórico tradicional, a configuração da personagem Anita corrobora sua representação histórica, diferentemente do que acontece no romance histórico de mediação. O autor, ao escrever um romance histórico, cria um enredo que ora corrobora com os aspectos históricos, ora os revê, propondo diferentes perspectivas, por meio de intertextualidades literárias e históricas. A partir dessas novas características, personagens antes à margem do discurso histórico, ganham atenção e relevância.

PELO DIREITO DE CHORAR: OS ESTEREÓTIPOS E OS CONTRAPONTO DAS MASCULINIDADES NA OBRA DO ESCRITOR JOÃO ANTONIO

Mateus Fernando de OLIVEIRA

Universidade Estadual de Londrina

Orientador: Dr. Luiz Carlos Santos SIMON

CNPq – CAPES

Com base na análise do conto *Joãozinho da Babilônia* do escritor João Antônio, discute-se neste artigo a desconstrução dos estereótipos e dos contrapontos das masculinidades na literatura brasileira. Compreende-se a masculinidade hegemônica como um modelo central socialmente estabelecido, nesse sentido, como nem todos os homens se enquadram nesse modelo de masculinidade [hegemônica], a busca pela libertação do ‘fardo da virilidade’ é o que, maiormente motiva a denominada “crise da masculinidade”. A narrativa de João Antônio nos apresenta o personagem Joãozinho da Babilônia, que embora pudesse facilmente ser mais um dos merdunchos típicos da obra do escritor, este, se distingue por estar diante de uma crise existencial e sentimental, o que nos permite refletir a chamada crise da masculinidade, principalmente, com relação ao avanço do feminismo e dos debates sobre as questões de gênero como um todo, verificando o dismantelamento das formas coloniais de poder culturalmente estabelecidos, busca-se, portanto, convergir estudos do feminismo e das masculinidades com a finalidade de compreender a desconstrução dos estereótipos.

PERCURSOS PÓS-MODERNISTAS: HIBRIDISMO E SIMULAÇÃO NA FICÇÃO DE LUIZ RUFFATO

Maurício SILVA

Universidade Nove de Julho

A produção literária brasileira exprime, atualmente, as injunções de uma contemporaneidade marcada pela *diversidade cultural*, um dilema - entre muitos outros que fazem dela uma expressão caleidoscópica - que a constringe a assumir, de início, pelo menos duas atitudes críticas: a urgência de uma revisão ampla de paradigmas estéticos que dão sustentação à atividade literária, estabelecendo novos protocolos de apropriação, interpretação e reorganização da produção ficcional; e a imposição de um deslocamento epistemológico que passa do foro textual como centro do discurso estético para a consideração de outras instâncias conformadoras e legitimadoras da obra literária. Trata-se, em outros termos, de uma tentativa de ultrapassar os limites regidos pela natureza endógena da produção literária e da concepção de gênero discursivo para uma perspectiva exógena, em que elementos como o leitor, os meios de comunicação, as condições sociais de produção do texto ficcional etc. adquirem validade plena no âmbito da cultura contemporânea. O presente trabalho tem como objetivo analisar a prosa de ficção de Luiz Ruffato - em especial seu livro *Flores Artificiais* (2014) - sob a

perspectiva do hibridismo(considerando, em especial, o conceito de *hibridismo identitário*, proposto por Stuart Hall) e da simulação (considerando, em especial, o conceito de *simulacro*, proposto por Jean Baudrillard). A intenção desse artigo é demonstrar como a prosa de ficção de Luiz Ruffato incorpora, no plano da narrativa, mas também no da linguagem, ambos os conceitos acima aludidos, fazendo deles categorias estruturantes de sua produção ficcional.

AS APROPRIAÇÕES DAS MULTIPLATAFORMAS: MONTEIRO LOBATO TRANSMÍDIA

Michelle de Souza PRADO

FCL/Assis - UNESP

CAPES

Orientadora: Dra Daniela Nogueira de Moraes GARCIA

Em 1920 foi lançado um dos primeiros tomos de Monteiro Lobato que constituiriam, mais tarde, *Reinações de Narizinho*, livro que abriu distintas veredas no cenário impresso de então. Quase um século depois, após adaptações para televisão, quadrinhos, desenhos animados e todos os tipos de mídia, a Editora Globo publicou a versão *touch* de *A menina do narizinho arrebitado* (2011) para *Ipads*. Além de ser mais uma inovação de suporte é um dos primeiros títulos brasileiros a ser adaptado para a interatividade do suporte digital. No artigo que se segue, em um momento inicial, nossas reflexões discutirão sobre a evolução das plataformas de leitura e escrita, em segundo tópico a análise da dificuldade de levantamento das práticas sociais de leitura e protocolos do ler, na sequência um tópico sobre o caráter transmidiático de Lobato de livro a seriado, de seriado a game e *e-books*. Traremos dados de uma pesquisa de campo realizada através de questionário junto a alunos do ensino fundamental II de uma escola pública sobre suas formas de contato com a obra lobatiana e como tem sido a resistência da obra deste autor junto às novas gerações de leitores, quais são os títulos, formas de acesso e figuras importantes, institucionais como o são os professores, ou outros diversos, que participam diretamente neste processo da continuidade de autor e obra pelas décadas.

A MORTE E A MELANCOLIA: O SUBLIME EM “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”, DE GUIMARÃES ROSA

Miquéias Estevão de Moraes SARTORELLI

FCL/Assis - UNESP

CAPES

Orientadora: Gabriela Kvacek BETELLA

A apresentação tem por objetivo examinar aspectos da manifestação do sublime no conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa. Para isso, faz incursão em dois índices de elevação presentes na narrativa, sendo um acionado por certo rasgo transcendente que o sinal

prolongado da morte causa no tecido social, e outro marcado pelo senso de impossibilidade, de perda, que toma de assalto o narrador e imobiliza-o melancolicamente. Em outras palavras, procurasse observar dois movimentos de abertura a vias do sublime, movimentos em direção a experiências suprassensíveis que contém um desejo de interpelar enigmas em geral pouco afeitos aos imperativos de uma razão instrumental. De acordo com Thomas Weiskel (1994), o sublime é uma categoria estética cuja premissa básica se firma na alegação de que é possível, pelo sentimento ou pelo discurso, transcender o humano. Sua emergência estaria ligada, na história da consciência literária, ao vazio deixado por Deus, ou ainda ao fracasso do pensamento lúcido do século XVIII. De qualquer modo, sua origem remonta à divulgação junto a estetas de um tratado retórico atribuído a Longino (1996), tendo sido posteriormente desenvolvida, em especial, por filósofos como Burke, Kant e Schopenhauer. Por fim, a apresentação tem em vista um gesto de aproximação analítica que, condizente com a natureza hermética do conto, seja o da inscrição numa zona intervalar entre o erigir proposições associativas, interpretativas, e o reconhecimento posterior de sua condição não categórica imprescindível.

UM OLHAR SOBRE A ESTRUTURA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA EM *RAKUSHISHA* E *HANÓI*

Mirian Cardoso da SILVA
Universidade Estadual de Maringá
Orientadora: Lúcia Osana ZOLIN
CAPES

As narrativas romanescas evoluíram através do tempo, influenciadas por diversos fatores. Com efeito, as formas épicas que ilustraram, por muito tempo, o narrar, tiveram que dar espaço para as narrativas que abarcassem mudanças na estrutura, como narradores cambiantes, onisciência seletiva, fluxo da consciência, fragmentação espacial, estrutural e temporal, entre outras características do romance contemporâneo que apresenta, não raras vezes, certa dificuldade de estabelecer um estilo de narrador. Assim, sob a luz das teorias de Adorno (2003), Arrigucci (1998), Rosenfeld (1973), entre outros, o intuito desse trabalho é pensar a questão da narrativa e do narrador contemporâneo, nos romances *Rakushisha* (2007) e *Hanói* (2013), de Adriana Lisboa. No primeiro há refletido em sua estrutura interna e em seu conteúdo temático algumas características do mundo fluído, como os deslocamentos espaciais e identitários, as buscas e questionamentos mais existenciais, a incoerência estrutural, a desordem temporal, a solidão crescente das multidões que transitam pelos *não-lugares*, nos termos de Augé (2005), as impossibilidades de construção de laços afetivos duradouros, entre outras características que inviabilizam a construção de um narrador tradicional. Em *Hanói*, também contextualizado nesse mundo movente, apresenta um narrador onisciente, que embora não domine nem seus personagens nem a história, cumpre o papel de permear, na sutileza da narrativa, as angustias dos personagens diante da morte.

O SILÊNCIO E O SUBLIME NO ROMANCE “O LUSTRE” (1946), DE CLARICE LISPECTOR

Moisés Gonçalves dos SANTOS JÚNIOR

FCL/Assis – UNESP

Orientador: Dr. Rubens Pereira dos SANTOS

O segundo romance de Clarice Lispector, "O lustre", publicado no ano de 1946 e pouco comentado e problematizado pela crítica até recentemente, é hoje alvo de alguns trabalhos acadêmicos que têm se debruçado, sob diferentes perspectivas, na tentativa de decifrar seus mistérios e reacender a obra dentro do projeto estético-literário da escritora. A trama forja em seus movimentos narrativos, na figura da protagonista Virgínia e numa estilística sinestésica o silêncio, fenômeno instaurado nas fronteiras entre o reino das palavras e seus abismos inefáveis, ou seja, a fracassada e sublime demanda, nas palavras de Benedito Nunes (1995), de fixar pela linguagem aquilo que a ultrapassa e a transcende de sentido, posto que grandioso demais. Esta comunicação pretende refletir acerca de como se manifesta e se formaliza n'O lustre o silêncio enquanto categoria de análise literária, investigando como esse “silêncio clariciano” no romance em questão revela uma profunda e indissociável ligação com a estética do sublime, conceito kantiano diverso do belo e do grotesco e que repousa no terreno do inatingível, naquilo que Prado Jr. (1989) assinala como um limiar entre a não-palavra e a mudez, espécie de atestado à finitude da capacidade da linguagem em dar forma às coisas, misto de melancolia e alegria ao vislumbrar o indizível.

JOGOS VORAZES E DIVERGENTE: SELFIE DE UMA GERAÇÃO

Mônica Lopes Névoa GUIMARÃES

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Orientador: Dr. Ivan Marcos RIBEIRO

Diante de tantos romances e filmes produzidos para o público juvenil, é possível perceber um reincidência de temas e discussões que permeiam a vida real. A busca de adolescentes e jovens por tais leituras e por tais obras cinematográficas trouxe à tona a curiosidade da pesquisadora em entender não só a discussão proposta pelas obras, mas especialmente o leitor/espectador desses romances e filmes. A reincidência de temas como distopia, sociedade do espetáculo e a mulher no papel do herói parecem ter um efeito de atração sobre este público. Este artigo busca um olhar mais atento sobre os primeiros volumes de cada uma das trilogias Jogos Vorazes, de Suzanne Collins e Divergente, de Veronica Roth, bem como suas adaptações cinematográficas – a fim de traçar um perfil do leitor/espectador. O objetivo do artigo é, fundamentado em teorias sobre as adaptações para o cinema, bem como teóricos como Foucault, que discute poder, Debord, que reflete sobre a sociedade do espetáculo e Teresa de

Lauretis, que trata da tecnologia do gênero, traçar um perfil do jovem por trás do produto. O trabalho faz uma breve reflexão sobre a distinção da obra literária e da adaptação para o cinema, levantando hipóteses para as diferenças entre o romance e a adaptação, depois reflete sobre as temáticas recorrentes, com o objetivo de traçar um perfil de uma geração.

CONCEIÇÃO EVARISTO: A ESCRITA DA REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL

Natália Pedroni CARMINATTI

FCL/Araraquara- UNESP

Orientadora: Profa. Dra. Guacira Marcondes Machado LEITE

CNPq

A presente comunicação objetiva efetuar a análise de oito poemas da obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, publicada pela escritora brasileira, Conceição Evaristo, em 2008. De origem humilde, Conceição Evaristo é nascida em uma favela, na zona sul de Belo Horizonte. Conciliou seus estudos ao trabalho de empregada doméstica, sendo, portanto, a sua experiência de vida, a argamassa de seu projeto criador. Em uma entrevista concedida a Eduardo de Assis Duarte (2006), Evaristo responde, da seguinte forma, ao questionamento do mesmo, sobre o lugar em que ela ocupa: “o meu lugar, era o lugar que os outros me reservaram”. Diante dessa afirmação, percebe-se que o seu lugar lhe fora imposto e nisso ela acredita, fielmente. Atentando-se aos dizeres de Evaristo, nota-se que na Literatura Afro, os sujeitos, outrora silenciados, libertam suas vozes em prol da inclusão. A sua poética da “escrivência” nada mais é que uma poética de suas vivências e de suas experimentações. Recolhendo fragmentos da memória, ela escreve sobre a vida. Isso tudo significa dizer que Evaristo, por intermédio da escrita, busca a representação do sujeito negro, derrubando sentenças segregacionistas e discriminatórias. Essa forma de resistência lhe consagra um papel indispensável na Literatura Brasileira. A palavra lhe é instrumento de libertação. Por intermédio dela, consegue dar voz aos menos favorecidos. Da pobreza e da miséria, edifica-se uma notável escritora que se assume como negra e clama, emergentemente, pela aparição de seu eu.

GÊNERO, HISTÓRIA E MEMÓRIA CULTURAL EM LAS NOCHES DE CARMEN MIRANDA DE LUCÍA GUERRA.

Nayara Cristina Barbosa BATISTA

FCL/Assis – UNESP

Orientadora: Dra Maria de Fátima Alves de Oliveira MARCARI

BAAE I

A partir da leitura do romance *Las noches de Carmen Miranda* (2002), de Lucía Guerra, o trabalho pretende discutir importantes questões da crítica literária atual. A primeira delas é mostrar como uma narrativa de autoria feminina aborda o papel da mulher nas sociedades

latino-americana e norte-americana da primeira metade do século XX, tomando como modelo Carmen Miranda. O segundo aspecto a ser discutido é como o romance histórico contemporâneo apresenta uma releitura crítica da história. O romance de Lucía Guerra explicita como se forjaram as relações culturais interamericanas, com o contraponto entre as visões norte-americana e latino-americana, nesta incluída a brasileira. Um terceiro aspecto, é a discussão que o romance permite do processo de construção e propagação de imagens que tratam de criar e fixar modelos nacionais. Ao recriar a vida de uma artista que circulou em diferentes âmbitos geográficos e culturais, o romance constrói uma fina rede intertextual, que articula elementos de várias origens. O resultado é um tecido narrativo que parece evidenciar que não há verdades consagradas, mas versões particulares do fato histórico.

UMA NARRATIVA ÀS AVESSAS: *LIGNES DE FAILLE*, DE NANCY HUSTON

Norma DOMINGOS
FCL/Assis – UNESP

Este trabalho tem o objetivo de discutir a narratividade no romance *Lignes de faille* (2006), de Nancy Huston, Prêmio Femina em 2006, com mais de 300 mil exemplares vendidos na França. O livro inspira-se em um fato histórico no curso da Segunda Guerra mundial elucidado em nota final pela autora: o programa de “germanização” de crianças estrangeiras que, entre 1940 e 1945, para suprir a perda de crianças alemãs, roubou mais de 200 mil crianças de lares dos países bálticos, Ucrânia e Polônia. Ao apoderar-se desse acontecimento, HUSTON (2006), constrói a história da vida dessas garotinhas e de sua descendência, em uma narrativa às avessas: é o bisneto, Sol, que inicia o romance, seguido de Randall, seu pai, Sadie, sua avó e, Kristina, sua bisavó. A escolha de dar os papéis de narradores a crianças, em quatro gerações diferentes, em uma sucessão temporal que vai do presente ao passado, torna a leitura atípica e complexa: descobre-se as pessoas mais velhas antes de conhecer sua infância, pois uma criança fala de sua vida e de seus pais e, na parte seguinte, encontramos os pais ainda criança. Essas vozes são de crianças de seis anos que, tanto espacialmente, de São Francisco a Munique, de Haifa a Toronto e Nova York, quanto temporalmente, de 2004 a 1940, narram as barbáries de nosso mundo. Assim, independente de onde e quando, mas também do deus ou da religião para a qual o homem se volta, esses narradores-crianças são confrontados com as mesmas provações ou espetáculos angustiantes. Cabe ressaltar que, em nossas análises, faremos uso da fortuna crítica da autora, bem como das teorias sobre as narrativas de filiação (Dominique Viart) e do papel da escrita em língua estrangeira para a construção de identidades.

A FIGURA DO DEMÔNIO EM *THE SCREWTAPE LETTERS*, DE C. S. LEWIS

Pâmela Rodrigues SCUTARI
FCL/Assis- UNESP

Apoiado no projeto de pesquisa em desenvolvimento na Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), este trabalho tem o objetivo de analisar a figura do demônio em *The Screwtape Letters* (1942), de C. S. Lewis, considerando-se as características formais da obra. Esta é composta de trinta e uma cartas, escritas por um demônio sênior, Screwtape, e remetidas a seu sobrinho, um demônio tentador, Wormwood. Screwtape lhe dá conselhos quanto ao trabalho de “tentar” um “paciente” inglês, fazendo comentários arrogantes e zombeteiros acerca da natureza do ser humano. Desse modo, o demônio se apresenta como satirista, e o ser humano, sua vítima. Contudo, a ironia utilizada por Screwtape denuncia apenas um lado da sátira, uma vez que outros elementos irônicos, como o elogio e a censura, possibilitam a inversão da mensagem irônica, fazendo do demônio uma segunda vítima do autor da obra. Assim, a partir dos conceitos de ironia, de Douglas C. Muecke (1995), e suas funções, de Linda Hutcheon (2000), e de sátira, de Arthur Pollard (1980), serão apresentados e analisados alguns recursos e elementos que constroem a figura de um demônio satirista e vítima em *The Screwtape Letters*, de C. S. Lewis.

CONVERSAZIONE IN SICILIA: REVISITANDO UM PASSADO QUASE ESQUECIDO

Patricia Aparecida Gonçalves de FARIA
Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP
Orientadora: DraMaria Celeste Tommasello RAMOS

Em *Conversazione in Sicilia*, romance mais conhecido do escritor italiano *Elio Vittorini* (1908-1966) é possível observar o cenário dramático que assolou a Europa nos anos trinta, principalmente por meio de uma *Sicilia* fria, pobre e esquecida por todos, inclusive as autoridades. Portanto, a viagem física e memorialística será essencial para *Silvestro* narrar o retorno a sua terra natal, basicamente, por diálogos estabelecidos entre ele e as outras personagens. Nesse sentido, nosso objetivo é verificar como o passeio pelos fios da memória será importante no processo de revisitação a um passado quase esquecido repleto de paisagens sicilianas e de dores marcadas pela opressão, miséria e injustiças.

YAMBO: ENTRE A DESMEMÓRIA E A REMEMORAÇÃO

Paulo Fernando Zaganin ROSA
FCL/Assis- UNESP

Umberto Eco é autor de vários textos teóricos fundamentais para a compreensão da obra de arte contemporânea. Em 1980, o teórico fez a sua primeira experiência como romancista, com a publicação de *O nome da rosa*, ao qual seguiram-se outros seis romances. Para este trabalho,

usaremos o quinto romance de Eco, intitulado *A misteriosa chama da rainha Loana* (2005), uma edição rica de material ilustrativo e mistura de documentos que remetem aos anos de 1930-40, apresentando um panorama da Itália naquele período. O protagonista, um bibliófilo, que atende pelo apelido de Yambo, perde a memória pessoal, mas mantém intacta aquela livresca. Para tentar recuperá-la, retorna à antiga casa de sua família, localizada em Solara, nas montanhas do Piemonte, onde acaba se deparando, em grande parte, com objetos e informações que correspondiam à sua juventude – o Fascismo e a Segunda Guerra na Itália. Sendo assim, nosso objetivo será o de verificar de que forma a presença desses elementos resulta em um texto literário capaz de discutir as relações entre memória individual e memória coletiva, bem como a constituição das identidades individual e nacional italianas.

O LIVRO PELO QUAL TODOS OS ANTISSEMITAS ESTAVAM ESPERANDO

Pedro Augusto de Oliveira PROENÇA

Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP

Orientadora: Dra. Giséle Mandanelli FERNANDES

Este trabalho tem por objetivo analisar o que suscitou o teuto-israelense Gershom Scholem (1897-1982), professor de Misticismo Judaico da Universidade Hebraica de Jerusalém, a classificar a obra *O Complexo de Portnoy*, escrita pelo americano Philip Roth em 1969, como o livro por que os antissemítas tanto esperaram e pelo qual os judeus pagariam um alto preço. O romance trata de um monólogo psicanalítico no qual um paciente judeu, Alexander Portnoy, comissário adjunto de Recursos Humanos da prefeitura de Nova York, relata a incapacidade de serenar o seu ímpeto masturbatório, seu desejo por *shikshas* (garotas não-júdas) e as peripécias sexuais que já realizou. A nossa hipótese é a de que a noção biológica de raça concebida no sistema nazista, bem como os estereótipos judeus criados pelo cinema alemão e a legislação antissemítica de Hitler, somados às formas de preconceito que os judeus vivenciaram nos Estados Unidos ajudam a entender a avaliação de Scholem. Assim, nossa tentativa será de examinar o *locus* cultural do qual emergiu *O Complexo de Portnoy*, um espaço repleto de mecanismos ambivalentes de poder e de exclusão da sociedade americana para com os judeus, que ainda estavam traumatizados pelos horrores perpetrados pelos nazistas. Estudaremos como o contexto histórico e social da época é plasmado no texto a uma cultura (REIS, 1992).

A FIGURA DO HERÓI PROBLEMÁTICO NO ROMANCE DE ALESSANDRO BARICCO

Pedro Henrique Pereira GRAZIANO

Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP

Orientadora: Dra. Maria Celeste Tommasello RAMOS

CAPES

O objetivo deste trabalho é analisar a construção da figura daquilo que Lukács, em seu texto "A teoria do romance" chama de Herói problemático no romance *Castelli di Rabbia*, do autor

italiano Alessandro Baricco. A produção artística de Baricco gira em torno da desautomatização da vida cotidiana a partir da inserção de universos maravilhosos que são contrapostos à nossa realidade. Na construção desse universo, o autor explora personagens que se mostram deslocados em relação ao meio em que se encontram, e a partir de sua inadequação procuram seguir sonhos e objetivos que os auxiliam a lidar com o mundo que os aflige. Buscam incessantemente manter a própria identidade e a manutenção de sua voz em meio a uma sociedade bárbara, como define Alessandro Baricco, na qual tudo é automatizado e veloz, não havendo espaço para a vida em comunidade ou para a existência de valores. Será analisado como se dá a construção do herói problemático na figura de Jun Rail, personagem e narradora do romance, que constrói toda a narrativa como modo de resistir ao mundo atroz em que vive. Seu deslocamento em relação ao mundo é responsável por sua configuração como herói problemático, aquele que busca sentido e valores em um mundo em que estes já não existem. É a partir desta posição que se cria toda a trama do romance e a construção e posterior destruição dos castelos feitos de sonho e esperança, que dão lugar à raiva quando são destruídos, configurando o romance como fruto da sociedade bárbara.

A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE MOÇAMBIQUE: UM OLHAR SOBRE A COLETÂNEA
“HISTÓRIAS DO ROVUMA AO MAPUTO”

Pedro Manuel NAPIDO
Universidade Estadual de Maringá
Alice Áurea Penteado MARTHA
CAPES

O presente artigo pretende refletir sobre a literatura infantil e juvenil de Moçambique na sua relação com a construção da nação. O objetivo que pretendemos perseguir é de demonstrar em que medida as obras da coleção “Histórias do Rovuma ao Maputo” representa o mito do imaginário nacional. A metodologia que ampara esta pesquisa é a revisão bibliográfica das obras que abordam sobre a literatura infantil e juvenil enquanto subsistema literário através do qual a infância e a juventude tem acesso aos bens culturais que se materializa na obra pelo gosto do leitor. Assim, na jovem nação moçambicana, o Instituto Nacional do Livro e do Disco (INLD), através da coleção “Chirico” se dedica na tradução, adaptação e publicação de várias obras infantis e juvenis de autores estrangeiros. Só em 1980 é que se publica a primeira obra infantil de um autor moçambicano “Papá Operário mais seis histórias” de Orlando Mendes. Com base no embasamento das obras notamos que esta coleção publicada de 2008 a 2012 pela Plural Editores engendra uma imaginação nacional numa dimensão pedagógica e moralizante.

CORPO, VOZ E RESISTÊNCIA: A DESCONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA
POÉTICA DE ELIZANDRA SOUZA

Pilar Lago e LOUSA

UFG – Universidade Federal de Goiás

Orientador: Dr. Flávio Pereira CAMARGO

CAPES

Elizandra Souza é uma das maiores expoentes da literatura marginal-periférica contemporânea, que circula nas periferias da capital paulistana. Seus versos críticos e pungentes lançam um olhar de desconstrução sobre o feminino e reivindicam o acesso à voz das mulheres oriundas das favelas. Vozesque foram relegadas historicamente pelo cânone literário, que comumente as silencia e rechaça. A marginalização delas está intrinsecamente relacionada ao fator geográfico, à questão de gênero e à questão racial. As vozes dessas mulheres negras, que residem na periferia, são resgatadas e desveladas na poética de Elizandra Souza, que estabelece uma ruptura com os intermediários do processo de produção literária ao expor uma autorrepresentação que vem de dentro da periferia. A autorrepresentação das vozes marginalizadas, a ressignificação do corpo feminino, a ruptura com tabus, mitos e paradigmas dominantes são temas recorrentes em sua obra poética. Neste sentido, este trabalho tem como objetivos: analisar de que maneira os poemas de Elizandra Souza, contidos nos livros *Punga* (2007) e *Águas da Cabaça* (2012), lidam com essas questões e promovem o acesso ao lugar de fala à mulher periférica; e como os aspectos ligados à linguagem literária são capazes de fundar uma resistência que promove reconfigurações a cerca da representação feminina.

LE MANDAT DE OUSMANE SEMBÈNE: UMA REPRESENTAÇÃO DAS AMBIGUIDADES DO
MOVIMENTO DA NEGRITUDE DOS ANOS PÓS-INDEPENDÊNCIA

Providence BAMPOKY

Ibilce/São José do Rio Preto - UNESP

Dra. Flávia Nascimento FALLEIROS

O presente trabalho tem como objetivo principal fazer um estudo crítico acerca da obra *Le Mandat* (O Mandato), de Ousmane Sembène (1923-2007), escritor, cineasta senegalês e militante do movimento anticolonialista. Publicado em 1969, o romance narra as desilusões e as frustrações do “cidadão” ordinário perante a sociedade em plena transformação institucional. Com ênfase na trajetória da personagem principal do romance, Ousmane Sembène lança um olhar crítico sobre as realidades que envolvem o universo cotidiano da sociedade senegalesa e denuncia, em particular, a moral da nova elite intelectual após a independência. Nesse sentido, o trabalho consiste em fazer um estudo histórico-literário, no qual buscaremos retrazar brevemente a construção do movimento da Negritude (origem e

objetivo) a fim de levantar uma reflexão acerca das contradições e das desigualdades encontradas na sociedade senegalesa pós-independente, tais como descritas na obra ficcional de Sembène cujo olhar sobre a situação social do continente negro ia de encontro à ideologia do movimento da Negritude que não levava em conta a situação social e política (a exploração e a opressão) em que essa literatura estava inserida.

O DISCURSO DE RESISTÊNCIA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE AUTORIA FEMININA: ANÁLISE DA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Rafaela Machado LONGO

FCL/Assis- UNESP

PIBIC

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro FERREIRA

FCL/Assis- UNESP

PIBIC

Este trabalho visa a apresentar uma análise da obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, pertencente ao gênero diário, que compõe o acervo do PNBE 2013 – Programa Nacional Biblioteca da Escola, destinado a bibliotecas e salas de leitura do Ensino Fundamental, bem como refletir sobre a produção feminina de cunho autobiográfico. Desde 1901, o prêmio Nobel da Literatura já foi concedido a 110 escritores, pelo notável conjunto da obra. Destes escritores, somente 13 são mulheres. Justifica-se, então, refletir sobre a produção de autoria feminina, em especial, analisar uma obra que, de viés realista, apresenta os relatos de uma mulher negra, mãe solteira, que, à margem da sociedade, em uma favela do estado de São Paulo, opta por romper com os silenciamentos impostos aos excluídos, configurando seu discurso também à margem do cânone. Sua obra representa o discurso feminino de resistência e se dirige, em sua origem, ao leitor adulto. Cabe refletir, então, a partir do aporte teórico da Estética da Recepção, quais recursos literários utilizados pela autora levaram sua obra à inclusão no acervo do PNBE, destinado ao público juvenil? Constrói-se, neste texto, a hipótese de que seu caráter memorialista e identitário, pelo como seu viés de denúncia social, permitem ao seu leitor rever seus conceitos prévios sobre o contexto social, histórico e político em que vive, bem como ampliar seus horizontes de expectativa em relação à produção literária. Como se trata de uma obra contemporânea, durante sua análise, buscar-se-á observar se seu discurso configura-se como híbrido e dialógico, estabelecendo dialogia com gêneros textuais diversos, bem como com seu leitor implícito.

A POÉTICA DA IMAGEM DE CONTOS MACHADIANOS NO CINEMA DE JÚLIO BRESSANE

Raquel Cristina Ribeiro PEDROSO

A presença de um *ethos* poético voltado para a moralidade na literatura de Machado de Assis e no cinema de Júlio Bressane representa um marco no processo de percepção e descrição da realidade social brasileira. Ambos estão imbricados pelo sentido de autoria, e com intenções que vão além da produção estética, visto que buscam retratar o Brasil. Ismail Xavier (2006) afirma que o cinema de Júlio Bressane é marcado pela forma como insere sua produção num debate estético e cultural permeado de arte e literatura brasileira. Nosso objeto de análise, para este trabalho, será o filme *A erva do rato* (2008) livremente inspirado em dois contos de Machado de Assis – *Um esqueleto* (1875) e *A causa secreta* (1896), num debate voltado para a produção da imagem, tanto em contos machadianos como na obra de Júlio Bressane. Quando as vertentes de sentidos que se originam da vontade de representar o produto artístico brasileiro são levadas adiante, tem-se o início da elaboração de um *ethos* moral, social e cultural que se cria pela mão de autores de elevado poder poético. Será possível elaborar com este trabalho um percurso do *ethos* literário machadiano no ambiente cinematográfico composto por imagens adaptadas de seus contos, que mostram o resultado das transcrições de Júlio Bressane para um cinema de autoria.

ANA EM VENEZA: A BUSCA DE UM PAÍS À DERIVA

Rebeca ALVES

FCL/Assis – UNESP

Antônio Roberto ESTEVES

FAPESP

João Silvério Trevisan, em *Ana em Veneza* (1994), aproveita o artifício da viagem para compor um romance, cujo tema principal gira em torno da identidade nacional. O enredo conta a história de três personagens históricos que deixam sua terra natal – forçados ou não – para viverem no exterior, pontuando o drama de se adaptar no local estrangeiro, em decorrência de uma série de fatores, alguns deles específicos de cada realidade. O autor, ainda, não mede esforços para descrever o modo como esses personagens passam a ver e entender o próprio país a partir do deslocamento. A viagem, portanto, se torna uma metáfora, coincidindo com a própria vida dos protagonistas e, também, com a história do Brasil. Além disso, Trevisan vale-se do gênero “relato de viagem” em algumas partes do romance, sugerindo um diálogo entre a trama e a estrutura narrativa. Diante disso, nesta comunicação, me proponho a analisar essa obra do escritor paulistano, sob o viés do tema da viagem e outros eixos temáticos ligados a ela, como o tema do exílio, do deslocamento e da deriva.

PRETENSOS DISCURSOS DE LIBERDADE: REPRESENTAÇÕES DE MULHERES ATIVISTAS NO CONTEXTO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Renan Reis FONSECA

USP

Orientadora: Profa. Dra. Mary Anne JUNQUEIRA

A representação da mulher na literatura e na imprensa influencia na construção de um imaginário social e cultural sobre as mulheres e seus papéis nos mais variados espaços. Este trabalho tem como objetivo analisar como se deram as representações de duas mulheres ativistas norte-americanas do século XIX em uma revista de variedades de grande circulação em todo o mundo ao longo do século XX, a norte-americana *Reader's Digest*. A primeira narrativa versa sobre uma mulher sufragista, Susan B. Anthony (1820-1906), enquanto a segunda se dedica à escritora e abolicionista Harriet Beecher Stowe (1811-1896), autora de *A cabana do Pai Tomás*. Trata-se de mulheres pioneiras em diferentes movimentos sociais ao longo do século XIX. Ambos os artigos foram veiculados durante a Segunda Guerra Mundial. Ao trazer à tona a atuação dessas figuras, o *Digest* propõe discursos que prezam pela postura cívica da mulher, muito em voga durante os anos de conflito. A proposta da revista parece ser a de apresentar essas mulheres como modelos a serem seguidos nos anos de guerra. Resta saber se essas representações propõem uma protagonismo da mulher para além daquele contexto. Dessa forma, a análise visa compreender de que forma a atuação dessas mulheres, para o *Digest*, se caracteriza como autônoma e necessária a um projeto de ascensão feminina. A análise desse discurso é fundamental para compreender em que medida a revista contribuiu ou não para um avanço do discurso sobre a mulher no século XX.

AS DIFERENTES FORMAS DE REPRESENTAÇÃO FEMININA NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA

Rita de Cássia Lamino de Araújo RODRIGUES

UENP- Campus de Jacarezinho

Florbela Espanca, considerada uma das maiores vozes femininas da literatura portuguesa, apresenta como tema central de sua poesia o amor. A poetisa procura viver um amor ideal e sobre-humano, por isso, ora coloca-se como dona dos seus sentimentos, demonstrando-se incapaz de amar um único homem, pois idealiza um amor perfeito e um homem-deus que nunca encontra; ora submete-se ao amor, em uma posição submissa, que exalta a figura masculina, como um deus, de quem depende para ser feliz. Nas duas situações, prevalece a figura de um eu-lírico audacioso que subverte as relações tradicionais do amor cortês da literatura portuguesa, pois a mulher torna-se, agora, agente da relação amorosa. Em vista disso, este artigo tem por objetivo comentar os poemas "Amar", um dos mais representativos

na maneira da poetisa vivenciar o amor; seguidos pelos poemas “Inconstância” e “Escrava” de modo a verificar como se estabelece as visões diferentes do amor e da mulher descritas acima.

ODISSEIAS AMAZÔNICAS: DOIS ROMANCES DE VIAGENS NA AMAZÔNIA

Roberto José da SILVA

IEL – UNICAMP

A Amazônia, desde seu primeiro explorador Francisco de Orellano e seu escrivão Gaspar de Carvajal, foi espaço de interesse para viajantes, exploradores, curiosos e pesquisadores. Dos viajantes mais ilustres se destacam La Condamine, Humboldt, Paul Marcoy, Spix e Martius, Wallace, Bates, Agassiz e tantos outros que estiveram na Amazônia e sobre ela escreveram. Esses trabalhos foram decisivos para dois grandes ficcionistas que escreveram dois romances, cujas histórias acontecem nessa enorme floresta na descida do rio Amazonas. W. H. G. Kingston com *Ao longo do Amazonas* (1872) e Júlio Verne com *A Jangada 800 léguas pelo Amazonas* (1881), trazem aos olhos do leitor europeu uma Amazônia sob a escrita da ficção, porém com o mesmo valor de informações que se viam nos textos dos cronistas. Com o puro objetivo de entreter e educar jovens leitores sobre novas terras, esses dois romances desenvolveram papel tão importante de conhecimento da Amazônia na Europa, quanto os clássicos textos dos explorados de prestígio que estiveram nessa floresta. Foi à luz dos textos desses cronistas Júlio Verne e W. H. G. Kingston escreveram esses romances com enorme riqueza de detalhes sem nunca terem pisado na América. São sob esses aspectos que essa comunicação se propõe em apresentar a importância que esses dois textos ficcionais tiveram no século XIX, cujas histórias estão pautadas em viagens de descida pelo rio Amazonas, ao descortinar a vida social, biológica e os perigos dessa enorme floresta.

JUSTIÇA FORA DA LEI EM “GRANDE SERTÃO: VEREDAS” E “TROPA DE ELITE”: UMA REFLEXÃO SOBRE A OPINIÃO PÚBLICA A RESPEITO DOS DIREITOS HUMANOS

Rogério COSTA

UENP

Orientadora: Diná Tereza de BRITO

Universidade Sem Fronteiras

Este estudo é resultado de pesquisas feitas durante o Projeto "Cinema e comunidade: implementação de espaço de cultura" – Programa de extensão "Universidade Sem Fronteiras" – pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Atualmente, as questões relacionadas aos Direitos Humanos têm feito parte do “grupo” de assuntos polêmicos no Brasil. Seja no âmbito político, social, jurídico ou religioso, temas como “justiça com as próprias mãos”, “pena de

morte”, “prisão perpétua”, “punição ‘olho por olho, dente por dente’ para crimes hediondos”, a “posição dos Direitos Humanos ante a opinião pública e o tratamento dado a certos criminosos por parte da polícia e outras autoridades”, entre outros, têm fomentado calorosas discussões articuladas por opiniões antagônicas, que sempre culminam em conclusões sem consenso. Diante desse panorama, este trabalho, parte da análise de cenas da minissérie “Grande sertão: veredas” (1986), de Walter Avancini (adaptado do livro homônimo de João Guimarães Rosa por Walter George Durst) e do filme “Tropa de Elite” (2007), de José Padilha. Após as análises e a comparação entre a postura dos policiais e dos criminosos, cada qual em seu respectivo contexto histórico, o objetivo é propor uma reflexão acerca da opinião pública da atualidade a respeito das regras de Direitos Humanos, quando esta se direciona ao indivíduo que comete crimes cruéis e desumanos, confrontando a opinião majoritária com questões psicológicas, filosóficas, sociais, jurídicas e religiosas.

O ROMANCE AUTORREFLEXIVO DE MACHADO DE ASSIS: UMA LEITURA DE *RESSURREIÇÃO* (1872)

Dr. Rogério Fernandes dos SANTOS
Faculdade de Letras – UFG
Supervisor de Pós-Doutorado: Dr. Flávio CAMARGO

O tema que proponho para esta apresentação é a gênese do romance de Machado de Assis e a possibilidade de apreensão de uma reflexão sobre o gênero romanesco ficcionalizada em seu primeiro romance. Pretende-se analisar algumas propostas narrativas empregadas pelo autor na obra *Ressurreição*, de 1872, que adiantam o debate sobre a literatura brasileira, proposto nos ensaios "Notícia da atual literatura brasileira - instinto de nacionalidade", de 1873, e "A nova geração", de 1879. Temas e tendências debatidas por Machado de Assis nesses ensaios foram assimilados na narrativa de *Ressurreição*, convergindo para uma reflexão sobre o gênero romanesco e aproximando a obra de Machado à tradição do romance autorreflexivo, conceito proposto por Robert Alter em seu livro *The partial magic: the novel as self-conscious genre*. O objetivo é apreender a visão problematizante que o autor tinha do gênero.

AS *FARPAS* E AGERAÇÃO DE 70 PORTUGUESA

Rosane Gazolla Alves FEITOSA
FCL/Assis- UNESP

Um grupo de escritores, pensadores, homens públicos, dentre eles, Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Rafael Bordalo Pinheiro, Jaime Batalha Reis, produziram, por volta da década de 1870, uma agitação cultural na sociedade portuguesa. Um produto destas novas ideias foi *As Farpas*, fascículos mensais, publicados, primeiramente, de maio/1871 a outubro/1872 por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Alguns destes textos dirigem-se ao Brasil, mais especificamente, ao imperador D.

Pedro II, críticas estas corroboradas pelas caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro. Também há textos com caráter programático relativos ao Realismo–Naturalismo português, mais particularmente a textos de Eça de Queirós sobre: o adultério, educação das mulheres de Lisboa, sobre a sociedade em 1871, assuntos encontrados na ficção queirosiana. Destacamos ainda comentários sobre as Conferências do Cassino (maio-junho/1871), em que comenta a portaria do Governo de Portugal, que impediu a realização da sexta palestra em diante, de um conjunto de 10. Nosso objetivo é comentar alguns desses textos, sob a perspectiva das ideias da Geração de 70, destacando alguns pontos como a visão do Brasil por parte desse grupo; tentando elucidar algumas questões das relações culturais luso-brasileiras e as repercussões das conferências na imprensa da época.

O MITO DA MULHER FATAL NO ROMANCE CRIMINAL DE CLARA ASUNCIÓN GARCIA

Rosilene Aparecida Martins dos SANTOS
FCL/Assis- UNESP

São inúmeros os exemplos de feminilidade terrível e noturna na maior das mitologias que personificam uma fatalidade inquietante e exercem um poder sedutor e maléfico sobre o outro. Essa comunicação pretende apresentar alguns aspectos relevantes sobre a presença do mito da mulher fatal na personagem Micaela, que protagoniza com a detetive Cate Maynes, no romance policial de Clara Asunción Garcia. Essa análise resulta de uma pesquisa de iniciação científica em andamento, que estuda a caracterização da personagem “detetive feminina”, presente na série policial da autora espanhola Clara Asunción García. A pesquisa tem como foco não apenas a sua atuação como investigadora, segundo as pautas do “gênero negro” pós-moderno, como também a problemática de gênero que ela suscita. A metodologia utilizada consiste na pesquisa bibliográfica sobre o mito da mulher fatal, amplamente abordado em dicionários de mitos literários e estudiosos do gênero como, por exemplo, Mario Praz. Este chega a abordar o tema do lesbianismo, que serve diretamente para a análise que se pretende, uma vez que na trama policial em foco a mulher fatal está envolvida em um caso de lesbianismo com a detetive Cate Maynes. Como resultados parciais, podemos notar a presença do criminal envolto aos preconceitos de gênero e o envolvimento e a exposição da vida íntima das mulheres detetives

FIDELINO DE FIGUEIREDO E O EXERCÍCIO DA CRÍTICA LITERÁRIA

Sandra FERREIRA
FCL/Assis- UNESP

À crítica literária, segundo Fidelino de Figueiredo (Lisboa, 1888 –Lisboa, 1967), cabe distinguir o permanente do efêmero, ainda que a crítica seja, conforme o mestre português, “um gênero

ção subjetivo como a poesia lírica” (PEREIRA, C. de A. *Ideário Crítico de Fidelino de Figueiredo*. São Paulo: FFLCH, 1962, p. 425). As agruras da atividade crítica, decorrentes da contingência, do arbítrio e da relativa subalternidade da crítica literária, não impedem Fidelino de Figueiredo de enfatizar as responsabilidades do contribuinte intelectual do crítico literário para a organização e a difusão da cultura. Essa responsabilidade é condicionada também pelo caráter cognitivo da literatura, fornecedora de dados que permitem compreender profundamente a condição humana. Os critérios utilizados para a consideração da arte literária, porém, adverte o colecionador de angústias, requerem imensa ponderação, sob pena de produzirem-se severas distorções críticas. A partir de um conjunto de ensaios sobre a natureza e a função da crítica literária (“A crítica: teoria e prática”, “A crítica literária como ciência”, “A crítica – direção do espírito”, entre outros), esta comunicação fará um balanço sobre as ponderações de Figueiredo acerca da natureza e da função da crítica literária. Por meio desse balanço, a comunicação espera contribuir para a verificação dos estímulos listados por Fidelino de Figueiredo para a atividade crítica e para o ato interpretativo que a impulsiona.

O MITO DO CAVALEIRO ANDANTE: DO GUERREIRO HISTÓRICO AO PALADINO ORLANDO, DE LUDOVICO ARIOSTO.

Sara Gabriela SIMIÃO.

FCL/Assis- UNESP

CAPES.

Orientadora: Dra. Cátia Inês Negrão Berliini de ANDRADE

Durante a segunda metade do século IX, a Europa sofreu a invasão de diferentes povos, assim, os *bellatores* eram parte fundamental daquela sociedade. Durante o final do século X e início do XI, guerreiros passaram a se reunir ao redor de grandes senhores, que pagavam os serviços destes. No interior desse grupo havia ética própria, no entanto, estes profissionais da guerra estavam longe da gentileza, sendo que em muitos casos atacavam pessoas indefesas. Vendo este comportamento nocivo, a Igreja resolveu intervir: quem desobedecesse a certas regras seria excomungado. Tendo planos particulares, esta instituição passou a ser benevolente com aqueles que pusessem suas armas a serviço da fé, foi quando novos ritos foram impostos aos cavaleiros: o adubamento. Durante o período da reconquista, surgiram e propagaram-se os poemas épicos, que exaltavam estes guerreiros cristãos; entre as obras mais famosas está a *Canção de Rolando*. Nela está presente Rolando, um paladino exemplar: honra seus companheiros de batalha, sua pátria, o rei, a família e a fé, sendo valoroso em todos os aspectos. Esta figura que permaneceu no imaginário popular será revisitada por diferentes autores, em especial, os italianos. Entre as principais obras destacam-se o *Orlando Innamorato* (1495), de Matteo Maria Boiardo, e o *Orlando furioso* (1532), de Ludovico Ariosto. Este trabalho tem por objetivo mostrar as mudanças pelas quais o guerreiro histórico passou, tomando por exemplo o paladino Rolando.

O LUGAR DO ENSINO DE LITERATURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM LETRAS¹

Sérgio Fabiano ANNIBAL
FCL/Assis- UNESP

Apresenta-se uma proposta de reflexão sobre o ensino de literatura e a formação de professores em Letras. O ponto de partida para esta discussão são propostas curriculares para as licenciaturas em Letras de algumas universidades públicas brasileiras. A partir do que foi constatado pela verificação das estruturas curriculares, problematiza-se o lugar do ensino de literatura para o estudante de licenciatura em Letras e a importância que isso representa em sua vida profissional, à medida que estará habilitado a ensinar na Educação Básica, mobilizando saberes que dizem respeito à apropriação da língua portuguesa e o acesso à literatura produzida nessa língua. Discute-se as possibilidades de aprofundamento e significação da cultura de língua portuguesa por meio da opção de situar o texto literário, em diferentes suportes e desdobramentos: jogos e *fanfics*, por exemplo, como vetor ou como produto cultural periférico. Avalia-se, nesta discussão, as vantagens e as desvantagens para a formação literária tanto no campo das Letras quanto na base da população, uma vez que todos passam pela escola e têm, obrigatoriamente, aulas de português. A metodologia consistiu em análise documental. Espera-se como resultados um debate sobre o formato contemporâneo dos cursos de licenciatura em Letras e, conseqüentemente, a formação de professores e a relação dessa formação com a literatura e suas ramificações na cultura.

UMA COMPARAÇÃO ENTRE MILTON E MARY SHELLEY

Sérgio Henrique Rocha BATISTA
FCL/Assis- UNESP

A obra *Frankenstein*, de Mary Shelley, interessa-se profundamente pelas relações éticas entre criador e criatura, quais são seus limites e conseqüências, além do desejo de tirar conflito através do terror de um criador perseguido pela sua criatura. Ora, há uma série de interessantes paralelos a serem observados entre essa obra e o poema épico *Paradise Lost*, de John Milton; além da influência direta a ser observada, que chega a ponto de versos do poema serem usados como epígrafe do livro, a estrutura ética de *Frankenstein* mimetiza, em menor grau, o conflito entre Deus e Satanás no poema miltônico, cujo escopo abrange todo o drama universal dentro da tradição. Assim, relacionar as duas obras pode ajudar a mostrar

A REPRESENTAÇÃO FEMININA SOB ORIENTAÇÃO DO SUBLIME EM ESPECTROS E SUAS
RESSONÂNCIAS NA OBRA MADURA DE CECÍLIA MEIRELES

Sheila Juliana Aparecida Dálio BATISTA

FCL/Assis – UNESP

Orientador: Fabiano Rodrigo da Silva SANTOS

FAPESP

A pesquisa visa investigar a representação feminina sob orientação do sublime na obra inaugural de Cecília Meireles, *Espectros* (1919) e em poemas de obras consideradas representativas da fase madura da poetisa, a saber, *Viagem* (1939), *Vaga Música* (1942), *Mar Absoluto e Outros Poemas* (1945) e *Retrato Natural* (1949). Sensível às influências simbolistas, e consequentemente da tradição romântica, *Espectros* apresenta poemas que orbitam em torno de figuras femininas míticas, envoltas por atmosfera de exotismo e fatalidade e delineadas a partir de convenções sublimes. Daí ser possível depreender na poesia cecilianiana um motivo recorrente que aqui convencionamos denominar “feminino sublime”. Embora ao longo da obra madura de Cecília Meireles, o vínculo com o simbolismo tenha sido abrandado, as marcas do sublime e da tradição a que ele se vincula ainda se fazem sentir nos estágios maduros de sua lírica, ainda que particularizadas. A investigação do motivo feminino sublime, a que nos propomos, oferece uma contribuição não apenas à exploração dos pontos que integram a obra madura da poetisa a sua obra inaugural, esta, a saber, pouco contemplada pela crítica especializada, também atesta a maneira particular com que a poetisa a partir de elementos da tradição romântico-simbolista delineia sua identidade estética e, nesse processo, problematiza elementos dessa tradição, como é o caso da linguagem do sublime, objeto de nossas considerações.

PARTIR OU FICAR: UM ESTUDO DO DILEMA CABO-VERDIANO EM *CHUVABRABA*, DE MANUEL
LOPES

Simone Donegá MARQUES

FCL/Assis – UNESP

Orientador: Dr. Rubens Pereira dos SANTOS

Manuel Lopes (1907-2005) escreveu *Chuva Braba*, romance publicado em 1956 e que traduz o sentimento bipartido do homem cabo-verdiano, qual seja, o apego telúrico a Cabo Verde e a necessidade de buscar melhores condições de vida fora do arquipélago. Pretende-se nesse trabalho analisar como este dilema cabo-verdiano é representado na obra através da personagem principal Mané Quim. A despeito do drama em que se encontra o homem cabo-verdiano, Manuel Lopes retrata com a obra *Chuva Braba* o firme desejo do povo cabo-verdiano de permanecer na terra amada e a valorização desta, indo ao encontro do ideais da Revista

Claridade. Este periódico, fruto do movimento intelectual de mesmo nome liderado por intelectuais e escritores como Manuel Lopes (1907-2005), Baltasar Lopes (1907-1989) e Jorge Barbosa (1902-1971), dentre outros, teve como propósito buscar a identidade do povo ilhéu e reivindicar o reconhecimento da cultura cabo-verdiana. Logo, percebe-se que os ideais claridosos (valorização da terra natal, da língua crioula e da cultura e literatura cabo-verdiana) se fazem presentes em *Chuva Braba*. Desse modo, pretende-se analisar de que forma os ideais claridosos se fazem presentes na obra, influenciando e determinando a sua produção.

REFLEXÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA EM NARRATIVAS DE ALICE MUNRO

Solange da Luz RODRIGUES
UESPI

Em sua coletânea de contos intitulada *Amiga de Juventude*, a escritora canadense Alice Munro, ganhadora do prêmio Nobel de Literatura em 2013, tem a mulher como protagonista, na maioria de suas histórias, a mulher nas quais imprime o desenvolvimento da individualidade e da subjetividade feminina. No conto “Five Points” incluso nesta obra, a autora dedica-se a escrever o cotidiano de uma mulher casada que rompe a norma ao ter um amante, e cujo enredo acontece em pequenas cidades do Canadá. Este trabalho procura analisar a representação do drama da mulher em constituir-se como sujeito íntegro enquanto, na maioria das vezes, está submetida à violência simbólica decorrentes das relações de gênero, como também entender melhor de que forma alguns valores patriarcais ainda se manifestam e são questionados na escrita de autoria feminina e dificulta a libertação da mulher. Este trabalho terá como enfoque as teorias feministas, mais especificamente, as ideias e conceitos presentes nas obras de alguns teóricos como Simone de Beauvoir; Pierre Bourdieu e Heleieth Saffioti.

JANELA INDISCRETA E SESSÃO DAS QUATRO: A LINGUAGEM FILMÍCA X A LINGUAGEM LITERÁRIA

Suellen Arcanjo de GODOY
UENP/CCP
Orientadora: Diná Tereza de BRITO
CLCA- UENP/CCP
FA- Fundação Araucária

Este trabalho está inserido no Projeto de Extensão, já em sua finalização, financiado pela Fundação Araucária, no Programa Universidade sem Fronteiras (USF), intitulado: “Cinema e Comunidade: implementação de espaço de cultura”. Referido projeto está vinculado ao Centro de Línguas, Comunicação e Artes da UENP, campus de Cornélio Procópio, que buscou trabalhar as questões fílmicas aliadas à formação cultural de seus participantes, a fim de se levarem a um

público específico de uma ONG desta cidade alguns conteúdos importantes para a formação do indivíduo. Assim, vários filmes foram selecionados para o trabalho e analisados sob os aspectos sociais, familiares, artísticos, cenográficos, etc., para serem discutidos com o público-alvo. Neste trabalho propriamente dito, buscou-se analisar a Linguagem Fílmica no filme *Janela Indiscreta* (1954) e a Linguagem Literária no conto *Sessão das Quatro* (Roberto Drummond, 1982), considerando-se que, nas duas narrativas, tem-se um assassinato, fato observado pela janela de ambos os protagonistas. Analisando-se a forma como os acontecimentos são narrados, é possível estabelecer as características de cada narrativa em sua individualidade e, no aspecto literário, entender que as duas obras possuem uma intertextualidade, pelos aspectos similares que apresentam, dando a oportunidade de uma abordagem interartes, ou seja, a literatura e o cinema integrando-se em sua amplitude.

AFINAL, UM SIMPLES VERSO REFAZ O UNIVERSO: A REDE LITERÁRIA DE TIMOR

Suillan Miguez GONZALEZ
USP
Dr. Emerson da Cruz INÁCIO
CAPES

Este trabalho flagra as relações literárias entre escritores timorenses, portugueses, angolanos e moçambicanos no período de silenciamento do povo de Timor-Leste – ex-colônia portuguesa localizada no sudeste asiático – devido ao longo período (25 anos) de sangrenta invasão empreendida pela Indonésia, iniciada em 1975. O despertar da literatura timorense, escrita em Língua Portuguesa, contou com o estreitamento de relações com renomados escritores – participantes de projetos literários individualizados dos autores timorenses – por confeccionarem o prefácio das publicações em tom de apoio e sensibilização ou mesmo obras completas sobre Timor. O que está sendo sugerido é que se forjou uma rede literária, uma organização rizomática, para dar voz aos literatas timorenses em resposta ao chamado contido na obra *Mar Meu* (1998) do poeta timorense Xanana Gusmão, em que reconhecidos escritores participaram, como Mía Couto, Agualusa, Craveirinha, Sophia Andresen e Ruy Cinatti. Neste sentido, pensa-se em um novo direcionamento a que a literatura pode se colocar a cargo, ao ultrapassar as linhas da fronteira das nacionalidades e propor uma produção colaborativa e coletiva realizada pela aliança de tais escritores. Todos estão sintonizados e trabalham em prol da valorização das verdades culturais do povo timorense; da luta pela restauração da independência do território invadido pela Indonésia e das visões de mundo que sustentam o *ethos* timorense como alimento literário.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS NA CONSTRUÇÃO DO PEQUENO LEITOR

Tahisa Mara da SILVA

Este artigo apresenta reflexões acerca do valor da contação de histórias na formação do leitor, apresentada de forma lúdica para crianças de diferentes culturas por meio da literatura. A literatura infantil é um caminho que conduz a criança a desenvolver a imaginação, as emoções e os sentimentos de forma significativa. Ouvir histórias as acalmam e a narrativa passa a ser seu primeiro contato com o texto literário, ofertado oralmente. A contação de histórias desenvolve a cognição, afina as emoções, constrói uma estrutura intuitiva sobre um enredo, apresenta um mundo diverso e maravilhoso que amplia o imaginário das crianças. Por isso, é importante que o adulto leia para elas. Ainda que as crianças já saibam ler, às vezes é mais prazeroso ouvir histórias, pois este é o momento em que elas exercitam a imaginação e, por meio da curiosidade, buscam conhecimento, através de sons, suspense, imagem e cores. Assim, para as crianças expostas à contação maior será a probabilidade de se tornarem um leitor crítico e reflexivo. A literatura, de modo geral, contribui para a formação leitora e temas voltados para as relações étnicas e raciais viabilizam reflexões em sala de aula. Pautados na lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da Cultura Africana e Afro-brasileira no ensino fundamental e médio da rede pública e privada, demos início às contações de histórias africanas e afro-brasileiras na escola municipal Nísia Mercadante, no município de Assis - SP. Para nossa análise, elegemos, neste texto, a obra literária *Entre o rio e as nuvens: algumas histórias africanas*, da autora Katia Canton, composta por contos africanos, ilustrados por Dudi Maia Rosa. Por meio dos pressupostos teóricos da *Estética da Recepção*, pretendemos analisar se essa obra estabelece comunicabilidade com o leitor implícito, favorecendo à ruptura de conceitos prévios e à ampliação de seus horizontes de expectativa. Como desdobramento de nossa análise, pretendemos prever um plano para a contação dessa obra, partindo do pressuposto de que histórias africanas, afro-brasileiras e de temática africana representam a nossa cultura, por isto socializá-las é tratar do que nos define enquanto brasileiros.

RUBEM BRAGA E A CONSTRUÇÃO DE PERFIS EM GENTE DA CIDADE

Tchiago Inague RODRIGUES

FCL/Assis- UNESP

Orientador: Dr. Alvaro Santos SIMÕES JUNIOR

Rubem Braga (1913-1990), escritor capixaba, consagrado pela crítica literária por escrever eminentemente crônicas, publicou uma série de perfis em sua coluna inserida na revista *Manchete* entre os anos de 1953 a 1956 intitulada “Gente da Cidade”. A partir desse corpus, o escopo desta pesquisa é promover a análise crítico interpretativa e tecer considerações a respeito do diálogo que o perfil, gênero eminentemente jornalístico, exerce no campo literário

através da narratividade. Notamos que nos perfis escritos por Rubem Braga, estão amalgamados o Jornalismo e a Literatura. Os perfilados de “Gente da Cidade” são personalidades e anônimos de diferentes estratos e grupos sociais (escritores, artistas, políticos, profissionais liberais) principalmente do cenário carioca. Ao analisar esses textos é possível refletir sobre a sociedade brasileira da década de 1950 e, principalmente, traçar um grande perfil do entrevistador, ou seja, do próprio escritor.

MITOS E PRODÍGIOS NA LITERATURA JAPONESA BUDISTA ANTIGO-MEDIEVAL

Teresa Augusta Marques PORTO
FCL/Assis - UNESP

Assim como na antiga narrativa japonesa *Takekoto Monogatari*, ou “A narrativa do cortador de bambu”, considerada a mãe das narrativas, em que a personagem central, Kaguya Hime, ou Princesa da Lua, é levada para o Céu revelando-se um ser de outras esferas que, disfarçado, operava na Terra tarefa de esclarecimento espiritual; e, assim como alguns mitos chineses associam biografias femininas à divindade da Compaixão budista Guan Yīn, Kannon no Japão, várias narrativas *setsuwa* (breves, da tradição oral japonesa) budistas trarão o tema da vida prodigiosa de homens e mulheres, como a da personagem de “Sobre uma mulher que realizava tarefas de modo extraordinário, comia ervas sagradas e subiu viva para o Céu” (NAKAMURA, 1997). A narrativa faz parte da obra *Nihon Ryōiki*, ou “Livro dos Milagres do Japão”, compilação do século X, e também de *Konjaku Monogatari-shū*, ou “Coletânea de narrativas de hoje e antigamente”, do final deste período, Heian (794-1192). A personagem é digna de constar das compilações como exemplo de virtude e caminho heróico (PAUL, 2000), embora não seja budista e embora seja mulher, a quem o budismo original nega a possibilidade de iluminação e o atual pouco considere.

“PERSÉPOLIS”: ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE A (RE)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES E MEMÓRIAS NA PÓS-MODERNIDADE

Thaís Fernanda Rodrigues da Luz TEIXEIRA
Universidade Estadual de Londrina
Orientadora: Dra. Maria Isabel BORGES

Pretende-se revelar as relações entre a (re)construção identitária da protagonista Marji e suas memórias na novela gráfica “*Persépolis*” de Marjane Satrapi, publicada em quatro volumes entre 2000 e 2003. No entanto, para este trabalho, utilizou-se o volume único (2007). Na história, Marji é seu próprio campo de observação e investigação, pois, por meio de suas memórias, uma identidade vai sendo (re)construída, ao mesmo tempo, em que se ressignifica. Candau (2012) confirma o vínculo entre identidade e memória. Vinte e cinco anos depois, com os olhos de menina que foi e a consciência política atual, ela traz ao leitor as nuances da

Revolução de 1979 no Irã e a representação social daquela época. Assim, a memória autobiográfica vai se apoiando na memória histórica (HALBWACHS, 2013). Com o delinear da obra, o leitor tem acesso à “revolução cultural” que se converteu em ditadura islâmica, à violência genuína no país e ao deslocamento identitário de Marji. Nesse aspecto, a (re)construção identitária é pensada à luz dos estudos de Bauman (2005) e Hall (2003). Em “Persépolis”, a autobiografia assume um papel de mediação, de instrumento de confronto, em que a experiência individual da narradora atua como fundamento para interpretar e discutir a experiência coletiva. Marji dá voz às mulheres “silenciadas” e, nos limites do real e do ficcional, narra o passado oprimido, sem vínculo com o Ocidente e a representatividade do poder masculino no Oriente.

ANÁLISE E RECEPÇÃO DA OBRA *O SOFÁ ESTAMPADO*,
DE LYGIA BOJUNGA NUNES

Thais Oliveira Kalil MODESTO
FCL/Assis - UNESP

Orientadora: Dra Eliane Aparecida Galvão Ribeiro FERREIRA

Este texto tem por objetivo apresentar uma análise da obra *O Sofá Estampado*, de Lygia Bojunga Nunes (Pelota, RS 1932). Essa obra apresenta uma cativante narrativa, cujos protagonistas são animais. Seu personagem principal, Vitor, é um tatu que se evidencia por apresentar características marcantes, como a timidez e o nervosismo, chegando a ponto de, quando constrangido, cavar inúmeros e extensos buracos. São personagens significativos também na trama: a gata Dalva, a Avó de Vitor e Dona Popô, as quais apresentam ao leitor um divertido enredo que amplia seu imaginário. Lygia Bojunga, em todas suas publicações, recebeu selo de Ouro da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, como O Melhor para a Criança e o Jovem. Obteve reconhecimento internacional com o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da Literatura Infantil e Juvenil, além do prêmio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award), a maior premiação mundial instruída em prol da literatura para crianças e jovens. Todos seus livros foram premiados nacionalmente e internacionalmente, além de serem traduzidos em vinte idiomas diferentes. *O Sofá estampado*, por ser um texto dotado de esteticidade e de linguagem simples e original, acreditamos que contribua para a compreensão do pequeno leitor e sua formação. Justifica-se, então, que analisemos essa obra, bem como reflitamos sobre sua recepção, pautando-nos nos pressupostos teóricos da Estética da Recepção. Para tanto, buscaremos observar como se estabelece durante a leitura a comunicabilidade com os leitores, bem como se há potencialidades na história que permitam a este tanto rever seus conceitos prévios, como ampliar seus horizontes de expectativa.

DO SÉCULO XIX AO XX: O BRASIL DOS ARGENTINOS

Thais Nascimento do VALE

Desde a chegada dos portugueses, a história do Brasil vem sendo narrada por meio dos relatos de viajantes, do que tradicionalmente denominou-se de “descoberta” do Novo Mundo, segundo a visão europeia. Muitas foram as linhas desde então escritas sobre as maravilhas brasileiras e as características de sua população e de seus costumes, retratadas por viajantes de diferentes nações e que deu origem a uma imagem acerca do país que se perpetuaria ao longo de sua história. O presente trabalho propõe o estudo de uma parcela dessas narrativas de viajantes sobre o Brasil pouco explorada: trata-se do estudo dos relatos de viajantes hispano-americanos, neste caso, mais especificamente dos argentinos. Dentre os viajantes argentinos que estiveram no Brasil, nos deteremos na análise de dois escritores, sendo um representante da visão dominante no século XIX e outro que viajou para o país já no século XX. Para isso, propomos o estudo comparado da carta que o argentino Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) escreve a Miguel Piñero, em fevereiro de 1846, durante sua passagem pelo país, e que seria incorporada ao seu livro *Viajes en Europa, Africa y América*, em 1849, e do livro *El Brasil Moderno*, de Ricardo Sáenz Hayes (1888-1976) e publicado em 1942. Discutiremos as leituras e releituras das imagens por meio das quais o país foi representado a partir do olhar desses dois argentinos.

ADAPTANDO O ESPAÇO PÓS-APOCALÍPTICO EM *THE ROAD*, DE CORMAC MCCARTHY

Thaís PERSON

IBILCE/São José do Rio Preto - UNESP

Orientador: Dr. Álvaro Luiz HATTNER

CNPq

Neste trabalho, propõe-se o estudo do livro pós-apocalíptico *The Road* (2006), de Cormac McCarthy e a sua adaptação homônima para o suporte fílmico (2009), dirigida por John Hillcoat. As duas obras retratam a luta pela sobrevivência de um pai e de um filho em meio a um mundo pós-apocalíptico que foi devastado, aparentemente, por um evento de causa natural. Pensando-se nas relações de intertextualidade entre o texto adaptado e sua adaptação, este estudo visa investigar como se constitui a representação do espaço e da ambientação na obra literária e na obra fílmica. Para o estudo do espaço e da ambientação, será utilizado o livro *Espaço e romance* (1985), de Antonio Dimas. Com relação ao processo de adaptação, sabe-se que ele se faz presente em diversos âmbitos culturais e manifesta-se de diferentes formas. Entende-se que, mesmo sendo vistos como autônomos, os textos adaptados e suas adaptações mantêm em uma relação de intertextualidade entre eles e entre outros textos e estabelecem um processo de "diálogo transmidiático", formando redes de significação e desdobramentos dos textos. Neste trabalho, será analisado o vetor literatura → filme, um vetor bastante produtivo no campo. Para tanto, serão utilizados os escritos de Stam (2000), Leitch (2003, 2008) e Hattner (2013).

GUERRA EM TEMPOS DE COLÔNIA: SEPÉ TIARAJU

Thiago Alves VALENTE
UENP/GP CRELIT

Livro da coleção "A luta de cada um", editora Callis, a obra Sepé Tiaraju e a guerra guaranítica, de Luís Rubira, toma como personagem a figura histórica que dá título ao texto. Passando-se no início da segunda metade do século XVIII, a narrativa convida o leitor jovem de hoje a vivenciar as experiências do chefe militar indígena Sepé Tiaraju. Neste trabalho, apresenta-se uma análise da obra com foco na avaliação crítica sobre a apropriação de um fato histórico em uma obra pretensamente literária, que compõe coleção notoriamente voltada para um tema específico, no caso, a guerra.

UMA APRECIÇÃO DA VERSÃO EM LATIM DO RELATO DE VIAGEM DE ULRICO SCHMIDL AO RIO DA PRATA

Thissiane FIORETO
UFGD

Fruto de pesquisa realizada com metodologia filológica, este trabalho pretende apresentar a discussão feita sobre o texto em latim, de Ulrico Schmidl, que relata sua Viagem ao Rio da Prata. Trata-se, assim, de um registro da experiência que supostamente viveu o soldado bávaro Ulrico Schmidl em viagem à região do Rio da Prata, para explorar o sul do continente americano, na primeira metade do século XVI. O soldado bávaro passou alguns anos na região e, ao regressar à Europa, registrou o que viveu neste período. Traduzida e publicada em várias outras línguas, a narrativa difundiu-se e tornou-se uma das primeiras e principais fontes de estudos sobre a conquista e povoação europeia da região, suscitando até hoje o interesse de pesquisadores. Após uma investigação da história de transmissão do documento, optou-se pela análise de sua edição de 1599, publicada, em latim, pela casa impressora da família De Bry, e traduzida do alemão por Gottard Arthus. Assim, este trabalho discute o texto de Schmidl enquanto num gênero literário específico, com características peculiares, denominado Relato de Viagem, segundo a proposta teórico-metodológica de Carrizo Rueda, autora que se baseia no formalismo russo e na proposta de definição de gênero literário defendida por Todorov. Acredita-se, portanto, que o texto de Schmidl possui uma estética literária definida, e não é apenas um documento histórico ou uma literatura de viagem genericamente nomeada.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO MÍTICO-VAMPÍRICA DA PERSONAGEM ZÉ DO CAIXÃO

Tiago de Souza BARROS
FCL/ Assis - UNESP

José Mojica Marins (1936-) ator de cinema e televisão brasileiro ficou conhecido a partir da criação de sua personagem mais proeminente, Zé do Caixão, que apareceu pela primeira vez no filme *À Meia-Noite Levantei Sua Alma* (1963). A trama tem como protagonista o coveiro e agente funerário Josefel Zanatas, apelidado de Zé do Caixão, homem cético e sádico que atormenta sua cidade e acaba morto pelas almas das próprias vítimas. Por meio de seus filmes e programas televisivos, Marins era ao final dos anos 60 um dos artistas brasileiros de maior popularidade. Em sua configuração mítico-lendária, a personagem possui aproximações com diversos discursos midiáticos e literários: trata-se de uma figura inspirada em vampiros clássicos como o conde Drácula (o traje preto e a capa) e Nosferatu (as unhas compridas), mas, apresenta em contrapartida elementos que dialogam com o homem comum, sobretudo, o brasileiro (coveiro e cafajeste). Essa comunicação objetiva analisar, a partir dos processos de hibridização de mitos, em que medida Marins se vale da tradição mítico-vampírica, tanto cinematográfica quanto literária, para fazer a releitura de seu vampiro brasileiro de carne e osso, eternizado pela filmografia nacional.

LITERATURA JUVENIL DE TEMÁTICA AFRICANA NO PNBE: ANÁLISE DA OBRA *A TATUAGEM-RECONTO DO POVO LUO*, DE ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA

Uiara Cristina de Andrade RUIZ

FCL/ Assis - UNESP

Orientadora: Dra Eliane Aparecida Galvão Ribeiro FERREIRA

O autor Rogério Andrade Barbosa, já conhecido no meio editorial por suas produções de temática africana, desenvolve vultoso trabalho ficcional com o ilustrador Maurício Negro na obra *A tatuagem - conto do povo Luo*. A história apresenta como personagem principal Duany, uma criança que compartilha com as outras garotas de sua idade o sonho de ter a tatuagem mais bonita do seu povo Luo, a fim de conseguir um bom pretendente para se casar. A personagem principal resgata a identidade da etnia Luo e leva o leitor a sensibilizar-se pela riqueza da cultura africana que vai sendo revelada a cada página. Rogério Andrade Barbosa já recebeu diversos prêmios, entre eles, o altamente recomendável para crianças e jovens, concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) em diversos anos, entre 1988 e 2008, e a indicação da presente obra ao Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE de 2013. Maurício Negro foi selecionado no CJ Picture Book Festival na Coreia em 2009, recebeu o NOMA Encouragement Prize no Japão em 2008, menção especial White Ravens na Alemanha em 2000, e a Menção Honrosa de Ilustração (Prêmio Hiiiibrand) em 2012. Neste texto, objetivamos refletir acerca da importância da leitura de obras de temática africana em sala de aula, bem como apresentar, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção, uma análise da obra escrita por Barbosa, visando detectar se ela instaura lacunas e, assim, assegura comunicabilidade com leitor, bem como rompe com seus conceitos prévios,

permitindo-lhe ampliação de seus horizontes de expectativa. Além disso, pretendemos refletir, se a interação entre narrativa e ilustração contribui para a valorização da temática africana, assegurando uma relação de colaboração entre texto verbal e imagético.

FANFICTION: FOMENTO À LEITURA LITERÁRIA E À PRODUÇÃO TEXTUAL

Uilma Matos dos Santos MELO
Universidade de São Paulo

As ficções de fãs leitores (fanfics), em sua grande maioria adolescentes e jovens, têm grande notoriedade na rede, contudo esse gênero tem sido mantido na periferia da esfera acadêmico-escolar. Sendo assim, decidimos desenvolver uma proposta de sequência didática, aplicada com os alunos do sexto ano de uma escola Estadual de São Paulo. Isso porque a transposição desse gênero para o ambiente escolar seria um diferencial nas atividades de leitura literária e produção textual, pois o aluno participa de uma prática de multiletramentos. O trabalho com fanfiction teve como objetivo que o aluno compreendesse os elementos fundamentais de uma narrativa, apropriando-se de suas características e estivesse apto a produzir esse gênero digital. A aplicação dessa SD foi uma experiência motivadora e significativa para os alunos, incitando-lhes o interesse por obras artísticas literárias, fomentando a escrita de histórias dentro do princípio da coautoria. Conclui-se que aproveitar as características das fanfics, em sala de aula pode ser um grande diferencial nas atividades de leitura literária e produção escrita, pois o aluno pode ser instigado a participar como coautor na construção da história através de publicações na internet (fanfiction). Além disso, é um tipo de leitura compartilhada e que eles, geralmente, realizam com prazer, pois trata-se da obra da qual são fãs e não de uma imposição escolar.

A DIMENSÃO DO MORCEGO EM BATMAN: UMA ANÁLISE DE SUA REPRESENTAÇÃO EM “ASILO ARKHAM”

Valter do Carmo MOREIRA
Universidade Estadual de Londrina
Claudia Camardella RIO DOCE
Universidade Estadual de Londrina

Batman, um ícone das histórias em quadrinhos criado em 1939, em seus 75 anos de publicação, possui uma marca que permanece inalterada desde sua gênese: o morcego. Trata-se de símbolo que lhe atribui a alcunha de “homem-morcego”, corporificado em seu disfarce de super-herói, elaborado com o intuito de incutir o medo nos corações dos criminosos de sua preciosa cidade de Gotham. Na hq Asilo Arkham: uma séria casa num sério mundo, os autores

Grant Morrison e Dave McKean se apropriam de todo um legado de histórias e superstições que envolvem a imagem do morcego, elevando-o a um status de mito. Lançam mão do poder do ícone como representação de um medo inconsciente e ancestral que permeia o imaginário coletivo, numa “ação” que dialoga com procedimentos de cunho surrealista. Jacqueline Chénieux-Gendron (1992) aponta a força dessa imagem alegórica: “A força de imaginação e de representação que o mito traduz não é inferior a uma verdade de ordem conceitual. É outra. A sua verdade é algo alegórica”. Com isso, a imagem ganha força “[...] joga com a polissemia da linguagem; exigem uma leitura poética que, longe de escolher a imagem e separá-la da isotopia do discurso, concede a todas as dimensões de significação, igual pertinência”. Em *Asilo Arkham*, o morcego representa, simultaneamente, uma imagem que nos remete a um passado remoto e ancestral, que nos lança nas trevas da superstição que envolve o morcego, e figuras do imaginário coletivo, como os vampiros, chegando, por fim, em *Batman*.

A DESINTEGRAÇÃO DO SUJEITO FEMININO EM A REDOMA DE VIDRO, DE SYLVIA PLATH

Vanessa Cezarim BERTACINI

FCL/Araraquara – UNESP

CNPq

Orientador: Dr. Aparecido Donizete ROSSI

O trabalho “A desintegração do sujeito feminino em *A redoma de vidro*, de Sylvia Plath” propõe o estudo do romance com o objetivo de analisar como se representa, nele, a condição do sujeito pós-moderno, levando-se em conta de que se trata de um sujeito feminino, e verificar a possível presença de um subtexto feminista na obra. Para tanto, debruçamo-nos sobre o romance e a fortuna crítica da autora, bem como sobre o estudo de textos teóricos sobre o feminismo e pós-modernismo. As principais obras consultadas em relação a cada tópico são estudos sobre a vida e a obra de Plath, como *Os diários de Sylvia Plath: 1950 - 1962* (2000), de Karen Kulil, e *Ísis americana: a vida e a arte de Sylvia Plath* (2013), de Carl Rollyson, *No Man’s Land* (1988, 1989, 1994) e *Shakespeare’s Sisters* (1979), de Sandra Gilbert e Susan Gubar. Além disso, recorreremos a estudos sobre o feminismo, como *Um teto todo seu* (1929), de Virginia Woolf, e *The Madwoman in the Attic* (1979), de Gilbert e Gubar, e sobre o pós-modernismo e o sujeito pós-moderno, como *A identidade cultural na pós-modernidade* (1992), de Stuart Hall. Assim, procuramos traçar um percurso que nos levasse de uma primeira leitura superficial do romance a suas camadas mais profundas, que tratam das questões do sujeito na pós-modernidade e da condição histórica do sujeito feminino.

ENTRE CHRISTIAN REX VAN MINNEN E MONTEIRO LOBATO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A
ESTÉTICA GROTESCA NA PINTURA E NA LITERATURA

Vanessa ZUCCHI

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientador: Dr. Ricardo Araújo BARBERENA

CNPq

Para Kayser o grotesco tem na sua essência uma tentativa de dominar o "elemento demoníaco do mundo" e por isso está diretamente relacionado ao horror. O mundo alheado, grotesco por essência, é o mundo cotidiano transfigurado e por isso, estranho e sinistro. Esse mundo, mais do que desconforto, provoca pavor. Disso decorre que o ensaísta privilegia a recepção da obra para que o grotesco seja apreendido dessa forma. Rosenfeld compartilha essa aceção afirmando que o grotesco é o abalo das categorias basilares do que conhecemos como realidade e cuja experiência resulta em espanto, horror e nojo. Todorov, por sua vez, utiliza adjetivos semelhantes ao tratar do gênero fantástico, definindo-o como o resultado do efeito de vacilação do sujeito ao presenciar uma mudança aparentemente sobrenatural no paradigma da realidade, o que faz desse o gênero da incerteza, do estranho e do mal-estar. Considerando essas abordagens, esse trabalho tem por objetivo questionar os conceitos e os limites entre a estética grotesca e o gênero fantástico. Para isso, será proposta uma aproximação entre o conto fantástico "Bocatorta", de Monteiro Lobato e as pinturas grotescas do americano Christian Rex Van Minnen. As obras, de linguagens, nacionalidades e tempos diferentes, aproximam-se pela presença de figuras bizarras construídas a partir do anormal, do exagero e da deformidade. Espera-se, através do diálogo entre ambas as produções, refletir sobre a estética grotesca bem como sobre seu uso na literatura fantástica.

A TRAJETÓRIA DE UMA ESCRITORA DO INTERIOR DO BRASIL:
A OBRA DE DINORATH DO VALLE

Vera Lúcia Guimarães REZENDE

IBILCE/São José do Rio Preto- UNESP

A escritora Dinorath do Valle (10/07/1926 - 01/05/2004) nasceu no interior de São Paulo, em Itápolis, e morou em São José do Rio Preto, na região noroeste do estado. Foi premiada em 14 concursos nacionais e internacionais de literatura, além de publicar livros didáticos de desenho, de contos e romances adultos e infanto-juvenis, entre as décadas de 1960 e 1990. Este trabalho propõe abordar aspectos da obra literária de Dinorath do Valle, tão elogiada e reconhecida pela crítica especializada na época em que foi publicada. O presente estudo faz-se necessário como tentativa de retomar parte de seus escritos em forma de crônica e de conto, hoje fora do

alcance das novas gerações. Para tanto toma-se como referencial teórico autores que se notabilizaram pelos estudos nos gêneros citados, Coronado e Cândido entre outros, além da abordagem sociológica na análise de três crônicas e de um conto. Assim é possível compreender a técnica de composição narrativa da autora, os temas preferidos, e o emprego de uma linguagem marcadamente coloquial, de experiências metalinguísticas, além da intertextualidade de gêneros e artes (crônica e romance, romance e cinema) e por inúmeras referências à cultura popular regional.

LITERATURA EXISTENCIAL: CONDUTA INTERROGATIVA E NEGAÇÃO SOB O VIÉS DE JEAN-PAUL SARTRE EM “O ESPELHO” E “CAMPO GERAL”, DE GUIMARÃES ROSA

Victor de Barros RODRIGUES
Universidade Federal do Paraná

Concebido tanto como fenômeno literário quanto filosófico, o existencialismo firmou-se como uma das correntes de pensamento mais notáveis no período pós-Segunda Guerra Mundial, sobretudo entre as décadas de 1940 e 1950, por intensificar as preocupações acerca de temas tangíveis à condição humana, como a liberdade, a responsabilidade e a morte. Jean-Paul Sartre (1905-1980) é o filósofo que mais explorou e difundiu ideais da filosofia da existência, sobretudo em sua obra canônica “O Ser e o Nada” (1943), mas foi por meio da literatura que Sartre elucidou e difundiu indagações filosóficas. Este trabalho, considerando a conduta interrogativa como um dos primeiros momentos que certificam a própria existência – e conduz à negação – e que evidenciam a relação homem-mundo, analisará de que maneira o conto “O Espelho”, presente no livro “Primeiras Estórias” (1962), e a novela “Campo Geral”, que integra o livro “Corpo de Baile” (1956), do escritor João Guimarães Rosa, podem se aproximar da ontologia sartreana. Por fim, ao considerar o pensamento filosófico como base para a análise literária não significa considerar que Guimarães Rosa seja existencialista, entretanto os pontos de consonância percebidos pela proposta dos textos aqui explorados mostram a circulação de ideias que condicionam ou suscitam preocupações, indagações e perplexidades que dialogam com o que inquietava os filósofos do pensamento existencial.

LITERATURA E FORMAÇÃO DO PEQUENO LEITOR: DIALOGIA ENTRE O MUNDO NO BLACK POWER DE TAYÓ, DE KUSAM DE OLIVEIRA, E RAPUNZEL, DE NEIL PHILIP

Vitória Maria Manarin de OLIVEIRA
FCL/ Assis - UNESP
Orientadora: Dra Eliane Aparecida Galvão Ribeiro FERREIRA

Este texto tem por objetivo analisar as obras *O mundo no black power* de Tayó, de Kiusam de Oliveira, e *Rapunzel*, de Neil Philip, aproximando-as pela temática, bem como expor sua recepção com crianças em âmbito escolar. Para tanto, pautamos nossas análises na Estética da Recepção. Desse modo, buscamos observar na análise das tramas e na recepção, por meio da contação de histórias, se as obras eleitas, como objeto de estudo, instauram comunicabilidade com seus leitores, permitindo-lhes rever seus conceitos prévios sobre relações em sociedade e, por consequência, ampliam seus horizontes de expectativa. Justifica-se a escolha dessas obras, assim como sua aproximação, pelo fato de que ambas tratam da questão identitária, por meio da construção de seu enredo em torno do cabelo de seus protagonistas. Como fizemos mediação dessas obras, pretendemos expor quais foram as percepções das crianças da terceira série do Ensino Fundamental de uma escola periférica, situada em bairro desprestigiado do município de Assis, durante a recepção. Pela contação, buscamos observar o comportamento das crianças e suas reações diante das performances de cada protagonista, o que acharam das histórias, bem como de cada desfecho. Além disso, solicitamos que dessem depoimentos, verbalizando suas impressões e seus julgamentos sobre o enredo e as personagens, e até mesmo se houve identificação com elas ou não, e por quê. Construímos a hipótese de que textos sobre a questão da individualização podem ser atraentes para crianças, bem como levá-las a refletir sobre o espaço que ocupam no meio social em que vivem.

A TRANSPOSIÇÃO E RESSIGNIFICAÇÕES DO DISCURSO DE PROTESTO EM CLARICE LISPECTOR PARA O DISCURSO DE AÇÃO: UMA ABORDAGEM TRANSMIDIÁTICA

Wagner Santos ARAUJO

Instituto Federal de São Paulo/Câmpus de Matão

Analisar os textos de Clarice Lispector é, de antemão, reconhecer as vozes que estão presentes em seu discurso materializadas em obras que dialogam tanto com a crítica, quanto com o público que se identifica e é convidado a sentir, ressignificar e revisitar a própria vida. Não podemos afirmar que se trata de uma literatura de engajamento, embora indiretamente fosse. Tal fato se justifica por sua posição frente a sua própria escrita divulgada durante anos nos jornais do Rio de Janeiro em forma de crônicas. Esses textos tinham um pouco de crítica social e aspectos autobiográficos, momento em que Clarice se afirmava enquanto escritora de romances para o grande público pelo modo peculiar de construir suas personagens e enxergar as nuances da vida, ora difundidas por um estilo de escrita não muito propagado pela tradição clássica, ora pelos temas, os quais pareciam permear a dimensão do corriqueiro, comum e mesmo sem importância. O engajamento se estabelece nas entrelinhas do não dito, pela negação direta de se fazer a responsável pelo discurso de protesto, cujo propósito é mostrar um modo de ser e agir negado. Essa pesquisa de Pós-doutoramento propõe transpor o discurso de protesto para o discurso de ação a partir de uma abordagem transmidiática evidenciada por uma metodologia experimental de interlinguagens: Jogos digitais, Curta e literatura. Tais linguagens estarão sistematizadas dentro de um protótipo de GDD-Game Design Document e da análise da composição da personagem feminina.

O TEATRO DE UM TEMPO MAU: A CONFIGURAÇÃO DA SUBALTERNIDADE E DO GÊNERO FEMININO NA CENA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Wagner Corsino ENEDINO

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Ancorando-se nas contribuições de Magaldi (1998, 2004, 2008), Rosenfeld (1993) e Ryngaert (1996), acerca das noções que constituem o discurso teatral; nos estudos de Beverley (2004) e Spivak (2010) sobre o conceito de subalternidade e nos pressupostos teóricos de Lipovetsky (2000) sobre a configuração do gênero feminino, o objetivo deste trabalho é demonstrar a existência de invariantes que estruturam o projeto estético-social do dramaturgo Plínio Marcos na peça *Signo da discoteque* (1979). Por meio da análise e interpretação de contornos identitários, sociais, ideológicos e histórico-culturais delineados na obra será possível estabelecer relações entre as marcas discursivas emitidas pelas personagens e a ideologia do seu criador; observando as influências do meio em que vivem, assim como se abordam questões de gênero, identidade e representações sociais na produção teatral. Além disso, constata-se que ficam latentes as contradições entre o poder e o não poder; entre as aspirações e as frustrações individuais em decorrência da situação histórico-social das personas, uma vez que a subalternidade torna-se fator preponderante para a compreensão do estado de inadaptação dos protagonistas, instaurado pela sociedade do consumo numa condição pós-moderna.

ENTRE HERÓIS E BANDIDOS: A LEGIÃO NEGRA

Wagner de SOUZA

UNIOESTE – Cascavel

O livro de Oswaldo Faustino, *A legião negra*, publicado em 2011, informa na capa, tratar-se de um romance histórico, tendo como leitmotiv a revolução constitucionalista de 1932. O romance se insere na corrente da narrativa histórica revisionista que vicejou no fim do século passado e tem obtido grande êxito no século XXI. Trata-se de um tipo de libelo para tematizar pontos nodais em nossa história, denotando um viés de revisionismo do prisma positivista de nossa história e apontando para o tema da sinfonia bakhtiniana, na modalidade de romance histórico que teve seu auge no fim do século passado e início deste. Adrede, a narrativa insiste, já no título e nas páginas iniciais, a abordagem do tema das minorias, pelo ponto de vista dos marginalizados, dos ditos sem voz, dos grupos étnicos e economicamente desprivilegiados. A legião a que se refere o texto trata-se de um corpo do exército, ou seria mais acertado dizer, um ajuntamento de pessoas, em sua maioria negros, que foram lutar por uma causa que não era a sua. A narrativa insere-se em duas categorias nas quais se poderia debruçar tendo em

vista o discurso étnico das minorias: o afro-brasileiro e a releitura da história pela ficção. Para tanto, utilizar-se-á como fundamentação teórica textos norteadores como Fleck (2015), Bernd (1988), Menton (1993), Esteves (2010), Bakhtin (1997) e Wainhardt (2011).

EN ESTE PUEBLO NO HAY LADRONES: CONTO E FILME SOB A ÉGIDE DA ARTE HISPANO-AMERICANA

Wellington R. FIORUCI
UTFPR

Uma das primeiras obras do consagrado escritor colombiano Gabriel García Márquez foi o volume de contos *Los funerales de la Mamá Grande* (1962), publicado antes do fenômeno editorial *Cien años de soledad* (1967). Nesse volume, juntamente com outras sete narrativas breves, encontra-se o conto "En este Pueblo no hay ladrones", no qual se narra a história de Dámaso e o pequeno povoado onde vive. O protagonista e seu pequeno furto são o motivo central desse texto, em cujo cerne desenvolvem-se temas como miséria, culpa e injustiça. Em 1965, o cineasta mexicano Alberto Isaac transpõe o conto para o cinema, longa-metragem de título homônimo, realizado com baixo orçamento e que contou com argumento do próprio García Márquez em parceria com Emilio García Riera. Assim, a proposta deste trabalho é apresentar uma análise do processo de adaptação do texto literário para o meio fílmico, levando-se em consideração o contexto histórico de produção de ambos, bem como os elementos cinematográficos empregados pelos realizadores na constituição da obra fílmica. Por meio desse fortuito diálogo interartes, busca-se compreender não apenas as diferenças estilísticas próprias dos criadores e de suas respectivas linguagens, mas também o intercâmbio cultural e artístico gerador de sentidos propiciado por essa aproximação.

DON JOSÉ, A DESCONSTRUÇÃO DA FIGURA HISTÓRICA DO LIBERTADOR ARGENTINO

Weslei Roberto CÂNDIDO
Universidade Estadual de Maringá

Don José - *La vida de San Martín* (2004), de José Ignacio García Hamilton é uma biografia romaneada, que apresenta a vida de uma das principais figuras da história argentina por uma ótica que torna o protagonista mais humano, portanto, mais próximo do leitor. No entanto, podemos ler esse misto de biografia e romance pela ótica do novo romance histórico hispano-americano, uma vez que se desconstrói a imagem histórica estabelecida pela tradição dos vencedores. Nessa narrativa, Don José é apresentado desde suas fraquezas, suas falhas e conflitos. Além disso, o narrador revela a origem do libertador: filho bastardo de um espanhol com uma índia de Misiones. Na época de sua publicação, o livro causou revolta nos setores mais conservadores de Buenos Aires, uma vez que a narrativa propõe a figura de Don José como um "cholo", rosto "aindiado" e afundado em uma longa série de armadilhas políticas das

quais foi vítima durante o processo de estabelecimento na nação argentina. Portanto, a presente comunicação pretende discutir esse processo de desconstrução da figura histórica de Don José, descompondo sua imagem de um homem branco, para mostrá-lo como índio, algo que o persegue desde a infância até a hora de sua morte, quando entre delírio de convulsão tenta se levantar para perseguir os militares que o chamam de índio, porém a sombra definitiva o vence. Na verdade, a biografia romanceada tira da sombra um dos principais libertadores da Argentina.

ÍNDICE ALFABÉTICO DE NOMES DE AUTORES

Adelaide Caramuru CEZAR	65
Adenilson de Barros de ALBUQUERQUE	65
Adilson dos SANTOS	77, 157
Adriana Aparecida de Jesus REIS	66
Adriana Carrion de OLIVEIRA	66
Adriana DUSILEK	67
Adriana Iozzi KLEIN	156
Adriana MARCON	67
Adriana Silene VIEIRA	68
Adrieli Aparecida Svinar OLIVEIRA	68
Alceni Elias LANGNER	69
Alceu João GREGORY	69
Alcioni Galdino VIEIRA	70
Alessandra Silva RIBEIRO	71
ALIANA GEORGIA CARVALHO CERQUEIRA	71
Alice Áurea Penteado MARTHA	184
Aline Cristina de OLIVEIRA	72
Aline Cristina MAZIERO	73
Aline Miriane GUERIOS	73
Altamir BOTOSO	74
Álvaro Luiz HATTNHER	200
Alvaro Santos SIMÕES Jr	197
Álvaro Santos SIMÕES Jr.	75, 88, 93
Amanda Andozia GONÇALVES	74
Amanda Mendes ROTOLI	75
Amanda Oliveira PINHEIRO	75
Amaya Obata Mourino de Almeida PRADO	76
Ana Carolina Mendes CAMILO	76
Ana Carolina Negrão Berliini de ANDRADE	77
Ana Carolina Penha PRADO	77
Ana Clara Magalhães de MEDEIROS	78
Ana Cláudia PASCHOAL	78
Ana Cristina dos SANTOS	110
Ana Helena Dell'Anhól DANIEL	79
Ana Maria KLOCK	80
Ana Maria Lange GOMES	80, 81
Ana Paula Franco Nobile BRANDILEONE	81, 82
Anderson ROSZIK	83
André da Costa LOPES	83
André Ferreira Gomes de CARVALHO	84
André Vitor Brandão Kfuri BORBA	84
Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho ROSSI	85
Andressa Cristina de OLIVEIRA	163
Angela Cristina Dias do Rego CATONIO	85

Angela Simone Ronqui OLIVA	86
Angélica Catiane da Silva de FREITAS.....	87
Anselmo Peres ALÓS.....	87
Antonio Donizeti da CRUZ.....	104
Antônio Roberto ESTEVES.....	85, 89, 99, 148, 157, 187, 200
Aparecido Donizete ROSSI	151, 204
Ariane Cristina Andrade SILVA	88
Ariane de Sousa COSTA.....	88
Arnaldo FRANCO JUNIOR.....	174
Arnaldo NOGARI JÚNIOR	89
Augusto Moretti de BARROS	89
Augusto Rodrigues da SILVA Junior	78
Bárbara Coelho CICILIATO.....	90
Beatrice UBER.....	90
Beatriz Moreira ANSELMO.....	91
Beatriz Sodré RIBEIRO.....	91
Benedito ANTUNES.....	170, 172
Betina BISCHOF.....	167
Bruna Carolina De Almeida PINTO	92
Bruna Letícia Pinheiro CARMELIN	93
Camila Soares LÓPEZ	93
Carla Francine da Silva REIS	94
Carla Helena LANGE.....	94
Carlos Eduardo dos Santos ZAGO	95
Carlos Eduardo Mendes de MORAES.....	83
Carmen Luna SELLÉS.....	104
Carolina dos Santos ROCHA.....	96
Carolina Natale TOTI.....	96
Caroline FERRETI.....	96
Cátia Inês Negrão Berlini de ANDRADE.....	90, 97, 147, 192
CECILIA BARCHI DOMINGUES	98
Célia Cristina de Azevedo ASK.....	98
César Palma dos SANTOS.....	99
Cíntia de Vito ZOLLNER.....	99
Cíntia Roberto MARSON	100, 101
Clauber Ribeiro CRUZ.....	101
Claudia Camardella Rio DOCE	203
Claudia Fernanda de Campos MAURO.....	110
Cláudio do CARMO	102
Cleide Antonia RAPUCCI	102, 149, 182
Cleomar Pinheiro SOTTA.....	103
Clodoaldo Vicente da SILVA	103
Cristian Javier LOPEZ.....	104
Damaris Pereira Santana LIMA	105
Daniel BONOMO.....	106
Daniel Souza SILVA	106
Daniela Aparecida FRANCISCO.....	107
Daniela de Oliveira LIMA	107

Daniela Mantarro CALLIPO	72, 108, 171
Daniela Nogueira de Moraes GARCIA	177
Davi Siqueira SANTOS	108
Dayane MUSSULINI.....	108
Débora Ballielo BARCALA.....	109
Debora Duarte dos SANTOS.....	109
Débora Magalhães Cunha RODRIGUES.....	110
Déborah Garson CABRAL	110
Diná Tereza de BRITO	79, 189, 195
Divanize CARBONIERI.....	111
Edinília Nascimento CRUZ.....	111
Edson Maria da SILVA	112
Eduardo Souza PONCE	113
Edvânio Caetano da SILVA	113, 114
Elaine Aparecida LIMA	114
ELIANE APARECIDA GALVÃO RIBEIRO FERREIRA	98, 115, 186, 197, 199, 202, 206
Elisa dos Santos PRADO	115
Elisandra de Souza PEDRO	116
Elizabeth da Silva MENDONÇA.....	117
Eloiza Fernanda MARANI	117
Emerson da Cruz INÁCIO	196
Enedir Silva SANTOS	118
Ester da Silva GOMES.....	118
ESTER MYRIAM ROJAS OSORIO	71
Evaneide Araújo da SILVA	119
Evely Vânia LIBANORI	159
Fabiana Miraz de Freitas GRECCO.....	119
Fabiane Rocha Rodrigues FERREIRA	120
Fabiano da Silva COSTA	120
Fabiano Rodrigo da Silva SANTOS	121
Fábio Akcelrud DURÃO	169
Fátima Aparecida Mantovani da SILVA	122
Felipe de Oliveira ROCHA.....	123
Fernanda Aparecida RIBEIRO	123
Fernanda Oliveira CUNHA.....	124
Fernando da Silva NEGREIROS	124
Flávia Andrea Rodrigues BENFATTI.....	125
Flávia Cristina Capello NEVES.....	126
Flávia Nascimento FALLEIROS	185
Flávio Adriano NANTES	126
Flávio CAMARGO	190
Flávio Luis Freire Rodrigues	65
Flávio Pereira CAMARGO	185
Francielly Baliana GODOY	127
Francisco Cláudio Alves MARQUES	84, 153, 187
Gabriela Kvacek BETELLA.....	73, 97, 177
Gerson Luis MACIEL	127
Giacomo Enzo Cinquarole BELLISSIMO	168

Giancarlo Moreira RODRIGUES.....	128
Gilberto Figueiredo MARTINS.....	95
Gilmei Francisco FLECK.....	65, 69, 80, 90, 128, 152, 175
Gisele de Oliveira BOSQUESI.....	66
Giséle Mandanelli FERNANDES.....	183
Giséle Manganelli FERNANDES.....	84
Glauca Benedita VIEIRA.....	129
Gracy Kely Nonato RUIZ.....	130
Grazielle Maria VALIM.....	130
Grazielle Forcato MARTINS.....	131
Gregório F. DANTAS.....	173
Gregório Foganholi DANTAS.....	68
Guacira Marcondes Machado LEITE.....	132, 149, 180
Guilherme Augusto Louzada Ferreira de MORAIS.....	132
Guilherme Magri da ROCHA.....	133
Guilherme Mariano Martins da SILVA.....	133
Helder Santos ROCHA.....	134
Helmut GALLE.....	83
Heloisa Helou DOCA.....	134
Heloísa Viccari Jugeick BELINE.....	135
Henrique Sergio Silva CORRÊA.....	136
Hugo Eliecer DORADO.....	136
Ionara SATIN.....	137
Isa Ferreira LIMA.....	137
Isabella GARCIA.....	138
Isis MILREU.....	138
Iva Carla Aveline Teixeira dos SANTOS.....	139
Ivan Marcos RIBEIRO.....	179
Jaison Luís CRESTANI.....	139
Jamille da Silva SANTOS.....	140
Janieli Salgueiro da SILVA.....	140
Jarbas Vargas NASCIMENTO.....	83
Jéfferson BALBINO.....	141
Jéssica Baia Moretti da SILVA.....	141, 142
Jesus Dagoberto ROSA.....	104, 105
Joana Bertani de CAMPOS.....	142
João Luís Cardoso Tâpias CECCANTINI.....	94, 174
Joao Marcelo MONZANI.....	143
José Luís FÉLIX.....	144
Josué Ferreira de OLIVEIRA JÚNIOR.....	144
Juliana Alves Barbosa MENEZES.....	146
Juliana Garcia de Mendonça HANKE.....	145
Juliana Leopoldino de Souza CRUZ.....	146
Juliane CHATAGNIER.....	146
Juliane Luzia CAMARGO.....	147
Karina de Fátima GOMES.....	148
Katia Aparecida da Silva OLIVEIRA.....	148
Kátia Isidoro de OLIVEIRA.....	149

Kátia Rodrigues Mello MIRANDA	162
Kedrini Domingos dos SANTOS	149
Laís Iaci Mirallas de CARVALHO	151
Laís Rodrigues Alves MARTINS	151
Leila Shaí Del Pozo GONZÁLEZ	152
Letícia Fernanda da Silva OLIVEIRA	152
Letícia Ueno BONOMO	153
Ligia Carolina Franciscati da SILVA	154
Linda Catarina GUALDA	154, 155
Luan Cardoso RAMOS	156
Luana Rennó Martins TOLEDO	156
Lucas Henrique da SILVA	157
Lúcia Osana ZOLIN	178
Luciana BRITO	171
Luciana Carneiro HERNANDES	157
Luciana Muniz de FREITAS	158
Lucila Bassan ZORZATO	158
Luís Cláudio Ferreira SILVA	159
Luís Fernando Campos D'ARCADIA	83
Luís Roberto AMABILE	160
Luiz Carlos Santos SIMON	153, 176
Luiz Eduardo Rodrigues AMARO	160
Luiz Fernando Araujo VITOR	161
Luiz Fernando Martins de LIMA	161
Lurdes Micaelly Neris FERREIRA	162
Maira Angélica PANDOLFI	71, 75, 150, 163, 202
Marcela de Oliveira GABRIEL	163
Marcela Ferreira MATOS	164
Marcelo FRANZ	164
Márcia Eliza PIRES	165
Márcio Antonio de Souza MACIEL	165
Márcio Matiassi CANTARIN	166
Márcio Roberto PEREIRA	74, 88, 99, 101, 151, 166
Marco Antonio Hruschka TELES	159
Marcos Vinícius FERRARI	167
Maria Adélia MENEGAZZO	87
Maria Carolina de GODOY	168
Maria Celeste Tommasello RAMOS	168, 182, 183
Maria Célia de Moraes LEONEL	154
Maria Clara Pivato BIAJOLI	169
Maria Cláudia de MESQUITA	170
Maria de Fátima Alves de Oliveira MARCARI	156, 170, 180
Maria Eunice MOREIRA	160
Maria Isabel BORGES	198
Maria José Gordo PALO	96
Maria Léa FRAGATE	171
Mariana Mansano CASONI	171
Mariana Matheus Pereira da SILVA	172

Mariane Ferreira SILVA	172
Mariângela ALONSO	100
Marilani Soares VANALLI	173
Marília Corrêa Parecis de OLIVEIRA	174
Marina João Bernardes de OLIVEIRA	174
Marina Luísa ROHDE	175
Mary Anne JUNQUEIRA	188
Mateus Fernando de OLIVEIRA	176
Maurício Santana DIAS	106
Maurício SILVA	176
Michelle de Souza PRADO	177
Miquéias Estevão de Moraes SARTORELLI	177
Mirian Cardoso da SILVA	178
Moisés Gonçalves dos SANTOS JÚNIOR	179
Mônica Lopes Névoa GUIMARÃES	179
Natália Pedroni CARMINATTI	180
Nayara Cristina Barbosa BATISTA	180
Norma DOMINGOS	181
Pablo Fernando GASPARINI	109
Pâmela Rodrigues SCUTARI	181
Patricia Aparecida Gonçalves de FARIA	182
Paulo Fernando Zaganin ROSA	182
Pedro Manuel NAPIDO	184
Pedro Augusto de Oliveira PROENÇA	183
Pedro Henrique Pereira GRAZIANO	183
Pilar Lago e LOUSA	185
Providence BAMPOKY	185
Rafaela Machado LONGO	186
Raquel Cristina Ribeiro PEDROSO	186
Rauer Ribeiro RODRIGUES	148
Rebeca ALVES	187
Renan Reis FONSECA	188
Ricardo Araújo BARBERENA	205
Rita de Cássia Lamino de Araújo RODRIGUES	188
Roberto José da SILVA	189
Rogério COSTA	189
Rogério Fernandes dos SANTOS	190
Rosane Gazolla Alves FEITOSA	160, 190
Rosilene Aparecida Martins dos SANTOS	191
Rubens Pereira dos SANTOS	80, 81, 107, 173, 179, 194
Sandra FERREIRA	67, 103, 191
Sara Gabriela SIMIÃO	192
Sérgio Fabiano ANNIBAL	193
Sérgio Henrique Rocha BATISTA	193
Silvana CAMILO	145
Simone Donegá MARQUES	194
Solange da Luz RODRIGUES	195
Suellen Arcanjo de GODOY	195

Suillan Miguez GONZALEZ.....	196
Tahisa Mara da SILVA	150, 196
Tchiago Inague RODRIGUES.....	197
Teresa Augusta Marques PORTO.....	161, 198
Thaís Fernanda Rodrigues da Luz TEIXEIRA.....	198
Thaís Nascimento do VALE	199
Thais Oliveira Kalil MODESTO	199
Thaisa PERSON.....	200
Thiago Alves VALENTE	101, 201
Thissiane FIORETO	201
Tiago de Souza BARROS.....	201
Uiara Cristina de Andrade RUIZ	202
Uilma Matos dos Santos MELO.....	203
Ulisses INFANTE.....	93
Valter do Carmo MOREIRA	203
Vanderléia da Silva OLIVEIRA.....	82
Vanessa Cezarim BERTACINI	204
Vanessa dos SANTOS	145
Vanessa ZUCCHI.....	205
Vera Lúcia Guimarães REZENDE.....	205
Victor de Barros RODRIGUES.....	206
Vitória Maria Manarin de OLIVEIRA.....	206
Wagner Corsino ENEDINO	130, 208
Wagner de SOUZA	208
Wagner Santos ARAUJO.....	207
Wellington R. FIORUCI	95, 209
Wellington Teixeira LISBOA	70
Weslei Roberto CÂNDIDO.....	209
Weslei Roberto CÂNDIDO.....	78

